THALITA REBOUÇAS

360 DIAS DE SUCESSO

THALITA REBOUÇAS

ROCCO DIGITAL

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique aqui.

Quando me chamaram para escrever este livro, pensei: não sou escritor, mas por que não contar como foram os 360 dias mais intensos da minha vida? Por que não mostrar aos fãs os bastidores daquele período de fama arrebatadora e, agora, sinto-me à vontade para dizer, despropositada?

Até hoje, oito anos depois do fim da banda, há quem peça a nossa volta, mas isso está fora de questão. Fizemos muito barulho no pouco tempo que duramos, vivemos mil anos em um e certamente tínhamos mais estrada para trilhar. Mas muitas coisas nos impediram de seguir em frente.

Além de vasculhar a memória, o que narro aqui me foi contado pelos integrantes da banda — na época de sua parca existência e em reencontros ao longo deste ano. Para ser o mais fiel possível à história, também entrevistei pessoas que estiveram por perto o tempo todo acompanhando o processo. Por isso, garanto, caro leitor: o que está escrito aconteceu.

Sei que ouvirei reclamações do tipo "não foi exatamente assim". Ok, estou pronto para isso. Afinal, o que você lerá é praticamente a biografia de uma banda — e muitos biógrafos são duramente criticados por seus biografados. Mas garanto que, mesmo mostrando aqui discussões que se tornaram verdadeiros barracos, além da minha decepção ao ver o sucesso mudando as pessoas, meu objetivo não é polemizar, e sim voar de volta para o ano em que tudo aconteceu.

Topei o desafio de contar a história porque quis relembrar, acarinhar os fãs, deixar registrada a loucura que vivemos e, quem sabe, até ajudar quem pensa em abraçar a música como profissão.

Obrigado por embarcar comigo nesse voo.

– G.

março de 2021

Tocou flauta antes mesmo de falar. É o que contava a avó de Pedro. Depois da flauta, veio o violão; do violão, o piano; do piano, o baixo; do baixo, o que realmente o deixava feliz: a guitarra. Desde cedo diziam que o garoto era um virtuose, um multi-instrumentista "igualzinho ao Paul", exagerava Paulão, o pai, comparando o filho a um tal de Paul McCartney, baixista dos Beatles que também é fera na arte de tocar vários instrumentos e um ícone para todo e qualquer músico. A mãe, Marisa, preferia chamá-lo de "meu Jimi Hendrix", referindo-se a um dos maiores gênios (se não o maior) da guitarra de todos os tempos. Pais, esses seres sempre corujas.

Antes mesmo que a música entrasse em sua vida, Pedro conheceu Theo, ambos ainda nas barrigas de suas mães, amigas de faculdade. Vizinhos num condomínio de endinheirados da Barra da Tijuca, os dois faziam tudo juntos: jogavam bola, andavam de skate, pegavam onda e estudavam na mesma escola.

Pedro sempre gostou de tocar. Qualquer caixa de fósforos era instrumento para ele. Já Theo só começou a aprender violão com 15 anos e, nas aulas, por ter se interessado por uma colega de turma, resolveu se empenhar em cantar também. Pegou a garota e manteve-se um violonista muito do mediano, mas descobriu que cantar espantava os males, as angústias, as dúvidas sobre futuro e profissão, e ainda podia ajudar a chegar nas meninas mais difíceis.

— Cantar acompanhado de viola é um ímã de mulher, Pedro! — Theo constatou logo que começou a levar um som em festinhas de amigos, munido de um banquinho e um violão.

Aos 16 anos os dois amigos passavam tardes inteiras embriagando-se de música na casa do Jimi Hendrix dos trópicos. Pedro na guitarra ou na viola, Theo, que continuava aplicado e motivado nas aulas de canto e violão, soltando o gogó em covers de Red Hot Chili Peppers, Nirvana, Arctic Monkeys e System of a Down. Parecia um vício: quanto mais deixavam a música entrar, mais contato queriam ter com ela. Pedro bem que tentou ensinar novos acordes para o amigo, mas o negócio de Theo era mesmo afinar as cordas vocais.

— Você é bom demais, cara! Pra tocar do seu lado tem que ser muito fera! Isso nunca vai rolar, morro de vergonha! — justificava Theo.

Com o tempo, Pedro começou a cantar junto, e o resultado agradou a quem ouvia.

— Está ficando boa essa brincadeira, hein? Estou gostando de ver, quero dizer, de ouvir — comentou Paulão, após ouvir uma versão da dupla dinâmica de vizinhos para "Wish You Were Here", do Pink Floyd, o hino obrigatório de todos que aprendem a tocar violão (tão fácil que até o Theo tocava).

— Sério, pai? — duvidou Pedro.

— Sério! Que tal marcar um churrasco no fim de semana pra vocês fazerem uma apresentação pra gente? Theo chama os pais, a irmã, o namorado dela e quem mais quiser chegar, e o ponto alto do dia vai ser o show. Que tal?

— Show? Pô, Paulão, valeu, mas, como você mesmo disse, é só uma brincadeira.

— Mas por que não tentar ir além? Sua voz combina com a do Pedro e com a guitarra dele.

— Mas assim? Só eu e o Theo? Não vai ficar meio dupla sertaneja? — questionou o guitarrista.

— Ah, não! Sou do rock, sertanejo universitário nem pensar! — resmungou Theo.

— Até porque nem na universidade vocês estão, certo? Seria sertanejo escolar mesmo — debochou Paulão.

E saiu deixando a pulga atrás da orelha do Pedro, que estava acostumado aos elogios rasgados do pai, mas daquela vez notara algo diferente. Ou talvez quisesse acreditar que seu progenitor tinha sido menos pai e mais ouvinte.

O comentário do Paulão também não passou incólume por Theo, que chegou a franzir o cenho ao ouvir a palavra "show".

— Show... — pensou em voz alta.

Mas logo o celular do novo cantor da praça tocou para tirá-lo do cenário montado em sua imaginação.

— Oi, mãe. Tá, tô indo. Não, mãe, só mais uma e vou. Eu sei, vou estudar quando chegar. Tá... Tá bom! Já vou! — estourou ao desligar.

Pedro se adiantou:

— Vai lá, cara. Não adianta contrariar sua mãe. Amanhã a gente toca mais.

— A prova de Física é só daqui a dois dias, e ela já quer que eu me mate de

estudar, pô! Custava me dar um pouquinho de moral em alguma coisa? É só crítica, só crítica! — desabafou Theo. — Vou nessa. Não dá mesmo pra cantar depois desse banho de água fria.

Durante o jantar, Pedro não resistiu:

— Como é que você consegue ser amiga da tia Alina, mãe? Você é tão maneira, e ela é tão mala...

— Ela não é mala... É apenas uma mãe preocupada, acha que o Theo vai apanhar muito da vida se continuar acreditando que tudo é um eterno mar de rosas.

— Mas nessa idade eles podem achar isso mesmo, meu amor.

— Mais ou menos, né, Paulão? Aprender a ter responsabilidade é muito importante. E vida só se tem uma, Pedro. A gente se preocupa com o futuro de vocês.

— Mas se preocupar com o futuro quer dizer ignorar o presente?

— Boa, filho!

— Paulão! — Marisa aumentou o tom de voz enquanto arregalava os olhos para repreender o marido.

— Ah, Marisa, a Alina não faz nada da vida, só malha, vai à praia, ao salão e ao dermatologista e enche o saco dos filhos. Podia ser mais paciente, menos intransigente... Ela não era assim quando eu a conheci.

— Não era mesmo, era bem mais leve. Mas as pessoas mudam.

— Podia ter mudado para melhor, não? Coitado do Theo, o menino é gente boa. Quando o cara começa a ficar feliz, a mulher acaba com o dia dele.

— Só porque ele já avisou que não vai trabalhar com o pai — entregou Pedro.

— Ok, ele não quer trabalhar com o Ricardo! E daí? Qual o problema?

— Mas vocês são futriqueiros, hein? — cutucou Marisa. — Julgar é fácil, a gente não sabe o que acontece da porta pra dentro na casa deles. E não gosto que a gente passe tanto tempo falando da vida dos outros. Vamos mudar de assunto, por favor?

— Você já ouviu o espetáculo que é o seu filho tocando e cantando com o Theo?

— Claro que já — respondeu Marisa, com um sorriso orgulhoso no rosto.

— Pensei em pegar os instrumentos do Pedro, botar no quarto de hóspedes, que não recebe ninguém nunca, e fazer um tratamento acústico pra eles ensaiarem direito, com amplificador, uns microfones... Um espaço para ensaio, sabe?

— Tá brincando! — reagiu Pedro, animado.

— Só pode estar brincando — disse Marisa, irritada.

— Não entendi o tom. O que é que tem montar um espaço para o Pedro ensaiar? Enfim ele arrumou alguém para praticar, a música agora pode ser mais que uma diversão. Chegou a hora de o nosso filho ter um estudiozinho. Não faz mais sentido ele tocar no quarto.

— Concordo. Mas acho que a garagem é o melhor lugar para isso.

— Mas a garag...

— Paulão, a garagem é enorme, cabe um supermercado lá dentro além dos nossos carros. Não vou acabar com o quarto de hóspedes. Onde é que a mamãe vai ficar quando vier visitar a gente?

— Num hotel. Seria tão melhor...

— Olha aqui, seu debochado, vai ser na garagem, e não se fala mais nisso. Ou então a gente desmonta seu escritório para montar o tal lugar de ensaio.

— Eu TRABALHO no meu escritório, dona Marisa...

Sempre bem-humorado, Paulão tinha o que chamam por aí de *home office*. O pai de Pedro era do mercado de ações e passava a maior parte do tempo em casa. Arriscou abandonar o emprego em uma empresa para ter mais qualidade de vida, ser seu próprio chefe e fazer seu horário. Deu certo. "A vida ajuda quem não tem medo de correr riscos", costumava dizer, citando uma frase que um dia leu no Facebook. Ou em algum para-choque de caminhão.

— Eu decorei aquele quarto de visitas com muito esmero para ele virar um antro com microfones, fios, equipamentos, instrumentos e computadores.

— Marisa, acho que vou te chamar de Alina a partir de agora... — implicou Paulão.

— Engraçadinho!

— Mãe, mudando de assunto, a Babi pode vir almoçar aqui amanhã, depois da escola?

— Claro que pode. O que não devia poder era você, tão lindo, tão divo, namorar uma menina com aquele cabelo. Ela é muito bonitinha, mas devia cortar a juba! Parece uma maria-mijona! É tudo ruim, o tom, o comprimento, o fio reto... Cabelo loiro falso e mal pintado não pode ser muito comprido. Fica vulgar. E ressecado.

— Não tenho ideia do que é fio reto, só sei que pra mim ela fica linda de qualquer jeito.

— A paixão é cega mesmo. E não tem o menor senso de estética — espetou

Marisa. — A Babi ficaria muito mais bonita com o cabelo escuro... E mais curto. Diz pra ela ir num bom cabeleireiro pra cortar e pintar o cabelo, filho.

— Digo não. Mas você pode dizer, eu não ligo... Alina... — zoou Pedro.

— Alina é a...

— Mãe, o que é isso? Modos à mesa!

— Ciúme, filho. Mãe de menino sempre morre de ciúme das namoradas — explicou Paulão.

— Imagina. A sua mãe sempre me amou, querido.

— Quem te disse?

— Ela.

— Até eu sei que a vovó não ia com a sua cara, mãe.

— Por quê? Eu sempre fui incrível!

— Pois ela achava que você tinha a personalidade muito forte. E que faltava modéstia. Por que será, amor?

— Tá ligada que 'personalidade forte' é sinônimo de chata, né? — provocou Pedro.

— Mas você, Marisa, ao contrário da Alina, com o passar dos anos, só melhorou — atenuou o patriarca da família.

— Deixa a Alina em paz, a orelha da coitada deve estar fervendo!

— Amanhã vocês vão ensaiar mais, filho? — Paulão mudou de assunto.

— Irado você chamar o que a gente tem feito de ensaio, pai.

— Fiquei feliz ao ver a química entre você e o Theo. Porque vocês podiam ser amigos e não ter nenhum entrosamento na música. Mas vocês têm, e muito! Parece que tocam juntos há anos!

— Irado.

— Dois 'irados' seguidos? É isso mesmo? Não existe outra palavra no seu vocabulário?

Os dois ignoraram Marisa.

— Muito bom ver que o Theo se rendeu à música. Era triste ver você aí, cheio de talento, levando um som sozinho. Quanto mais gente, melhor a brincadeira.

— Irado, pai!

— É sério? Outro 'irado'?

Novamente Marisa ficou no vácuo.

— Vocês deviam tocar umas brasileiras amanhã. Barão, Titãs, Legião, Cazuza,

Nando Reis. Essas coisas que eu gosto e você gosta também.

— O imbecil do Theo odeia música brasileira — contou Pedro.

— Imbecil mesmo!

— Agora vocês vão xingar o pobre do Theo? — Marisa riu. — Filho, com jeitinho você aos poucos vai mudando a cabeça dele — sugeriu.

— Vou tentar, só que o cara é teimoso feito uma mula.

— Mas é um menino bom, bom caráter, bom coração, boa alma — pontuou o pai de Pedro.

— Ficou meio gay isso, hein, pai? — implicou o garoto.

— É. Ficou meio gay mesmo — concordou Paulão, entrando na brincadeira.

— Meio gay? Vocês dois são bobos mesmo. — Marisa encerrou o assunto, rindo da infantilidade de seus dois homens.

À noite, Pedro não conseguiu dormir. Quarto era coisa do passado. Ele teria uma sala de ensaio, um sonho desde que se descobriu um apaixonado por instrumentos. Não bastasse isso, Babi, a menina do cabelo ressecado que fazia seu coração bater mais forte, almoçaria com ele no dia seguinte!

A vida estava boa para o seu lado.

Nascido em berço esplêndido, o filho mais novo de Alina e Ricardo nunca teve um talento específico. Para piorar, era diariamente ofuscado pela inteligência, pelo carisma e pela beleza de Mônica, a irmã dois anos mais velha que ele.

— Onde foi que nós erramos, Ricardo? Não bastassem as notas horríveis, ele agora deu pra cantar! Por quê? — questionou Alina depois do jantar.

— Porque eu gosto de cantar, que pergunta!

Ah, sim. Theo estava presente.

— Mas você canta mal, meu filho!

— Alina!

— Alguém tem que dizer a verdade para esse garoto, Ricardo! — estrilou ela. — Por que você não canta no banheiro, que nem todo mundo?

— Caramba, mãe! Para com isso! Larga do pé do Theo! — Mônica partiu em defesa do irmão.

— Não dá! Alguém precisa dar um choque de realidade nesse garoto! Nunca fez nada direito, agora resolveu se empenhar em cantar mal passando horas por dia na casa do Pedro aumentou o tom de voz. — a bruxa, opa!, a mãe do menino — e vai passar mais ainda, porque o equivocado do Paulão resolveu fazer um espaço para eles tocarem.

Era muito amor vindo de uma pessoa só, né?

O loiro galã-porém-gente-boa da Barra da Tijuca baixou os olhos.

— Que cara é essa, meu filho? Se eu não falar, ninguém fala! Você está cantando pra quê? Aonde é que você quer chegar?

O coração de Theo batia tão enfurecidamente que ele precisou respirar fundo para se explicar com duas frases simples e corajosas:

— Quero só ser feliz, mãe. E cantar me deixa feliz.

— Feliz... o que você sabe sobre felicidade, garoto?

— Me deixa, mãe! — estourou, antes de voar para seu quarto.

Alina não se fez de rogada e continuou gritando da sala.

— Por que você não segue o exemplo da sua irmã, que, além de excelente

bailarina, sempre foi a primeira da turma na escola? Nunca me deu uma preocupação.

— Mãe! — censurou Mônica, indignada.

— Alina, deixa o Theo em paz! Ele está se esforçando — defendeu Ricardo.

— Está se esforçando pra repetir, isso sim. E filho repetente não vai fazer intercâmbio nos Estados Unidos, não! O senhor fique sabendo!

E assim, com esse superincentivo dentro de casa, Theo levava a vida buscando a tal felicidade. Antes de se embrenhar na música, sonhou ser feliz de várias maneiras. Torcedor de arquibancada desde pequeno, aos 7 entrou numa escolinha de futebol e só aos 11 saiu do banco para entrar em campo nos últimos minutos do campeonato de fim de ano. E fez gol. Contra. Saiu vaiado pela torcida enfurecida de pais que levam brincadeira de criança a sério e vivem a vida dos filhos sem o menor *fair play*.

Trauma jamais superado, Theo desistiu do futebol sem dar a ele uma segunda chance. Sem se dar uma segunda chance. Quando começou a andar de skate, a sensação de voar no asfalto lhe fez tão bem que ele não deu muita atenção ao quesito segurança. Resultado: braço direito quebrado no primeiro tombo sério.

— Tinha que ser o direito? Mas é mesmo o pior skatista do mundo! Agora como é que você vai fazer as lições de casa? — reagiu Alina, ao ver o filho com o braço imobilizado.

Depois resolveu aprender a pegar onda, e até levava jeito, tanto que quase repetiu o ano, de tanto tempo que passava no mar. Desde então, a patrulha da mãe em cima dele se tornou ainda pior.

Mas o mar Theo nunca abandonou. Embora tivesse que apreciá-lo com moderação, o mundo de água salgada ainda era sua segunda casa, seu porto seguro. Era lá que afogava sua tristeza depois de uma discussão em casa.

Alina, como já deu para perceber, não tinha filtro, dizia na cara do filho barbaridades que magoariam até um robô. E Theo não raro chorava escondido, mais revoltado do que triste.

Por muitas vezes, o garoto quis perguntar à mãe o que tinha feito de errado para ela, mas engolia a pergunta por vários motivos: era sua mãe, ele a amava e sabia que, do seu jeito, ela o amava também e por isso se machucaria caso fosse encostada na parede pelo filho.

Ricardo não ficava muito atrás de Alina. Omisso e workaholic, passava o dia

enfurnado em uma de suas concessionárias de carro, e era raríssimo um momento de afeto entre Theo e o pai. Pelo menos a relação entre eles era cordial: Ricardo quase sempre defendia o filho da ira materna. Mas carinho era artigo raro na mansão da família Stein.

Theo sempre foi um garoto bacana. Ao contrário de Pedro, que com 15 anos engatou um relacionamento firme e apaixonado com Babi, não tinha namorada, mas não podia se queixar. Com seus cachos loiros, olhos esverdeados e bíceps esculpidos no mar e na academia, agradava em cheio às meninas. Difícil vê-lo sozinho em uma festa.

Era penoso admitir, mas Theo tinha, bem no fundo da gaveta mais bagunçada do cérebro, certa inveja de Pedro. A felicidade da família vizinha não era como a sua, que só acontecia nas redes sociais ("todo mundo é feliz no Facebook" era uma de suas frases preferidas) e da porta para fora.

Às vezes se perguntava se não nascera na família errada. Que pegadinha era aquela que Deus tinha lhe aprontado? Triste, mas Theo recebia mais apoio dos pais de seu melhor amigo que dos seus.

Alina e Ricardo, além de distantes e de não esconderem a preferência escancarada por Mônica, não o apoiavam em nada. A mãe, então, implicava com tudo: o perfume que ele usava, o corte de cabelo, a roupa, as meias. Não gostava das amizades do filho e o achava irresponsável, péssimo aluno e burro. Burrão. Isso ela nunca disse explicitamente. Só nas entrelinhas.

Mônica, por sua vez, trilhava o caminho desejado por sua família — com 18 anos, seu maior sonho era administrar as concessionárias do pai e multiplicar a fortuna dos Stein. Seu único problema, na minha opinião, era namorar Heitor, um riquinho deslumbrado que dava uma ridícula e desnecessária piscadinha de olho a cada fim de frase. Ela e o irmão brigavam (que novidade? Irmãos brigam!), mas se adoravam.

— Se eu não fosse seu irmão, você acha que seria minha amiga? — perguntou Theo certa vez.

— Claro, Cotonete!

— Pô, Mônica, para de me chamar assim! Apelido de boiola!

— Mas você é magrelinho e cabeçudinho que nem um cotonete... MEU Cotonete.

— Para, idiota! Eu tô malhando, não tô nada magro, tô sarado!

Theo tinha sérias dúvidas sobre o caminho que a irmã planejava seguir. Era aquilo mesmo que ela queria? Ou ia fazer Administração só para agradar aos pais? E o balé?

— Balé é muito sacrifício. Não sei se tenho vocação para audições, bolhas nos pés, contusões e pouco dinheiro. Sei das minhas limitações, gosto de dançar, mas tem muita gente melhor do que eu. E tudo bem não seguir adiante nessa vida.

— Tudo bem mesmo?

— Mesmo! Faço balé pelo prazer, nunca sonhei com aplausos, apresentações, ensaios... — explicou. — É dura a vida de bailarina, tá pensando o quê? — fez graça.

— Beleza. Só queria saber se você não está desistindo de um sonho por causa do papai e da mamãe.

— Que nada! Gosto de Administração, acho que vou ser boa nisso. E ter as concessionárias do papai já é meio caminho andado.

Theo era a ovelha negra da família. Mentia para matar aula, entrava em festas para as quais não fora convidado, metia-se em brigas de vez em quando e não se abstinha de contestar os pais quando achava necessário. Impossível Mônica não ser a preferida.

O garoto sabia que a irmã acatava pacientemente algumas insanidades paternas e acabava fazendo tudo o que queria, do seu jeito. Era um dom. Mônica sabia driblar os pais e fazê-los acreditar que estava do lado deles. Theo não. Batia de frente, explodia.

Quando começou a arranhar no violão e tocou para a família depois do jantar, todos aplaudiram.

— Até que não está tão ruim! — Alina cortou o clima. — Desafinou um pouco, mas, no geral, até que foi direitinho.

E você? O que você *faz direito? Nada, porque você não faz absolutamente nada da vida! Essa é a vida monótona e sem propósito que você leva!*, disse Theo para si mesmo, enquanto olhava espantado para a mãe.

As frases subiram até suas amígdalas, mas logo voltaram para o estômago, como acontecia na maioria das vezes que Alina o desestimulava.

Loira da pele bronzeadíssima e dona de uma bunda gigante, a mãe de Theo realmente não fazia nada. Formada em Arquitetura, como Marisa, nunca exerceu a profissão. Casou grávida e virou mãe e esposa em tempo integral. Passava o dia

malhando e, mesmo quando não estava na academia que seu marido montara em casa, seu uniforme do dia a dia eram as roupas justas de ginástica e os meiões brancos na altura dos joelhos.

Voltando ao *pocket* show de Theo para as pessoas na sala de jantar, Mônica partiu em defesa do irmão:

— Qual é, mãe? O garoto está fazendo aula há dois meses, deixa de ser implicante! Lindo, Cotonete. Arrasou! — Aplaudiu de pé.

— Arrasar já é demais, Mônica. Theo ainda tem muito o que aprender para arrasar, mas já é um bom começo, filho.

Com uma mãe assim, quem precisa de inimigo, né?

As idas à casa de Pedro aumentaram com o passar dos anos. Era tortura aturar Alina o dia todo (malhando, reclamando da vida, recebendo esteticistas, reclamando da vida, fazendo massagens, reclamando da vida, ou preocupada em brigar com o caseiro porque ele não tinha aparado direito a grama).

Com o amigo, além de companhia, Theo encontrou paz nas letras das músicas — antes de cantar ele só prestava atenção na melodia, ignorando os versos que muitas vezes pareciam ter sido feitos sob medida para sua vida.

Uma felicidade genuína invadia seu peito cada vez que ele emprestava sua voz para canções que ouvia desde pequeno. Sabia que estava longe de ser um bom cantor. Mas botar o gogó em ação era como comemorar a vitória de seu time com gol aos 45 do segundo tempo na final do Brasileiro. Não. Era melhor do que isso.

O apoio de Paulão estava fazendo um enorme bem ao galã dos cachos dourados, tanto que Theo tirou sua maior nota em Física depois que começou a levar um som diariamente com Pedro. Ponto para o garoto, que estava louco para esfregar a prova na cara de Alina, mas sabia que só o simples fato de ouvir a nota já faria mal para sua mãe. Os gritos que ela deu ao telefone enquanto ele cantava com o vizinho ainda ecoavam em seus tímpanos.

— Viu? Me dei benzão na prova de Física. Aquela que você achou que eu ia me ferrar porque tava cantando, lembra?

— Lembro.

— E aí? Não vai falar nada? Não vai me dar os parabéns? Tirei oito, mãe! Oito! Em Física!

— Não faz mais que sua obrigação.

Ele até quis discutir, argumentar que ela dissera que a música estava

atrapalhando seu desempenho na escola, mas não perdeu tempo. Alguma hora ele tinha que aprender com Mônica a contar até mil mentalmente e deixar a raiva passar.

— Você precisa entubar, engolir. Senão vai brigar com ela para o resto da vida — ensinava sua irmã.

Como deve ser bom ter uma família que te dá força, que te bota pra cima, lamentava Theo sozinho no silêncio do seu quarto.

Para espantar a tristeza, só foi preciso pensar em uma coisa.

Ensaios.

A palavra fez toda a diferença, aumentou a autoestima de Theo e fez nascer nele uma ponta de sonho jamais sonhado até então: o de cantar de verdade, profissionalmente. Sabia que seria difícil com sua voz pouco potente. Além disso, ele pensava, não existe faculdade para formar cantores. Existem, sim, as aulas de canto e os bares da vida, onde tantos que estão aí começaram. E existia sua mãe, né? Aquela mãe fofa mesmo.

— Ficou maluco? Cantor não é profissão.

— Vou fazer Cinema então, mãe.

— Cinema? Você quer mesmo é ser pobre, não é, Theo?

Tudo já tinha passado pela cabeça do menino àquela altura: ser piloto de avião, astronauta, veterinário, criador de conteúdo para a web, ator, desenvolvedor de games e ginecologista — não deveria ser nada mau passar o dia vendo mulheres peladas. Mas desistiu quando descobriu que precisaria ficar mais de cinco anos na faculdade.

Desde os 10 anos se preocupava com o futuro. Futuro que só faria sentido se ele fosse feliz. Não pela metade, por inteiro. Por fora e por dentro. E felicidade não era realizar o sonho dos pais — a não ser que fosse o sonho dele também. Deixar a vida nos levar, ele acreditava, funcionava só em letra de música.

O garoto rico (de bolso e de alma) da Barra da Tijuca queria pegar a vida com unhas e dentes e levá-la do seu jeito, do seu modo. Ele daria as diretrizes. Destino era para fracos. Theo tinha certeza de que somos nós que fazemos a vida, que traçamos nosso caminho a partir das nossas escolhas. Viver para os outros, ou viver o que os outros querem que a gente viva, estava fora dos seus planos.

Decidido, ele queria uma vida repleta de paz. Sem se arrepender de nada (ou quase nada) quando a velhice chegasse. O seu sonho era dormir sossegado com seu

travesseiro até o último dia de sua existência. Isso era paz para ele.

Não disse que Theo era um cara bacana?

A mãe de Marcelo tinha certeza: o filho mais velho sofria do cada vez mais falado transtorno do déficit de atenção e hiperatividade, mas o médico insistia: um menino que consegue focar num game durante horas a fio, ler partituras e ficar concentrado na frente da tevê assistindo a uma partida de basquete não podia ter o que a Medicina abreviou para TDAH.

— A senhora já parou para pensar que ele pode apenas não gostar de estudar?

— Ele não gosta porque não entende o que é dito nas aulas e não entende porque não consegue prestar atenção! Assim como não consegue ler!

— Ele não lê nada?

— Livros, nunca! Só caderno de esportes! E sites de música e de basquete. Esse menino tem problemas, doutor!

— Ele não tem distúrbio nenhum, dona Flora. Se ele lê o caderno de esportes e matérias sobre música, não lê livros porque não gosta de livros. E se não tira notas boas é porque é mau aluno, e se é mau aluno é porque não gosta de estudar. Simples assim.

Flora quase voou em cima do médico. Como um jaleco branco dava a um ser humano a ousadia de dizer que um filho seu não gostava de estudar? Logo ela, bióloga das mais respeitadas, com doutorado em Londres, artigos publicados em jornais e revistas, uma carreira sólida. A mãe de Marcelo sempre se gabou por ser a melhor aluna, por tirar as melhores notas, seus dois filhos não podiam ser "vagabundos", como os xingava por dentro.

— A culpa é sua, Osvaldo! — Flora acusou o marido assim que pisou em casa.

— Boa noite pra você também, meu amor!

— Boa sorte aê, velho! — saudou Marcelo, enquanto se encaminhava para o quarto.

— Os meus dois filhos são inúteis! — Ela sussurrou o sussurro mais irritado que Osvaldo já ouvira.

— Não fala assim do Marcelo e do Diba.

— Dimitrius!

— Flora, o Diba é um gênio, gosta de consertar coisas, de abrir relógios. E ainda desentope ralos e fura parede como ninguém, é excelente pregador de quadros! Deixa o garoto em paz!

— Outro dia ele disse que quer ser *luthier*! Como é que um menino do século XXI quer ser *luthier*? Como eu vou relaxar com um filho *luthier*? Aposto que ninguém da turma dele sabe o que é *luthier*! Nem eu sabia antes de te conhecer!

— Olha só, rimou! — debochou Osvaldo.

— Não estou para brincadeira. Estou preocupada. Furiosa e preocupada.

— O Diba tem que fazer o que ama, Flora, e seria lindo ver um filho meu viver de consertar instrumentos.

— Lindo? Essa profissão morreu, Osvaldo! Morreu! O Dimitrius não pode querer fazer isso da vida, meu Deus! — exclamou, exasperada, dez tons acima do cabível num diálogo como esse.

— Ele tem 12 anos, meu Deus! — respondeu Osvaldo, no mesmo tom. Baixou para continuar: — Deixa o garoto aproveitar a vida e fazer o que ele gosta enquanto estamos aqui para pagar a casa onde ele mora, suas contas, sua escola. Deixa?

— Tá bem, você está certo. Mas e o Marcelo? Do jeito que está, ele vai repetir de novo!

— Não vai. Conversei com ele.

— Eu ouvi. Conversa ótima, sensacional mesmo. Dois minutos de papo e 45 de música.

— Foi... Eu no baixo e ele no baixo imaginário. O nosso filho arrebenta no baixo imaginário, sabia?

— Baixo imaginá... Imaginária vai ser a conta bancária do Marcelo se ele continuar levando a vida só querendo saber de esporte e de música. A culpa é sua. Esses meninos só perdem a cabeça com esse negócio de música por sua causa.

Jornalista, Osvaldo era gerente da área de comunicação de uma multinacional e, quando a vida corrida permitia, tocava com amigos em bares, praças de alimentação e pequenas casas de show.

— Eles entendem a importância de ter um Plano B na vida, Flora. Sabem que meu sustento vem da comunicação e que quando posso dou vazão ao meu lado artista.

— Mas sabem também que você gostaria é de ganhar a vida como músico.

— Sabem mesmo, música é minha paixão, meu combustível. Mas e daí? A vida

me levou para o Jornalismo, as redações começaram a exigir demais e a pagar menos, surgiu o convite para chefiar a comunicação de uma grande empresa, e eu fui. E sou feliz fazendo o que faço e tocando nas horas vagas. Não estou entendendo esse ataque. É TPM?

— Talvez... — admitiu Flora. — É que fico preocupada.... Sempre fui excelente aluna, sou até hoje quando me proponho a fazer meus cursos... Ter dois filhos displicentes na escola é demais pra minha cabeça.

— Marcelo não é displicente. Marcelo sente. Sente que escola não serve pra nada. Para *niente*. É um cara diferente realmente — rimou o sempre gaiato Marcelo, ao passar pela sala rumo à cozinha, seu local preferido da casa.

O filho de Flora e Osvaldo tinha 17 anos e não estava nem aí para o colégio. Gostava mesmo é de perder a hora no quarto dedilhando seu baixo imaginário (às vezes atacava de guitarra invisível e também bateria inexistente), inventando, improvisando, recriando seus solos preferidos ao som de suas músicas preferidas. E tinha talento. Quem garantia era Osvaldo, instrumentista de mão cheia:

— Você sabe tudo, garoto. Tem só que tomar vergonha na cara e tocar o seu baixo de verdade, nem que seja de vez em quando. O coitado deve estar com teia de aranha.

— Tenho preguiça... No baixo de carne e osso eu sou só mediano. No imaginário eu sou o melhor, pai! Tanto concurso de guitarra imaginária por aí, tinha que ter de baixo também, só ia dar eu no pódio! Eu sou incrível.

A modéstia não era um ponto forte de Marcelo, como dá para perceber.

— Mas você leva tanto jeito, filho... Não sei por que largou as aulas.

— Achava chatas. Prefiro aprender a tocar sozinho...

— Mas não aprende, né? Quando dá o braço a torcer e me deixa ensinar, você arrasa. Sou bom pra caramba, você tem o melhor professor de baixo do mundo em casa e desperdiça essa chance! — dizia Osvaldo, deixando claro de quem Marcelo puxara a superautoestima.

O apelido de Marcelo era Pá e nasceu graças ao tamanho obsceno de suas mãos, que mais pareciam... pás, dessas usadas em construção. Mas ele nem ligava, ria do apelido dado pelos amigos. Pá era todo grande: mãos, pés, braços e 1,91 metro de altura. E barriga e cabelo seguiam crescendo.

Sua mãe achava que as madeixas compridas, presas quase sempre num rabo de cavalo baixo, o deixavam com um aspecto sujo.

— Mais que sujo, você está com cara de marginal! — implicava ela.

— Marginal e sujo? Pô, tô bem na fita, então. Se algum marginal de verdade quiser me atacar, vai pensar duas vezes, vai ter medo de mim e da minha inhaca! Show! — debochava ele.

Pá gostava de seu estilo "skatista que não anda de skate". As meninas nem tanto. Nas festas, era mais que normal Pá ficar no zero a zero. Conversava, conversava... e nada. Mas isso também não era um problema para ele. Nada era.

— Não importa o que aconteça, a vida é pra ser vivida de forma vívida — filosofava, citando alguma frase que nas redes sociais podia ser atribuída ao Jabor, ao Verissimo ou ao Dalai Lama. Ou a Clarice, Brecht, Valesca Popozuda, vai saber.

Difícil alguma coisa abalar o humor do cara, bonachão, vidrado em basquete (seu maior sonho era ser cestinha, mas não tinha nenhum talento para tal), arroz integral bem empapado (era capaz de comer vários pratos só com o grão e nenhum acompanhamento) e pipoca salgada de micro-ondas, que devorava depois de, sem medo da balança, tacar no pote uma tonelada de leite condensado.

Aos 14 anos, depois de tanto ver o pai tocar com amigos em shows ou em noites regadas a música no apartamento classe média onde morava em São Conrado, pediu a ele um baixo de presente. Osvaldo, um craque no contrabaixo acústico e no baixo, sugeriu violão, disse que baixo era muito pesado, um instrumento que só servia para acompanhar, que não tinha destaque, que...

— Mas você toca contrabaixo acústico, que é mais acompanhamento que baixo, e geral fica de boca aberta. Todo mundo só olha pra você quando você está no palco tocando, pai. É sinistro!

O elogio sincero rendeu um sorriso transbordante de orgulho e o tal baixo de presente de Natal para o menino, que desde cedo demonstrou interesse por música. E por Flea (do Red Hot Chili Peppers, sua banda preferida), Sting, Paul McCartney, Cliff Burton, Roger Waters, Adam Clayton, John Paul Jones e tantos outros baixistas que conheceu por intermédio do pai.

O instrumento rendeu abraços efusivos, uma empolgação sem tamanho, alguns meses de aulas com professor particular e até horas de prática solitária, em casa. Mas seu destino foi mesmo a solidão num canto do quarto de Pá.

Já Diba, ou Dimitrius, como preferia Flora, era um Professor Pardal de berço. Consertava (ou pelo menos tentava consertar) liquidificadores e micro-ondas, desvendava problemas nos controles remotos, emendava com perfeição vasos

quebrados... Foi ele que impediu um boçal da escola de jogar no chão o baixo de Pá. Sabia que não teria como consertá-lo caso quebrasse. E não lhe agradava a ideia de não poder dar um jeito em absolutamente tudo.

Pá e Diba eram bem amigos e tinham em comum a admiração pelo pai e pela música. Também admiravam a mãe. Afinal, não é qualquer mãe que é capaz de descobrir a cura para doenças por meio de pesquisas que duram meses, anos.

Quando Pá tinha 15 anos o inusitado aconteceu. Na apresentação da banda dos professores na festa de fim de ano do colégio, impossibilitado de tocar por conta de uma tendinite, o mestre de Matemática do quinto ano, baixista, se desculpou ao microfone e deu a festa por encerrada. Mas, no meio da pequena multidão de alunos, surgiu um enorme braço levantado. Era Pá.

— Posso tocar no seu lugar, professor. Fiz umas aulas, sei poucas notas, mas posso.

A princípio cabreiros — e ao mesmo tempo encantados com a coragem do adolescente que se ofereceu para tocar numa banda que ensaiara semanas para a apresentação —, após o susto inicial, os professores artistas chamaram Pá para conversar.

— Está maluco, filho? — questionou Flora. — Você não toca há um tempão!

— Relaxa, *mother*. Eu me garanto. *I guarantee myself*. Nasci para The Teachers Band. *I was born to* The Teachers Band — fez piada. — Arraso no inglês. E no baixo! Tá pra nascer filho mais incrível que eu.

Flora riu.

Centenas de pais, alunos e professores aguardavam. Haveria ou não show?

Em poucos minutos, a The Teachers Band (o nome era esse mesmo, não tenho culpa de nada, estou só contando a história!) voltava ao palco para anunciar:

— No baixo... Marceeeeeloooo Páááááá! — gritou um muito animado professor de Química.

— Não posso acreditar! — suspirou Flora, entre temerosa e apreensiva.

Vale dizer que Flora não acreditou em duas coisas: que veria o filho no palco e que ele era chamado até pelos professores de Pá. O mundo estava perdido mesmo.

— Caraca, que irado! — reagiu Diba.

Osvaldo nada disse, mas o brilho dos seus olhos falou tudo.

Atacaram de "Help", dos Beatles, seguiram com "Under the Bridge", sucesso do Red Hot, e depois Skank. E Michael Jackson. E Pá, mesmo sem aulas de música e

sem tocar há um tempo, acompanhou os músicos com dignidade, mais carisma que conhecimento musical, claro, mas ninguém reparou na sua pouca intimidade com o instrumento. Os professores repararam, evidentemente. Em vários momentos o menino simplesmente fingiu tocar. Mas seu fingimento era tão gaiato e convincente que ninguém falou nada.

A plateia ficou impressionada. Flora, tão impressionada quanto os demais presentes:

— Mas é muita cara de pau, gente... Está lá se achando e não toca nada! — comentou a bióloga, divertindo-se com o show do primogênito.

— Nada também não! Toca *quase* nada — retificou Osvaldo, orgulhoso da coragem do filho, que abandonara as aulas do instrumento havia alguns meses.

— Todo mundo gosta do Pá. Ele é engraçadão, olha as caras que ele tá fazendo, mãe! — observou o caçula da família. — Essa é a preferida dele. Cara de prisão de ventre! Iraaado!

Incrédula com a animação do caçula ao ver a fisionomia de intestino preso de seu outro rebento, Flora sorriu para dentro, mas nada comentou. Apenas concluiu em pensamento: *Estou bem parada com esses dois.*

Osvaldo observava orgulhoso a performance. Pá parecia em casa no palco. *Meu menino... Meu menino! O dia em que ele tocar direito ninguém segura!*

Poucos dias depois dessa apresentação, o tal aluno boçal mencionado anteriormente quis jogar o baixo de Pá no chão. Na falta de argumentos, a ignorância falou mais alto numa discussão pueril sobre gosto musical, e o instrumento do menino de mãos grandes por pouco não se espatifou no chão.

— Não! Quebra outra coisa, mas esse baixo, não! Por favor! — pediu Diba, intrometendo-se na confusão com cara de choro. — Ele nem é do Pá, é do meu pai, foi do avô do avô do meu avô, acompanha a família há anos! Por favor, não tira da gente a única lembrança material que temos dele!

E não é que o menino acreditou no absurdo de um baixo elétrico, instrumento criado no começo da década de 1950, acompanhar a família há gerações e, sensibilizado, desistiu do ato de vandalismo?

— Avô do avô do nosso avô? Pegou pesado, pirralho! — disse Pá, enquanto

carinhosamente fingia enforcar o irmão, que sorria satisfeito.

— Mas o garoto acreditou.

— Incrível, mas acreditou — constatou Pá. — Você tinha que ser ator, moleque mentiroso. Tava vendo a hora que ia cair lágrima do seu olho.

— Agora para de trazer esse baixo pra escola. Não sei pra que você está fazendo isso.

— Pra atrair *mulé*, pra pegar *mulé*!

— Tá dando certo?

— Não...

— Então hoje foi o último dia que o baixo do avô do avô do nosso avô veio passear no colégio, beleza?

— Avô do avô do nosso avô... Muito cínico...

Pá abandonou as aulas de música porque se divertia mesmo no palco imaginário do seu quarto, tocando seu baixo invisível, fazendo poses e agradecendo efusivamente aos aplausos de uma plateia inexistente. Era isto o que queria: tocar para multidões. Ser o centro das atenções. Não fazia nada para transformar o sonho em realidade, mas essa vontade inconfessável era latente dentro dele.

Enquanto Pá sonhava com música e aplausos, as notas caíram e o pesadelo de Flora se tornou realidade: seu filho seria repetente. Pela segunda vez em quatro anos.

Repetir o ano não é uma experiência boa para ninguém. Sentir-se fracassado não é lá a melhor das sensações, ainda mais com uma mãe rígida como Flora, que só não arrancou os cabelos quando recebeu a notícia porque tinha feito escova e não queria estragá-la.

— O que vai ser da vida agora?

— Calma, Flora! Não é o fim do mundo repetir!

— Pela segunda vez? Não fala isso! Ele pode ouvir!

— Ele já está arrasado e você ainda fica buzinando no ouvido do garoto! Até melhor repetir, vai ter mais tempo para pensar no futuro, na carreira... As coisas acontecem para o bem, meu amor.

— Você e esse seu otimismo irritante! Repetir é uma m...

— Não! Para com isso! Eu acredito que o Marcelo não é melhor nem pior do que ninguém porque repetiu mais uma vez. Isso acontece, não quer dizer que ele vai ser um zero à esquerda quando se tornar adulto. Pelo contrário. Ele pode amadurecer muito com essa repetência. Tanta gente inteligente repetiu.

— Quem?

— Einstein, por exemplo.

— Verdade? — indagou Flora, quase sorrindo de alívio.

— Deve ser. Tem a maior cara de repetente.

— Sem piada, Osvaldo! Não é hora para piada! Se repetir mais uma vez, acho que ele é expulso da escola!

— Amor da minha vida, o que eu quero é relaxar você... Com esse episódio, nosso menino vai se tornar uma pessoa melhor e ser um profissional mais competente quando o futuro chegar, mais maduro para encarar o mercado de trabalho. Pode ter certeza.

Nesse minuto, Marcelo entrou na sala, cabeça baixa, suor nervoso escorrendo pela nuca e camiseta com manchas no formato de pizzas tamanho família se formando embaixo do braço.

— Desculpa por te decepcionar tanto, mãe.

Silêncio.

Constrangimento.

O pai de Marcelo Pá pau da vida com a mãe de Marcelo Pá. A mãe de Marcelo Pá — pau da vida com o pai de Marcelo Pá, com Marcelo Pá, com a vida sem pá, sem pé nem cabeça e com a raça humana — misturava em seu peito raiva, tristeza, mágoa, arrependimento. Não conseguiu dizer uma só palavra. Preferiu sair da sala feito um furacão após lançar um olhar recriminatório para o filho.

— Perdoa. Mães não pensam direito às vezes. Ela só quer o seu bem — apaziguou Osvaldo, puxando o filho para um abraço.

Pá, cujos sentimentos viviam fechados numa ostra, ao abraçar forte o pai sentiu o choro subir até suas glândulas lacrimais. Largou seu velho e correu para o quarto, onde deixou as lágrimas escorrerem sem vergonha.

Ao ver o filho mergulhado na solidão, cabisbaixo, sem conversar, sem sair, entupindo-se de refrigerante e sem comer — nem as porções de arroz integral bem empapado preparadas com esmero por Marilene, a empregada da casa, lhe enchiam os olhos —, Flora se preocupou. Liberou os games, que havia proibido,

mas nada animava Marcelo Pá.

Foram alguns meses cabisbaixo até que, abraçando os pais como nunca abraçara antes, Pá decidiu:

— Eu não vou decepcionar vocês nunca mais! Prometo! Não precisa me colocar numa escola mais fraca para eu passar! Vou estudar e tirar notas boas e ainda vou voltar a praticar baixo, pai. Podem acreditar!

Mas Pá decepcionou. Vocação para aluno ele não tinha mesmo. Nem para as aulas de baixo, instrumento de que realmente gostava, mas não tinha muita paciência para aprender. Na escola, não demorou muito para suas notas despencarem. Não. Para despencarem, elas deveriam ter subido. Verdade seja dita: Marcelo Pá era gaiato e querido por todos, mas uma negação na sala de aula.

Agora com 17 anos, o garoto das mãos gigantes continuava na corda bamba no colégio e mal tocava as cordas de seu instrumento preferido. Mas esse cenário estava prestes a mudar.

— Quer morrer? — perguntou Pá ao pai, por telefone, assim que saiu da escola, enquanto caminhava com o irmão para o ponto de ônibus.

— Não, muito obrigado, estou bem assim, vivo.

— Para, velho! Escuta: dois caras do meu ano, que estudam em outra turma, me chamaram pra tocar com eles! Estão querendo formar uma banda!

— Fala sério! — exclamou Diba, incrédulo.

— Tô falando, pirralho! São dois riquinhos que nunca falaram comigo na vida, mas estão precisando de um baixista!

— Que irado! — elogiou o caçula da família.

— Eles querem me ver tocar depois de amanhã! Tá ouvindo, pai? Depois de amanhã!

— Ah, bem... O negócio é sério, você não está na banda ainda, eles vão te ouvir, você vai participar de uma audição pra ver se fica com a vaga...

— Audição? Não! Ou é? Sei lá. Não sei, sei que tô amarradão.

— Que bacana, filho! Mais tarde a gente conversa melhor, mas... Você vai ter que se dedicar pra aprender, vai ter que praticar. O seu potencial é enorme, mas você não toca, né?

— Eu sei. Tá de boa. O vocalista também não canta!

— Nossa, que banda promissora! — brincou Osvaldo. — A sua sorte é que você tem o ouvido bom. Praticando com disciplina você vai longe.

À noite, pai e filho comemoraram a entrada de Pá no mundo da música com um abraço tão apertado que Diba ficou com ciúme e se jogou em cima dos dois numa alegria que parecia infinita, mas durou... 27 segundos.

— Só fica nessa banda se as notas subirem. Caso não subam, caso seu desempenho escolar não melhore, não tem banda nenhuma. E dessa vez eu não vou ceder!

— Caraca, mãe! De onde você surgiu? — questionou Diba.

— Eu moro aqui, esqueceu? — respondeu, seca. — Entendido, Marcelo?

— Mãe, o que você tá falando? Nem é banda ainda!

— Ainda, Marcelo. Ainda! Não quero desculpa. Vingando ou não, essa banda não pode fazer você repetir de novo. Eu não vou admitir um filho três vezes repetente! Nem a escola admite! Você quer ser expulso? Quer? Ou você mete a cara nos livros enquanto brinca de pop star ou então nada feito. Entendido?

— Entendido... — Pá baixou os olhos, resignado. — Mas... você pelo menos tá torcendo pra dar certo, pra banda virar banda de verdade?

— Tô torcendo pra tudo dar certo, pra banda virar banda e suas notas deixarem de ser bundas — respondeu Flora, sem esconder o riso com a piada sem graça, mas que Marcelo Pá adorou.

— Combinado, *my lady*!

Ficou o dia seguinte inteiro trancado praticando, lendo partituras, tocando uma, vinte, oitenta vezes a mesma música, voltando às boas com sua porção baixista para não fazer feio no dia da "audição".

— Sou bom nisso mesmo, velho! — constatou depois de tocar com o pai. — Você não tava me zoando, não. É uma parada natural, que flui. Arraso tocando baixo.

— Menos, Pá... — Osvaldo riu.

— Menos mesmo. Vocês querem que expulsem a gente do prédio? Já passou das dez!

A bronca materna o levou para a cama rapidinho. Dormiu, acordou, foi para a escola e, quando voltou para casa, passou a tarde inteira praticando. No dia seguinte, após a aula, voou confiante para o condomínio de luxo onde moravam os

tais riquinhos que estudavam na sua escola. Com eles, tocou "Viva la Vida", do Coldplay. "You've Got the Love", de Florence and the Machine, "Panic", do Sublime, e, para terminar, "Here Comes Your Man", do Pixies.

E não é que deu samba? Digo... rock.

Ou quase...

— Cara, você toca benzão! — exclamou Theo, boquiaberto.

— Toco não... — admitiu Pá.

— Toca não... — concordou Pedro, rindo. — Mas deu pra perceber que você *pode* tocar benzão.

— Pô, aê, valeu... Tô destreinado, mas levo jeito, pode acreditar.

— Como é que uma mão tão grande se dá tão bem com um instrumento de cordas? — quis saber Theo.

— É ótimo ter mão grande para tocar baixo. Conheço gente com mão pequena que sofre com a distância entre as cordas. Pra mim sempre foi fácil. Eu e o baixo nascemos um para o outro.

— O baixo só não descobriu isso ainda, né? — zoou Pedro.

— Mas o povo da escola que viu você tocar com os professores disse que você arrasou.

— Ah, Theo... Sei que os professores gostaram. Mas eles curtem mais minha atitude do que meu desempenho como baixista — admitiu Pá.

— E não é isso que um artista precisa ter? Atitude? — deu força Pedro.

Pá sorriu sem graça.

— Isso quer dizer que... vocês... vocês gostaram do meu som?

— Não gostamos tanto, mas gostamos de você, e isso é mais importante — decretou Pedro.

— Irado ouvir as músicas que a gente ouve só com violão ou guitarra junto com o baixo. Outra coisa! — complementou o loiro.

— Por mim você tá na banda. E por você, Theo?

— Já é!

— Sério? — duvidou Pá.

— Supersério! É uma apresentação só! Pra família e amigos mais próximos — argumentou Pedro. — Mas a gente precisa ensaiar. Como estão seus horários?

— Sou todo de vocês! A banda vai ser prioridade na minha vida. Sou feio, pô, é minha chance de pegar *mulé*! — disse com toda a sinceridade do seu coração. —

Caramba... Nem tô acreditando...

— Pode acreditar, cara! — apoiou Theo.

— Mas...

— Ah, não! Qual o problema? — quis saber Pedro. — Não vai dizer que quer sair! Você mal entrou!

— Claro que não! — gargalhou Pá. — É que na minha opinião, se vocês querem fazer um negócio direito, pra geral gostar da banda e pra ela durar mais que uma apresentação, e, consequentemente, a gente pegar mais *mulé,* tá faltando uma coisa muito importante. Fundamental, eu diria.

A curiosidade ficou suspensa no ar e na cara de interrogação de Pedro e Theo. Mas Pá logo acabou com o mistério que tinha lançado no ar.

— Vocês precisam de alguém na cozinha! — decretou o baixista.

— Mas o Pedro já tem a Socorro, que faz um rango excelent...

— Não, Theo! Cozinha é o termo que o povo da música usa quando quer falar de bateria — explicou Pedro. — E de baixo também, tá ligado, né, Pá?

— Tô ligado, tem gente que acha que baixo também é cozinha, mas para mim a bateria é a cozinha, que fica escondida, mas é fundamental para uma festa dar certo.

— Você acha mesmo que um batera tá fazendo falta?

— Muita, Pedro! Chama um pra você ver! Vai fazer a maior diferença! Aí, sim, o negócio vai ficar *bão*! — decretou o garoto.

Pedro ficou pensativo. Theo falou por ele:

— O negócio vai virar banda mesmo, *mermão*! — exclamou, puxando o amigo para um abraço.

Nem precisaram conversar sobre o tema. Estavam todos de acordo. Eles realmente precisavam de um baterista para dar molho à massa que estava quase no ponto.

E é aí que eu entro nessa história.

Sempre fui meio tímido, não à toa escolhi tocar o instrumento que mais faz barulho, mas menos chama atenção numa banda, já que fica lá atrás. Na cozinha.

Tudo começou com minha madrinha, que me deu uma daquelas minibaterias quando fiz 4 anos. Foi o melhor presente que ganhei na vida. Não me lembro de ter sido tão feliz quanto no dia em que abri aquela caixa enorme. Alegria infinita.

Já meu pai, matemático, homem de poucas palavras, caladão, quieto, que só pensava em livros, devorando uns cinco por semana, limitou-se a dizer para minha dinda:

— Só pode ser uma piada, Maura.

— Alvinho! — repreendeu minha mãe.

— Perla, quem dá uma bateria para uma criança? — insistiu meu pai, especialista em constranger.

— D-Desculpa... É que ele vive batucando em tudo... — respondeu minha dinda, justificando-se.

— Adorei! — gritei, já com as baquetas na mão, me achando o próprio Neil Peart, baterista e letrista do Rush. Não. Não tinha ideia de quem era Neil Peart com 4 anos. Eu me senti um rei. Isso. Um rei. — Eu te amo, dinda!

É, eu era o retrato da fofura quando tinha 4 anos. Ainda sou, diga-se de passagem.

Voltemos à comemoração do meu quarto ano de vida:

— Só vai tocar quando eu não estiver em casa, combinado? — amoleceu meu pai.

— Combinado! — gritei, fazendo um barulho ensurdecedor e extremamente irritante, ignorando o pedido e, claro, a presença paterna.

Também... Ah! Era meu aniversário! Meu dia. Eu podia tudo. Eu era um rei ainda por cima, pô.

Dois anos depois meus pais se separaram. Sem traumas, sem brigas. Viraram amigos, nunca deixaram de ir às festinhas da minha escola, passávamos o Natal

juntos...

Quando eu tinha 11 anos, meu matemático preferido resolveu estudar de novo e partiu para a Alemanha com o objetivo de fazer um doutorado. Lá, casou-se com uma alemã e teve uma filha que nunca conheci. Ao que me consta, Melinda é minha única irmã, e só soube que ela existia quando a menina fez um ano. O meu velho é praticamente um ermitão, gosta de se isolar e prefere o silêncio às palavras, embora use apenas o telefone para se comunicar — diz que não confia em e-mails e redes sociais. Nossos telefonemas duram, no máximo, cinco minutos e meio e acontecem no Natal e no meu aniversário. Só então fico sabendo por onde ele anda e como está seu trabalho. No ano passado ele foi para a Bélgica dar aula numa universidade. Não imagino meu pai lecionando, pobres alunos! Sempre lidei bem com esse jeitão dele, mas acredito que essa ausência paterna tenha transformado dona Perla na supermãe que ela é.

Falando nela... Três anos antes de meu pai partir rumo ao Velho Mundo, minha mãe, pedagoga das boas e diretora da escola em que eu estudava, já tinha engatado um namoro sério com Élcio, um cara que sempre me tratou com o maior respeito e carinho e nunca reclamou da minha bateria.

Não demorou para se casarem e logo começaram a planejar um filho. O plano virou realidade, e assim, no frescor da minha adolescência, do alto dos meus 13 anos, ganhei um irmão, um pequeno catarrento que só queria saber de chorar, mamar, dormir, cagar e peidar. Como peidava aquele mínimo monstro.

No começo, confesso, senti o impacto de não ser mais o único na vida da minha mãe. Mas aos poucos me apaixonei perdidamente pelo Quim. Isso mesmo, Quim. Não era apelido, não era abreviação de Joaquim. Era Quim. Só Quim. Quim apenas.

— Quim não é nome, mãe!

— É sim senhor!

— Você só pode estar zoando com a minha cara, dona Perla! — reclamei, bancando o revoltado. — Não pode uma mesma mulher ter um filho chamado GUALTER e outro Quim!

Opa! Esqueci de me apresentar. Muito prazer, meu nome é Gualter.

— Não tenho nada a ver com o seu nome, meu filho! Isso é coisa do seu pai, você sabe. O Alvinho fez questão de que você tivesse o nome do avô dele.

— E você não podia ter argumentado, sugerido outro?

— Ah, claro, seu pai quase não é teimoso. Quando bota uma ideia na cabeça não há quem tire, não conhece a figura? — argumentou. — Eu queria que fosse Leon, mas ele achou um nome fresco.

— O que seria um nome fresco?

— Pergunta para o seu pai, filho.

— Claro, tranquilo, falo direto com ele! — debochei. — Quim é um nome moderno, quase de vanguarda. E Gualter? É nome do século retrasado!

— Não estou entendendo essa conversa. Você adora seu nome! — Élcio se meteu.

Era verdade. Por mais que meus amigos implicassem comigo, por mais que na infância eu tenha insistido para me chamarem de Gugu (o que jamais aconteceu, não devo ter a menor cara de Gugu), sempre fui com a cara do meu nome. Nome de velho, nome que ninguém tem, mas meu. Praticamente só meu. Meu e de pacientes de médicos geriatras.

Depois que o Quim nasceu, ficou difícil tocar bateria em casa. Passei o primeiro ano do moleque praticando apenas nas aulas e senti o quanto a batera me fazia bem. E o quão péssima e sem graça ficava minha vida sem ela nas demais horas do dia em que não podia tocá-la. Era com ela que conversava sobre meus problemas, nela que extravasava raiva, angústia e outros sentimentos que nenhum garoto gosta de ter, e com ela também conseguia ficar sem pensar. Era deleite. Puro e simples deleite. Emoção em forma de porrada. Porrada das baquetas nos pratos, na caixa e em todo o resto da maravilha que forma uma bateria.

Quando minha mãe e Élcio se casaram, a gente se mudou. Estranhei ao migrar da Gávea para a Barrinha, praticamente um bairro dentro do enorme bairro chamado Barra da Tijuca. Mais calmo e com mais cara de cidade do interior do que a imensidão de prédios e condomínios com nomes em inglês da Miami carioca, o lugar era até bacana, mas meus amigos estavam na Zona Sul, minha escola estava na Zona Sul, meu curso de inglês, as aulas de bateria...

Morávamos numa casa simpática, pequena e acolhedora, mas com direito a jardim e cachorro, o Lindão. Preciso dizer que quem deu esse nome para o labrador foi minha mãe? Não, né? Anos depois, quando Quim pediu um cão para chamar de seu, dona Perla comprou uma fêmea de labrador. O nome? Lindona, evidentemente.

Eu tinha bolsa na escola em que minha mãe era diretora, então continuei

estudando na Gávea. Era chato pegar trânsito todos os dias para estudar, mas, como não tinha alternativa, precisei me adaptar o quanto antes.

Bom aluno e craque com números, era o orgulho de dona Perla e, apesar de nunca ter sido o mais popular, me dava bem com a maioria dos colegas da minha escola. Mas sentia falta de uma vida na Barra. A Barrinha era residencial e aconchegante, mas fria — ou pelo menos foi para mim, nos primeiros anos. Nem no curso de inglês, que transferi para lá, eu fiz amigos.

Élcio e minha mãe formavam um casal nota 10. Nunca brigavam e mantinham uma harmonia de fazer inveja a casais de anúncio de margarina. Os dois sempre deram força pra minha batera. Às vezes minha mãe botava Metallica para tocar no volume máximo e me pedia para acompanhar. Eu adorava. Mesmo quando ela fazia voz de criança para me elogiar.

— Quem é meu Lars Ulrich? Quem é? Quem é muito melhor que o Lars? Quem é? — perguntava, referindo-se ao baterista do Metallica, com voz de quem fala com um filhote de cachorro.

Eu só dizia, entre uma música e outra:

— Para, mãe!

Sim, senhoras e senhores, minha mãe gostava de Metallica. E de Rush, Sepultura, Alice Cooper, Iron Maiden, Black Sabbath e até Slipknot. E era fã de carteirinha do Kiss! Ela e o Élcio chegaram a fazer o cruzeiro da banda, que saía de Miami para navegar pelo mar das Bahamas ao som de muito rock and roll. Tiraram fotos com Gene Simmons de língua de fora e tietaram os outros integrantes da banda. Voltaram mais fãs.

Élcio, que coordenava a área de mídia digital de uma empresa de entretenimento, resolveu dar uma festa surpresa para um amigo de infância que reencontrara havia poucos meses numa esquina do centro da cidade. E me pediu para fazer aquela batida de suspense quando o aniversariante entrasse vendado lá em casa. Missão dada, missão cumprida.

O cara entrou. O cara chorou. O cara abraçou todo mundo. O cara agradeceu. O cara perguntou para o Élcio, depois de cumprimentar a maioria dos presentes:

— É seu filho?

— É como se fosse. Hoje ele tem 15, mas desde que era um pirralho de 8 eu já sou louco por ele. É filho, né?

— Claro que é! — concordou o aniversariante. — O que você gosta de tocar,

garoto?

— Gosto de rock, de pop, mas toco qualquer coisa, até samba, se bobear.

— O Osvaldo é músico nas horas vagas, Gualter — explicou meu padrasto.

Fez a ligação? Era o Osvaldo, pai do Pá. Ele mesmo.

— O que você toca? — perguntei.

— Minha paixão é o contrabaixo acústico, mas toco baixo, violão e um pouco de piano. Meu negócio são os instrumentos de cordas. Componho algumas coisas também. Minha frustração é não ter me dado bem com as baquetas. Elas nunca foram com a minha cara.

— Elas vão com a minha desde que eu sou criança — mandei na lata.

Moleque abusado!

— Peraí! Peraí que vou botar um negócio dos bons pra você ver o talento do meu filho, Osvaldo! — gritou minha mãe, já escolhendo a música no iPod.

Quando "Rock and Roll", do Led Zeppelin, começou, eu só conseguia pensar em como minha coruja progenitora tinha mandado bem. A bateria é peça importantíssima dessa música, que ela ouvia desde quando eu estava dentro do seu útero. Respirei aliviado por ela não ter escolhido "YYZ", do Rush, que sempre adorei, mas é dificílima de tocar, errava sempre. Esperta, sabia que eu tremeria de medo e erraria mais que nunca.

Mesmo envergonhado e nervoso por tocar para um músico, respirei fundo e mandei ver. E o Osvaldo pareceu curtir. Enquanto eu suava para não errar, sua atenção foi desviada pela chegada de sua mulher e de Pá e Diba, ou Marcelo e Dimitrius, como a mãe dos garotos preferia. Eles ficaram um tempo me ouvindo, mas também conversaram e se abraçaram.

Fiquei um pouco desconcertado na hora, mas depois passou. *Poxa, é aniversário do cara, e ele fazendo a gentileza de ouvir minha batera. Tem mais é que conversar com a família e os convidados mesmo*, pensei, chegando à conclusão de que é preciso vocação para tocar em bar. *Não é para qualquer um se apresentar com tanta gente conversando e ignorando solenemente sua performance*, refleti ao fim do meu pequeno show.

A festa surpresa varou a madrugada e, entre uma ida e outra à cozinha para dar cerveja às escondidas para meu novo amigo Pá, ouvi dele perguntas que mudariam a minha vida:

— Você toca em alguma banda?

— Não.

— Tem vontade?

— Ô.

— Topa tocar numa banda que tá começando agora, sem nenhuma pretensão e nenhuma grana? Só pelo prazer de tocar? A gente tá procurando um baterista.

— Quando começo?

Com parte da garagem sendo transformada na velocidade da luz graças à animação quase infantil (e ao dinheiro) de Paulão, Theo e Pedro não podiam acreditar que um sonho que eles mal sonharam estava prestes a se tornar realidade.

Quando cheguei com Pá à mansão de Pedro (a maior casa que eu tinha visitado até então), fui recebido tão gentilmente...

— Fala, pirralho!

— Para, Theo! O cara tem praticamente a nossa idade. Liga não, Gualter. Bem-vindo! — apaziguou Pedro, dono de um quarto imenso, maior que muitos apartamentos.

Evidentemente o “pirralho” me irritou. Pô, eu tinha 15 anos! Tudo bem, sei que aparentava menos. Era franzino, baixo. Mas “pirralho” foi demais. Tive uma péssima primeira impressão do Theo, aquele que hoje considero um cara bacana.

— Enquanto o nosso espaço não fica pronto, vamos ensaiar aqui no meu quarto mesmo — explicou Pedro. — Nem acredito que essa bateria vai finalmente voltar a ser usada. O meu pai comprou pra mim há um tempão, mas sempre achei dificílimo coordenar as mãos e os pés. Abandonei, e desde então ela tá aí acumulando poeira, me dava uma pena danada. Bateria, Gualter, Gualter, bateria. Pronto, estão apresentados.

— E aí? Bora tocar? — sugeriu Pá.

— Bora! — concordei, já sentado na batera com as baquetas, que pareciam vivas nas minhas mãos, tamanha a minha ansiedade.

— Vamos de “Pro dia nascer feliz”? — sugeriu Pedro.

— Barão! Show! — vibrei.

— Ah, não. Rock brasileiro não! — chiou Theo.

— Por quê? — questionou o dono da casa.

— Porque tem tanta coisa melhor...

— Que é isso? O Brasil sempre teve bandas boas... Em todos os tempos e para todos os gostos! Posso falar mil nomes! Titãs, Legião, Rappa, Charlie Brown Jr., Black Rio, Matanza, Nação Zumbi, Eddie, Tihuana, Autoramas, Paralamas,

Mombojó, Móveis Coloniais de Acaju, Mutantes... — enumerou Pá, sem respirar.

— Mutantes? Sério? — debochou o vocalista.

— Os caras eram geniais! — entrei na conversa.

— Tão geniais que não existem mais — cortou Theo, mostrando, em apenas uma frase, sua boçalidade quando o assunto era música feita no Brasil.

Um cara que argumenta dessa forma sobre Mutantes não merece meu respeito, muito menos que eu perca tempo discutindo com ele, concluí sabiamente. Não podia criar briga com o Theo no meu primeiro dia.

— Beleza, eu toco tudo. O que vocês decidirem tá ótimo pra mim — reagi de bate-pronto, não dando margem para mais conversa.

— Vamos de "Pro dia nascer feliz", cabeça-dura! Dá uma chance ao rock *brasuca*! A música e a letra são incríveis — decretou o guitarrista.

Do Pedro, sim, gostei de cara.

Theo fez cara feia. *Moleque mimado*, pensei, enquanto girava as baquetas pelos dedos esperando a decisão do grupo.

— Eu voto Barão! — Pá quebrou o silêncio.

— Eu também! — entrei no jogo para contrariar mais ainda o cara que não gostava de ser contrariado.

— Três contra um. Perdeu, playboy! — zoou Pedro.

E, nesse clima de paz e harmonia, toquei Barão Vermelho com os garotos. E deu liga! Paulão surgiu no quarto e cantou junto de olhos fechados, fez aquelas dancinhas desengonçadas que só os mais velhos sabem fazer ao relembrar canções "do seu tempo" e se acabou de aplaudir a gente ao fim do "show".

— Cazuza e Frejat! Bom demais, minha gente! — gritou. — Vocês são ótimos. Garoto, você é a azeitona que estava faltando nessa empada. Parabéns!

— Puxa, obrigado — agradeci, sem graça. — Mas pode trocar azeitona por outra coisa? Não suporto azeitona.

Todos riram.

— A cereja do bolo, e não se fala mais nisso — corrigiu.

Também odeio cereja, mas deixei passar.

— Isso quer dizer que fui aprovado? Passei no teste?

— Claro, Gualter! O Pá tinha razão, você manda muito bem, a gente precisava de um batera para o som ficar redondo — elogiou Pedro.

— Eu já tinha me amarrado em ouvir as músicas com um baixo, com bateria

ficou parecendo que a gente é *profissa*! — emendou Theo.

— O que seria de vocês se não fosse eu? — brincou Pá. — Não disse que era bonzão?

— Bonzão? Pô, assim fico tímido... — reagi, sentindo o rosto esquentar.

— Ih... O cara, aí... Tô falando de mim, Gualter! Eu disse pros caras que EU era bonzão. Era não. Sou. E estou mais incrível e talentoso a cada dia, praticando direto — debochou o baixista, fazendo todo mundo rir.

— Mandou bem, Gualter — Theo limitou-se a dizer.

Sorri. O vocalista estava dando uma trégua. Para a música feita no Brasil e para mim. Que bom.

— O negócio está ficando bacana, hein? Aqui e lá embaixo! A obra tá correndo solta, semana que vem vocês já terão um cantinho para fazer miséria!

Aquilo é que era um pai empolgado.

Apesar de contido, eu também estava animado. Afinal, tinha acabado de tocar a primeira música com minha primeira banda.

Banda?

A pergunta era inevitável:

— Somos uma banda? — indaguei, curioso.

— Não sei se somos ainda, mas... acho que estamos virando uma... — respondeu Pedro.

— Claro que são! E só falta marcarmos o primeiro show! Cada um chama os mais chegados. Agora vocês não têm mais desculpa. Quando marcamos?

— Pera, pai! A gente tem que ensaiar, pensar repertório! Não é assim! — reclamou Pedro.

Paulão deu de ombros e saiu do quarto.

— Vem cá... se nós somos uma banda... temos que pensar num nome pra essa banda — opinei.

— Numnom — fez Pá.

— Numnom? — repetimos ao mesmo tempo.

— Abreviação de Num Nome, ué — explicou o engraçadinho do grupo.

— Numnom é péssimo, Pá! — Pedro foi sincero.

— O pior nome do mundo — condenou Theo.

— Numnom *num* é nome — fiz piada, falando rápido.

Ninguém riu.

Tudo bem.

Não entenderam.

Tá, tá! Não teve lá muita graça. Mas foi uma sacada inteligente, vai!

Enquanto pensávamos em um nome, Paulão voltou, agora acompanhado de uma menina bonita, cabelos na altura dos ombros, castanhos assim como seus olhos pequenos e vivos, pele bem branca, sorriso largo, algumas sardas no rosto e uma segurança e um bom humor difíceis de ver em meninas daquela idade. Linda num macacão rosa. Ou seria vermelho? Bom, não lembro, quase não reparei nela, como dá para perceber.

— Jura que é para eles que estou perdendo meu namorado, Paulão? Não tem nenhuma loira peituda escondida embaixo da cama? Não é possível! — brincou ela, assim que viu a gente.

— É, norinha... A loira peituda se chama música. E parece que você perdeu pra ela mesmo. Melhor correr atrás do *preju*, Babi.

— Já sei! Vou ser a Yoko Ono do grupo! Vou viver grudada em vocês — decretou, andando na direção de Pedro para dar nele um beijo e um abraço.

Eu estava encantado. Muita beleza e brilho para uma menina só.

— Mas a Yoko acabou com os Beatles! — rebateu Theo, pausando meu encantamento por alguns segundos para levar minha atenção para sua asneira. — A gente nem começou e você já quer o nosso fim?

Dei uma bufada sem paciência. Tranquilo, ninguém notou.

— O Paul McCartney já disse que a Yoko não teve culpa nenhuma no fim dos Beatles, mané! Esse mito caiu faz tempo! — bronqueou Paulão, meu novo ídolo.

Qualquer um que deixasse Theo sem graça seria meu novo ídolo. Não tinha ido com a cara dele. Nem ele com a minha. Mas isso ficou claro desde o começo deste capítulo, certo?

— Quero ficar perto do meu namorado, só isso que tô dizendo, Theo. Vocês não estão precisando de alguém pra limpar os instrumentos, não?

— Você não nasceu pra limpar nada, meu amor — fez bonito Pedro.

— Eu NÃO SEI limpar nada, é isso o que você quer dizer! — exclamou Babi, tascando em Pedro outro beijo, enquanto carinhosamente pegava seu rosto com as duas mãos. — Vou deixar vocês ensaiarem. Depois devolvam inteiro o meu namorado, hein?

Ok, vou dizer a verdade: se ela não formasse um casal com o integrante da minha nova e incrível banda, eu estaria completamente apaixonado por ela. Fato.

— Não, amor, posso dar um tempo com os caras pra ficar com você e elogiar esse novo cabelinho lindo — disse Pedro, tornando-se um ídolo para mim. Pô, o cara tinha a namorada dos sonhos de qualquer garoto da minha idade. Tá bem, eu era volúvel quando o assunto era "ídolos".

— Sua mãe tanto falou que me convenceu. O tom natural do meu cabelo é muito mais bonito do que aquele loiro de surfista sem noção que taca parafina na juba. Juba que estava realmente ressecada. Melhor ser mais uma morena comum do que uma loira cheia de pontas duplas! Estou me sentindo bem melhor assim. Viva a sua mãe!

— O que é ponta dupla, Senhor? — perguntou Pá, olhando para o teto. — Não precisa responder, Senhor, mas obrigado por me fazer homem, Senhor.

Com a boca de dentes mais brancos que já tinha visto em minha curta existência, Babi riu a risada mais gostosa.

Ri também. Seu riso era contagiante. Ela toda era contagiante.

Ah! Obviamente eu também não sabia o que são pontas duplas. Nenhum homem sabe. Nenhum homem jamais saberá.

— Você fica linda de qualquer jeito: loira, morena, ressecada, careca... — Pedro mandou muitíssimo bem.

Linda! Linda! Linda!, quase disse. Mas minha lucidez controlou minha maluquez.

— Mentira, careca não rola, tava zoando.

— Eu sei, palhacito! — Babi fez charme dando um soquinho no braço do namorado.

Não era só eu, estávamos todos meio extasiados com tanto brilho e simpatia numa só menina. Parados, bobos, apatetados olhando para ela sem piscar. E invejando tanta paixão num só casal. Bom, os outros não sei, mas eu invejei. Babi era sem dúvida a menina mais doce e encantadora que já tinha passado pelas minhas retinas.

— Vamos dar um tempo, gente? — sugeriu nosso guitarrista.

Estávamos prestes a concordar (o cara era o dono da casa, não tínhamos muita opção) quando ganhei minha nova *ídola*.

— Tá louco? Nada de tempo! Quero ter namorado com banda pra matar

minhas amigas de inveja. As minas piram com caras que tocam. Ensaia aê!

— As minas piram, sempre disse isso! Quem é feio tem que ter banda pra pegar *gente*! Então vaza, Babi. Bora ensaiar, cabeçada! — ordenou Pá. — Preciso pegar *mulé*, Babi, foi mal... Aliás, você não tem nenhuma amiga solteira, não?

— Um monte!

— Vem cá... Quer dizer que a gente vai ter um bando de garotas dando mole? Fazendo de tudo pra ficar com a gente?

— Vai, Pedro, mas isso era pra você comentar com seus amigos *depois* que eu saísse. E sem toda essa empolgação, de preferência.

— Que empolgação, amor? Tô brincando.

— Sei... — reagiu Babi, certa de que só um louco olharia para outra tendo uma deusa daquela ao seu lado. — Beijo, meninos. Beijo, meu amor...

Com o astral lá em cima, os toques das minhas baquetas anunciaram nossa próxima música. E depois a próxima, e a próxima. Cinco horas se passaram num sábado de sol e nós nem percebemos. Nem os ponteiros do relógio, nem o sol. Quando resolvemos nos jogar na piscina para refrescar, a noite já caía na Barra da Tijuca.

Duas semanas depois, com ensaios quase diários, o entrosamento da banda sem nome era melhor a cada dia. A implicância mútua e inicial entre mim e Theo tinha acabado (a primeira impressão não é a que fica, aprendi a lição), o repertório se formava sem grandes discussões, e a insistência de Paulão para o tal churrasco seguido de show botava em nós uma dose de adrenalina pra lá de boa. Mais um mês ou dois estaríamos prontos para mostrar nossa cara.

O local de ensaio ficou pronto (obra mais rápida que já vi na vida, mais veloz que um voo do Super-Homem de um polo a outro), bonito, bem-equipado, moderno, impecável. A inauguração teve direito a discurso de Paulão e fita, que foi cortada por Babi.

— Essa vai ser a groupie oficial da banda! — anunciou nosso maior incentivador.

Concordamos e rimos sem a menor ideia do que era groupie. Nada que uma ida ao Google não resolvesse. Groupie é um termo derivado da palavra grupo, que

acabou por batizar fãs fervorosas que seguiam bandas em suas turnês para tentar uma intimidade maior com os músicos. No começo, eram conhecidas por querer sexo com artistas famosos, mas, com o tempo, groupie passou a ser sinônimo de tiete, fã ardorosa ou algo que o valha. Quando falei do assunto com minha mãe, ela definiu groupie em uma palavra:

— Perdoe o vocabulário da mamãe, mas groupie é vagaba, filho.

Direta, não? Fiquei sem ação. Não era corriqueiro ouvir minha mãe proferir palavras, como direi? Hum... vulgares.

— Moças fáceis, maçanetas de vestiário masculino, periguetes!

— Mãe! Não precisa desenhar. Eu sei o que é vagaba! — Ri alto da "explicação".

— Ah, que bom, achei que essa palavra tinha entrado em desuso e que você ia me chamar de velha em dois minutos. E velha, você sabe, é a sua avó. Mãe do seu pai, obviamente. A minha é um pitéu. Pitéu foi péssimo, parei de falar neste segundo.

Como eu era fã da minha mãe. Aquela era minha amiga.

Faixa cortada pela nossa groupie nada periguete, discurso de abertura emocionado de Paulão, estava tudo muito bom, tudo muito bem, mas realmente, realmente, Pedro precisava falar. Afinal, era a casa dele, era o pai dele. Nada mais justo.

— Conheço este cara desde a barriga da minha mãe — começou Theo (é, quem falou foi ele), abraçando um muito sem graça Pedro. — E hoje o pai dele tá fazendo por mim e por todos aqui mais do que a gente poderia imaginar. Se hoje a gente é uma banda...

— Banda sem nome! — gritou Pá.

— Isso aí, Pá... Banda sem nome... — Theo concordou, pigarreou e seguiu: — Se hoje somos uma banda sem nome, a culpa é sua, tio Paulão. Obrigado, em nome de todos. Você é nosso maior incentivador, fez a gente acreditar na gente, nosso paizão. O pai que todo mundo aqui gostaria de ter.

Não é que o Theo falou bonito?

— Beija! Beija! Beija! — puxou Pá!

Aplausos. Marisa chorou, Socorro chorou. Babi não chorou. Mas puxou:

— Paulão lindão! Tcha-tcha-tchá! Paulão fofão! Tcha-tcha-tchá, Paulão amig... gão... Não? Demais pra vocês? Ai, que saco! Tá bem, já me calei.

Meninas são seres surtados desde o nascimento, certo? Ou é impressão minha?

— Paulão é meu amorzão! — emendou Marisa, dando um selinho no marido, para em seguida questionar: — E então, banda sem nome? Quando vamos ver esse bendito show?

Silêncio.

— Calma, mãe, ainda temos que ensaiar, ver repertório, deixar tudo redondinho... — esclareceu Pedro.

— Ah, isso é que não! — gritou Paulão. — Vocês ainda não sabem, mas... Não aguentei e chamei.

— Chamou, pai? Chamou quem? Chamou pra quê?

— Filho, vocês estão há muito tempo nessa. Quero ver vocês em ação com plateia, com aplauso... Pô, cara, acho que eu mereço.

— Pai, vamos conversar isso só a gente...

— Não, Pedro. A gente precisa conversar isso com eles. O que vocês acham, meninos? Marquei o churrasco para daqui a duas semanas. Vocês têm todo esse tempo para ensaiar.

— Quem marca uma parada com tanta antecedência? — perguntou Pá. — Só gente velha — respondeu ele mesmo.

— Me chamou de velho sem a menor cerimônia, né, Pá? — Riu o pai de Pedro.

— É nada, Paulão. Tu é *brother*, cara! Tu é dos nossos.

— Sou mesmo. Sou *brother merrrrmo*! — afirmou nosso guru, tentando gerar risos com o carioquês exagerado. Como ninguém achou graça, prosseguiu: — Então tá marcado, *rapeize*! Yeah!

Massa de ar frio chegou ao estômago assim que ouvi que nossa apresentação tinha data certa. Fiquei tão atônito que nem zoei o "rapeize" e o "yeah" do Paulão. Certeza de que não fui o único a sentir uma borracha gigante estacionar entre o esôfago e a faringe.

— E sua avó já confirmou, hein? Ela é sua maior fã, você sabe! E adora contar sobre quando você andava peladinho pela casa com seu violão de brinquedo — acrescentou Marisa.

Um dia iríamos fazer graça daquela informação, mas naquele momento precisávamos fazer outra coisa.

— Topo! — concordei sem pestanejar.

— Eu também! — Pá fez a alegria de Paulão.

— E você, Theo?

— Meu pai me botou na fonoaudióloga para acelerar o processo, acho que tô cantando melhor. E a minha voz com a do Pedro superfunciona. Sinceramente, em duas semanas acho que todos nós vamos estar prontos. Até porque semana que vem começam as férias, né?

Legal o Theo responder de bate-pronto. E verdade seja dita: o garoto estava investindo. Dono de uma voz sem grandes predicados, ele sabia que precisava de mais do que um cabelo cacheado e um par de olhos claros para ser o vocalista de uma banda. Por isso, entrou na fono, passou a ter aulas de canto três vezes por semana, até no curso de teatro se matriculou para entender um pouco sobre expressão corporal, o que deixaria mais leve a arte de se movimentar no palco. Porque é uma arte. O que fazer com braços, pernas, postura? Pensa que é fácil? Eu ficava sentadinho lá atrás, ele era a cara da banda, não podia se sentir um idiota desengonçado com um microfone na mão. Theo era nosso cartão de visitas.

Lembro de ter pensado que o bom de ter dinheiro é isto: poder investir num sonho. O pai dele de repente se empolgou e estava pagando tudo com prazer. Já a mãe... Não dava tanto apoio assim. O Theo era um cara bacana com uma mãe nada bacana.

A discussão rolava solta na sala do casal Stein.

— O garoto está com as notas ótimas, achou finalmente uma coisa de que realmente gosta, e acho que nós devemos ficar do lado dele, Alina! — gritou o pai de Theo, pouco depois do jantar, no quarto do casal.

— O menino não tem talento, Ricardo! Você está louco de incentivar essa insanidade!

As paredes da mansão não eram finas, mas Theo ouviu tudo. Sua mãe ignorava sua vocação, seus sonhos, seu desejo de ser feliz.

— Incentivo mesmo. É de cantar que ele gosta, a gente tem dinheiro para investir na felicidade dos nossos filhos. Dinheiro é para isso! O Eugênio não está fazendo o mesmo com o Caíque?

— Mas o Caíque é um gênio do kart. Até eu, que sou uma leiga nesse assunto, sei que o menino nasceu pra ser piloto. O Theo não nasceu pra ser cantor!

— Você só ouviu o garoto cantar uma vez! Ele é bom! Bom mesmo!

Tem pai que é cego. Digo, surdo.

— Bom nada!

Ok, Alina era uma bruxa, mas escutava direito.

— É sim! Fui outro dia ver os meninos tocarem, é bonito ver nosso filho seguro com o microfone na mão.

Seguro ele era mesmo, é preciso deixar claro que Theo era a escolha certa para vocalista. Pedro era afinado, mas inseguro, cheio de reticências. Digamos que o loiro dos cachinhos não cantava, mas enganava bem.

— Se eu puder ajudar a lapidar a voz e o talento dele, eu vou! — Ricardo continuou o discurso de pai-bacana-que-quer-apoiar-o-filho.

— Não sei se devemos apoiar tanto...

Hum... "Devemos"?

— Fico tão preocupada... Daqui a pouco o garoto se mete com drogas, começa a fumar, a beber, a cheirar...

— Não acredito que você está falando uma coisa dessa! Aliás, não admito que você fale uma coisa dessa! E a educação que a gente deu para ele não conta?

— Mas você conhece esse meio! É só droga, irresponsabilidade, baixaria... Ninguém quer nada além de diversão! Não quero que o Theo...

— Chega, Alina. Viva o presente, não fique se preocupando com o futuro. Por favor! Deixa o menino aproveitar o que ele está vivendo hoje. O futuro a Deus pertence!

— Mas eu tenho medo de que...

— Já entendi. Medo do meio. Quando ele chegar lá a gente se preocupa, está bem? Por enquanto o meio é a casa do Paulão e da Marisa.

— Não sei não... Tantas coisas melhores pra fazer do que ter uma banda...

— Chega de ficar distante do Theo, Alina. Esse menino é um presente, e a gente não dá o devido valor a ele. Chegou a hora de dar valor.

Nesse minuto, Mônica entrou no quarto de Theo sem bater. Ela também ouvira a conversa dos pais, e nada disse. Apenas abraçou seu Cotonete com todo o carinho que tinha para dar.

— Nossa, a terapia te mudou mesmo, hein, Ricardo?

— Que bom. Para melhor, eu acredito.

Silêncio demorado.

— Um dia vou ter que conversar com essa psicóloga para saber que remédio ela

te dá às escondidas.

— O remédio se chama autoconhecimento. É isso! Eu me conheço e me entendo melhor a cada sessão. Você devia fazer terapia também.

— Pra quê? Não sou maluca!

— Deixa de ser ignorante, Alina!

— Está me chamando de burra agora?

— Claro que não! Burrice é bem diferente de ignorância! — gritou Ricardo. — Eu também não sou maluco e, como tantas outras pessoas não malucas faço análise uma vez por semana para ser um homem melhor, mais centrado, menos estressado! Entendeu?

Outro silêncio.

— Bom, Alina, você entende e concorda comigo se quiser, mas não vou mais discutir sobre investir ou não no meu filho. Quero que o Theo saiba que estou do lado dele.

Nos braços de sua irmã mais velha, o garoto dos cachos dourados respirou aliviado e feliz. Em sua intensidade adolescente, achou que não viveria para ouvir o pai falar uma coisa dessas. Sentiu seu coração plenamente preenchido pelo amor paterno. Pela primeira vez.

— Viu? O papai te ama, Cotonete. Muito! — sussurrou Mônica no ouvido do irmão, enquanto acariciava seu cabelo.

O diálogo entre Alina e Ricardo continuou:

— Eu também estou do lado dele! — rebateu Alina.

— Ótimo. Então, por favor, para de botar nosso filho pra baixo! Ele não merece isso.

De seu quarto, prendendo as lágrimas, o vocalista da banda sem nome só conseguiu agradecer em pensamento: *Obrigado, pai. Muito obrigado. Você não vai se arrepender por acreditar em mim*.

— Chora, Cotonete. Não prende não, é pior. Chora porque até eu, que sou durona, tô chorando aqui... — pediu Mônica, apertando mais ainda o irmão.

Era dura a vida do Theo. Quase um pobre menino rico.

Pedro estava tenso. E preocupado. Era tímido, inseguro e, por melhor músico que fosse, achava sua guitarra medíocre. É impressionante o que nossa cabeça faz com a gente. O cara era um gigante, mas acreditava ser microscópico. Com isso, passou a ensaiar obsessivamente, de dia e de noite, com e sem os parceiros de banda. Só tinha mostrado seus dotes musicais para a família até então.

— Podem convidar quem quiser, hein, cambada? Casa grande é pra isso mesmo, pra receber! — avisou Paulão quando faltavam quatro dias para o nosso primeiro show.

O guitarrista que também fazia o vocal da banda sem nome engoliu em seco. Antes seriam ele e Theo, agora eram quatro, cada um chamando suas famílias e os mais chegados. E agregados dos mais chegados. E ainda tinha Babi, que certamente levaria as melhores amigas. E Socorro, a empregada, que já tinha pedido para levar o pai e as duas filhas...

E tome de ensaiar.

Pedro mal dormia à noite. Medo de errar, medo de decepcionar o pai, medo de se decepcionar com sua atuação... Medo. Simplesmente medo.

E num domingo nublado e frio de julho, com um pouco de chuva e muita ansiedade, nosso show estava para acontecer.

— Achei que a chuva ia espantar o povo, mas veio a maior cabeçada! — revelou o guitarrista, olhos arregalados, quase apavorados, ao entrar no nosso refúgio musical.

— Irado! — bradou Pá.

Graças à sua experiência com a banda dos professores, o baixista era o menos nervoso do grupo.

— Defina 'maior cabeçada', por favor — pedi, tenso.

— Cara, não sou muito bom nisso, mas deve ter umas setenta pessoas lá fora.

— Caraaaaca! — vibrou Theo. — Relaxa, Pedro! É todo mundo amigo, de casa! — amenizou o clima. Pelo menos tentou amenizar.

A conversa ganhou a adesão de uma senhora baixinha, de postura de bailarina,

expressivos olhos azuis — realçados pelo vestido da mesma cor — e cabelos brancos.

— Trouxe minhas amigas do pilates, chuchuzinho!

— Vó! Você veio mesmo!

— Claro! E já prometi para o Paulão que não vou contar pra ninguém o dia em que você, peladinho, brincando de baterista, machucou o bilauzi...

— Vó!

— Você andava pelado pela casa com o violão e tocava bateria pelado? — implicou nosso vocalista.

— Pô, Pedro! Que depravado! Em algum momento da sua infância você usou roupa? Olha lá! Isso é uma banda de respeito! — brincou Pá.

Vovó empinadinha sorriu e mudou de assunto:

— Theo, sabia que até os funcionários das concessionárias o seu pai trouxe?

— É. Funcionários e cônjuges dos funcionários. Você é amigo dessas pessoas, por acaso? — perguntou Pedro, suando.

— Sério que veio funcionário?

— Funcionários! No plural! — gritou vovó.

Theo deu o sorriso mais satisfeito que um garoto pode dar.

— Pô, o seu velho tá acreditando mesmo, hein? — constatou Pá.

Era inegável: Ricardo estava com o maior orgulho do filho.

— Acho melhor cancelar — soltou nosso guitarrista.

— Nem por cima do meu cadáver! Vovó Pérola está aqui para te acalmar. Pedi à Socorro pra fazer um chazinho de camomila para vocês. Ele sempre foi tímido, meu menino.

— Mas pra se exibir sem roupa ele não tinha vergonha nenhuma, né, vó? — zoou Theo.

— Pedrinho tocou flauta antes mesmo de falar, sabiam?

— Mas tocava vestido ou com a flauta de fora? — implicou Pá.

Pedrinho não achou a menor graça. Estava em outro mundo. Um mundo onde ele tinha tomado uma decisão.

— Legal, vó. Obrigado por ter vindo, agradece a suas amigas, mas não vai ter show.

— Tá maluco, moleque? — questionou Theo.

— É! Tá maluco, moleque? — repetiu vovó Pérola. — Você é o melhor músico

que eu já vi na minha vida, entende de harmonia como ninguém! É um virtuose! Orgulho da minha vida.

— Ô, vó... Brigado, mas...

— Não. Não e não. Não vou deixar você fazer isso. O que vocês vão falar para os convidados do seu pai? Ele está tão feliz...

Valeu, dona Pérola!, eu quase gritei. Estava louco pra tocar! Nervoso e com medo, sim, mas um nervosismo bom e um medo melhor ainda acelerando o coração.

— Pedro, relaxa! A gente só vai se apresentar daqui a umas horas. Vamos sair daqui, interagir com nossos amigos, com os caras das concessionárias do pai do Theo, com seus vizinhos... — sugeriu Pá. — E olha só, o povo tá bebendo, quando a gente começar a tocar já vai estar todo mundo meio maluco de cerveja e caipirinha, ninguém vai dar muita trela pra gente.

— Isso. E a gente vai se divertir. Tocar como se não tivesse ninguém olhando — complementei.

— Eles vieram pro churrasco do seu pai, cara, ninguém veio pra ver o show, nem devem estar lembrando que a gente existe — opinou Theo.

— Não delira, povo! Tá todo mundo LOUCO pra hora do show! Só se fala nisso lá fora. Minhas amigas estão surtando! Vai demorar muito?

Era Babi, que irrompeu na sala de ensaio na velocidade de um carro de fórmula 1, ansiosa, falando rápido, batendo palmas, a empolgação em pessoa. Linda... Muito linda...

— Vai demorar. Não sei quanto, mas vai demorar — afirmou Pedro.

— Amor, fica calmo... É a plateia mais a fim de ouvir uma banda que eu já vi! Pensa que todo mundo vai aplaudir muito, mesmo que não goste! E isso é ótimo!

— Ótimo! — bateu palmas a vovó superfã.

— Ah, valeu, galera! — resmungou o guitarrista, mostrando seu inexistente senso de humor. — Ótimo mesmo ser aplaudido por gente que não gostou do show. Desde quando aplauso sem vontade é ótimo? — questionou.

Babi continuou seu discurso de incentivo.

— Quero dizer que os aplausos estão garantidos, amor! Vaia não vai rolar. Já pensou que lástima ser vaiado?

— Lástima total. TOTAL — interagi.

E fui ignorado pela mais bela das belas.

— Hoje só vai ter aplauso entusiasmado — explicou, coberta de razão. — E já

falei para as minhas amigas: 'se não gostarem, é só mentir pra eles. E se além de mentir puderem sair daqui espalhando a mentira pra geral, melhor ainda.' Sucesso garantido — concluiu, com seu sorriso de anúncio de pasta de dentes.

— Isso é que é incentivo, hein, amor?

— Para, amor! Eu tô brincando! Que saco! — Babi perdeu a paciência. — Você sabe que arrasa! Tô só querendo te acalmar.

— EU TÔ CALMO! — berrou um nada calmo Pedro.

— Vem cá, aplausos e mentiras estão garantidos, mas a carne também tá, né? Babi, não deixa esse bando de esfomeados acabar com o rango, músicos precisam se alimentar — descontraiu Pá.

— Carne garantida, Super Pá! — confirmou Paulão ao entrar no recinto.

— Ô, Paulão, Super Pá é sacanagem... — riu o baixista.

— Todo mundo ansioso, todo mundo esperando, sua mãe até chorou com as amigas. E sua avó trouxe a velharada toda!

— Velharada? Quem é velha aqui, Paulo Alberto?

— Ô, mãe, você é gata, velhas são as outras! — contornou Paulão. — Já falei lá fora que vão todos se surpreender. Que vocês são sensacionais!

— Isso, pai. Isso mesmo. Depois de ouvir você falando, vai ficar mais fácil tocar. Agora estou bem tranquilo.

— Filho, deixa de paranoia! Não é para ser tenso, é para ser um momento de alegria. Dou meia hora para vocês tocarem, ok? Melhor começar logo antes que alguém aqui tenha um treco.

— Falou nosso empresário! — brinquei. — Seu pedido é uma ordem, Paulão!

— Valeu, Paulão! — vibrou Theo.

— Eu te amo, Paulão! — fez graça Pá.

Pedro ficou quieto. Como toda pessoa talentosa, cobrava demais de si mesmo, era exigente, entendia de qualidade, de instrumentos, queria que fôssemos simplesmente os melhores, sem discussão. Sentir esse peso todo e essa pressão já é difícil para um adulto, imagina para um menino de 16 anos.

Os infiltrados deixaram o recinto e nos deixaram a sós. Nós e a gostosa tensão do primeiro show.

Nervoso, o guitarrista quis saber:

— Quanto tempo passou?

— Três minutos e vinte e quatro segundos. Vinte e cinco, vinte e seis... —

respondeu Pá, olhando no relógio.

— Só? — reagiu Pedro, angustiado.

A adrenalina tomava conta do nosso corpo. Era como se estivéssemos na porta do avião, prestes a saltar de paraquedas. Vivíamos aqueles segundos anteriores ao salto, coração a mil por hora.

Preparamos seis músicas e uma para o bis. Porque banda que se preza volta para o bis. Mesmo que ninguém chamasse, a gente voltaria. Theo já tinha até o texto pronto caso essa tragédia acontecesse. Diria: "Já que vocês insistiram, vamos tocar mais uma." Ideia do piadista Pá, evidentemente.

Escolhemos músicas que agradassem a pessoas de todas as idades. Beatles, Michael Jackson, Elvis, Kiss (para a minha mãe, claro), Coldplay, Bruno Mars e... Paralamas. É, convencemos Theo a tocar uma em português.

Aliás, aos poucos também estávamos convencendo o vocalista de que *rooock*, como ele gostava de dizer, era ótimo, mas infelizmente cada vez menos gente se entregava ao metal irretocável de Metallica, Iron Maiden e afins. Pop *rooock*, como brincava Pedro, agradava a mais ouvidos. E queríamos agradar.

A brasileira escolhida foi "Óculos", em homenagem a Paulão, um dos primeiros a se livrar do acessório oftalmológico com a chegada da operação de miopia ao Brasil. A canção tinha sido seu hino na juventude. Não foi difícil fazer a cabeça do nosso vocalista. Afinal, o maior incentivador da banda merecia mesmo um agrado musical.

— E aí? Vamos lá? — chamou Paulão.

Lembro que senti meu coração disparar quando o pai do Pedro abriu a porta. Cheguei a ouvir as batidas e pensei que todos por perto ouviram também, de tão altas e aceleradas. O meu corpo todo pulsava forte, como uma bateria. Era chegada a hora.

Theo nos chamou para uma roda e fez uma espécie de oração muito bonita, que aprendera no curso de teatro:

— Repitam comigo: eu seguro a minha mão na sua.

E nós todos, de mãos dadas:

— Eu seguro a minha mão na sua...

— Eu junto o meu coração ao seu...

— Eu junto o meu coração ao seu... — dissemos, compenetrados.

— Para que juntos possamos fazer...

— Para que juntos possamos fazer...

— Tudo aquilo o que eu não posso fazer sozinho.

— Tudo aquilo que eu não posso fazer sozinho.

— Vamos arrebentar! — concluiu num berro.

Todos gritamos juntos e nos abraçamos.

Confesso que precisei fazer um esforço sobre-humano para segurar uma lágrima.

Já Paulão...

— Que bonito, Theo... — elogiou ele, enxugando os olhos. — É isso aí, gente, a união faz a força. Vocês podem até ser bons individualmente, mas o meu fascínio aconteceu quando vi vocês juntos. A tal da química, sabe?

— BORA BOMBAR! — Pedro finalmente transformou em grito sua ansiedade.

— BORA BOMBAR! — Pá e eu fizemos coro.

Mais abraços. Mais sorrisos tensos.

— Pô, vamos logo, daqui a pouco vou chorar, e o choro vai acabar com a minha maquiagem — descontraiu Pá.

Ri. Todos riram.

— Cavalheiros, por aqui, por favor — disse Paulão, imitando um mordomo de novela e nos conduzindo para fora do nosso local preferido nos últimos meses.

Para cada um de nós ele tinha palavras de incentivo. Saiu Pá, saiu Theo, saiu Pedro. Eu era o último da fila. Ao meu ouvido, disse apenas:

— Arrebenta, moleque!

Respirei fundo e fui.

O pai de Pedro não dormia em serviço. Montara um tablado para a banda e, como um bom roadie, arrumou tudo na mais perfeita ordem. O cara acreditava mesmo na gente. E era exagerado, ainda por cima:

— Com vocês, a melhor banda de adolescentes de que se tem notícia! Sem nome, mas cheia de talento e carisma. Uma junção de pequenos monstros! Vem, cambada!

Preciso comentar “cambada”? Não, vamos poupar nosso querido Paulão. Sempre acho graça quando os mais velhos se propõem a “falar a língua dos filhos”

e erram feio na escolha de algumas palavras. Cambada. Quem deste século fala cambada? Paulão, seu vacilão.

Depois do breve discurso que nos introduziu à plateia, subimos timidamente ao palco sob uma chuva de aplausos, gritos e assovios.

Já em nossos lugares, cada um com seu instrumento, cabia a mim, com alguns toques de uma baqueta na outra, dar início ao show. Antes disso, todos nos olhamos, cúmplices, tensos, intensos em todos os sentimentos que passavam por nossas veias juvenis naquele instante.

Primeiros acordes da primeira música, "Revolution", dos Beatles. Aos poucos o nervosismo deu lugar a um imenso prazer. Sentado no conforto do banquinho da batera, com visão privilegiada do cenário, espantei-me com a surpresa das pessoas.

Foi só a gente começar a tocar que vi queixos caírem e sobrancelhas se arquearem. E era um tal de um cutucar o outro na plateia para comentar a performance... Mas comentavam pouco! Tinha churrasco, mas não era churrascaria, estava todo mundo lá para ouvir a gente. E eles pareciam gostar do que ouviam. Com isso, não precisamos de muito tempo para relaxar e nos divertir fazendo o que mais amávamos na vida.

Ao fim da primeira música, parecia que não tinha ninguém na casa do Pedro, só nós quatro. Foi demais! Lembro-me de pensar enquanto tocava: *Caraca, será que somos tudo o que o Paulão fala?*

Éramos. Pelo menos éramos melhores do que adultos esperam de uma banda adolescente.

Pedro e eu (e aqui deixo a modéstia de lado) éramos realmente bons no que fazíamos. Pá e Theo, apesar das limitações técnicas, deram um show de garra, perseverança e carisma. A matemática se deu assim: Theo, o bonito; Pá, o engraçado; Pedro e eu, os músicos estudiosos. Juntos, nós quatro causávamos uma explosão bonita de se ver. Rara. Um timaço para técnico nenhum botar defeito.

Theo surpreendeu. Era um vocalista nato, contou piadas, mexeu no cabelo, dançou uma dança só dele. Boa-pinta, espirituoso e carismático, conquistou o público de cara, foi amor à primeira vista. E com o apoio da voz de Pedro, o loiro sentiu segurança para seguir em frente e se soltar mais a cada música. A plateia estava ganha. Que sensação boa!

Mandamos bem nas músicas, sabíamos que teria gente mais velha, escolhemos hits conhecidos, mas não necessariamente clichês. Paulão falou que nosso

repertório denotava inteligência.

Fiquei orgulhoso com o elogio. O repertório é a alma de um show, é o que faz uma apresentação ser boa ou ruim. E o nosso estava simplesmente... inteligente. Era a voz do Paulão e a voz dele, para mim, era a voz de Deus. E quem sou eu para discordar Dele?

Realmente acertamos em cheio. Depois de levar o povo à loucura com o quarteto de Liverpool, foi a vez de "Billy Jean" entrar em campo. A caipirinha e a cerveja botaram todo mundo para fazer o *moon walk* como se não houvesse amanhã, e, com isso, a leve desafinação de Theo numa parte passou despercebida (parênteses para enfatizar o show particular de Pá nessa pérola do Michael Jackson. O garoto tinha praticado muito em casa! O baixo é o coração da música, e ele fez bonito!).

Plateia na nossa mão, mais um golaço nosso com "Kiss Me Quick", do Elvis, e a visão divertidíssima de todos imitando The Pelvis. A seguir veio a muito animada "Rock and Roll All Nite", do Kiss, cujo refrão todo mundo canta, mesmo que não conheça a letra. "Paradise", do Coldplay, fez bonito entre velhos e jovens, e "Just The Way You Are", do Bruno Mars, encerrou o show de forma apoteótica, com direito a meninas da fila do gargarejo (leia-se Babi e suas amigas) dançando de olhos fechados e cantando a plenos pulmões.

Uau! Acabou! E como passou rápido!, pensei assim que a última música chegou ao fim. *É bom demais estar no palco*, constatei ainda em êxtase com tudo.

Agradecemos, demos tchauzinho para todos e saímos do tablado para fazer aquela cena banda-que-faz-que-vai-mas-não-vai-por-que-ainda-tem-o-bis. De volta ao palco, atendendo a pedidos, Theo anunciou:

— A música que a gente preparou para o bis é dedicada ao ex-míope mais maneiro, o cara que mais incentivou a gente nessa parada de música. Paulão, essa é pra você. Mesmo sabendo que seus óculos ficaram no passado, as meninas do Leblon continuam não olhando para você, mas a tia Marisa, que é da Barra, olha. E é isso o que importa. Quem sabe cantaaaa!

E, assim, começamos "Óculos". Só a ensaiamos quando Paulão não estava, foi surpresa mesmo. E deu certo. Ouvir Paralamas emocionou nosso mentor, que tentou em vão conter o choro. Marisa chorou. Socorro chorou. Vó Pérola chorou. Babi chorou. *Como essa garota consegue ser linda até chorando?*, eu me perguntava enquanto mandava ver na bateria, personagem importantíssimo dessa canção,

especialmente no começo. Era meu momento. E todo mundo aplaudiu muito. Mas Babi aplaudiu mais. E aí, sim, fiquei feliz.

Nenhuma música fez tanto sucesso. Que Beatles, que nada! O povo queria era Paralamas, uma canção no nosso bom e velho português! Lembro de tocar sorrindo, feliz por agora ter o respaldo da plateia. Não é possível uma banda formada por brasileiros cantar só músicas estrangeiras, foi a certeza que tive do alto dos meus 15 anos.

Depois do show, agradecemos e ficamos um tempo abraçados, só nós quatro. Paulão veio, e abrimos espaço para ele, visivelmente emocionado com o show e a repercussão.

— Todo mundo adorou! Vocês são ótimos, garotos! Que orgulho de vocês! Que orgulho, cambada!

Se eu fosse menina, diria que Paulão era um fofo. Mas como não sou, naquele momento comemorativo apenas sorri e me deixei ser mais apertado ainda pelo seu abraço.

— Que lindo ver sua felicidade, meu amor — aplaudiu Marisa, derretendo-se por nosso empresário, nosso descobridor.

Babi entrou no nosso canto musical com aquele sorriso que Deus (ou um dentista muito bom) lhe deu, branco, perfeito. Aposto que ela nunca teve uma cárie. Foi direto no Pedro (sortudo!), pulou no colo dele (sortudo!) e o encheu de beijos (sortudo! Sortudo! Sortudo!). Os três encalhados ficaram olhando, babando de inveja.

— E aí? Gostou? — quis saber nosso guitarrista, enquanto sua cintura era envolta pelas pernas mais elegantes de que se tem notícia.

— Amei, meu lindo! Eu e todo mundo lá fora! Vocês são muito bons! — respondeu Babi.

— Vocês são do balacobaco! — gritou vó Pérola, que entrou batendo palmas. — Também, com um gênio da guitarra na banda não tinha como ser diferente... — completou, orgulhosa.

— Ô, vó... Para com isso!

— Ah, deixa de bobagem! Limpei muito essa bundinha quando...

— Vó! Para de falar essas coisas! Pelo amor de Deus! — implorou Pedro, abraçando a avó enquanto a enchia de beijos.

O clima era de comemoração, todos felizes, todos satisfeitíssimos. Ou não...

— Assim, amor... — começou Babi. — Vocês são incríveis, sem sombra de dúvida, funcionaram muito bem com plateia, mas...

Sabia que tinha um "mas"! Sempre tem.

— 'Mas' o quê? — indagou Theo.

— Mas o quê? — repeti.

— Ah, gente, eu sou sincera e só quero o bem e o sucesso de vocês, mas...

— Fala, Babi! — pediu Marisa.

— Eu acho que falta um teclado nessa banda. Senti muito isso na hora de "Óculos". Vocês precisam de um quinto elemento. Aí, sim, vai ficar redondo.

— Teclado? — pensei em voz alta.

— Gosto da ideia — opinou Pá. — E você, Paulão? O que acha?

— Acho sensacional! Também senti falta de alguma coisa e é isso aí, Babi, matou a charada!

— Teclado é inusitado, vai ser babado ter um do seu lado! Gente, rimei! Tô muito compositora! Arrasei! — surtou a bela.

— Arrasou rimando! Só que não! — contrariou Pedro, aos risos, tascando um beijo apaixonado na menina mais bonita da cidade. — Como é que a gente vai achar um tecladista? Será que na escola tem alguém, Pá?

— Bom, depois vocês veem isso, agora está na hora de ir lá fora colher os frutos do sucesso! — decretou Paulão.

— Meus meninos! — exclamou Marisa, toda orgulhosa. — Gualter, a Pérola achou você a cara do Harry Potter.

— Mais bonito, claro — complementou a avó de Pedro.

— Pode crer! É igual! Cabeção, mesmo cabelo, mesmo par de óculos... — complementou nosso baixista.

— Que tal botar seu nome artístico de Harry? Você já é baterista, já fica lá atrás... E Gualter é meio caído. Tô falando de boa, mas é... — comentou Theo.

— Gualter, eu não mudo! — afirmei. — Mas Gualter Potter pode fazer sucesso com as meninas. Elas adoram esse tal de Harry Potter, né?

E assim, com todos zoando a minha cara de Hogwarts, partimos rumo à consagração. Não é exagero. Assim que aparecemos no jardim, aplausos efusivos nos receberam, todos queriam nos cumprimentar, abraçar, tirar fotos. Elogios sinceros vinham de todas as partes. Como eu sei que eram sinceros? Ah, sabendo. Era tudo de verdade. Até o abraço da mãe do Theo.

— Parabéns, filho! — Alina comemorou, esmagando o loiro em seus peitos siliconados.

Mas legal mesmo foi ver o pai do Theo.

— Arrebentou, cara! Que orgulho, que coisa bacana! Você nasceu pra isso!

— Sério?

— Claro que não, é empolgação de pai — Alina logo se manifestou, com aquela boa vontade de sempre.

— Cotonete, o seu destino é ser *star*! — gritou Mônica, apertando as bochechas de um envergonhado Theo.

— Daqui a pouco vai ficar mais rico do que eu — avaliou Heitor, o namorado mauricinho da pobre da Mônica. — E sem trabalhar, né? Porque eu ralo muito!

Paciência zero.

Os pais de Pá também eram só elogios:

— Eu não podia estar mais orgulhoso — desabafou Osvaldo, sorriso escancarado no rosto. — Viu como praticar faz toda a diferença? Talento você tem, só estava escondido.

— Tu é meu mestre, cara. Minha inspiração. — Pá retribuiu o carinho dando um abraço apertado no pai.

— Vou ignorar esse 'tu é' só para dizer que você é realmente bom, meu filho. Teve a quem puxar. Seu pai é um músico incrível, você tem tudo para ser um músico incrível também. E está só começando.

— Pô, mãe, para com isso. Assim eu não aguento! — disse Pá, com a voz embargada.

E minha mãe... Bom, dona Perla foi a coruja de sempre, né?

— Você é disparado o melhor, mas pode deixar que não vou dizer isso nunca pra eles — sussurrou no meu ouvido.

Élcio veio falar comigo, mas não conseguiu. Só chorou. E um choro masculino, em público, você sabe, vale mais que mil palavras.

— Vocês têm uma estrada muito bonita pela frente — previu minha mãe.

— E aproveitem essa estrada. O caminho deve ser tão ou mais empolgante que a chegada — filosofou Paulão, ao me abraçar de surpresa.

Ninguém tinha ideia do que realmente estava por vir. Ninguém sequer suspeitava o que a música faria, de bom e de ruim, em nossas vidas.

De cabelos curtos e platinados, Mariana era craque com a bola, e sempre preferiu a companhia dos garotos, com quem jogava pelada nos fins de semana. Diferente de todas as outras meninas no jeito de se vestir, não tinha dinheiro para usar roupas de marca e tampouco se importava com isso. Criava sua própria moda fugindo do uniforme calça/short jeans e camiseta branca da dourada juventude carioca. Abusava dos coturnos, das calças rasgadas, dos braceletes de couro, das estampas de caveira, da sombra escura nos olhos e do esmalte preto nas unhas.

Com 18 anos recém-completados e uma única amiga de verdade, Susi, a bicicleta era o meio de locomoção preferido de Mari para circular pelas ruas do Recreio, bairro vizinho à Barra da Tijuca. Orgulhava-se de não poluir o ar do planeta por fazer tudo sobre duas rodas.

Isaura, sua mãe, trabalhava em banco e sustentava a casa desde que o marido, pai de sua única filha, morreu num acidente de carro causado pelo excesso de bebida alcoólica. Claudenir, vulgo Clauclau, nunca teve um trabalho fixo. Na verdade, nunca se soube o que exatamente ele fazia. Uns bicos aqui, uns ali... um mês bom, outro bom-mas-nem-tanto... Carteira assinada? Dinheiro certo todo mês? Jamais! Era o que os mais velhos chamam de *bon-vivant*. Adorava a noite, a bebida, a vida. Mas um negocinho pequenininho chamado responsabilidade passava longe dele.

Órfã de pai aos 10 anos, Mari logo se tornou melhor amiga e companheira inseparável de Isaura. De herança, Clauclau deixou apenas dívidas, pagas com dificuldade ao longo dos anos, e o piano, que, apesar de poder render um bom dinheiro, nunca foi vendido.

O motivo? Aos 12, Mari tomou coragem e sentou-se onde o pai passava horas compondo canções que tocava para ninguém enquanto bebericava suas doses diárias de uísque. Nele, descobriu que as teclas e suas mãos encaixavam-se. A mãe se assustou quando a filha, de ouvido, tocou “Pour Elise”, clássico popularíssimo de Beethoven.

— O sonho do seu pai era ter um piano de cauda... Morreu sem conseguir

realizar... Isso e tantas coisas... — chorava Isaura de vez em quando, ao ver a filha reviver o talento do marido. Mas como não era de reclamar da vida e gostava de olhar para tudo como se usasse óculos de lentes coloridas, ela mesma completava:

— Ainda bem que não realizou, nunca que um piano de cauda caberia neste *apertamento*. Era o piano ou a gente, filha!

Quando fez 16 anos, Mari pediu que a mãe a emancipasse. Assim, poderia ajudar na renda de casa trabalhando de carteira assinada, tocando em bares e churrascarias. Menos pela questão financeira e mais pela realização profissional da filha, Isaura acatou o pedido, mas avisou que só aceitaria dinheiro de Mari caso tivesse dificuldade de botar comida em casa — o que nunca aconteceu.

Isaura queria mesmo que sua pianista começasse logo uma poupança para botar em prática seus sonhos o quanto antes. Tinha pavor de ver os anos passarem e Mari se tornar uma artista frustrada, como o pai, que morreu sem nem tentar o sucesso.

Emancipada e com um teclado tinindo de novo para praticar e levar aonde quisesse (Isaura comprou o presente em várias prestações), Mari logo conseguiu emprego fixo numa academia de balé. Munida de coragem e vontade de trabalhar, bateu na porta e saiu contratada para tocar nas aulas de meninas de 5 a 8 anos. Não tardou para levar seu talento ao bar do pai de uma dessas alunas, que a convidou depois de ver em ação Tia Marilinda (como as pequenas bailarinas a chamavam). E, assim, seguiu tocando, nas tardes de terças e quintas na academia e nas noites de sexta no bar, sempre acompanhada de Isaura — e muitas vezes de Susi.

Mãe e filha viviam no pequeno apartamento alugado num prédio de três andares, mas nunca passaram dificuldades. Até porque a menina lidava bem com o fato de o dinheiro nunca ter sido farto. Caso os amigos saíssem para jantar, Mari comia antes em casa, se iam ao cinema, ela ignorava pipoca, balas e refrigerante. E era genuinamente feliz desse jeito. Sem luxo, com pouca grana, poucos (mas verdadeiros) amigos e muito amor de mãe.

Susi e Mari eram inseparáveis. Calada e sempre descabelada, a futura melhor amiga da loira já estudava na pequena escola em que Mari foi matriculada aos 11 anos. A sintonia entre as duas aconteceu logo no primeiro dia de aula, quando fizeram um trabalho juntas e não se desgrudaram mais.

A princípio, o estilo calado da dupla acabou por afastar delas as outras alunas, que as achavam esquisitas. Mas aos poucos, com o passar dos anos, a doçura de Mari chamou mais a atenção do que seu jeito fechado e suas roupas sérias. Susi e

ela não chegavam a ser as mais populares, mas eram conhecidas e queridas por todos. Todos mesmo, até os professores mais enérgicos eram loucos por elas.

Mari era uma pequena monstra. Monstra no piano, monstra no palco, monstra no colégio. Nem o trabalho atrapalhou suas notas. Era o que se chama por aí de aluna exemplar.

Assim que atingiu a maioridade, foi logo avisando:

— Agora que sou maior, queira você ou não, vou dar uma grana para ajudar em casa, mãezinha.

— Não precisa, filha! Nunca faltou nada pra você, deixa disso. Quero que continue guardando seu dinheirinho.

— Mas eu quero ajudar quem mais me ajudou nessa vida.

— Então ajuda a minha alma, que vai ficar feliz quando você juntar dinheiro para ir estudar fora, que sempre foi seu sonho. Berkeley, né?

— Berklee, mãezinha — corrigiu Mari, referindo-se à conhecida faculdade de música localizada em Boston, por onde passaram nomes como John Mayer, Diana Krall e Quincy Jones.

— Isso, Berklee. Aí, sim, você vai me ajudar a ser feliz. Vai tocando nos bares e academias da vida, e quando o seu dinheiro, junto ao meu, te levar para a sua felicidade, eu vou ser a mãe mais orgulhosa do mundo. Entendido?

— Eu te amo, sabia? — Mari se declarou para Isaura antes de puxá-la para um abraço de urso. — Mas tá decidido: vou colaborar nas despesas da casa e não aceito não como resposta. Combinado?

— Ai, Mariana... Combinado, então. Mas nada de dividir igualmente as contas, se quer insistir com essa história eu aceito, mas a sua contribuição vai ser pouca, entendido?

— Eu tô ganhando mesmo um dinheirinho, tá?

— Sei, mas guarda no seu bolsinho! — pediu Isaura, orgulhosa.

— Guardo no meu bolsinho, mas te dou um pouquinho.

— Está bem, teimosa!

Poucas noites depois desse diálogo, o dono de um desses estabelecimentos de garçons-cantores viu Mari no bar em que ela tocava e a convidou para trabalhar. Assim, com 18 anos recém-completados, a pianista que arrasava no teclado já tinha três empregos.

Além de tocar divinamente, Mari tinha um timbre peculiar. Ah, sim. Mari cantava, e muito bem. Susi sempre registrava tudo, fazendo centenas de fotos e vídeos. Interessante, a loira dos olhos desconfiados e sempre pintados de preto chamava a atenção dos mais desatentos frequentadores da noite.

Na madrugada de uma sexta-feira de lua cheia, Susi postou um vídeo em que Mari tocava e interpretava "Tiny Dancer", de Elton John, um dos ídolos da loira. Interpretava. Isso mesmo. Cantar é uma coisa. Interpretar é outra. Mari interpretava, com as veias do pescoço mastigava cada sílaba, dava significado a cada palavra, a cada pausa. E era bonito demais vê-la fazer o que mais gostava. O vídeo, captado com o smartphone da melhor amiga, deu o que falar. Quem via se abismava com a voz tamanha e o piano preciso, impecável na alma e na técnica.

Mas, antes de discorrer sobre a repercussão do vídeo da Mari, preciso contar que entendi a diferença entre cantar e interpretar quando Élcio me apresentou Charles Aznavour, um cantor francês octogenário de voz extraordinária e muito famoso desde a década de 1960. Do alto dos meus 10 anos, mesmo não entendendo nada da língua de Molière, eu me emocionava com cada verso. E mais: sabia que era devastador o que ele cantava em "Que c'est triste Venise". Lembro-me de ouvir escondido e não dividir Aznavour com nenhum amigo. Se algum deles soubesse que aquela música francesa, romântica e melosa havia me arrebatado, eu seria zoado até a eternidade.

Mas o capítulo é sobre a Mari, e você deve estar querendo mesmo saber do vídeo. A repercussão entre os amigos da loira, no banco onde trabalhava Isaura, na academia de balé e nos bares onde ela batia o ponto foi grande. Em questão de dias as imagens foram postadas nas redes sociais, vistas e compartilhadas por muita gente.

Poucos minutos de música bastaram para evidenciar toda a desenvoltura e o carisma avassalador da cantora de cabelos curtos e platinados, que tocava piano como ninguém. A rapidez da internet fez o vídeo cruzar como um foguete a Avenida das Américas em direção ao condomínio de luxo onde viviam Pedro e Theo.

— Achei o quinto elemento. Vocês pre-ci-sam ver! A menina arrasa! — anunciou Babi, com o telefone na mão, puxando o namorado e o resto da banda para o sofá para assistirmos à performance.

— Menina? — estranhou Theo.

— É, menina. Algum problema com o sexo feminino?

— Problema nenhum! Tá maluca? — resmungou Pá, metendo-se no papo e dando um tapa na nuca de Theo. — Cadê? É bonita? É gostosa? Esquece. Se tiver mais de dois dentes na boca é minha e ninguém tasca!

Risos gerais.

— Aperta logo o play, Babi! — pedi, ansioso.

Quem mostrou o vídeo para a namorada de Pedro foi Paulão, que o viu na página do primo-irmão do filho do cunhado de um amigo dele de faculdade. Ou de colégio. Ou algo assim.

Babi, como toda menina empolgada (alguma menina não é empolgada?), deu dois gritos ao assistir ao vídeo. O primeiro, quando teve certeza de que descobrira o quinto elemento da nossa banda sem nome; o segundo, ao prestar atenção nos créditos e descobrir que o restaurante dos garçons-cantores ficava a poucos quilômetros da casa do namorado.

Na noite seguinte, estávamos todos a postos para ver Mari em ação, cantando, tocando, emocionando. Pedro, Babi, Marisa, Paulão, Theo, Pá, Osvaldo, minha mãe e eu.

A maioria dos garçons-cantores era bem talentosa, mas faltava alguma coisa, um sei-lá-o-quê. Quando Mari subiu ao palco, deu para ver que brilharia mesmo no escuro. Tinha uma coisa, um borogodó, como definiu Marisa. E foi ovacionada quando cantou, ao teclado, "Força estranha", do Caetano, famosa na voz do Roberto. (Deixa, eu gosto de falar do Roberto assim. E de Caetano, Chico, Erasmo. Nunca conheci nenhum deles, mas adoro me sentir íntimo dos caras, omitindo o sobrenome. Loucura? Ah, de músico e louco todos temos um pouco. É esse o ditado? Sei lá. Enfim, hora de fechar parênteses.)

Depois de agradar a velha guarda presente, Mari atacou de "Halo", da Beyoncé, surpreendendo no teclado, arrancando da plateia jovem gritos de "Diva!" e "Tudona!".

É. "Tudona". Também nunca tinha ouvido isso. Mas o elogio fazia sentido. Ela era tudo mesmo. Os agudos, as notas prolongadas, a afinação impecável... Tudo de bom.

— Superlativaaa! — gritou uma muito feliz Babi.

Nossa! Que menina original!, pensei na hora.

A namorada de Pedro estava certa. Faltava Mari na nossa banda!

— Assim que acabar vou lá atrás falar com ela. Vai ser demais ter uma garota na banda. Ainda mais uma tão talentosa.

— Talentosa e gata, né não, Paulão? Viram que nariz perfeitinho? Acho nariz perfeito de mulher uma coisa de Deus! — comentou Pá. — De homem eu nem ligo. O do Pedro, por exemplo, é lindo e eu não tô nem aí pra ele — fez graça.

Rimos olhando fixamente para o nariz de Pedro e constatamos que ele era... absolutamente normal. Mais pra feio que pra bonito, inclusive, mas Pá não perdia a piada nunca.

Fim do show, Paulão assumiu o leme do navio e foi conversar com Mari. Em pouco mais de quinze minutos, voltava de braços dados com ela.

— Essa é a mais nova integrante da banda sem nome, rapaziada.

Você deve estar se perguntando quem fala "rapaziada". Paulão falava. O "rapeize" que ele teve coragem de dizer em um capítulo anterior era uma tentativa (fracassada, evidentemente) de modernizar a palavra rapaziada.

Paulão apresentou cada um de nós, falou do sucesso retumbante que faríamos e que os ensaios ocorriam na sua casa. Babi não se conteve:

— Eu que vi seu vídeo! Eu que vi seu vídeo e falei pra todo mundo vir te ver! Eu que te descobri! Eu que gritei 'superlativaaaa'!

Babi ficava ainda mais linda quando sorria. Quando sorria ao mesmo tempo em que falava, então... Era uma explosão de beleza e magnetismo. Ok, próximo parágrafo, rápido!

— Olha só, então você é minha madrinha — constatou a pianista, que de perto tinha voz pequena e rouca e uma timidez impensável para quem a via no palco.

Com um sorriso que mostrava um piercing na parte superior da gengiva (outro bem pequeno adornava a lateral do seu nariz), Mari nos cumprimentou, entre atônita e animada.

— Quando é o próximo ensaio? — perguntou.

— Amanhã, às três! — respondeu Pá de bate-pronto.

Agora a banda estava formada. Fácil assim.

— Não tô entendendo. Além de tocar ela vai cantar também? — perguntou um cabreiro Theo, assim que chegamos ao estacionamento.

— Claro! A menina canta muito, Theo! — assegurou Pá.

— Mas a gente já tem vocalista, pô. Dois, pô! — resmungou o loiro, o vocalista enciumado.

— Várias bandas têm mais de um vocalista, pô — tentei.

— E eu não sou vocalista. Pô — gracejou Pedro. — Faço voz de apoio, dou suporte e tal, mas o papel do vocalista é seu — explicou.

— Mas achei que...

— Deixa de show, Theo. Show é no palco! Amanhã você vai ver que estamos fazendo a coisa certa. O timbre dela combina com o seu! Consigo ouvir a elegância, a parceria refinada, o encaixe primoroso das vozes.

— Parceria refinada? Encaixe primoroso? Amor, esse vocabulário está muito feminino, você precisa ver mais SporTV — implicou Marisa.

No dia seguinte, ensaiaríamos com o furacão Mari.

O show tá começando! O show tááá começaaando!, cantarolei mentalmente "Na frente do reto", do Rappa.

É... O show estava mesmo começando. E agora era pra valer.

Às três em ponto estávamos todos reunidos na casa de Pedro. Sabatinamos Mari com perguntas sobre sua história com o piano, quais suas influências, canções preferidas, gosto musical. Ela contou. E Theo estrilou:

— Não pode! Como uma pessoa gosta de Justin Bieber, Demi Lovato, Elton John, Novos Baianos e Nirvana? É impossível!

— Por quê? Gosto de música que eu gosto, ponto. Não importa quem canta, mas se mexe comigo eu não tenho vergonha de dizer.

"Gosto de música que eu gosto".

Gostei de cara da garota.

— Desculpe, mas não acho que Justin Bieber e Demi Lovato fazem música. Eles fazem lixo.

— Que é isso, Theo? Você já ouviu alguma coisa deles ou é do tipo 'não ouvi e não gostei'? Porque algumas músicas dos dois são realmente boas.

— Mas esse cara é um mimadinho, virou estrela, veio pra cá pichar muro e...

— Não gosto da personalidade dele, cara. Não estou nem aí para o que ele faz ou deixa de fazer fora do estúdio e do palco, quem ele pega ou deixa de pegar. Gosto de algumas músicas, gosto mesmo, e acho que ninguém faz esse sucesso todo impunemente. Você devia dar uma chance ao Justin. E ao One Direction. E à

Lorde, que canta e compõe como ninguém.

— Para! Lorde e Justin Bieber na mesma frase é demais pra mim! Ah, se ela ouve isso!

— Na boa, Theo, preconceito e música não combinam — ensinou. — Não precisamos concordar em tudo, mas queremos atingir muita gente, certo?

— Queremos? — indaguei.

— Ué, o Paulão acha que a banda vai ser um sucesso. Para isso precisamos escolher bem as músicas. Existe música boa e comercial ao mesmo tempo, é possível fazer música vendável de qualidade. Olha a Bey aí! Diva maior!

Uau! Dez a zero para a Mari!

— Olha as coxas da Bey aí... — brincou Pá.

— Ô coxão! — brincou Mari.

— Ai, ela ainda é engraçada! — disse baixinho o baixista no meu ouvido. — Bey é a Beyoncé, né?

— É! — respondi, rindo do palhaço.

— E olha só, já que estou me abrindo com meus colegas de trabalho, se botar um sambinha de raiz dos bons, podem me chamar de neguinha, porque sou loira falsa, nasci com um tufão nos quadris.

— Samba? Ecaaaa! — relinchou Theo.

E enquanto ele relinchava, eu repetia mentalmente "Tufão nos quadris". "Tufão nos quadris". Na hora achei o máximo uma menina de 18 anos falar um negócio desses. Só anos depois descobri que essa expressão está em "Bye Bye, Brasil", do Chico Buarque, que eu, obviamente, só chamo de Chico.

O fato é que todos nós (fora o Theo) estávamos embasbacados com aquela menina alta, talentosa e cheia de opiniões. E era mais velha... E ia tocar com a gente. E ainda sambava! Meu sonho naquele minuto era ver a cabrocha rebolar, rebolar, rebolar.

Mas meu sonho foi cortado por uma voz grossa:

— Alguém me belisca, eu só posso estar sonhando. Linda desse jeito e ainda curte rock e samba? E tem piercing no nariz! E é loira! Completamente apaixonado — disparou Pá. Ao ver que todos olharam para ele, enrubesceu. — Pensei em voz alta? Por favor, diz que não, Pedro!

— Pensou, Pá... — respondeu nosso guitarrista.

Pá tapou o rosto com as mãos.

— Repara não... Ele não está acostumado a ficar muito tempo no mesmo recinto que uma mulher bonita — galanteei.

Mari só ria, de cabeça baixa.

— Não fala assim, Gualter! Estou sempre no mesmo recinto com uma mulher linda: minha mãe — descontraiu o baixista.

— Relaxa. Foi muito bonitinho o que você disse, Pá — sussurrou Mari, com direito a piscadinha de olho para o garoto da mão gigante.

Em pouco tempo de convívio, a loira nos apresentou Susi, que registrava tudo com seu telefone: ensaios, bastidores dos ensaios. Pá investiu na garota:

— Susi, você já quis ter um foguete?

— Não.

— Não?! Por quê?

— Porque não tenho interesse. Como não tenho interesse em aprender *slack line*, saltar de paraquedas e experimentar beterraba.

— T-Tá... Tudo bem... Mas tô falando isso porque eu tenho a maior vontade de ter um foguete.

— Arrã — foi tudo o que Susi conseguiu dizer.

E fez uma indisfarçável cara de tédio.

— Sabe pra que eu quero um foguete? — insistiu Pá.

— Não. Não sei...

— E não quer saber?

— Sinceramente, não, mas como você está louco pra contar... Ã? Para que você quer ter um foguete, Pá? — Susi tentou fazer a fofa, sem, no entanto, conseguir disfarçar a segunda cara de tédio do dia com uma pitada de impaciência.

— Pra poder viajar no céu da sua boca...

Veio a terceira cara de tédio do dia, a maior que vi na vida, misturada com cara de tolerância zero.

— Me erra, Pá! Pô! — pediu a morena, como se vê, docemente.

Susi não estava brincando. Parecia brava. Na verdade, a garota descabelada era calada na maior parte do tempo. Quando falava, frases curtas marcavam seu discurso, mas não demorou muito para baixar a guarda e ficar amiga da galera. Entendemos que era seu jeito, que ela não tinha nada contra ninguém.

Já nas primeiras vezes que levamos um som, deu pra ver que Mari faria mesmo a diferença. Ela era ótima! Estava pronta!

O canto da loira era forte e suave ao mesmo tempo, doce e ácido, e seu teclado caiu como uma luva no nosso conjunto de instrumentos. De pé e com um charme avassalador, Mari tocava e cantava e dançava. Às vezes só dava no teclado umas batidinhas, que faziam toda a diferença na música. Ela era totalmente demais.

Como previu Paulão, o timbre de Mari casou perfeitamente com o de Theo. Verdade seja dita, nosso vocalista se deu muito bem. Apesar de ter um imenso carisma e uma presença de palco rara entre iniciantes, sua voz não impressionava. Ele até que era afinadinho (na maior parte do tempo), mas seu canto não tinha nada de especial. A voz de Mari fez Theo parecer melhor do que ele realmente era.

Mas faltava uma coisa importantíssima:

— Precisamos pensar num nome — comentou Pedro.

— Tá mais que na hora! — concordei.

— Não podemos mais ficar enrolando — disse Theo.

— É! Nome é nome. Se a gente não gostar, é só trocar! Bora pensar! — opinou Pá, empolgado.

— Bora! — vibrou Mari. — Mas antes... que tal a gente tocar um pouco? — sugeriu.

Obedientes, levantamos, ocupamos nossos postos e fizemos o que mais gostávamos de fazer.

A gente enrolava muito quando o assunto era o nome da banda. E acho que nem Freud saberia explicar o porquê.

Com o passar do tempo nossos ensaios ficavam cada vez mais redondos, o entrosamento entre a gente só aumentava, e, quanto mais praticávamos, melhor tocávamos.

Ficou combinado que dedicaríamos um ou dois hits ao rock mais pesado, mas nosso perfil era pop rock, com direito a sucessos brasileiros e até um ou outro reggae mais famoso. Show pra galera cantar com a gente da primeira à última música.

Ao fim das férias, já tínhamos 18 músicas muito bem ensaiadas. Éramos uma banda que se encaminhava para o terceiro mês de vida. Sem nome, mas uma banda com um show pronto. Logo na primeira semana de volta às aulas, soube que no fim de agosto minha escola faria um sarau para apresentar aos pais, alunos e professores os talentos escondidos nas turmas. E qual não foi minha surpresa ao saber que já estávamos inscritos! Não só isso!

"Vocês serão os primeiros, abrirão a noite. É uma música por banda, mas, como vocês vão abrir, terão direito a duas. Então, escolham as melhores e ensaiem à exaustão. Um beijo, mamãe."

E assim, com um recado na caixa postal do meu celular, fui avisado de que faria minha primeira apresentação para um público de verdade em menos de trinta dias. Gente amiga, sim, mas minoria. A minha escola na Gávea era grande, no teatro cabiam umas quinhentas pessoas, ou quase isso.

Mas não bateu medo, os ensaios tinham me dado confiança.

— Caraca, maluco! Tua mãe é muito nossa fã! — comemorou um entusiasmado Pá.

A notícia deixou todo mundo animado, mas escolher apenas duas músicas era difícil. Cada um tinha uma preferida, só que deveríamos escolher não só a preferida, mas a que tocávamos melhor, a que surpreendia, e ainda tinha que ser um super hit. Depois de muito discutirmos... deu Legião na cabeça.

— A minha voz não segura Legião, gente — medrou Theo.

— Claro que segura! A gente não é Renato Russo, a gente vai fazer uma releitura de Renato Russo. Vai ficar lindo, cara! Pode acreditar! — Mari tentou acalmar nosso vocalista.

— É, Theo. A loira tem experiência, confia nela — deu força Pedro.

"Quase sem querer" foi a nossa eleita nacional e, quando queimávamos os neurônios para escolher a internacional, joguei uma ideia no ar:

— Por que em vez de uma música estrangeira não apresentamos uma nossa?

— Porque não temos uma nossa, ué — respondeu Pá. — Aaaah! Você está dizendo para fazermos uma... — complementou em seguida, entendendo enfim o que eu propusera.

— F-Fazermos uma? — repetiu Theo.

— Uma nossa? — Pedro se espantou, com certo brilho nos olhos.

— Nossa? Tipo uma música nossa... — repetiu Mari, incrédula.

— Isso, gente! Caramba! UMA MÚSICA NOSSA! Querem que eu desenhe? — banquei o estressadinho.

— Boa, Gualter Potter! Banda tem mesmo que ter música própria! Arrasou! — estimulou nossa vocalista.

— Mas... c-como? Como se faz uma música? Nunca fiz... — gaguejou Theo.

— Ninguém nunca fez uma coisa até fazer, ué — respondi, com aquela profundidade típica dos adolescentes.

— Podemos compor juntos — sugeriu Pá.

— Bora! — concordou Pedro, já pegando caderno e caneta. — Vamos lá, bora

botar a cabeça pra pensar!

— Bora! — Theo se animou, batendo palmas.

— Boraaaa! — Mari entrou no jogo.

— Uhuuu! — gritei, originalíssimo.

Alguns "uhuuus" e "bora" depois, um silêncio interminável tomou conta do nosso cantinho de ensaio. Nem um mosquito, nem uma mosca, nem uma goteira inconveniente, nem o cara que passava de carro berrando no alto-falante que comprava geladeira velha, lata velha, ar-condicionado velho. Nada interrompeu o maior silêncio já ocorrido em solo terrestre. Talvez o espaço sideral tivesse mais ruídos do que naquele espaço criado para *musicar*.

— Fala alguma coisa em vez de ficar só gravando a gente, Susi — sugeri.

— Estou aqui para pegar imagens dos bastidores. Finjam que sou invisível — respondeu, seca, sem parar de gravar um segundo.

Era difícil ignorar aquele ser descabelado e sem brilho cujo iPhone, de tão inseparável, parecia uma terceira mão.

Mais silêncio. Um cemitério era mais agitado do que nossa garagem naquele momento. Pedro começou a tamborilar os dedos no caderno, Theo estalou os dedos, eu resolvi inflar e desinflar as bochechas, Pá olhava para o teto, olhava para Mari, olhava para o teto, olhava para Mari. Mari, por sua vez, batia uma unha na outra, movimento substituído eventualmente pela batida leve de seus pés no chão.

Ruídos.

Nosso corpo falava.

Nossa mente que não.

Estava ficando angustiante. Muito silêncio para pouca gente. Mudez total e absoluta. Nossas vozes tinham morrido, e estávamos no enterro delas.

Em pouco tempo eu que morreria.

Gosto de silêncio, mas em excesso é pior que perder de goleada para o time adversário. Aquele lugar precisava de vida, não de zumbis com o olhar perdido.

Finalmente Pá deu uma ideia:

— Água? Alguém?

— Boa! — concordamos em uníssono depois de intermináveis dez minutos e trinta e sete segundos que equivaleram praticamente a dez anos e trinta e sete dias.

Voamos para a cozinha e lá chegamos à conclusão de que compor sozinho já devia ser difícil, imagina em grupo. Optamos por pensar em temas para

desenvolvermos uma letra.

— Eu voto em sonho. Todo adolescente tem um sonho — sugeriu Mari.

— Não é meio piegas? — questionou Theo.

— É só não fazer piegas — rebateu ela.

— Acho que relacionamento dá sempre certo — comentei.

— Fim de relacionamento faz o maior sucesso — opinou Pedro.

— Amor faz o maior sucesso — considerou Mari.

— E negócio de autoestima também faz — argumentou Pá.

— O que é 'negócio de autoestima'? — Pedro fez a pergunta que todos queriam fazer.

— Ah. Goste de você do jeito que você é, acredite em você, corra atrás. Ah. Essas coisas, pô.

— Gosto também... — soltou a loira.

Pronto. Agora tínhamos ao menos alguns pontos de partida para nossa primeira música. Compor (ou tentar compor) seria nosso dever de casa aquela noite. Se nada saísse, ninguém ia brigar com ninguém. Talvez não tivéssemos um compositor no grupo.

Agora, além do nome da banda precisávamos compor uma música. É... A coisa estava crescendo.

Terminamos a tarde tocando nossa música da Legião e "Smells Like Teen Spirit", a internacional que escolhemos para cantar no sarau da minha escola. Caso nossa canção não ficasse pronta, precisávamos ter um plano B. E Nirvana é Nirvana, Nirvana é infalível.

O namoro de Pedro e Babi seguia firme, para minha inveja. No começo achei que estava amando loucamente a namoradinha de um amigo meu. Sabia que era errado, fazia o possível para não pensar nela, mas sua figura perfeita invadia minha cabeça nas horas mais impróprias.

— Esquece! Esquece essa garota — dizia para mim o meu lado sábio. — Ela é gata, ela é gente boa pra caramba, mas é do Pedro, pô.

E o Pedro era um dos caras mais legais que eu conhecia. Mas o que eu podia fazer se, independentemente da minha vontade, sempre que Babi adentrava o

recinto eu sentia um treco esquisito, um suor quente subindo para o meu rosto e embaçando meus óculos, o meu coração acelerando?

Mas ela não me dava a menor trela. E, para piorar, pegou o hábito de apertar minha bochecha me chamando de "meu Harry Potter *quelido*". É. *Quelido*. *Tlatado* com toda essa sensualidade e vendo o entrosamento cada vez maior do casal, consegui, aos poucos, tirá-la da cabeça. Era muita areia para o meu caminhãozinho.

Mas na solidão do meu quarto, depois da conversa sobre música, nome de banda e tal, a paixão não correspondida de um menino que passa despercebido pela namorada dos seus sonhos me deu inspiração, e arrisquei escrever alguns versos. E gostei do que escrevi.

Acho que meninas tendem a achar que só elas sofrem por amor ou ficam ansiosas com o primeiro encontro, o primeiro beijo, a primeira vez. Garotos também têm coração, embora muitos sejam canalhas de berço (ou se aperfeiçoem na canalhice com o passar dos anos). Mas não existem mulheres tão ou mais canalhas que homens?

Quis mostrar com a minha composição que os homens sofrem, e choram, almejam encontrar sua alma gêmea. Não todos, evidentemente, mas muitos. O que acontece é que somos mais fechados e não estamos acostumados a contar nossa vida sentimental para qualquer pessoa.

Resumindo, meninas que amam amar bandas tinham grande potencial para gostar da ideia de um menino sonhador, que pena com a rejeição de sua paixão proibida, mas aposta no otimismo para não deixar a bola cair.

Não cheguei a sofrer com a história-que-não-virou-história da Babi, que fique claro. Mentira. Sofri sim. Pouco, mas sofri. Jamais seria capaz de trair o Pedro... Mas sentir o que senti foi um mal que veio para o bem, já que uma música ia nascer por conta dessa não história descabida. Nada na vida é por acaso, não é o que dizem por aí?

Passei a noite em claro, as palavras entravam no meu cérebro sem pedir licença, as rimas aconteciam naturalmente. Amor não correspondido, um coração devastado. Não tinha rolado com ela, rolaria com outra menina (ou com ela mesmo) na hora certa, no momento certo. "O amor sempre vem na hora certa". *Verso bom!*, comemorei. Era um romântico na hora de compor!

Certa rima com esperta..., cheguei à dificílima conclusão. "O amor sempre vem na hora certa / Ainda mais se a garota for bonita e esperta". Opa! Além de romântico

eu era engraçadinho compondo também. E meninas gostam de rir, é o que elas vivem repetindo.

Perdi a hora para o colégio e mal prestei atenção nas aulas. Contava os minutos para sair do ambiente escolar e ir mostrar minha letra para a galera.

Contudo, mesmo com os versos no caderno, que estava na mochila, e as mãos molhadas de um suor ansioso, cheguei à casa do Pedro e não falei nada pra ninguém. Passei o tempo me questionando se mostraria ou não o que escrevera para eles. E se achassem um lixo? Rimas pobres e desprezíveis?

Mas… e se eles gostassem e acrescentassem versos? Tornassem a letra melhor? Lapidassem o que eu tinha feito?

Nem tive muito tempo para me ater a tantas interrogações. Babi, agitada como sempre, entrou no nosso canto da música enquanto Theo e Pedro afinavam os instrumentos e eu comentava o jogo da noite anterior com Mari, Susi e Pá.

— Pensei em Banda Larga. O que vocês acham?

— Cafona — respondeu Susi.

— Por quê? Tem tudo a ver com a gente, com a nossa geração! — discordou Mari. — Gostei, madrinha.

— E vocês, o que acham? Amor?

— Não é muito óbvio? — questionou Pedro.

— Já não existe uma banda com esse nome? — suspeitou Theo.

— Acho que não!

— A minha mãe sugeriu Beijo. Pra homenagear o Kiss — contei.

E narrei o diálogo que acontecera mais cedo na minha casa, na mesa do café da manhã.

— Por que vocês não botam Beijo? — questionou ela. — Meninas e meninos amam beijo, e vocês ainda fazem uma referência ao Kiss e homenageiam a mamãe aqui.

Quim engasgou nesse momento. Pobre pirralho. Nem ele acreditou no que ouviu.

— Beijo? Banda Beijo? — repeti, perplexo.

— Isso! Nem tinha pensado em botar a palavra banda antes, mas fica bom. Que nada, fica ótimo! Beijo. Banda Beijo. Ééé!

— Mãe, Banda Beijo é uma banda de axé. Baiana. Trio elétrico. Micareta. Abadá. Sai do chão, galera.

— Mesmo se não fosse. Acabei de me ouvir falando Banda Beijo. Banda Beijo definitivamente não é um nome legal para uma banda de rock.

— Pop rock.

— Ou isso. Acho que botaram algo no meu café com leite. Foi o Quim, aposto! Calei a boca agora! — exclamou, enchendo a criança de beijos.

Todo mundo riu da história e o clima deu uma amenizada.

— E você, Susi? Por que não sugere um nome?

— Não estou aqui para sugerir nada, Gualter Potter, já expliquei mil vezes, estou aqui para gravar os bastidores da formação de uma banda — respondeu, de celular na mão, registrando o diálogo.

— Mas criticar você pode, né? — espetou Babi.

— Pensei em Su — disse Pá.

— Su? — repetimos em uníssono.

— Su de Susi? — indagou a descabelada, com um quase imperceptível brilho nos olhos.

— Não, Susi... Adoro você, mas 'Su' é abreviação de sucesso.

— Cavaleiros da Barra! — soltou Theo.

— Vocês não vão comentar meu Su?

— Claro que não — zoou Pedro. — Agora... Cavaleiros? Onde é que tem cavalo aqui, maluco?

— Távola! Távola! Távola! — berrei feito louco. — Cavaleiros da Távola Redonda.

— Batido. Mas Távola é um nome bom — argumentou Mari.

— Távola do Paulão — opinou Pá. — Tavolão do Paulão!

— Vocês ignoraram Banda Larga? É isso mesmo? Esse nome sensacional? — brincou Babi.

— Banda Linda — sugeriu Mari.

— Bunda Linda — implicou Pá.

— Brigada, Pá. É mesmo. E olha que eu nem malho — Mari entrou na brincadeira.

— Tu ainda vai ser minha. Escreve — retribuiu Pá, mais vermelho que um gringo que vai à praia e esquece no hotel o protetor solar.

— A gente é uma banda nova, e uma banda nova tem que ter um nome diferente, forte — opinei.

— Maria de Lourdes! Maria de Lourdes! Maria de Lourdes! — gritou Babi, no que pareceu ser um surto psicótico.

— Quem é essa? — perguntou Pedro, espantado.

— A banda!

— A banda vai se chamar Maria de Lourdes? Tá louca, amor? — indagou Pedro.

— Nada louca. Forte, novo, diferente, inusitado! E um personagem que eu adoro! Que fez parte da minha adolescência!

— Sua adolescência continua, você tá ligada, né? — implicou Pá.

— Que tal Banda Nova? — sugeri.

— Banda Nova. Banda Nova... Taí. Eu gosto — elogiou Theo.

— Vão me ignorar pela segunda vez consecutiva? — brincou Babi.

— Não vão confundir com o Roupa Nova? — argumentou Mari, desprezando solenemente Babi.

Todos desinflamos.

— E Banda Boa? — Pedro veio com essa.

— E Bandalha? — Paulão chegou chegando, trazendo cookies de chocolate quentinhos, que ele mesmo tinha feito.

— Bandalha? O que é isso, pai?

— Você não sabe? Fala sério, Pedro! Todo mundo sabe o que é bandalha! Não sabe?

Todos nos olhamos, sem graça.

— Uma transgressão, um negócio ilícito! Quando alguém faz uma coisa errada no trânsito, pega uma contramão, por exemplo, se diz que o sujeito está fazendo uma bandalha — explicou Paulão. — Caramba! Ô gente inculta! Droga, não pode ser bandalha, então.

— Espantalhos suicidas! — pirou Pá.

— Oi?

— Nomes diferentes causam impacto, Babi.

— Bacia Calcificada! Espasmo Interrompido! Seio de Virgem! — Pá desandou a falar. — Não? Ah, vocês não entendem minha criatividade sensacional, viu? Desisto. Cágado Acéfalo! Cágado Acéfalo! Adoro "acéfalo"!

O *brainstorm* continuou por mais uma meia hora, e não chegamos a nenhum nome. Mas, antes de levarmos um som, tomei coragem:

— Vocês escreveram alguma coisa?

Não. Ninguém havia escrito. Theo disse que era ruim de rima, Mari que não nascera para compor, só para cantar, Pá confessou que tentara, mas só tinha saído baixaria de sua cabeça, quase um funk proibidão, e Pedro comentou que conseguira pensar apenas na melodia.

— Eu... Eu... Eu pensei numa letra — comecei, dando uma leve e tensa pigarreada. — Trouxe pra ver o que vocês acham. Ó, é só um rascunho, hein? Escrevi rápido, sem pensar muito, nem revisei — menti.

Tremendo, peguei o caderno em que tinha escrito os versos de amor não correspondido. Li pausadamente, tentando disfarçar o nervosismo de ler para todos, inclusive Babi, o objeto da paixão da letra (segredo que jurei que levaria comigo para o túmulo), a simpática Susi e Paulão.

Amor na hora certa

Gualter Vianna

Era amor
Mas pra ela eu era invisível
Era paixão
Mas pra ela era inconcebível

A menina linda do cabelo preto
Já era comprometida
Ah, se eu tivesse um tipo de amuleto
Faria ela ser minha pro resto da vida

O amor sempre vem na hora certa
Ainda mais se a garota for bonita e esperta
Mas não era bem por aí
Sei que até gostava de mim,
Mas namorava um palhaço
É por isso que eu tô aqui
Cantando pra você me ouvir,
Só quero sentir seu abraço

Mentira! Eu quero muito mais
Quero te dar beijos sensacionais
Porque a paixão é cega, surda, burra e jaz
Dentro do meu peito e eu não tenho paz

A verdade é que eu sou mais eu
Melhor do que o boçal que ela escolheu
Um dia ela vai descobrir
Que errou bem feio e vai correr pra mim

E aí eu vou te consolar
Pra sempre vou te amar
Errado ou proibido
Mas para mim tudo faz sentido

Antes que você, caro leitor, pense mal de mim... não, Pedro não era um palhaço, muito menos um boçal. Mas é o que os compositores chamam de licença poética. Era o que rimava, foi o que veio à minha cabeça adolescente naquela noite insone.

Quando terminei a leitura, mantive meus olhos no caderno, cujas folhas estavam quase grudadas nos meus dedos molhados.

O silêncio me matou, mas nada me fez levantar o olhar para conferir a reação das pessoas.

— Caraca, *mermão*! Tá demais! — elogiou Pá.

— Você escreveu tudo isso numa noite?! — vibrou Theo, parecendo bastante impressionado. — E eu que achei que baterista só batucava. Você pensa também!

— Rá. Rá. Nossa. Que. Engraçado — reagi, seriíssimo.

Um saco essa implicância com baterista.

— Vai ficar irada quando eu botar a melodia que já estou pensando! — comemorou Pedro.

— Sério? Mas tá mais poesia que letra, não tem refrão, nem sei o que pode virar refrão, o que a gente repete, se a gente repete, quantas vezes a gente repet...

— Gualter, isso é o de menos agora! Essa letra está supimpa! — elogiou Paulão.

— Você com essa carinha de personagem de livro britânico escondendo o jogo, hein? Parabéns!

— Essa história aconteceu mesmo? É inspirada em fatos reais? — quis saber Mari.

— Harry Potter, não me diga que alguma menina teve a sorte de ser amada por você e o ignorou? Quem é essa louca que não largou o namorado pra ficar com você? Fala que vou lá a-go-ra meter a mão na cara dela! — questionou Babi, minha musa inspiradora.

Confiante, feliz e aliviado com o aplauso geral, respondi:

— Que nada, gente! Depois de tudo o que a gente conversou, falei com meu padrasto, e ele deu a ideia de fazer uma composição que falasse de amor não correspondido.

— Mandou bem o seu padrasto! — celebrou Paulão. — Músicas de paixões mal-resolvidas sempre dão certo.

Mais tarde, depois do jantar, tive de contar para o Élcio que a ideia da música tinha sido dele. Sabiamente ele não entrou numa de fazer perguntas, de apurar detalhes. Apenas brincou:

— Você manda, parceiro! Mas quero uma porcentagem dos direitos autorais, hein?

Por que mulheres não conseguem ser sucintas assim?

Mais tarde mostrei a letra para minha mãe. Ela sentou-se para ler, leu com atenção, vagarosamente (devagar demais para o meu estado de ansiedade), terminou de ler, pousou o caderno na mesa e ficou um minuto em profundo silêncio.

Não demorou para que seus olhos se enchessem d'água, elogiou, disse que no futuro seria conhecida como a mãe do melhor baterista e compositor da história da humanidade, me chamou de gênio, de monstro da música (mães!) e disparou, sem respirar ou sequer me dar tempo de responder:

— Quem é a garota estúpida que não nota meu bebê? Quem é o palhaço? É amigo, muito amigo ou pouco amigo? Eu conheço? Porque ficar com namorada de amigo é crime, mas de conhecido, parente distante, amigo de amigo, vizinho feio... isso tudo bem... Quem nunca?

Dona Perla e suas sempre precisas considerações *perlísticas*. Tadinho de mim.

Na casa de Pá, Diba continuava fuçando coisas, abrindo relógios e equipamentos eletrônicos para... fechar quando terminasse de fuçar. Sua nova mania era tentar entender como funcionavam as engenhocas.

Ao ver seu caçula mexendo com afinco no relógio da parede da cozinha, Flora, debochada, não resistiu:

— Vai ser relojoeiro!? Boa, filho! Minha velhice está garantida com o rio de dinheiro que você e seu irmão baixista vão ganhar.

— Que pensamento mais antiquado! — repreendeu Osvaldo. — Não fala assim, o menino é ótimo! E a gente quer que nossos meninos sejam felizes, não que nos sustentem no futuro. Não tivemos filhos para isso, Flora.

Diba sorriu orgulhoso para o pai. O futuro era a última de suas preocupações. *Como adultos são chatos!*, ele concluiu enquanto sorria em silêncio, após ouvir mais um resmungo materno.

Alheio a tudo, Pá continuava se apresentando para plateias imaginárias no seu quarto quando estava em casa. Seus dias se resumiam a escola, casa do Pedro, sua casa.

Nós cinco não éramos de sair juntos à noite. Éramos ótimos levando um som, mas nossa relação se restringia aos ensaios e ao contato diário por conta da banda. Cada um tinha sua vida fora dali.

As poucas vezes em que Pá saía, ou era com seu pai, para vê-lo tocar ou para assistir ao show de algum amigo dele, ou era com amigos que ele nunca apresentava para a família, mas que garantia à mãe serem "do bem, todo mundo da paz". Voltava tarde, como todo menino de 17 anos que falsifica a identidade para se jogar na noite, mas se tinha aula ou ensaio no dia seguinte permanecia cheio de disposição para acordar cedo e tocar horas a fio.

Com a banda indo de vento em popa e sem o apoio que gostaria da mãe, mas com toda a força do pai, Pá até melhorou nas notas. E também cortou um pouco o cabelo depois que Mari, munida de toda a sinceridade do mundo, disse a ele que tinha aspecto de sujo.

Marilene, empregada da família havia uns sete anos, começou a faltar sem avisar, a chegar atrasada. Flora, irritada como sempre, se descontrolava:

— Eu e o Osvaldo trabalhamos fora o dia todo. Esses meninos não comem se

você não vier, Marilene! Não conhece adolescente?

— Desculpa, dona Flora...

— O que está acontecendo?

— É que meu marido levou um tombo no trabalho. Eu tenho que ajudar ele a tomar banho, a se vestir. Mas já está melhorando, a senhora não precisa se preocupar...

— Entendo. E vou rezar para ele melhorar logo. Mas quando você souber que vai se atrasar ou faltar, liga para avisar! Manda uma mensagem pelo celular! Assim eu tento arrumar alguém ou deixo pronta alguma coisa pros meninos.

— Sim, senhora. Pode deixar que isso não vai mais acontecer.

— E por favor, Marilene, faz dois dias que você queima o arroz integral do Pá. Fica atenta hoje, tá?

— Pode deixar, dona Flora.

Flora tinha coração mole. Podia não parecer, mas tinha...

— Desculpa, Marilene. O seu marido convalescendo, e eu pensando em arroz integral. Se quiser ficar uns dias em casa cuidando dele...

— De jeito nenhum, dona Flora! Preciso trabalhar. Mas muito obrigada, viu? Pode ficar tranquila que vou fazer meu trabalho direitinho, como sempre fiz. Gosto de quem come minha comida com vontade! Adoro esses meninos!

— Eles também te adoram!

Nessa noite, Osvaldo, sempre pacífico, disse que ele e a mulher deveriam ter mais paciência, que Marilene era de confiança, gostava dos garotos e fazia o melhor feijão que comera na vida.

Ao pegar o uísque que tomava umas cinco, seis vezes por ano (se isso) quando queria relaxar e tocar, a surpresa:

— Não sei se esse é 'O' problema, mas é 'um' problema com certeza.

— O que foi? — perguntou Flora.

Osvaldo mostrou a ela a garrafa do 12 anos que mantinha no bar.

— Está pela metade. Acho que nossa empregada anda bebendo meu uísque.

— O quê? Não posso acreditar! A Marilene deu pra encher a cara agora?

— Eu quase não bebo, e você odeia uísque. Quem mais beberia?

— Tem certeza que não bebeu mais nos últimos tempos?

— Tenho, claro!

— Por isso os atrasos, as frases curtas, o trabalho displicente. Tá trabalhando bêbada.

— Que situação, meu Deus! Que situação...

Eles só não sabiam que o problema era muito maior do que imaginavam. Não era Marilene a responsável pelo sumiço da bebida.

Tinha ficado com Távola na cabeça. Proparoxítonas são palavras fortes. Mas Távola era um nome ridículo. Patético.

No nosso encontro seguinte, disse a eles o que pensava:

— Banda forte, palavra forte.

— Bateras e suas opiniões sempre cheias de conteúdo e relevância — debochou o palhaço do Pá.

— O que seria de nós sem esse pensamento forte, Gualter? — troçou Theo.

— Para com essa coisa de me zoar! Menor graça, pô!

— Ah, é engraçado, vai — discordou Mari.

— Bateras são zoados desde que o rock existe, Gualter, vai se acostumando — disse Pedro.

— Por quê? — questionei, pau da vida.

— Acho que essa implicância vem da ideia de que bateristas são só ritmistas e não músicos de cordas, que dominam harmonia, melodia, essas coisas — explicou o guitarrista.

Motivo tosco, pensei.

Paulão, que acabara de adentrar o recinto com sanduíches e suco de caju pra gente, continuou a explicação:

— É isso aí, Gualter. Apesar de a bateria ser um instrumento crucial no rock, existe entre os músicos uma espécie de hierarquia. Uma bobagem, mas é como se os caras da harmonia se sentissem superiores aos ritmistas, entende? Acham que são mais sofisticados do que uma mera percussão. Sei disso porque um amigo meu na época da faculdade era batera e sofria essa espécie de bullying dos outros integrantes. Mas levava na boa.

Revirei os olhos, respirei fundo e continuei minha linha de raciocínio:

— Como eu ia dizendo... Acho que a gente deve insistir numa proparoxítona. Távola não rola, mas outra melhor pode surgir.

Paulão opinou:

— Proparoxítonas são difíceis de falar, não são palavras amigáveis.

— Pai, desde quando uma palavra é amigável? Não viaja!

— Pedro, existem palavras simpáticas e outras antipáticas. Proparoxítonas são uma bomba!

Paulão acabou comigo.

— Bomba... Bomba... — repeti baixinho.

— Por que não Os Simpáticos? — sugeriu Pá, sem sombra de deboche.

— Porque é péssimo! — contrariou Mari. — E não somos péssimos, somos ótimos.

— Olha aí, gente! Nossa vida é cheia de proparoxítonas! — insisti.

— Gualter Potter, estou com você! Gosto de proparoxítonas — incentivou Babi.

— Já disse, acho uma bomba. Vocês precisam de um nome à altura de todo o sucesso que está por vir. Vocês serão grandes e vão explodir rápido, podem anotar!

— Pólvora! — gritei.

— Pólvora? — repetiu Theo.

— Hum... Pólvora... — sensualizou Mari, sorrindo com todo o rosto.

— Pólvora explode rápido! E faz explodir os fogos de artifício, o que pode render uma ideia boa pra nossa logomarca! — comentou Pedro, empolgado.

— Logomarca? A gente vai ter logomarca? — Mari ficou curiosa.

— Acho que sim! Mas se a gente não tiver logo, pelo menos CD vamos ter.

— Vamos ter CD, Pedro? — indagou Pá.

— Mesmo nos dias de hoje, vocês acham necessário ter CD? — indagou Paulão.

— Ah, pai, dá uma moral ter CD. Mesmo que só venda em lojas virtuais, vai ter uma capa maneira, com logo.

— Com vocês, minhas colegas de auditório... Rarraaaai! Banda Pólvoraaaa! — Babi bancou a Silvia Santas, na pior imitação já feita do Homem do Baú.

— Com vocês, Pólvoraaaa! Ô louco, meu! — fez Theo, barrando Babi no quesito imitação com o pior Faustão de todos os tempos.

— Agora a mais pedida do dia, da Pólvora! — Mari fez a locutora de rádio.

— Eu gosto! — vibrou Pá.

— Eu também. Muito! — concordou nossa loira.

— Paulão? — perguntei, louco para saber a opinião do nosso mentor.

— Quer saber? Acho Pólvora ótimo. Fantástico.

— Um espetáculo, Gualter Potter! — celebrou Babi, batendo palminhas animadas e, saco!, apertando minhas bochechas.

— A gente pode não ter logomarca ainda, mas já temos nome e a primeira música — vibrou Pedro.

— Já temos a primeira música? — repeti, entre agitado e assustado com a velocidade dos acontecimentos.

— Sim. Ou você pensa que só você é rápido aqui? Passei a noite desenvolvendo a melodia e acho que cheguei muito perto do que vai ser nossa primeira canção.

— Letra da primeira música e nome da banda são de quem? De quem? Do batera! — bati no peito, orgulhoso. — Quem vai zoar a cozinha agora, hein? Quem vai!?

Os palhaços todos vieram pra cima de mim, bagunçaram meu cabelo, gritaram, apertaram minha bochecha, me apertaram, fizeram cócegas.

Como eu adorava aquela turma!

— Vocês estão falando primeira música? Não! Sucesso. Primeiro sucesso. Pensem grande para atrair grande — ensinou Paulão, botando ordem na bagunça.

— Aqui, Gualter... Troquei umas palavras, vê o que você acha — avisou um tímido Theo. — Tava tudo tão bom, fiquei meio sem graça de botar a mão no seu trabalho, mas acho que tá mais legal agora. Só muda se você quiser, valeu?

— Claro! — concordei.

Nosso vocalista trocou seis por meia dúzia na minha letra. Não acrescentou nada, mas tampouco arruinou o que eu tinha feito. Vou contar: Theo trocou "boçal" por "idiota", alegando que "ninguém sabe o que é boçal". Engoli o "idiota" sem problemas. Mas a outra troca sugerida, "um tipo de amuleto" por "um mínimo amuleto", todos achamos desnecessária.

Não seria eu o estraga-prazeres que tiraria do Theo a chance de assinar a música comigo e o Pedro. Li ali mesmo a mudança e comemorei:

— Tamos juntos, parceiro!

Mesmo com uma única palavra em toda a letra, mantive o nome do Theo ao lado do meu como compositor de "Amor na hora certa". Sim, sou gente boa desde pirralho.

Pedro mostrou a melodia. Era boa! Um roquezinho grudento e cheio de personalidade. Logo fui para a batera para acompanhar. Mari grudou em Theo para ler e cantar com ele a letra, Pá partiu pro baixo e Pedro, na guitarra, deu show.

Ficamos ajustando o arranjo, um dando pitaco no instrumento do outro, totalmente entrosados, como um time de verdade. E foi ficando boa a coisa.

Resolvemos colocar na música um pequeno solo de cada instrumento, para mostrar como todo mundo estava tocando bem — mas quem arrasou mesmo nesse quesito foi o Pedro, claro.

Justamente naquele dia Susi não estava lá para registrar o momento mais esperado das nossas vidas até então. Mas Paulão, com os olhos rasos d'água, estava. E com seu telefone fez o papel de *camera man* com direito a closes da gente, *takes* dos instrumentos, fotos, muitas fotos.

— Vocês vão longe! Escutem o que eu digo: vocês vão longe.

A confiança do Paulão era tanta que parecia que o futuro tinha ido ao presente só para sussurrar no seu ouvido que seríamos um sucesso retumbante.

Quantas bandas se formam e ninguém torce por elas? Quantas bandas se formam e, mesmo com toda torcida e certeza de que terão êxito, fracassam? Quantos artistas, mesmo com grana e gente conhecida no meio da música, dão errado? Paulão era o pai mais incentivador do planeta, o cara que mais acreditava na gente. Bonito ver a emoção dele.

Então ficou decidido:

— Sai Nirvana, entra Pólvora — estipulou um muito confiante Pedro, depois de três repetições da nossa música, uma melhor que a outra.

Ele se referia ao evento na minha escola, claro. Na nossa apresentação, "Quase sem querer" e... "Amor na hora certa", nossa primeira música.

Fui para casa feliz, mas se me contassem o que estava por vir eu não acreditaria.

No dia da apresentação, estávamos todos apreensivos. Abriríamos o sarau por um nepotismo escancarado da diretora da escola, que vinha a ser minha dileta mãe. Ou seja, mérito nenhum nosso. A gente só estava lá porque ela quis e ponto final.

O teatro era um mundo de gente! Gente da nossa idade, gente mais nova, gente que dava aula, pais, mães, avós... No camarim, de mãos dadas, fizemos a espécie de oração que Theo havia nos ensinado.

Acostumada a cantar na noite, Mari era a mais calma, e ternamente tranquilizou a todos dando um longo e demorado abraço em cada um de nós, dizendo baixinho: "Vai dar tudo certo. A gente tem que se divertir."

Quando o locutor anunciou a banda, lembro que senti uma corrente gelada cruzar minhas costas. Gelada nível Polo Norte. Eu estava assustado, ansioso, feliz. Sonhara com aquele momento três noites seguidas. Todos da banda estavam assim.

— Com vocês... Pólvoraaaa! — gritou a voz no microfone.

Entramos tímidos, acenando sem graça. Ganhamos logo de cara uns gritinhos histéricos (eu não, Theo e Pedro, anos-luz mais bonitos que eu e Pá) e ocupamos nossas posições mais confiantes com o calor que veio da plateia.

Respirei fundo de olhos fechados. *É agora!*, pensei e bati minhas baquetas para dar início ao show. "Quase sem querer" foi o maior sucesso, muito legal ver várias gerações cantando encantadas uma música dos anos 80. Música, não. Clássico. Defendido com louvor por Theo e Mari, que mandaram muito bem. Aplausos animados e o primeiro alívio do dia.

Mas depois da Legião vinha o pior. Ou o melhor, dependendo do ponto de vista. A minha música seria ouvida pela primeira vez por um monte de gente. Medo.

— Agora vamos tocar uma parada nossa, "Amor na hora certa", minha, do Pedro e do nosso batera, Gualter. Mas podem chamar o cara de Harry Potter que ele atende.

Ri do meu banquinho com uma pequena parcela de raiva por Theo ter dito que a música era dele, do Pedro e minha. Por que não MINHA e deles? O Pedro tudo

bem, fez a melodia, mas achei que eu deveria ser citado antes de todos, já que o Theo não fez praticamente nada.

Também não gostei nem um pouco de ver minha música ser chamada de "parada". Pô! Parada é qualquer coisa — guardanapo usado, guimba de cigarro, cuspe, remédio pra tosse, caderno velho, desodorante pra chulé... Música é música! Mas tudo bem, não foquei nesse senão. Sabia estar vivendo uma emoção única e não podia estragar aquele momento lindo, o mais importante da minha vida até então.

Tocamos muito melhor do que nos ensaios, deu tudo mais do que certo, parecia até playback de tão perfeito!

Fomos ovacionados. A música era um hit! Um hit instantâneo! Foi impressionante. O que parecia impossível aconteceu: o público que lotava o teatro aprendeu na hora e cantou junto com a gente o refrão: "O amor ô ô sempre vem na hora certa a a / Ainda ma a ais se a garota for bonita e esperta a a." Mari, em seu momento solo, arrancou gritos e aplausos animadíssimos, Theo segurou no carisma todo o tempo e acho que fiz meu papel direitinho.

Lembro-me de Pá e Pedro, enquanto tocávamos, olharem pra mim meio boquiabertos, surpresos com a reação do público, em êxtase com a gostosa sensação de sermos o centro das atenções por uma canção bem executada. Não conseguia parar de sorrir. Batia com força na batera, era minha letra, minha letra, caramba!

Agradecemos sob aplausos que pareceram intermináveis. Saímos do palco pela coxia e logo dei de cara com minha mãe, mais sorridente do que nunca, com um careca branquelo e sarado, que devia ter seus 45 anos.

— Filho, esse é o João, pai da Carla Branco, que entrou na escola no ano passado. Ele quer que vocês toquem na festa de 15 anos dela! Iei! — tagarelou sem respirar, tal qual uma adolescente.

— Vocês topam? Com quem eu falo para ver orçamento e condições? — questionou o careca.

Orçamento? Condições? Meu Deus! Que palavras sérias! E como eu adorei ouvi-las!

— F-Fala com... com o... com o P... — As palavras não saíam, de tão atônito que fiquei ao receber uma proposta de trabalho ainda no palco. — Com o Paulão. Vou te passar o contato dele.

De repente, não mais que de repente, tínhamos um show para fazer. Num evento grande, uma festa de 15 anos, data importantíssima para qualquer menina.

— Moramos em Lisboa por 10 anos, Carla foi pra lá com 5 aninhos, pensamos que sua adaptação aqui seria difícil, mas professores e alunos a receberam tão bem que essa festa vai celebrar seu aniversário e também nossa volta ao Brasil — explicou. — Vai ser festão, viu? Convidamos trezentas e cinquenta pessoas.

Tentando fazer uma cara nada boquiaberta e nada espantada, ouvi tudo como se fosse a coisa mais corriqueira do mundo me apresentar em festões.

— Show! — foi a única coisa que consegui dizer.

Fui brecado por João.

— Só tem um problema: a festa é daqui a quinze dias, já está tudo reservado há um tempo, mas ela gostou tanto da Pólvora que não resisti em acrescentar uma banda para animar a festa ainda mais. Vocês dão conta de montar um show até lá?

— Claro! — respondi na lata.

E corri desembestado para contar a novidade para todo mundo.

— A brincadeira vai virar trabalho, cabeçada! — comemorou Mari.

E lá íamos nós preparar o primeiro show com cachê da nossa vida!

— Fiquem felizes, o meu primeiro cachê foi um sorvete! — contou nossa vocalista/tecladista, lembrando a primeira vez que se apresentou em público, numa festa da igreja que sua avó frequentava, quando tinha 12 anos. — Pago pela minha mãe, mas ela só me contou anos depois, então eu considero cachê.

Comemoramos com um jantar na casa do Pedro. Paulão fez questão de celebrar o sucesso e chamou pais, mães, namoradas (no caso, só a do Pedro) para brindarmos "ao começo de uma nova era". *Como o Paulão é exagerado*, pensava.

Mas não. Paulão tinha tino comercial, faro para perceber o que estava por vir.

No dia seguinte, conhecemos Carla, uma menina que, apesar de brasileira, falava com um sotaque lusitano, ó, pá, de categoria. E falava rapidíssimo, comia as sílabas, era agitada e muito animada. Às vezes era difícil entender o que dizia.

— Oi? — perguntou Theo certa vez.

— Adoro esse 'oi' de vocês quando não percebem o que digo.

— Não PERCEBEM? — Pá ficou curioso.

— Não entendem! — explicou ela, tentando imitar o jeito de falar carioca.

Carla queria botar todo mundo pra dançar com nosso show, a noite teria que ser

inesquecível. Mas um pedido em especial tocou o grupo: Carla fez questão de que cantássemos "Amor na hora certa".

— Essa é a música da minha vidaaaa! — confessou com várias vogais.

E eu fiquei todo bobo por ter feito a música da vida de uma pessoa.

O show teria doze canções, com direito a um bis.

— Mas tem que ter One Direction. "What Makes You Beautiful" é a música da minha vida.

Menina volúvel!, julguei (julguei mesmo, o ser humano julga os outros seres humanos, é assim que funciona por mais que ninguém admita) ao entender, ou seria perceber?, que a nossa debutante tinha várias músicas da vida.

— One Direction? Nem pensar! — estrilou Theo.

O restante da banda condenou sua reação de olhos e narinas abertos. Era como se disséssemos "Tá maluco?".

— Não é bem assim! — tentou apaziguar Pedro.

— Não! É assim sim! — insistiu nosso vocalista, mais exaltado do que deveria. — Esses caras não têm nada a ver com o som que a gente faz.

— Theo, ela gosta, ELA é a aniversariante — ponderou Mari.

— Se a Carla quer que a gente toque "What Makes You Beautiful", pode ficar tranquila que a gente vai tocar. É a música da vida dela — complementou Pedro.

— Essa e a "Amor na hora certa"! Estamos bem na fita, cara! Nós e One Direction, que é famosa no mundo todo! — descontraiu Pá.

Theo baixou a cabeça.

Carla não suportaria nem um segundo de silêncio.

— Então pronto. Espetacular! Que bom que vocês me entendem. Viva One Direction! Viva Pólvora!

— V-Vi-va! — fui o único a gritar, com direito a braço ridiculamente levantado e um quê de constrangimento no momento do grito, motivo de olhares de questionamento dos meus colegas de... trabalho.

— Vai ser o show dos meus sonhos, a festa da minha vida!

É, Carla Branco era realmente intensa em relação a músicas e festas. E provavelmente a muitas outras coisas. Estava vendo a hora em que ela diria que a caneta com que Pedro anotava o repertório era a caneta da sua vida. Ou melhor, da sua vidaaaa.

No caminho para a casa do Pedro, conseguimos convencer nosso vocalista loiro

de que não tínhamos cacife para discutir com a aniversariante.

— A gente não tem cacife? Que palavra é essa, Gualter? Qual é? Fala português, cara! — relinchou Theo, irritadíssimo. — É cacique que você quer dizer?

Não. Era cacife mesmo. A gente não tinha força! Nós, os contratados, não tínhamos condições para bater de frente com a contratante. Ela estava dando à banda sua primeira grande oportunidade.

Pedro me entendeu.

— Quando a banda for famosa... Se ela ficar famosa, como o meu pai acha, vamos ser contratados pelo nosso repertório, pela nossa trajetória. Aí, sim, vamos ter cacife para bater de frente com uma aniversariante, uma noiva. A gente AINDA não tem. Então vamos entubar o One Direction, que não é ruim como você pensa — argumentou nosso guitarrista.

— Eles são bons! Dá uma chance a eles que você vai ver!

— Para, Mari! — bronqueou Theo. — Na boa, acho que vocês deviam ter ficado do meu lado lá com a Carla. Ser desmoralizado na frente da garota foi péssimo.

— A gente não te desmoralizou, só olhou feio pra você entender que estava fazendo besteira — expliquei.

— Ah, cala a boca, moleque!

— Vem calar! — reagi, irritado.

O clima pesou, mas tudo se resolveu na casa do Pedro, onde fazíamos com amor e afinco (por mais cafona que isso possa parecer) o que nos unia: música.

Bom ser homem nessas horas e não entrar numa de discutir a relação. Se fôssemos meninas, ficaríamos estremecidos por um tempo e teríamos longas conversas sobre o atrito. O nosso estresse durou três minutos.

Sabíamos que o show seria ótimo, mesmo juntando as músicas que gostávamos com as que Carla gostava. Além de "What Makes You Beautiful", tocaríamos "All that Matters", do Justin Bieber, e "Give Your Heart a Break", da Demi Lovato. A aniversariante dizia ser Lovatic, uma fanática por Demi, pelo que entendi. Theo, ó, que surpresa!, quase teve um treco quando ela acrescentou essas duas ao repertório no dia seguinte ao nosso encontro.

Ensaiamos exaustivamente. Pela primeira vez me senti um profissional da canção. Nossa, essa foi péssima. Mas como não sou um escritor profissional, sigamos em frente. O show seria importante para Carla e para nós, que teríamos a oportunidade de mostrar nosso trabalho para gente de bom gosto, com grana (o

pai da moça era alto executivo de uma multinacional), num lugar maneiríssimo.

Nunca dada a atrasos, Mari chegou quinze minutos depois do horário marcado num dia, trinta no outro, quarenta e cinco em um terceiro, na véspera da festa.

Estavam exigindo cada vez mais da menina no restaurante dos garçons/cantores, onde ela trabalhava até tarde da noite. Como a loira precisava da grana (de todos ali, ela era a única que realmente precisava ganhar dinheiro), nós relevamos. Apesar de chateados, compreendemos. Menos o Pá.

— Ai, gente, desculpa, perdi a hora de novo, isso não vai mais acontec...

— Não vai mais acontecer, não vai mais acontecer... — cortou Pá, em tom de deboche. — Você fala isso há dias! E hoje é nosso último ensaio antes do aniversário da garota, caramba! — estourou o baixista da Pólvora.

Climão.

Mari ficou nitidamente surpresa com o tom ofensivo do sempre gaiato e galanteador Pá.

— Desculpa! Não é fácil dormir de madrugada, acordar cedo, ter três empregos, arrumar a casa toda...

— Ah! Para justificar tantos atrasos, a sua casa deve ser enorme, maior do que a do Pedro.

— Não. É bem menor, bem menor mesmo. Pouco maior do que este lugar de ensaio, se você quer saber. Mas dá um trabalho que você não imagina. Somos duas mulheres, temos roupas para lavar, secar, chão para limpar, tapete para aspirar...

— Arrã... Tá bom... — Pá prosseguiu na ignorância.

— Pá... Não me diga que você é daqueles que acham que arrumar a casa é pouca coisa! Ser dona de casa é...

— A sua mãe é dona de casa! Ela escolheu esse caminho! Você escolheu a música!

— A minha mãe não escolheu ser dona de casa! Tá louco? Ela trabalha em banco a vida toda! E acabou de ser promovida, graças a Deus. Agora é gerente geral, está trabalhando mais e ficando sem tempo para ela, para mim, para as coisas da casa. Mulheres acumulam funções, Pá.

Foi como se Mari não tivesse dito nada.

— Tudo bem, mas você tinha que estar aqui com a gente no horário marcado! Ralando! Respeitando a banda! A gente vai fazer um show importan...

— Marcelo, eu não estou entendendo!

— Na boa, eu tô de saco cheio dos seus atrasos e da sua carinha estressada e arrependida sempre que chega aqui! A gente tá começando uma história agora, e

acho deprimente você fic...

— Deprimente? Você usou a palavra deprimente no seu discurso? Pá, ao contrário de você, que tem pais bem-sucedidos, eu sou sozinha com a minha mãe. E ela é tudo pra mim! O que eu puder fazer para melhorar a sua vida eu vou fazer, porque se não fosse ela, eu...

— Caguei pra sua mãe! Na boa! Caguei! — estourou Pá, deixando todos pasmos. — Isso é compromisso profissional! A gente agora não é mais uma bandinha de garagem, a gente vai fazer um show de verdade e precisa ensaiar, pô! Você não é a estrela que pode se atrasar. Há uma hora a gente tá te esperando, Mari!

— Desculpa! Isso não vai mais acontecer, mas tá braba a minha vida nesses dias. Sei que é só uma fase! Vai passar, já pedi para mudarem meu horário no restaurante. Enquanto não mudam, eu estou tendo que me desdobrar para conseguir dar conta de tudo.

Pá virou o rosto para a parede e seguiu olhando fixamente para ela, como se Mari não estivesse ali.

— Para piorar, a minha mãe tá com tendinite, não consegue lavar a louça, nem as roupas, tudo dói. Mas mesmo com dor no braço ela tem que sair pra trabalhar! E eu preciso lavar, aspirar, limpar, torcer e enxaguar porque não tenho empregada, não tenho máquina de lavar, e a casa não pode virar um chiqueiro, entende? A minha mãe simplesmen...

— De novo: ca-guei pra sua mãe! — Pá voltou os olhos para Mari, elevando o tom da voz. — Você não entendeu ainda?

— Tô chocada com você. Sério — Mari colocou em palavras o pensamento de todos nós.

— E eu com você. Chocado e com preguiça de você! — rebateu Pá.

— Oi? Preguiça? Você está com pre-gui-ça de mim?

— É! Todo mundo tem problemas, mas eles não podem impedir a gente de seguir com as nossas vidas! Você tá mandando mal, Mari. Muito mal. Todo mundo aqui pontualmente, e você se dando ao luxo de chegar atrasadinha por causa de problemas domésticos? Inaceitável! — criticou e saiu com direito a batida de porta e bufar de cavalo.

Isso. Pá tinha sido um cavalo com a nossa menina. Mari não estava preparada para aquilo. Nós não estávamos preparados para aquilo. Que discurso grosseiro,

quanta agressividade. Ficamos um tempo nos entreolhando sem dizer nada, perplexos.

Estávamos chateados com três atrasos consecutivos? Claro que sim! Mas nada que justificasse ferir tanto a Mari, agredir sua mãe! *Que é isso, cara?* Tive vontade de peitar Pá antes que ele saísse daquele jeito. Mas não peitei.

Como ele, eu era um pequeno covarde.

A respiração parecia ter sido suspensa. Menino numa hora dessas fica meio bocó. Eu fiquei. Sorte que o Pedro estava lá.

— Releva, Mari. Ele tá nervoso com a festa. Todo mundo tá. Normal...

— Normal, não senhor! — desabafou Mari, finalmente com os olhos lotados de lágrimas indignadas. — Não saio agredindo quem eu gosto quando estou nervosa. Para de filmar, Susi! Desliga isso! — gritou com a melhor amiga. Estávamos todos indignados com o Pá. Logo ele, tão doce, pacífico e engraçado, resolveu chutar o balde na véspera do nosso grande dia com a menina que ele dizia ser a mais perfeita que já vira.

Com meus botões, pensei: *O que o nervosismo não faz com o ser humano... Será que é só nervosismo?*

Sabia que tudo ficaria bem, mas Pá tinha sido muito agressivo, Mari merecia um pedido de desculpas urgentemente.

— Nem que ele me peça mil desculpas eu toco com vocês amanhã. Acabou pra mim.

Nessa hora eu devo ter feito a cara mais estúpida de toda a minha vida. *Como a garota tem coragem de dizer que não vai tocar com a gente?*, reagi indignado. Mentalmente, claro.

— Você... não vai fazer o show com a gente amanhã? — perguntou Pedro, temeroso da resposta.

— Claro que não! Não posso trabalhar com alguém que me ataca de um jeito monstruoso por causa de três atrasos. Que julga e condena a minha mãe! Coitada da minha mãe!

— Ele perdeu a razão, Mari. Pirou — Theo deu seu veredito.

— Eu nunca me atraso! Vocês sabem! Chegar às três da manhã e acordar às sete para arrumar a casa com a minha mãe antes de ela ir para o trabalho não é exatamente fácil — Mari explodiu. — Depois eu não consigo dormir e fico estudando, me aprimorando. Eu toco em três lugares, gente! E não é por capricho,

é por necessidade! Odeio atrasar, errei e pedi desculpas, me arrependo profundamente, mas me atacar desse jeito... Não... — despejou, chorando ainda mais. — Aí eu desabafo, falo do meu problema e...

— Mari, calma... — Pedro interveio mais uma vez. — O Pá tá mal, ansioso como todo mundo aqui, ele já vem te pedir desculpas, eu vou lá falar com el...

— Não, Pedro! Nem tenta!

— Você conhece o cara, ele não é assim, já deve estar todo arrependido — insistiu o guitarrista.

— Mari, para com isso! Você precisa fazer o show amanhã! — estourou Theo.

— A gente precisa de você amanhã — lapidei a frase do vocalista.

Depois de um longo suspiro e uma pausa para enxugar as lágrimas que borraram seus olhos sempre pintados de preto, Mari disse:

— A Pólvora não precisa de mim não, Gualter. Vocês vão arrebentar amanhã. Eu tô fora. Da festa da Carla e da banda. Entrei por último e vou sair primeiro, que ironia do destino...

Dito isso, pegou sua bolsa, abriu a porta do nosso estúdio-garagem e, cabisbaixa, fez que ia sair. Olhou para trás.

Ufa! Ela vai voltar!, comemorei internamente.

— Vocês são muito bons. Vão fazer um sucesso enorme na festa. Podem acreditar — profetizou. — Foi bom enquanto durou. Gosto pra caramba de vocês — disse, agora aos prantos.

Morri de pena. Os meus óculos chegaram a embaçar com o suor que brotava no meu rosto desde o começo da discussão.

— Mari! — gritou Theo, antes de ir atrás da garota que era nossa alma.

Susi tinha ido com a amiga, evidentemente. Abraçadas, as duas se dirigiram ao portão da casa de Pedro. A descabelada com o ombro apoiando a cabeça de Mari, que chorava copiosamente.

— Mari! — tentou nosso vocalista mais uma vez. — Fica!

Nada.

Foi embora mesmo. Nem olhou para trás. A loira estava decidida.

E nosso futuro próximo também parecia estar decidido.

— Acabou, gente. Não vai ter show — anunciou Theo ao voltar.

Tínhamos um problemão para resolver, nossa apresentação seria infinitamente pior sem a Mari. Mas não podíamos deixar Carla na mão. E o que fazer com Pá

descompensado daquele jeito? Será que ele continuaria assim?

Nem no auge da minha imaturidade pensei: *Meninas... Que seres exagerados!* Sabia que Pá estava errado e tudo o que eu queria era entender por que diabos ele tivera uma atitude tão despropositada com o objeto do seu desejo.

— Cadê o Pá? — quis saber Pedro.

Ninguém sabia onde estava nosso baixista da mão gigante.

Tentamos o celular.

Caixa postal.

Mandamos mensagem.

Sem resposta.

— Nosso sonho não vai terminar. Não pode terminar! — gritou Pedro, tenso, triste, magoado, ainda sem compreender direito o que estava acontecendo.

É impossível fazer um show sem a Mari? E o Pá? Será que ele vai sumir? eram perguntas que não saíam da minha cabeça. Estava tudo muito estranho. Mas depois de tantos ensaios com a nossa loira, chegamos à conclusão de que o show seria meio tosco sem ela.

— Vamos apresentar um show tosco? Arriscar fazer sem a nossa tecladista que tem voz de Marisa Monte? — questionei.

— Não vai ter show, Gualter! — decretou Theo, tentando em vão esconder o choro. — Acabou. Acabou.

Na noite anterior à discussão que fez meu estômago queimar, Pá assistiu impávido à conversa de sua mãe com Marilene, a empregada de sua casa. No duro diálogo, em que Flora chegou a dizer que o emprego da doméstica estava por um fio, Marilene chorava ao negar que jamais beberia no trabalho, que só bebia em dias especiais e comemorações, e mesmo assim cerveja. Nunca tinha sequer experimentado uísque ou outro destilado.

— Acho que a mamãe vai mandar a Marilene embora — comentou Diba com Pá, ao ver o irmão espreitando a conversa das duas próximo à cozinha. — Quem vai fazer seu arrozinho integral empapadinho, hein, bebezinho?

— Cala a boca, moleque! — repreendeu Pá.

A conversa das duas acabou, o baixista voou para o quarto e lá ficou olhando para o teto até dormir.

No dia da festa, uma quinta-feira de lua cheia, o grande dia da Carla, o NOSSO grande dia (ou seria ex-grande dia?), Pedro me ligou:

— A gente não pode deixar de fazer esse show!

— Boa! Também acho! — respondi aliviado.

— Vem pra cá, vamos ensaiar!

— E o Pá? Deu notícia?

Não. Não tinha dado. Nem em casa sabiam dele.

— Só ligou para avisar que foi a uma festa ontem e acabou dormindo na casa de um amigo — contou Flora ao telefone. — Foi pra escola e deve estar indo encontrar vocês.

Tudo tão estranho... Ninguém estava entendendo nada.

— Pô, sem baixo a gente não consegue ensaiar! — reclamou Theo.

— Tá tudo errado. Tudo errado!

— Não está não, Gualter! Nem que a gente corra atrás de um baixista substituto! — incentivou Babi, que acabara de chegar. — Vocês não podem deixar de tocar numa festa de 15 anos! Ainda mais desse porte! É importante para vocês e para a menina! Tentem catar o Pá, que eu vou ligar pra Mari.

— Boa, amor! Menina se entende com menina nessas horas.

— Vai dar tudo certo! — Babi deu aquela força de sempre. — Te amo! — disse antes de sair do nosso espaço da música para falar com Mari.

Pedro apenas sorriu de cabeça baixa, provavelmente envergonhado pela declaração de amor ali, na frente dos amigos. Se fosse comigo eu gritaria bem alto: "Te amo mais!". Como não era, precisava voltar à realidade.

— Vamos tocar, gente! Tô ficando nervoso com essa história, preciso dar porrada nessa bateria pra acalmar! — desabafei.

— Bora! — Pedro se animou.

— Estão loucos? A gente tem que procurar o Pá primeiro! — Theo nos trouxe à realidade.

— Não precisa procurar ninguém. Tô aqui, bora tocar — avisou o gigante ao adentrar nosso lugar preferido no mundo.

Que alívio imenso eu senti nessa hora. Só não consegui dizer nada. Theo disse por mim:

— Pô, cara! Onde é que você tava? O que aconteceu? E o que foi aquele show ontem? A Mari saiu da banda, sabia? E a culpa é sua! Já ligou pra ela? Já pediu desculpas?

Muitas perguntas. Pá baixou a cabeça, coçou a barba rala que começava a brotar em seu rosto e respondeu com outra pergunta:

— Mandei mal, né?

— Muito mal. Mas muito mal mesmo! — retrucou Pedro, nervoso.

— Você atacou a mãe da garota! O que deu em você? — quis saber Theo.

— Sei lá... Eu não era eu...

Babi voltou, e eu logo quis matar minha curiosidade:

— E aí? Falou com ela?

— Falei, Gualter. Ela está decidida, não vai voltar não — revelou a namorada de Pedro, lançando um olhar recriminatório para Pá. — Tá feliz? Era isso o que você queria? A garota não para de chorar!

Pá não conseguia levantar a cabeça. Só mirava o chão, derrotado. Era incapaz de nos olhar nos olhos.

— Vou falar com ela — avisou ele, saindo do nosso recinto musical, já com o telefone na mão.

Depois de mais de meia hora lá fora, voltou.

— Nada feito. Desculpa. Vamos ter que fazer o show sem a Mari.

— Sério? Só isso que você tem a dizer? — questionou Babi, indignada.

— Eu pedi desculpas, disse que estava nervoso ontem, que também estou passando por problemas. Um dia eu conto pra vocês o que tá rolando na minha vida, mas agora vamos tocar. A gente tocou sem ela durante um tempo, não vai ser tão ruim.

Tudo ficou mais nebuloso. O que de tão pesado poderia estar acontecendo na vida do Pá a ponto de transformar sua personalidade por alguns minutos? Porque o Pá do dia anterior não era o que conhecíamos. Tampouco era o Pá que estava na nossa frente.

— Vamos lá, galera — disse Pedro, visivelmente triste e decepcionado com toda

a situação. — Como disse meu pai ontem, o show tem que continuar. Vamos tocar a portuguesa! — sugeriu.

E assim ensaiamos outra música "da vida" da debutante, "A minha casinha". Os pais de Carla gostavam tanto de Xutos e Pontapés que carregavam a filha para os shows da banda desde que se mudaram para Lisboa. Espécie de Titãs de Portugal, os Xutos era uma homenagem da aniversariante aos seus genitores e ao tempo em que passou na terrinha.

Babi e Mari acharam fofo. A gente achou só legal. A música é boa. Na verdade é uma regravação. "A minha casinha" foi gravada pela primeira vez nos anos 40 e ressuscitada pelos Xutos no fim da década de 1980, com enorme sucesso. Até hoje é um dos maiores hits do grupo.

Passamos essa e outras músicas que emperravam em alguma nota, em algum verso. Em seguida repassamos todas, seguindo exatamente o repertório que apresentaríamos à noite.

— Posso, pessoas? — perguntou Paulão abrindo a porta. — Não vou atrapalhar, só quero ver o ensaio geral.

E assim aprendi o que é ensaio geral. É ensaiar como se fosse pra valer. Passamos o show duas vezes. Estava redondo, as músicas bem-executadas e ordenadas, os arranjos bacanas. Paulão aplaudiu, elogiou com vontade:

— Legal às pampas, *rapeize*! — elogiou o padrinho da Pólvora. — Cabeça erguida, hein? Sei que a Mari vai fazer muita falta, mas agora é hora de focar as músicas, de se concentrar na execução de cada nota. Vai ser bonito à beça.

Por mais "legal às pampas" que estivesse o show, faltava a Mari. E também a alegria de Pá, que estava apagado desde que chegara.

A festa aconteceria num clube chique de São Conrado. Vista arrebatadora, marzão sob os nossos pés, boca-livre da melhor qualidade. Chegamos cedo para ensaiar no palco. Que palco! E que lugar de acústica boa! Tudo era perfeito, mas nada conseguia deixar a gente 100% feliz.

— Tô ligando pra ela e só cai na caixa... A Mari é... ela é a menina mais incrível que eu já conheci... Mais gente boa... O que foi que eu fiz, Gualter?

— Também estou querendo entender, Pá.

Devastado. Essa é a melhor palavra para definir o estado de espírito do meu amigo naquele dia. Dava pena. Parecia que um trator havia passado por cima dele. Dez vezes.

Aparentando segurança, falamos para Carla e seu pai que Mari não tinha passado bem e não conseguiu forças para levantar da cama. Nossa tecladista não fazia falta só no palco, era ruim não ter sua presença solar por perto.

Ao ouvir o burburinho dos convidados chegando, bateu aquele frio na barriga. Theo andava em círculos e esfregava uma mão na outra ao mesmo tempo que fazia exercícios aprendidos na fonoaudióloga. Foram minutos intermináveis emitindo sons esquisitos que ficavam realmente engraçados somados às suas caras e bocas e à língua que ele girava sem parar (e às vezes botava pra fora, numa careta). Rimos muito, mas nosso galã estava tão compenetrado que sequer prestou atenção no deboche coletivo.

Faltava meia hora para o show quando Carla entrou no nosso camarim — repleto de comidinhas deliciosas, não posso deixar de mencionar.

— Malta, malta, malta! Perdão, quero dizer, gente, gente, gente! O DJ é espetacular, estão todos a dançar! Perdão novamente, estou a falar português de Portugal. — Respirou fundo e fez a garota-carioca-suingue-sangue-bom: — A pisssta tá bombando, aê! Uhuuu!

O que seria dos adolescentes sem o "uhuuu", meu Deus? Até a quase-portuga tinha aderido a ele.

— Ah, ótimo. Esse comentário quase não me deixou nervoso, Carla. Pressão zero, valeu mesmo. — Pá fez a primeira brincadeira do dia.

— Relaxa, Pá! Sou mais vocês! — Carla suavizou o semblante do baixista. — Meninos, sei que está super em cima, se não der não tem o menor problema, mas... eu queria que vocês tocassem "Vai rolar a festa", da Ivete — pediu, com aquele delicioso sotaque luso-brasileiro, agora mais brasileiro do que luso.

— Oi? — reagiu Theo.

Pedro olhou torto para o vizinho antes de explicar para a aniversariante que...

— A gente não ensaiou, a gente não domina essa música...

— Podemos tentar, mas acho difícil ficar bom... — complementou Pá.

— A Mari é que deve saber tocar essa música — admiti. — Pena que ela tá passando mal...

Carla Branco retrucou com uma segurança que deixou todos nós abismados.

— Ela não está passando mal!

Pedro insistiu na nossa mentira:

— Está. Claro que está! Muito mal, por isso ela não pôde vir!

— Pois se ela estava muito mal, não está mais. Acabou de chegar com uma amiga. Está lá fora a conversar com meus pais — contou Carla, com naturalidade. Foi difícil disfarçar a surpresa. A ótima surpresa. — Então, pronto! Está resolvido! Beijos, beijinhos, até loguinho, com licença, meus queridos!

Depois de um centésimo de segundo, Theo deu um grito:

— A Mari tá aqui! A Mari tá aqui, caramba!

E abraçou Pedro, dando um beijo na bochecha do amigo, depois de encher a boca para soltar um palavrão dos bons.

Abracei Pá que, tenso, parecia querer logo olhar nos olhos da nossa menina.

— Antes que vocês perguntem, não vim só pela Carla, vim pela gente — avisou a loira mais loira da Zona Oeste do Rio ao abrir a porta do camarim.

Linda como nunca a vira antes, com roupa de show preta e brilhosa (ou seria roxa e brilhosa? Ah, sei que tinha brilho. Alguma coisa ali brilhava), Mari era a própria pop star.

— Posso falar com você, Pá?

— Claro que pode — respondeu o baixista, tirando do queixo os farelos de uma empada recém-devorada. — Desculpa, Mari. Eu tô com vergonha de mim, vergonha do que eu fiz — garantiu, indo na direção de nossa musa para abraçá-la. — Por favor, me perdoa!

Os dois ficaram um tempão abraçados.

Aplausos. Muitos aplausos. E lágrimas. Theo pulou em cima deles, e eu e Pedro nos juntamos ao momento "a amizade é linda". A volta da Mari gerou um furacão de emoções.

— Pô, Mari, Deus é justo, mas a sua calça é muito mais! — fez graça o baixista, para alívio dos presentes.

O velho Pá estava de volta.

Todos rimos. Mari também, evidentemente.

— Preciso falar com esse menino a sós — pediu a loira, puxando Pá para fora do camarim.

Ficamos colados por um tempo num abraço comemorativo, com direito a suspiros, gritos e tapas nas costas que traduziam a quase tranquilidade que agora sentíamos. Até Susi parecia ter tirado um trator de cima dos ombros.

No longo corredor que ligava o camarim à pista, com direito a música animada lá longe, abafada, deu-se a conversa que urrava para ser conversada:

— Ouvi seus mil recados. Sei que você está arrependido.

— Muito, muito arrependido, Mari. Nada justifica, mas eu tô com prob...

— Problemas. Todos nós temos.

Pá baixou a cabeça.

— Tô com vergonha de olhar nos seus olhos.

— Pode olhar.

Os dois se olharam profunda e demoradamente.

— Mil perdões.

— Está mil vezes perdoado.

— Estou tão envergonhado que a sensação que eu tenho é que não mereço sua amizade, seu abraço...

— Por não querer perder a sua amizade é que estou aqui.

Pá surpreendeu-se com o carinho da loira e tentou explicar-se mais uma vez:

— Eu não era eu... Não sei o que aconte...

Mari tapou a boca de Pá.

Com um beijo.

Com um beijo! É, definitivamente essa frase merece terminar com um ponto de exclamação.

Foi um selinho, tudo bem. Mas daqueles mais longos, de boca entreaberta. Terno, carinhoso, sincero e seguido de um abraço de urso.

Emocionado e um tanto desnorteado com a atitude da Mari, Pá foi para o outro lado em vez de entrar para o camarim. Queria olhar o céu, disse para a amiga.

— Vou agradecer aos deuses da música por esse momento.

A loira sorriu e, enquanto via o amigo se distanciar, apoiada na parede do corredor, não teve dúvida. Ao beijar Pá, ela sentiu o gosto e ao ouvi-lo falar de pertinho lembrou-se do cheiro que atormentou sua infância.

— O Pá tá bebendo... — sussurrou para Susi, que acabara de sair do camarim. —

Não acredito!

— Tem certeza?

— Absoluta — assegurou, triste. — Eu dei um beijo nele.

— Você o quê!? — perguntou Susi, sem esconder o espanto. — Como assim? Como? Por q...

— Porque deu vontade, porque o momento pediu, relaxa, Susi! Nada de mais.

— V-Vocês estão namorando agora?

— O Pá e eu? Claro que não! Tá doida?

Um breve silêncio se fez antes que a descabelada falasse algo.

— Que bom que você voltou, então. Vai ajudar o cara. Ser o anjo dele. É isso o que você é: um anjo caído na Terra. Por isso que te amo tanto.

— Também te amo, Su... — retribuiu Mari. — Olha, se tem um cara que eu gosto, esse cara se chama Marcelo Pá. Não comenta nada com ninguém, tá? Prefiro puxar o assunto com ele na hora certa, com jeitinho...

— Também não se preocupa tanto, vai! Ele pode ter bebido só hoje, pra aliviar a tensão.

— Impossível não me preocupar. Meu pai começou a beber muito jovem para perder a timidez com as meninas — contou a loira. — E terminou batendo de cara num poste.

Susi puxou a amiga para um abraço.

— Mas tá tranquilo. Que bom que voltei mesmo.

E uma lágrima caiu do olho supermaquiado de Mari, enxugada na mesma hora pela sua fiel escudeira, que lhe dava consecutivos beijinhos no rosto enquanto a abraçava forte.

O show correu muitíssimo bem, obrigado. Estávamos com gana de aplausos depois de toda a tensão, e isso resultou numa apresentação impecável. O roteiro estava redondo, a dona da festa chorou ao lado dos pais quando ouviu a música dos Xutos e pulou feito perereca quando Mari puxou, do seu teclado, a música da Ivete que a aniversariante tanto pediu.

Fomos ovacionados. Nosso primeiro show podia ser traduzido por uma palavra: sucesso. Não! Duas! Sucesso e perfeição. Desculpe-me a falta de modéstia, mas àquela altura eu estava confiante e queria mais, muito mais.

Parece que um amigo da Carla leu meus pensamentos. Assim que nossa

apresentação acabou, ele invadiu o camarim, entusiasmado como se a garota dos seus sonhos o tivesse chamado para sair, e desandou a falar:

— Vocês têm que fazer um clipe! Vocês já têm clipe? Vocês querem ter clipe? Hoje em dia tem que ter clipe! Clipe é tudo! Clipe é clipe! Posso dirigir o clipe?

— Clipe? Clipe foi o que você disse? Não deu pra entender direito... Clipe eu não tenho, mas um grampeador talvez role... — zoou Pá.

Mari prendeu o riso para não deixar o cara sem resposta.

— Seria incrível ter um clipe, mas clipe bom é caro, e não sei se a gente tem grana agora pra investir numa coisa assim... Eu, pelo menos, não tenho... — disse a loira.

— Quem falou em grana? Meu pai tem uma produtora, a gente grava, edita e publica o clipe no YouTube! Quero fazer para divulgar meu nome e, de quebra, divulgo vocês e a música do cara invisível que ama a menina que tem namorado, que é genial! Como é o nome mesmo?

— "Amor na hora certa" — respondi de bate-pronto.

Momento ego inflado passou despercebido no camarim, mas que ele inflou com a palavra genial, inflou. Genial vem de gênio, e gênio ali era quem? Quem? Eu, que fiz a letra, pô! Gênio. G-ê-n-i-o. *Desculpaê.*

O cara prosseguiu ligado na tomada:

— O nome da produtora abre e fecha o vídeo, e o meu aparece nos créditos finais — explicou. — Pode ser?

— P-Pode... — respondeu Theo, atônito.

— Tenho falado muito pro meu pai que tô a fim de dirigir um clipe, e vocês caíram no meu colo! Vão marcar minha estreia atrás das câmeras! Vai ser demais!

— Legal... Que bom que você tá feliz, mas... O seu nome, qual é? — perguntou Pedro, rindo da ansiedade 220 volts do garoto.

— Bruno. Mas geral me chama de Bruninho. Perdão, mas achei tão boa a música de vocês que nem me apresentei.

— Caraca! Você fala mais que pobre na chuva! — brincou Pá. — Respira!

— Foi mal. Sou meio ansioso.

— Sério? Ninguém notou — fez graça Mari.

O coitado ruborizou.

— E então? Vamos fazer um clipe?

— Vamoooos! — gritou um muito empolgado Pedro.

— Ainda mais de graça! — complementei.

— Fechado! Quando? Onde? Como? — quis saber Bruninho. — Vocês podem nesse fim de semana? Pra mim é mais fácil!

— Podemos! — respondeu Pedro, empolgado.

— Ótimo!

— E pode ser na minha casa, que é onde a gente ensaia — completou o guitarrista.

— Melhor impossível! — vibrou Bruninho.

— Caraca, é isso? Tá marcado? — questionou Pá, incrédulo.

— Marcadíssimo! Vocês têm uma gravação boa da música, né?

— Temos! A Susi gravou! — garantiu Mari.

— Gravou como?

— Com o iPhone dela.

— IPhone? Eu falei gravação boa! Senão o clipe não vai ficar incrível. E meu primeiro clipe tem que ficar incrível!

Ups!

— Eu tenho algumas gravações. Mas nenhuma delas pode ser considerada *profissa* — contou Pedro.

— Então não adianta! Não dá pra ter clipe assim! — decretou Bruninho, espantado e decepcionado. — Sério que você não têm uma gravação decente?!

— Não, ainda não, esse foi o nosso primeiro show, é como se a banda estivesse nascendo hoje — explicou Pá.

— Gravar profissionalmente nem passou pela nossa cabeça, a gente só estava pensando em tocar ao vivo — acrescentou Theo.

Com cara de idiota, só conseguia me perguntar como ainda não havíamos conversado sobre o assunto. Como não tínhamos gravado nossa música direito? Éramos muito amadores mesmo.

— Mas não dá pra fazer clipe sem a música bem gravada! — argumentou Bruninho, para logo depois dar a solução: — Relaxa, um amigo meu tem um estúdio de gravação em casa, tenho certeza de que ele empresta pra vocês. Mas precisa ser amanhã sem falta, pra gente fazer o clipe no sábado e no domingo. Temos que rodar nesse fim de semana, que sei que tem uns equipamentos disponíveis na produtora. Vocês podem? — perguntou, já discando para o amigo pra combinar tudo.

— Claro! — falou Pedro por nós.

— Já é! — comemorou Pá.

A gente vai ter um clipe! A gente vai ter um clipe! A gente vai ter um clipe!, repeti mentalmente para ver se a ficha caía.

— Show! Gravei um pouco com meu iPhone hoje, se der pra usar as imagens no clipe, a gente usa. Maneiro mostrar todo mundo amarradão no show de vocês.

— Aê, Gualter Potter! Sua música vai ficar famosa! — implicou Mari, enquanto me descabelava.

— Da Barrinha para o mundo! — brincou Pá.

Ri, tímido e orgulhoso.

E genial.

Como Carla convidou a gente para aproveitar a festa, aceitamos e partimos para a pista, onde dançamos, rimos e nos divertimos tanto que nem notamos o sumiço de Pedro.

Quando ele reapareceu para irmos embora, ouviu sem graça a brincadeira de Pá:

— Limpa aqui, tá sujo de batom, mané! Pobre Babi, o cara nem ficou famoso ainda e já tá usando o poder do palco para pegar menininhas indefesas. Que feio!

Babi não foi à festa porque Pedro ficou sem graça de pedir a Carla para levar a namorada. Aquele show era um trabalho, e a menina mais linda da cidade concordou que não devia mesmo ir. Era o momento da banda, segundo ela. Babi era demais.

Vermelho, Pedro logo respondeu, às pressas e gaguejando:

— Tá maluco? Fui ao banheiro dar uma barrigada! E minha barrigada é uma barrigada de respeito, demorada!

— Nossa, que lindo! Que meigo! Barrigada! — debochou a loira da banda. — Nessas horas é uma delícia ser a única menina no meio de um bando de trogloditas.

Preferi acreditar que o guitarrista da Pólvora tinha tido uma dor de barriga mesmo. Até porque o Pedro era louco pela Babi, não tinha por que meter um par de chifres nela. Mas não pensei muito mais no assunto.

Embriagada por palavras. Assim estava a minha cabeça. Gravação da música, gravação do clipe, música minha, minha música, música genial, vale frisar, possível sucesso, possível fracasso, vergonha, vontade de acabar logo, vontade de fazer logo,

vontade de não fazer, reação das pessoas, futuro, incertezas, o tempo voa, o tempo não passa, o tempo não para.

Outra noite sem dormir.

Não era só o Bruninho que era ansioso.

No dia seguinte à festa da Carla, estávamos numa simpática vila em Botafogo onde André, o amigo do Bruninho, dividia com três caras uma casa bagunçada. Casa bagunçada que tinha o estúdio onde fizemos a primeira gravação das nossas vidas.

Foi incrível! O André tinha só 20 anos, mas era fera e nos ensinou muitas coisas. Eu, por exemplo, achava que tocaríamos juntos algumas vezes e que a melhor delas seria a escolhida para virar nossa gravação oficial. Ledo engano... Naquela tarde de sexta-feira, fiquei sabendo que cada voz e cada instrumento são gravados separadamente, e várias vezes.

Quando André começou a mixar, ficamos emocionados. Desculpe a pieguice, mas como não me emocionar ao ver nascer nossa primeira gravação?

Em três horas já estava tudo pronto. Nossa música agora estava em MP3! Podíamos ter "Amor na hora certa" com alta qualidade nos nossos iPods! E passar para os nossos amigos!

Agora, sim, estávamos prontos para o próximo passo, o clipe.

As primeiras imagens foram feitas na casa do Pedro. Bruninho e seu pai, Beto, um sujeito que de tão alto parecia jogador de basquete, chegaram cedo, munidos de câmera e outros equipamentos que eu nunca vira até então. Junto com eles estavam outros três profissionais para cuidar das câmeras e da iluminação, além de uma maquiadora. Alto nível.

A necessidade de maquiagem gerou uma zoação só, afinal éramos garotos no auge da adolescência, e maquiagem é coisa de mulher, pô! Mas o Beto explicou que era mais para tirar o brilho do suor no rosto (que fica feio no vídeo) e deixar a pele uniforme, sem marcas. O que a gente não faz pela música...

A estrutura era incrível, mas depois a gente ficou sabendo que a produtora do pai do Bruninho era grande, fazia filmes e um monte de programas para canais de TV a cabo. E como o pai estava tentando dar uma força para o filho começar sua carreira de diretor, não economizou em nada.

Bruninho falou pra gente só dublar a música pra ninguém ficar sem voz, já que

repetiríamos muitas vezes. E quando ele disse muitas vezes, ele quis dizer muitas vezes mesmo. Pra você ter uma ideia, depois de algum tempo eu já não aguentava mais ouvir a minha música. Estava quase com ódio dela, achando a música mais chata já feita no mundo. Era *take* de baixo, *take* de cima, close em cada um, em cada instrumento, tomada geral da banda. E repete. E repete. E repete mais uma vez.

E corta para a praia.

Bruninho cismou que o clipe tinha que ter praia.

Corrida na areia, close, *take* de cima, *take* de baixo, close em cada um outra vez, várias tomadas da banda e algumas feitas com uma camerazinha que voava operada por controle remoto que a gente achou nota mil. Sob o comando de Bruninho e conectada a um pequeno helicóptero que ia a uns trezentos metros de altura, a bichinha fazia imagens inacreditáveis que apareciam na hora na tela de um celular preso ao controle remoto.

E tome imagens do pôr do sol, de ondas, de surfistas e da galera do kite surf, a gente cantando (dublando), a gente rindo, a gente fazendo pose como se estivesse fotografando, a gente dançando, a gente fazendo selfie, a gente tacando areia um no outro. Sofri bullying, obviamente. É muito chato ser o mais novo numa hora dessas. Rezei para cortarem essa parte do clipe, já que entrou areia até na minha cueca quando os animais (Mari inclusive) se jogaram em cima de mim. Todos rolando de rir, e eu fingindo estar na maior alegria, uhuuu, felicidade infinita, gostoso à beça levar areia na boca, nas narinas e em quase todos os orifícios do corpo.

Não cortaram.

Mas tudo bem.

— Vem cá, não tá One Direction demais não? — questionou Theo.

— Pode até estar, mas qual é o problema? — argumentou Mari. — Nada mau se inspirar no clipe de sucesso de uma das bandas mais tocadas dos últimos tempos.

— Inspiração é uma coisa, cópia é outra — disse o galã roqueiro.

— O meu pai vive dizendo que nada se cria, tudo se copia. Só pra você saber, nesse meio ninguém se choca muito com cópias, ainda mais se forem bem-feitas. Mas pode deixar que o vídeo não vai parecer uma cópia. Vou assinar o clipe e não quero queimar meu nome logo no meu primeiro trabalho.

E assim Bruninho acalmou Theo. Mas não a boca de Pá.

— Peraí, deixa eu ver se entendi direito, Theo... Você odeia o “Uma Direção”,

mas sabe que eles têm clipe rodado na *beach*? *Strange*... muito *strange*...

— Nada estranho! Todo mundo sabe! — afirmou Theo, cheio de certeza.

— Eu não sabia! — provoquei.

— Nem eu! — fez coro Pedro.

— Imagina eu! — gracejou Pá. — Acho que você não só gosta do One Direction, como é um Belieber enrustido e um Lovatic secretamente apaixonado!

— E fica aí enganando a gente que é roqueiro! — botei lenha na fogueira.

— Se quer provar que é do rock, vai ali engolir uns morcegos que depois a gente conversa, Theo! — debochou Mari.

Foi bom implicar com o nosso vocalista, até ele acabou rindo. Descontraímos, mas logo voltamos ao trabalho. Passamos o sábado inteiro gravando, e no dia seguinte teve bis. O Bruninho queria fazer mais umas "imagens de apoio". Quando é que um leigo como eu iria imaginar que um clipe de três minutos levaria tantas horas para ser produzido?

E tome câmera e close das baquetas em ação, close do microfone, Theo fazendo charme para a câmera, Pedro trabalhado na pose de guitarrista de vitrine, Pá fazendo graça, Mari tocando e dançando e cantando. O Bruninho queria mostrar nosso dia a dia ensaiando, uma espécie de *making of* dentro do clipe.

— Pronto, acabou! Vou pra casa começar a editar. Em poucos dias fica pronto! — anunciou nosso diretor, ao fim de três horas e meia de trabalho em pleno domingo de sol.

— Já!? — perguntamos todos ao mesmo tempo.

— O primeiro corte fica pronto amanhã mesmo. Editar é um vício, e eu adoro! Mas só libero o clipe quando estiver perfeito! — disse Bruninho, empolgado como sempre.

Quando eles foram embora, Theo, Pedro e eu voamos para a piscina para relaxar. Mari e Pá ficaram sozinhos.

— Acabou que a gente ainda não falou sobre o beijo — começou Pá.

— A gente precisa conversar sobre o beijo? Foi só um selinho!

— Tá zoando, né, Mari? Acha que é toda hora que eu ganho selinho de uma gata como você?

— Foi só um beijo pra selar nossa amizade.

— Só? Mesmo? — perguntou Pá, sedutor, partindo para cima dela.

— Só, Pá! Deixa de ser bobo! — retrucou Mari, empurrando o baixista com toda

a graça que Deus lhe deu.

— Por que ninguém estava lá pra ver? Nunca vão acreditar que a cantora mais linda do mundo me deu um beijo, pô.

— A cantora mais linda do mundo sentiu um gosto esquisito na sua boca, mesmo beijando de leve.

Mari foi direta.

E Pá baixou os olhos.

— Você tá bebendo com que frequência, Pá? Tipo todo dia? O que você tá bebendo? Olha pra mim!

Pá não conseguiu dizer nada.

— Vocês não vêm? Paulão tá ameaçando fazer *striptease*, e a Marisa tá quase matando ele! — gritou Theo invadindo a garagem, todo molhado e puxando Mari e Pá pelas mãos.

Enquanto eram puxados, a vocalista disse para nosso piadista:

— Conta comigo, tá? Pode deixar que não vou ser a chata, só quero que você saiba que sou sua amiga.

Com os olhos e o coração, Pá agradeceu, envergonhado, mas feliz por ter um ouvido para desabafar quando sentisse necessidade.

O domingo terminou tarde na casa do Pedro, com direito a mãos enrugadas de tanta piscina até nove da noite e muitas gargalhadas relembrando nosso fim de semana de gravação. Àquela altura Babi já tinha se juntado a nós, chegou pouco depois que Bruno foi embora. Mas nem enrugadas suas mãos ficavam feias.

Fui para casa sem nem pensar na sorte que foi Bruninho ter visto o show na festa e querer fazer nosso clipe — clipes hoje são importantíssimos, o cartão de visitas de muitos artistas.

Nunca havia ponderado o quanto o fator sorte é realmente importante na carreira e na vida de qualquer pessoa. Mas como refletir sobre sorte se eu sequer suspeitava o que estava para acontecer com a Pólvora nos dias seguintes?

Terminamos de gravar no domingo, e até quarta nada de clipe! Onde estava o Bruninho ansiosinho? Por que não tinha publicado nosso vídeo ainda?

— Alou! Ele está fazendo um favor! — Mari partiu em defesa do nosso diretor.

— Exatamente. Além disso, editar a quantidade de cenas que ele gravou não é fácil! Vocês não entendem nada de edição! — bronqueou Paulão.

— E dá um desconto, é o primeiro clipe do cara! — continuou a loira.

— Isso me preocupa — fui sincero.

— Que nada! O Bruninho deve estar caprichando! — apaziguou Paulão. — E pensar que vocês falaram tanto da ansiedade dele. Gente chata!

Os dois estavam certos. Claro que estavam. Mas esperar cansa. E aumenta a tensão.

Enquanto esperávamos, pelo menos fizemos a nossa parte para espalhar "Amor na hora certa". Mandamos o nosso MP3 incrível (realmente infinitamente melhor do que as gravações que tínhamos antes) para parentes, amigos e conhecidos — e geral disse que não parava de ouvir. Podiam estar mentindo, evidentemente, falando só por educação, mas nós estávamos ouvindo (e amando) a nossa música umas vinte vezes por dia. Trinta, e não se fala mais nisso. Eu ouvia incansavelmente cada batida na bateria e a cada audição achava que podia ter feito melhor.

Comigo aconteceu algo engraçado. Minha mãe e a tecnologia nunca andaram de mãos dadas. Por exemplo, o celular para ela era só para falar e ponto final. Ou seja, para ouvir minha música no carro eu tive que fazer para ela um... CD. A encomenda era clara: ela queria "Amor na hora certa" vinte vezes.

— É só você botar a música pra repetir — expliquei.

— Não, não sei mexer nesse negócio direito! Quero vinte faixas de "Amor na hora certa". Lado A e lado B.

— Oi?

— Ai, como você é pirralho! — reclamou dona Perla. — Pode fazer esse favor pra mim? Quero ouvir a primeira música do meu filho no carro sem parar! Faz o que eu estou mandando antes que eu te dê uma suspensão, Gualter Vianna!

Quem era eu para discutir com a diretora da escola?

Na quinta-feira, na saída do colégio, duas garotas se cutucaram quando passei por elas. Cochicharam e riram. O mesmo aconteceu com um trio de meninas mais novas. *Será que estou com o nariz sujo?*, indaguei para mim mesmo. Afinal, meus quinze minutos de fama já tinham acabado, vivi uns dias de subcelebridade no colégio depois do sarau e da festa da Carla Branco. Mas não podia ser só isso.

Tive meu pensamento cortado pelo barulho do meu celular. Uma mensagem havia chegado. Era Pedro convocando um encontro na sua casa.

> Precisamos comemorar o sucesso.
> Vem pra cá!

Sucesso? Estranhei. *Sucesso de quê?*

Não demorei para descobrir pelo meu parceiro de banda que nosso clipe tinha sido publicado por Bruninho de madrugada e postado por ele e seu pai nas redes sociais, o que gerou um movimento maior do que esperávamos, traduzido num grande número de visualizações: mais de cinco mil.

Confesso que engoli em seco. Tive medo de ver o clipe. Tive mesmo. Temi a ideia de fazer parte de um vídeo tosco. Não queria ficar conhecido por conta de um fiasco, como vive acontecendo na internet.

Antes de assistir, porém, minha curiosidade me levou diretamente para o número de curtidas e fiquei aliviado ao ver que 89% das pessoas tinham aprovado o nosso vídeo! A maioria esmagadora estava gostando!

Apesar disso, ainda incrédulo, botei o fone no ouvido e, no ônibus, a caminho da casa do nosso guitarrista, cliquei no play. Em pânico. Não suportaria virar um *meme* e ser alvo de chacota nas redes sociais, na escola, no meu bairro. Definitivamente eu não queria estar no pior videoclipe da história dos piores videoclipes.

Mas logo nos primeiros segundos percebi que não tinha nada a temer. O vídeo estava bonito, animado, bem cuidado, bem-feito, bem editado. E elegante, com umas imagens em preto e branco misturadas a coloridas que deram um charme extra ao clipe. Até a cena em que eu praticamente como areia ficou legal.

Preciso comentar que foi estranho me ver num vídeo. Mais estranho ainda saber

que tantas pessoas já tinham me visto nesse vídeo.

— Caraca, gente! Que sinistro! — disse Theo, quando estávamos todos reunidos na mansão de Pedro. — Seis mil é coisa pra caramba!

Sim, naquela hora já tínhamos passado de seis mil visualizações.

— Será que é por isso que umas pirralhas estavam me olhando na saída da escola?

— Claro, Gualter! O clipe tá bombando! E a gente tem que fazer bombar ainda mais! — respondeu nosso vocalista, deslumbrado.

— Vamos passar o dia tuitando e postando no Face! — comentou Pá.

— Me achei gordo no vídeo, sabia? — reclamou Pedro. — Esse negócio de que câmera engorda é verdade.

— E eu me achei mais cabeçudo — confessei.

— Eu me achei lindo — avaliou Pá, debochado. — E a Mari... Que é que é isso, garota? Além de linda você é fotogênica?

A loira riu, tímida.

— É mesmo, Mari. Você tá muito gata no clipe — elogiou Theo.

— Para, gente! — pediu ela, dengosa, para logo em seguida sair dos holofotes. — Vocês já se perguntaram quem são essas pessoas que estão vendo nosso clipe? A gente nem compartilhou ainda, não tem amigo nem parente envolvido nisso!

— Sinistro... SINISTRO — comentei.

Ah! Dá um desconto! Eu tinha 15 anos, e sinistro era vírgula para um garoto de 15 anos!

— Agora é pedir para o povo assistir e compartilhar! Compartilhar é importantíssimo! — decretou Mari.

E o pedido de Mari era uma ordem. Passamos a tarde postando e repostando o clipe, pedindo para os amigos compartilharem e retuitarem, agradecendo elogios, fazendo o máximo para potencializar o que já parecia grande. E para minimizar as críticas.

— Olecram AP? — indagou Pedro, os olhos arregalados mirando Marcelo Pá.

— Sério que você acha que ninguém vai saber que é seu nome ao contrário? — questionou Mari.

— Claro que não! Quem se chama Olecram? — rebateu Pá.

— Um Marcelo que resolveu escrever o nome dele de trás pra frente?

— Para, loira! Tem o AP em letras maiúsculas. Ninguém vai desconfiar! Precisei

criar esse perfil falso para rebater o que o povo tá escrevendo pra detonar a gente! Tem gente muito chata!

E eram muitas chatices mesmo.

"Música bizarra, banda bizarra", escreveu um. "Banda ruim, vocalista boa. Beeeem boa", comentou outro. "Que mauricinho o guitarrista!", postou um tal de Lenyr Riojas. "Eles acham que cantam?", registrou Anamália Lália. "A pior banda de todos os tempos", apontou um queridão. "O vocalista canta com cara de diarreia e voz de ganso se afogando. Aff!", descreveu docemente um outro. "Alguém apresenta urgentemente um dermatologista para o baixista? Espinha e cabelo oleoso têm cura!", postou uma pessoa muito bacana. "Não consegui prestar atenção em nada, só na cabeça gigante do baterista, maior do que vinte Maracanãs", escreveu um ser humano muito de bem com a vida.

— A maioria esmagadora dos comentários é legal, é pra cima, mas vocês estão preocupados com o que escrevem de ruim? Vocês são bem malucos, viu? — ponderou Paulão.

— Também acho, *hater* é *hater*, eles odeiam qualquer coisa, amam odiar! — acrescentou Mari. — Uma bobagem perder tempo com esse tipo de gente!

— Pois eu estou adorando escrever que pegava o baixista e que ele é talentoso como poucos — admitiu Pá.

— Ah, Olecram é mulher, então? — perguntei.

— Quem sabe? — fez cara de mistério o piadista do grupo.

Com e sem meus parceiros de banda, revi o clipe várias vezes durante o dia, abobado com a repercussão e com a qualidade. Estava bacana de verdade, o diretor principiante tinha acertado em cheio.

À noite, depois de todo o empenho na divulgação de "Amor na hora certa" (vale dizer que contamos com a superajuda de pais, tios, primos, avós, professores, amigos, amigos de amigos e amigos de amigos de amigos), havíamos quase dobrado o número de *visualizações*. O sucesso estava caminhando a passos largos, mas nada que nos fizesse prever o que estava por vir.

Na manhã seguinte, acordei, fui direto para o celular e logo me espantei: tínhamos mais de vinte mil visualizações! Coisa pra caramba! Já no recreio senti que algo tinha mudado não só dentro de mim, mas também dentro da escola — eu me senti um filhote de E.T. Todos os olhares se voltavam para a minha franzina pessoa. Estranho, muito estranho.

No fim da última aula, o inesperado: uma cabeçada de pirralhas apontava seus telefones na minha direção. Meninas mais novas, de 10, 11, 12 anos, se empurravam de forma nada sutil para tirar uma foto minha, enquanto garotos com uma expressão esquisita me encaravam de longe.

Mais assustado que nunca, quase morri do coração quando ouvi a voz mais que familiar:

— Gualteeeer! Você virou estrela, amor da minha vida!

Era minha mãe, evidentemente. Quem mais me chamaria de "amor da minha vida"?

— Oi? — foi a única coisa que consegui dizer.

— "Amor na hora certa" está fazendo o maior sucesso no YouTube! Mais ainda do que ontem! Esquece ontem!

— Oi?

Àquela altura eu realmente só conhecia essa palavra resultante da junção de o e i.

— A banda aconteceu! Sua música é um sucesso! O clipe tá fervendo! A escola toda está comentando, todos os professores vieram falar comigo!

— Oi?

Esse "oi" foi para as notícias e para o "fervendo".

— Para de 'oi', Gualter! Vem pra minha sala que te mostro!

A diretora do colégio, aquela que também atendia pela alcunha de "minha mãe", estava louca para me mostrar o número de exibições: tinha saltado de pouco mais de vinte mil para 27.734! Fiquei absolutamente chocado e logo atualizei a página: 27.857! Em poucos segundos! Meu Deus! De novo: 27.949! Uau!

E assim, na velocidade da luz, ou seria do som?, a Pólvora começou a estourar, sem avisar. Fiquei completamente sem ação. Não conseguia falar, nem piscar eu conseguia.

Embora tudo estivesse acontecendo rápido demais, parecia que o mundo naquele instante girava em câmera lenta. O oco da minha cabeça só foi preenchido quando a sala da minha mãe foi invadida por oito pré-adolescentes histéricas estendendo seus cadernos e pedindo meu autógrafo.

Autógrafo? Meu? Eu nem sabia dar autógrafo, não tinha ideia do que escrever para aquelas meninas berrantes! Queria sair correndo, mas meus pés não se mexiam.

— Anda, Gualter! Autografa! — pediu minha mãe, quase chorando de orgulho.

— Como se autografa? O que eu boto? — sussurrei para ela.

— Um beijo do Gualter. Nossa, que difícil! — debochou.

— Ai, olha só: 'Um beijo do Gualter'... Owwnnnn — suspirou uma das meninas.

A diretora logo entrou em ação.

— Ótimo, ótimo, agora chega, meninas. Amanhã ele autografa para todo mundo. O Gualter tem muita coisa pra fazer.

— Tenho?

Então a supermãe entrou em ação e me penitenciou com olhos arregalados.

As meninas saíram e o meu celular tocou. Eu não tinha um segundo de paz.

— Não vai atender não, ô artista? — bronqueou dona Perla.

Continuei imóvel. Tinha virado estátua. Era muito esquisito ter gente berrando meu nome. Gente pequena, de tamanho e de idade!

— Gualter! — berrou minha genitora. — Alô. Oi, Pedro! Tá aqui mudo do meu lado! Filho! Aqui! É o Pedro! Parabéns, Pedroooo! Uhuuu!

Desprovida de qualquer delicadeza, minha mãe praticamente enfiou o celular dentro da minha orelha. Mas já havia me acordado do transe com o desnecessário *uhuuu!* que encerrou seu breve diálogo com meu amigo.

— Que loucura! — exclamou o guitarrista. — Todo mundo na minha escola tá me reconhecendo! E na sua?

— Mesma coisa...

— A banda ficou famosa!

— Cara, menos! É um pouco assustador, mas é coisa de colégio. Não é porque as pessoas sabem quem a gente é nas nossas escolas que isso significa alguma coisa. Amanhã ninguém nem se lembra de nada! — argumentei.

— Para com isso, Gualter, a gente não pode ter medo de sonhar, de querer mais! Geral não para de tuitar e elogiar o clipe. Até o Hugo Gloss tá falando da gente, disse que a nossa banda é babada!

— Babada? — reagi, pensando em qual de nós podia ter aparecido babando no clipe, com cuspinho no canto da boca.

— Babadoooo! — corrigiu gritando a sempre empolgada Babi.

— Isso, babado! — repetiu Pedro. — E ele disse também que o Theo é o boy magia da vez!

— Boy o quê? Hugo quem? — perguntei, atônito com tantas informações.

— Deixa de ser desatualizado, Gualter! Hugo Gloss! Blogueiro e tuiteiro hilário, megaincrível, megabadalado, megasseguido, megabafo, mega-amigo das celebridades! — explicou Babi do outro lado da linha.

E as horas seguiram com mais visualizações e mais celebridades postando e retuitando nosso vídeo. Não só por causa do tal Hugo Gloss, mas porque eram amigos do Beto, pai do Bruninho, que conhecia um monte de famosos e pediu para eles darem uma força para o primeiro clipe do filho.

Ao fim do segundo dia, tínhamos passado de quarenta e cinco mil visualizações. Na cama, mesmo após um banho frio demorado, que tomei na intenção de desacelerar, apaguei a luz, passei a mão no cabelo e senti meu couro cabeludo molhado de suor.

No sábado, ensaiamos durante a tarde, mas estávamos tão desconcentrados que erramos muito. Um desastre.

— Vem cá, a gente desaprendeu a tocar? — perguntei, assustado.

— Vocês estão ansiosos, é normal! — contemporizou Paulão. — Continuem a ensaiar mesmo assim, é bom para relaxar!

À noite eu não conseguia sair da frente do computador, atualizando obsessivamente a página do clipe. Achava um espanto, três dias depois da estreia, o clipe de uma banda desconhecida como a nossa estar rendendo comentários efusivos. Alguns ídolos adolescentes retuitaram o post do Hugo Gloss e deram um gás maior ainda nas visualizações, que agora passavam de sessenta mil.

O bacana foi ver o trabalho do Bruninho elogiado por vários internautas. Verdade seja dita: o clipe estava bonito e redondo, o cara arrebentou. Seu talento era certamente responsável por grande parte do nosso êxito.

— Ah, gente, para com isso. Meu pai me ajudou, né? — agradeceu Bruninho, modesto, quando ligamos para falar do vídeo. — Ele é macaco velho, trabalha com isso há anos. Imagina se eu não ia pedir um *help* na hora de editar?

— Mas ele fez praticamente tudo sozinho — Beto se intrometeu, já que a ligação estava em viva-voz. — Eu só dei uns pitacos de leve. O mérito é todo dele. Bruninho é o cara! E Pólvora é a banda! — vibrou Beto, corujando o filho.

O domingo chegou, e com ele veio a surpresa que mudou de vez e para sempre nossas vidas.

— Vocês sabem, quem faz três gols pede música no Fantástico — anunciou Tadeu Schmidt, apresentador do dominical. — Hoje quem vai pedir é o Waldiney, que tem só 18 aninhos e estava no banco do Atlético Goianiense até ser chamado para entrar no lugar do Silva, aos treze minutos do segundo tempo. Foi a primeira vez que ele jogou com a camisa do Dragão e já na estreia fez bonito. Nem um, nem dois, foram três gols. E aí, Waldiney? Que música você vai pedir?

Na tela, Waldiney, eufórico, disse sem titubear:

— "Amor na hora certa", da banda Pólvora. E vou dedicar pra minha namorada, a Celina, que ama essa música!

— Na hora certa estava você, Waldiney! — fez graça o apresentador. — Foi difícil de encontrar, o Waldiney é de vanguarda, a música acabou de ser lançada. Mas a nossa produção é guerreira, procurou, procurou e achou. Waldiney, seu pedido é uma ordem. "Amor na hora certa" pra você.

E assim, nossa música serviu de fundo musical para os três gols do Waldiney num programa visto literalmente por milhões de pessoas. Na hora estava praticando minha batera e não vi nada. Mas Élcio e minha mãe viram. Amigos deles viram. E professores, avós, conhecidos, vendedores, surfistas, empresários, jogadores de futebol, taxistas, enfermeiros, frentistas, médicos viram. Todo mundo viu!

— Gualteeeeeeeer! — gritou dona Perla.

Achei que tinha acontecido uma tragédia.

— Vocês estão no Fantásticooooo! — berrou ao entrar no meu quarto.

— Ã?!

Dali em diante, o telefone não parou de apitar com mensagens chegando, a caixa postal do meu e-mail lotou, as solicitações de amizade no Face, que eu já não estava conseguindo dar conta, quintuplicaram. A Pólvora estava no Fantástico.

Como não gostar de proparoxítonas?

O celular tocou e eu não consegui atender. No colo de Élcio, Quim me observava espantado, enquanto minha mãe, sentada no meu colo, me enchia de

beijos. Eu mal conseguia pensar, quiçá atender o telefone.

— Atende! É o Pá!

— Não! Agora não!

— Oi, Pá! Está do meu lado, peraí!

— Mãe! Você tem que parar de fazer isso!

— Caracaaaa! — berrou o baixista no meu ouvido. — A tua música, Gualter! Tua música no Fantástico! Parabéns! Uhuuuuu!

— É... A gent... Pá... Pá?

Não consegui terminar a frase. O baixista tinha desligado na minha cara, tamanha a excitação.

Nova ligação.

— Ô, maluco, como é que você desliga na minha cara?

— Aaaaaaaaaah! Não é o maluco, é a malucaaa! Compositor lindooooo! E fofooooo! — berrou Babi, abalando as estruturas do meu tímpano esquerdo. — E famosoooooo! Parabééééns! 'A paixão é cega, surda, burra e jaz dentro do meu peito, e eu não tenho paaaaaz'!

Mudez total e absoluta.

— Gualter! Você tá aí? — insistiu ela.

— T-Tô... Tô só esquisito. Tudo muito doido.

— Vamos comemorar amanhã no Pedro! Almoção da Socorro pra banda dos meus lindões!

Babi era bem empolgada... Mas só consegui reagir com uma palavra:

— Beleza.

Eu tinha virado uma espécie de robô. Sei lá... Nunca tinha sentido nada parecido antes.

Talvez fosse medo.

Chequei no celular como estava o nosso clipe. Tinha pulado de 73 mil visualizações (número de domingo à tarde, quando eu tinha checado pela última vez) para 137 mil. Congelei.

— Mãe...

— Filho, o que houve? Que cara é essa? Não está feliz?

Feliz? Não tinha a menor ideia se eu estava feliz. Triste eu não estava, claro, mas feliz? Acho que não, pois não conseguia nem sorrir. Por quê? Sei lá, eu mal entendia direito o que estava acontecendo, o tamanho do furacão que estava

entrando na minha vida.

No dia seguinte, com o clipe de "Amor na hora certa" tendo atingido a estratosférica marca de 190 mil visualizações, mal consegui entrar na escola. Uma pequena multidão me esperava na porta. Atônito, posei para fotos, distribuí beijos e nem senti quando fui puxado por minha mãe.

— Chega, que esse moço é meu! Depois da aula vocês tiram casquinha dele! Agora todos vocês precisam estudar!

Juro que intencionei dizer "moço?" pra implicar com a minha mãe, mas não tive forças. Eu estava realmente esquisito. Como que hipnotizado, caminhei para a minha sala, onde tive de autografar cadernos, posar para fotos, às vezes com a língua de fora, atendendo a pedidos femininos de "Faz a Miley?", e responder perguntas como "Quanto vocês pagaram pro cara falar de vocês no Fantástico?", "Vocês ganharam quanto pra aparecer na Globo? Muita grana, né?", "Posso ser figurante do próximo clipe?", "Me apresenta pra algum diretor de novela?", "Minha mãe pode cortar seu cabelo de graça? Ela é dona de salão".

Preciso mencionar que nunca fui muito popular, longe disso. Era o filho da diretora, todos me tratavam com educação, e só. De repente ter meu nome na boca de tanta gente que nunca me dirigiu a palavra foi ao mesmo tempo estranho e engraçado.

Ao fim da aula, minha mãe me buscou na sala faltando cinco minutos para acabar. Fui zoado, claro.

— Ih, aí, o famosinho vai sair antes... — implicou o implicante da turma.

— A fama já subiu à cabeça? — questionou outro.

— O filhinho da diretora vai sair cedo só pra não dar autógrafo! — provocou um terceiro.

— A diretora só não vai te dar uma suspensão porque a diretora é fofa! — brincou minha mãe, perdendo um bom momento de ficar calada.

Parecia que a minha fama tinha subido à cabeça dela. Irritado com a atitude materna, logo quis saber:

— Por quê? Por que você fez isso?

— Porque a gente vai pra casa do Pedro e não queria confusão na sua saída.

— Você não vai trabalhar no turno da tarde?

— Hoje não! Tirei a tarde pra babar pelo meu filhote.

— Quantas... quantas vis...

— Visualizações? O clipe já foi visto mais de 200 mil vezes, Gualter!

Tentei sorrir, mas nem isso consegui. Cansado não sei de quê, recostei a cabeça no banco do carona, botei o cinto, fechei os olhos, respirei fundo. Fiquei dentro da ostra durante todo o trajeto até a casa do Pedro. Ao estacionarmos, ouvi o diagnóstico materno:

— Você está assustado, filho, entendo perfeitamente. Mas precisamos comemorar todas as vitórias, as grandes, as pequenas, as gigantes. A sua música está sendo ouvida, e por um monte de gente do Brasil inteiro!

— Talvez isso esteja me apavorando. E também não saber o que vai acontecer depois.

— Ninguém sabe o que vai acontecer daqui a um minuto, Gualter. Ninguém tem o poder de controlar o futuro e o que ele vai trazer para a gente. Por isso, divirta-se com o presente! Para de agir como um zumbi e aproveita o momento!

— Mas tá muito rápido... Como é que...

— Como é que você fica famoso em poucos dias? Porque o clipe é bom, a música é sensacional e porque, além de um começo incrível, vocês tiveram uma forcinha de um jogador de futebol em rede nacional. Ter sorte faz parte! Agora podemos comemorar o sucesso?

Puxei dona Perla para um abraço apertado.

— Brigado. Te amo, tá?

— Te amo mais, garoto. Anda! Vamos festejar!

Fomos recebidos por Marisa com uma taça de champanhe na mão.

— Pra você, guaraná, Gualter. Pra você, Perla, *champa*! Tintim! — brindou a anfitriã. — Também não fui trabalhar! Acho que vou virar mãe de pop star, dondoca sustentada pelo filho famoso.

Meu Deus, todas as mães tinham enlouquecido com a repercussão do clipe!

Fui o último da banda a chegar, todos já estavam lá se abraçando e checando no celular o número de visualizações que não parava de aumentar. Depois que abracei todo mundo, Paulão pediu a palavra:

— Bom, cambada, duas coisas. Primeira: hoje de manhã criei uma página de fãs da Pólvora no Face e o Twitter oficial da banda.

Caramba, o cara era surpreendente mesmo. Ele falava coisas como *rapeize* e cambada, mas abreviava Facebook. E ainda conseguia pensar em mil coisas ao mesmo tempo.

— Segunda: a citação no Fantástico fez explodir o sucesso da música. E justamente por isso eu pensei... COMO ASSIM "Amor na hora certa" ainda não está no iTunes?!

— Pra vender? — indaguei, incrédulo.

Muito, muito amadores nós éramos, eu sei!

— Claro, Gualter! Vocês não ouviram o Tadeu Schmidt dizendo que foi difícil encontrar a música?

— Arrã — fizemos, abobalhados com a nossa própria incompetência.

— A gente tem que disponibilizar essa música pra ontem! Deve ter um monte de gente querendo baixar! — constatou. — Papamos mosca! Já devíamos ter feito isso, sou uma anta mesmo!

— Mas foi tudo tão rápido! A gravação, o clipe, a repercussão, tudo! Semana passada a gente era uma banda de garagem, quem ia pensar nisso? Eu já estava feliz só de distribuir o MP3 de graça para os amigos — argumentei, tentando contemporizar.

— E antas fomos nós, que não vivemos sem iPod e deveríamos ter pensado no iTunes logo no primeiro momento! E também no Rdio, no Spotify e em todos os aplicativos de música! — disse Mari. — Você é o máximo, Paulão, e não tem culpa de essa tecnologia não ser do seu tempo. Normal você não pensar nisso, mas a gente? A gente tinha que ter pensado!

— Obrigada, querida, mas você me chamou de velho? — agradeceu nosso guru, brincando. — Infelizmente vacilamos, mas não adianta ficar resmungando. Vamos agir, vamos ao que interessa! Vocês precisam gravar essa música de novo. Não com o André, mas com a ajuda de um profissional.

— O André é um bom profissional — contestou Pedro.

— Mas vocês precisam de mais. Quero que vocês tenham uma gravação de altíssimo nível para ser vendida. Para isso, precisam de um produtor de altíssimo nível. O André é muito bom e fez um ótimo trabalho para o clipe, mas agora vocês cresceram. E têm que continuar a crescer bonito.

— Mas a gravação que está no clipe não está boa? Se não estivesse, a gente não estaria bombando no YouTube — argumentou Pá.

— Estar boa não quer dizer que não pode ficar melhor! Quero "Amor na hora certa" impecável — garantiu Paulão. — Se tiverem alguma coisa marcada nas próximas tardes podem desmarcar. Aluguei um estúdio de gravação de amanhã até o fim da semana!

— Precisa de quatro dias para gravar uma música? — perguntei, assustado.

— Claro que não, mas acho que vocês vão melhorar muito se ensaiarem durante alguns dias com um produtor experiente. Acreditem em mim, vocês vão ver como vai ser bom!

De tão empolgado com o sucesso no YouTube e com nosso futuro promissor, enquanto estávamos na escola o pai do Pedro contratou um produtor musical tarimbado para acompanhar a gente nesses quatro dias e alugou um estúdio. O cara era rápido!

Na época eu não tinha ideia, mas produtor musical nada mais é do que o profissional responsável por lapidar uma música na hora de gravar. Mas, no nosso caso, ele seria bem mais do que isso.

A princípio, Pedro e Pá ficaram um pouco reticentes sobre a presença de um estranho no ninho. Compreensível se ressabiar com a ideia de um cara que nunca havíamos visto meter o bedelho numa coisa tão nossa. Mas entendi o lado do Paulão: ele não queria que nós continuássemos uma banda amadora. Para nosso guru, já estava mais do que na hora de profissionalizar a Pólvora.

No dia seguinte, fomos para o tal estúdio excitadíssimos. Na casa do André, onde fizemos nossa primeira gravação, o que ele chamava de estúdio era apenas um quarto com alguns equipamentos eletrônicos, dois microfones e um computador.

O estúdio profissional onde estávamos agora era outra coisa, aquilo que nós sempre vemos na TV. Grande, espaçoso, confortável, imponente, equipamentos e botões para todos os lados. Ficamos numa sala isolada acusticamente com os nossos instrumentos e microfones, e o produtor e Paulão ficaram em outra, vendo a gente através de um vidro e se comunicando conosco por um intercomunicador.

O produtor se chamava Guilherme, e deu para ver logo de cara que ele era meio estressadinho. Mal se apresentou e a primeira coisa que quis fazer foi ouvir o nosso MP3.

— Tem potencial, mas vocês estão muito crus — detonou, sem piedade.

Deu para sentir o Theo e o Pedro prontos para contestar, mas a cara do Paulão pedindo calma fez os dois engolirem os protestos. Afinal, éramos mesmo um bando de principiantes, o cara era profissional e estava ali para nos ajudar. Só a Mari não resistiu, afinal ela vivia de música há um bom tempo.

— Nós somos todos muito novos, é claro que a gente ainda é cru — disse ela, nitidamente magoada com a postura arrogante de Guilherme.

— Não é para ficar triste, menina, estamos aqui para trabalhar e melhorar, não fui contratado para elogiar vocês — devolveu Guilherme. — Quero ver agora como vocês tocam ao vivo. Vamos lá!

Cheios de garra, querendo provar para ele que éramos bons, tocamos uma vez, depois mais uma. Na terceira...

— Pedro, só se ouve a sua guitarra! A música é da banda, não da sua guitarra! Dá pra diminuir o volume e o tamanho do seu ego, fazendo o favor?

Uuuuui...

Todos nós achávamos que o Pedro tocava mais alto do que deveria, nos ensaios e nas apresentações, mas quase nunca reclamamos, afinal ele era o virtuose do grupo.

— É pra sentir a música! Eu preciso sentir a música! — rebateu irritado o guitarrista, vários decibéis acima do aceitável, usando a frase com a qual se justificava para nós nas poucas vezes que reclamávamos.

— Quem tem que sentir a música agora sou eu, garoto! E não adianta aumentar o volume na sua guitarra aí! Quando a gente for gravar, sou eu que vou controlar isso na mixagem! — estourou o estouradinho. — Abaixa essa %ˆ&*$#@ dessa %ˆ&*$#@ dessa guitarra agora! %ˆ&*$#@

Guilherme não era nada fácil. E adorava um palavrão. Um não, vários. Aumentava à toa o volume da voz e se portava como se fosse o dono da banda, o maestro, o rei.

Sempre dessa maneira doce, sutil e amigável, mandou a gente repetir a música mil vezes, cheio de opiniões:

— Essa virada tem que ser melhor, Gualter. Tá sem vida.

— Pedro, vamos incrementar esse *riff* de guitarra?

— Mari, quero mais agudo nessa nota. Você consegue! — estimulou. — Faz mais suave no teclado no momento do ‘cega, surda, burra e jaz’.

— Grita menos nessa parte, Theo. Mais emoção e menos grito. Sente a letra.

— Pá, mais balanço nesse baixo! Você não é um zumbi!

No começo, confesso que achei quatro dias no estúdio com o Guilherme um exagero de Paulão. Para mim, o nosso som não precisava de tanta intervenção, apenas de uns poucos toques. E poucos toques podiam ser dados em um, dois dias no máximo. Quatro era um exagero na minha cabeça.

Logo percebi que estava completamente enganado. Cada hora que passei com ele no estúdio me amadureceu como músico. Impressionante. O cara era fera. Até hoje guardo o que aprendi naqueles dias, suas dicas fizeram toda a diferença.

A segurança que ele passou pra gente foi impressionante: sabia bem o que queria e do que nossa música precisava. Por isso, mesmo com toda a dificuldade inicial na relação, acabamos baixando a guarda e abrindo a porta para o produtor entrar.

Passamos três dias ouvindo e obedecendo. E repetindo, repetindo, repetindo. Como queria nosso Paulão, "Amor na hora certa" estava ganhando peso e qualidade, e a Pólvora virando uma banda de verdade.

Na sexta, último dia de estúdio, quando o ouvido de Guilherme achou que a música estava irretocável, finalmente gravamos. O cara tinha transformado nosso hit em algo bem mais comercial, era fácil notar. E gostou do resultado final, fomos aplaudidos por ele.

Já era noite quando fomos comer uma pizza. Na mesa, Pedro falou bonito:

— Pai, quero te agradecer em nome de todos por essa oportunidade. Odiei o Guilherme, mas aprendi muito com ele. Você contratou o melhor professor particular do mundo pra dar aula pra gente.

— Viva o Paulão! — celebrou Mari.

— Ouvir isso me deixa muito feliz, filho. Você é um craque, mas sempre tem alguma coisa a mais para aprender. Bom que você entendeu isso.

Pai é pai, né? Adora dar uma liçãozinha! Mas Paulão era rei, ele podia tudo! E não parava um segundo.

— Cambada, seguinte: enquanto vocês estavam no estúdio com o Guilherme, o telefone não parou. Não disse nada para vocês para que ninguém perdesse o foco. Agora chegou a hora. Vocês estão oficialmente famosos.

— Sério? — perguntou Theo, olhos brilhando.

— Sério. Na segunda-feira a Pólvora vai dar duas entrevistas: uma para uma

emissora de tevê e a outra para um jornal. Os dois vão lá em casa fazer matéria sobre a banda. A equipe de tevê vai no início da tarde, e a do jornal, no fim do dia.

Ficamos eufóricos. *Entrevista? O Paulão disse entrevista? Jornal? Televisão?*, era o que me perguntava em meio a tanta algazarra.

— De onde surgiu isso? Como acharam a gente? — questionou Pedro, ofegante.

— Foi repercussão do Fantástico, claro! O pessoal ligou pro Bruninho, e ele passou meu número!

A imprensa estava procurando a gente. Caramba! Estava tudo indo tão rápido que era difícil assimilar.

— E amanhã vamos fazer um *media training* para ninguém pagar mico nas matérias — avisou Paulão. — Nessas e nas outras que virão.

— *Media training?* — indaguei, ainda meio abobalhado.

— É uma espécie de treinamento para lidar com a imprensa. Artistas, executivos e pessoas que dão entrevistas com frequência fazem isso. É como se fosse um ensaio para preparar o entrevistado para todas as perguntas, as mais bobas e as mais cabeludas.

— Uau... — foi tudo o que consegui dizer.

Em pleno sábado ensolarado, lá estávamos nós mais uma vez enfurnados na casa do Pedro.

— Todo mundo pronto? Vamos treinar para dar entrevista? Ou preferem almoçar antes?

— Almoçar, né, Paulão? — acertou Marisa, arrastando o marido para a mesa.

Quando dei por mim, percebi que o menino que tocava bateria e tinha composto uma música displicentemente ia aprender a dar entrevista naquela tarde. Mundo maluco.

O rango da Socorro estava de primeira. Carne assada, batata, feijão, arroz e farofa de alho. Melhor feijão que comi na vida. Mas ela não estava nem aí para o que a gente tinha achado da sua comida. Queria mesmo tirar foto com cada um de nós, parecia que nunca tinha nos visto na vida.

O olhar da Socorro tinha mudado. Impressionante. No olho dela me vi refletido como algo muito maior do que eu era, do que eu jamais seria. Aliás, no olho de todo mundo me vi assim naquela semana. De manhã, na escola, alunos, funcionários e professores me trataram diferente. Em casa, as amigas da minha

mãe. Agora a empregada do Pedro.

Depois da sensacional sobremesa — brigadeiro de chocolate branco com limão siciliano —, chegou a hora do ensaio para a entrevista! Do *media training*, quero dizer.

Ficou decidido que Theo, por ser o vocalista e o mais exibido de nós, responderia à maioria das perguntas. Mari, com seus anos dedicados à música, ficaria com as mais sérias, Pá manteria o estilo gaiato falando quando desse vontade, Pedro daria conta das questões sobre a formação da banda e as expectativas, e eu só falaria especificamente sobre "Amor na hora certa".

Paulão fez perguntas, Marisa idem. E Babi, e Susi, e dona Perla. Até Socorro deu uma de repórter. E não é que ensaiar aliviou o peso de mil baterias sobre meus ombros? Aos poucos, consegui seguir o conselho da minha mãe e aproveitar o momento. Cada segundo era especial e único. Quanto mais ensaiávamos e repetíamos, mais fluida ficava a conversa, mais naturais ficavam as respostas.

— Agora estou pronto para ser famoso — brincou Pá.

Ser famoso. Taí uma ideia com a qual não conseguia me acostumar.

Depois de duas horas de treinamento, chequei o Facebook. Tinha mais de 1,6 mil solicitações de amizade, mas nem comentei com ninguém o meu espanto. Estava todo mundo elétrico.

Domingo voltamos para nosso QG, onde tocamos horas a fio a nossa música e muitas outras. Chegamos à conclusão de que precisávamos botar logo em prática tudo o que tínhamos aprendido com Guilherme nos quatro dias de estúdio. Além disso, levar um som realmente nos relaxava.

Entre uma música e outra, checávamos a quantas andava nosso vídeo no YouTube. Ele ia bem, muito bem, o que era ótimo, mas também angustiante. *O que estava por vir? Viria algo além do que estávamos vivendo? Quantas pessoas mais clicariam para ver nosso clipe? Qual seria o resultado das entrevistas? Quem veio primeiro, o ovo ou a galinha? Atlântida existiu? Sanduíche de mortadela combina mais com mostarda ou manteiga?* Eram muitas as questões, e tocar nos relaxava.

Quando a segunda-feira chegou, a campainha da casa do Pedro tocando me deu a sensação de que o futuro estava literalmente batendo na porta.

A repórter de seios avantajados e longos cabelos pretos e lisos era de uma tevê com pouca audiência, de um programa de gosto duvidoso, mas quem se importava com isso? Era uma entrevista, poxa! Nossa primeira entrevista!

Câmera ligada, áudio testado, luz na nossa cara e... ação!

— Como surgiu a ideia de fazer uma banda? Vocês tinham ideia de que a música daria tão certo? Quais são os planos de vocês? E os sonhos? Esperavam por tanto sucesso em tão pouco tempo? E ganhar fãs de uma hora para outra, como é? E o Waldiney? Conversaram com ele depois que ele falou de vocês na tevê? Quem tem namorada e quem não tem? E, Mari, como é ser a única menina no meio de meninos com hormônios em ebulição?

— Eles são todos uns bobos.

Bacana mesmo ser chamado de bobo em rede nacional.

— Como foi gravar o vídeo? Quanto tempo demorou? Quem teve a ideia das cenas em preto e branco? Qual a inspiração para a música, Gualter?

— Ah... queria falar de amor...

É... Foi só o que saiu.

Mesmo eu tendo reduzido minha resposta a quatro palavras, dei meu recado, vai! Havíamos ensaiado todas as perguntas e nos portamos como profissionais.

— "Money For Nothing", uma música do Dire Straits, debocha do sucesso. A letra diz que ter uma banda não é trabalho, é apenas dinheiro por nada e garotas de graça, numa tradução literal. Vocês concordam? Estão sentindo o assédio? Como o público feminino está reagindo a "Amor na hora certa"?

E não é que a peituda tinha conteúdo? Citar Dire Straits foi muito bacana! E eu, preconceituoso, assim que a vi entrar tive certeza de que ela era só uma gostosa de cabeça vazia. Eu era um imbecil.

— Várias meninas disseram na escola que meu filhote é 'lindo, tesão, bonito e gostosão!' — gritou minha mãe, para me matar de vergonha.

Isso não foi nada bom. Até porque "filhote" ninguém merece!

O foco se voltou para os pais. Mas antes de dar voz aos genitores presentes...

— Veja você o que o sucesso não faz, dona repórter... Chamar esse pirralho cabeçudo de 'gostosão' é piada, né? — troçou Pá, para me matar de vergonha pela segunda vez em menos de dois minutos. — Olha, eu tô no zero a zero há tanto tempo que, se conseguir pegar *mulé* com essa banda, pode ser feia mesmo, tá valendo, eu já fico feliz com isso tudo.

A "dona repórter" adorou a gaiatice do nosso baixista. E seguiu em frente, agora interessada no que tinham a dizer minha mãe e Paulão, nosso guru, ensaiador de entrevistas e empresário.

— Como é ser mãe/pai de um adolescente que faz sucesso na internet? Vocês têm medo de que esse sucesso dure pouco? Esperavam tantas visualizações em tão pouco tempo?

Marisa também deu entrevista. Assim como Socorro e Babi.

Ouvi Pedro sussurrar para Paulão enquanto a namorada tagarelava ao microfone:

— Tudo bem a Babi dar entrevista?

— Claro! Por que a preocupação?

— Ah, sei lá... Não sei se é bom as fãs saberem que eu tenho namorada.

Fãs? Fãs? Ele usou a palavra fãs? E com essa naturalidade?, era o que me perguntava, absolutamente chocado. Fala sério, o sucesso mal começara e já tinha subido à cabeça do Pedro! Que mané!

Depois da Babi, veio Alina, a mãe do Theo. Sim, aquela loira da pele esturricada de sol que estava sumida desde o começo do livro. Mais loira e maquiada do que nunca, ela fez questão de dar seu parecer sobre nossa banda:

— O meu Theo é um menino de ouro. Canta como um rouxinol e só me enche de orgulho.

— A senhora apoia seu filho? Gosta da ideia de ser mãe de um cantor?

— Senhora está no céu, amor, e claro que apoio. Desde o princípio! Esses meninos são talento puro, e meu Theo se revelou um excelente vocalista. Além de tudo é lindo, né?

Era muita cara de pau! Como a Alina, que atazanava o pobre coitado do Theo 24 horas por dia no começo da banda, teve coragem de ir para a televisão dizer que dava força para o filho? Ficamos todos impressionados com sua atitude, mas o loiro parecia tão feliz que nem pensamos em zoar depois.

Fiquei chocado com a dedicação da repórter e com o tempo que ela estava levando para fazer uma matéria com uma banda iniciante. Parecia preparar um documentário sobre a gente! Ou aquela seria a reportagem mais longa da tevê brasileira, ou a mais editada da tevê brasileira.

Foi a segunda opção, evidentemente.

As quase duas horas de entrevista, incluindo imagens da gente tocando e tal, foram ao ar dois dias depois com exatos três minutos e vinte e dois segundos, muito rápido. Todo mundo reclamou que seu melhor momento acabou não entrando. Sem contar as mães, Babi e Socorro, todas sumariamente cortadas. Mas

Paulão achou o máximo.

— Demais, *rapeize*! Três minutos e vinte e dois segundos? Coisa pra caramba! — garantiu.

Algumas horas após a entrevista para a TV, chegaram o fotógrafo e a repórter do caderno de bairros do maior jornal do Rio. Novinha e competente, ela fez poucas e boas perguntas depois da sessão de fotos na garagem onde a banda nascera. Saíram da casa de Pedro com o sol se pondo. Ao cair da noite, uma ida ao YouTube nos deixou boquiabertos. Nosso vídeo estava com mais de 450 mil visualizações.

— Gente, esse número é um espanto! O vídeo que vocês viram comigo cantando no restaurante eu já considerava um sucesso. E foi visto pouco mais de 19 mil vezes! — empolgou-se Mari.

Por volta de meia-noite, quando enfim deitei na cama depois do dia mais agitado e inusitado da minha vida até então, dei uma última olhada no celular. Tínhamos acabado de passar das 500 mil visualizações. Sim! Mais de meio milhão!

Fechei os olhos, mas não consegui dormir. A cabeça não parava. Duas entrevistas num só dia e uma música que certamente muita gente já sabia cantar? Era coisa demais para o cérebro inquieto e povoado de um garoto de 15 anos.

A porta do meu quarto se abriu. Era ela, a incansável dona Perla. Tinha ido ver o pirralhinho Quim e aproveitou pra dar um beijo no seu outro pirralho — o preferido, obviamente.

Mas ela não queria só me beijar. Fechou a porta, deitou na minha cama, empurrando-me para o canto, e me abraçou. Em silêncio, ficamos ali, de conchinha, por um bom tempo. Nem consigo descrever o imenso conforto que senti enlaçado por seus braços. Só sei que me fez tão bem... Ela sempre me fez tão bem...

— Se não quiser ir à aula amanhã, ok.

Dona Perla só podia estar doente.

— Mas não fala pra ninguém que a diretora da escola disse isso a você.

— Mãe... Eu... eu tô... Sei lá... tô estranho, não consigo dormir.

— Eu sei. Estou ouvindo sua ansiedade em todos os cantos da casa. Você virando de um lado para o outro. Não se preocupa com o sono, se ele não vier. Você está com notas ótimas, um dia não vai te atrapalhar. Você precisa descansar para assimilar tudo.

Sou muito sortudo por ter a melhor mãe do mundo.

— Obrigado, mãe.

Ela me deu um beijo na testa e saiu.

Acendi a luz do abajur e, sem a preocupação de acordar cedo no dia seguinte, peguei meu caderno e comecei a escrever.

Assim nasceram os primeiros versos de "De repente", a canção em que tentei contar um pouco a sensação de ser atropelado pelo sucesso instantâneo. Fiz pensando numa pegada rap, uma coisa Emicida, Criolo. Não. Coitados do Emicida e do Criolo. Os caras são bons! Era uma mera tentativa de fazer algo meio rap. Isso. Assim fica melhor. E mais sincero também.

De repente

Eu nem sei se queria,
mas tudo foi acontecendo
e de repente um furacão mudou meu dia
e eu só vendo, só vendo

De repente eu era um pop star
De repente todos vinham me chamar
Até entrevista tinha que dar
E eu pensando no que ia almoçar

Uma banda, um vídeo, a internet
Ah, moleque, te mete!
A Pólvora nem explodiu
Mas já dizem que é nota mil (será?)

Será que é bom?
Será que é pra valer?
Não importa, esse é meu som
E dele quero viver

Se o rock não virar meu ganha-pão
Não tem problema, tentar não foi em vão
Sonhar não custa nada
E pode me dar uma namorada

O sucesso não tem fórmula
Acontece a qualquer hora
E tudo parece uma fábula
~~Foi assim com a Pólvora~~ piegas, pode
melhorar, mas
a ideia é essa

Na hora da sesta o que me resta
Um sono tranquilo, é aquilo
Mas não, só penso no sucesso
No excesso, tô possesso, não é meu estilo

Deixe que digam
Deixe que falem isso ficou péssimo,
~~As músicas fadigam~~ trocar amanhã
~~Mas muito bem me fazem~~
também tem que
trocar urgentemente

Quando o relógio marcava 3h37 da madrugada, eu já estava com um olho fechado e o outro fechando. Chequei pela última vez como andava o nosso clipe: 512 mil visualizações. Ainda tentei continuar a trabalhar na letra, mas apaguei com o caderno no colo e a caneta entre os dedos.

Nossa página do Facebook também crescia vertiginosamente. Nela, fotos nossas, um perfil de cada integrante, o clipe e o link para a nossa música no iTunes, que

estava vendendo bem direitinho. Tudo abastecido pelo incansável Paulão. Já eram quase 50 mil seguidores em apenas uma semana. Também tínhamos ganhado páginas de fã-clubes (você leu certo, já tínhamos fã-clubes!) do Rio, de São Paulo, Salvador, Curitiba, Maceió e Goiânia. Tudo bem que alguns tinham apenas sete integrantes, mas era fã-clube, e não se fala mais nisso. O maior tinha mais de trezentos, era ou não era o máximo!?

E fã puxa papo e tem sempre mil perguntas:

Quando a Pólvora vem fazer show em Vitória?

E em Passo Fundo?

Vem pra Picada Café, por favor!

Depois do show que vocês precisam fazer em Paty do Alferes, você podia casar comigo, hein, Theo?

Quando vocês fizerem turnê, não se esqueçam do Nordeste!

Mari, posso tirar foto com você depois de um show? Quero saber que tinta você usa no cabelo! #amoseucabelo #queroigual

Impressionante. A distância não existe nas redes sociais.

— Caraca! Geral quer ver show da gente! — exclamou Pedro.

— Em vários lugares do Brasil! — complementei. — E o clipe não tem nem duas semanas no ar!

— Onde fica Picada Café? — quis saber Pá.

Paulão, calmo e seguro como sempre, aproveitou a deixa para dizer qual seria nosso próximo passo:

— Vocês precisam potencializar esse sucesso. E tocar ao vivo é a única maneira de uma banda mostrar para gravadoras e gente do mercado que vocês têm força, que não são mais um sucesso meteórico de internet, que vieram pra ficar! É ao vivo que uma banda tem que se garantir!

Todos gritamos concordando, estávamos ansiosos para tocar ao vivo de novo. Para fazer o primeiro show de verdade da Pólvora. *Show em festa de 15 anos não conta*, eu pensava.

— Vocês têm que começar a fazer shows, mas vamos com calma, para fazer tudo direitinho. Os convites já começaram a chegar, mas todos vieram de produtores desconhecidos em cidades pequenas, e acho que vocês precisam ganhar cancha antes de viajar.

— Ganhar cancha? — perguntou Theo.

— Experiência! E experiência de palco só se ganha no palco!

— Então não seria melhor a gente aceitar esses convites e sair logo fazendo um monte de shows? — sugeriu Mari. — Estou precisando de grana....

Enquanto eu sonhava com o dia, num futuro distante, em que ficaria rico fazendo música, Mari precisava ganhar dinheiro com música agora. E não era para bancar futilidades. A nossa cantora precisava da grana para o seu sustento, uma realidade bem distante da nossa.

— Eu acho arriscado, querida. É melhor vocês começarem se apresentando aqui no Rio, onde se sentem mais confortáveis. Além disso, eu preciso me inteirar de como são feitas essas viagens, em que condições... Preciso de mais tempo para botar a banda na estrada em segurança.

Paulão pensava mesmo em tudo. Todos concordamos.

— Por isso está decidido, *rapeize*: hoje à noite anunciamos no Face o primeiro show da Pólvora aqui no Rio.

— Show?! — pensei em voz alta.

— Que irado! Onde? Quando? Nem sabia! — reagiu Theo.

— Nem eu, que moro com ele, tô sabendo desse show! — disse Pedro.

— Calma, vou explicar. Vai ser no domingo.

— Já!? — Pá se espantou. — Domingo é daqui a cinco dias!

— Isso aí! Já! — respondeu o empolgado.

— Onde? — questionou Mari.

— Sabem esse festival de música que estão fazendo na praia do Pepê?

— Ouvi falar, mas também ouvi que está supervazio — tive que dizer, sei lá se o Paulão sabia.

— Eu tô sabendo, Gualter, mas para nós é uma ótima chance. A estrutura está toda montada, não precisaremos investir nada. Tudo bem que o cachê também não é nada de mais, mas vai ser uma forma de saber se toda essa galera que viu o clipe no YouTube vai ter vontade de conhecer vocês ao vivo.

— Mas como você conseguiu isso? O festival já começou! — quis saber Mari, sempre prática.

— Um amigo meu trabalha na empresa de refrigerantes que patrocina o evento. Quando contei da Pólvora, ele disse que a filha estava apaixonada por vocês e convidou a banda para fechar o evento no domingo — explicou Paulão. — Mas vem cá, é só pergunta? Vocês não ficaram felizes?

Daqui a cinco dias, cinco dias!, era só o que eu pensava, angustiado. Mas o Pá reagiu com a felicidade que Paulão esperava.

— Caraca, maluco! Eu vou tocar na praia por sua causa! Eu te amo! Tu é o homem da minha vida! — disse o baixista, tascando um beijo no nosso mentor.

— Peraí! Show na praia qualquer um pode ir! Uma multidão! — deduziu Theo.

— Ou três pessoas! — cortou Pedro.

Ignoramos o pessimismo do nosso pessimista maior.

— Não é a galera da escola, nem os convidados de uma festa — argumentei. — Será que o povo vai cantar com a gente? — sonhei alto.

— Podem vaiar a gente! — Pedro mais uma vez deu um show de positividade.

— Vira essa boca pra lá, garoto! — bronqueou Mari.

— Será que a gente tem bagagem pra tocar num show aberto ao público? — indagou Pá.

— Muito mais que muita banda! — respondeu na lata Paulão. — Uma hora tem que rolar o primeiro show. Chegou a hora de vocês.

— Show na hora certa — afirmei, querendo muito acreditar naquilo.

— Certa? Você acha mesmo?

— Acho, Pedro! Deixa de ser tenso, cara! — reagi.

— Será que a gente vai fazer mais sucesso? Ou será que vai ficar nisso mesmo e a gente vai voltar pro anonimato?

— A gente saiu do anonimato? Só se for você, meu porteiro continua não sabendo meu nome — brincou Pá.

Confesso que as dúvidas do Theo eram as minhas. Estava só começando, mas todo mundo tinha um medinho de que acabasse logo. Estava muito bom pra ser verdade.

— O negócio é o seguinte: não batalhamos para chegar até aqui, as coisas foram acontecendo e caindo no nosso colo, mas vamos batalhar muito para continuar crescendo. O futuro a Deus pertence — opinou Mari.

— É assim que se fala! — incentivou Paulão.

— O ideal seria se vocês tivessem mais uma inédita pra cantar no dia do show. Isso ia mostrar consistência, vontade de fazer, de fincar bandeira, marcar território. A Pólvora não pode correr o risco de ficar tachada de banda de uma música só.

Era a minha deixa.

— Eu... eu tenho...

Olhos arregalados e incrédulos na minha direção quase me mataram de vergonha.

— Que foi, gente? Fiz ontem, antes de dormir. Não tá pronta, é só um esboço — adiantei, pegando minha letra e botando no meio da roda.

Os olhos arregalados e incrédulos agora miravam meu pobre caderno. Que silêncio desconfortável aquele! Enquanto o suor nervoso brotava na minha nuca, a letra era analisada meticulosamente. Fui logo me defendendo:

— Tenho que trocar um monte de cois...

— Shhh! — fizeram em coro.

— Genial, moleque! Genial você escrever sobre o sucesso repentino! — elogiou Paulão.

Genial. De todas as palavras do dicionário, o nosso padrinho e guru escolheu "genial". A mesma palavra que Bruninho usara para descrever "Amor na hora certa". Eu podia ter ficado insuportável. Mas não fiquei.

Tá bem, fiquei só um pouquinho.

— Gualter, isso ainda vai ajudar a gerar matérias! — exclamou Pedro. — Dá uma boa divulgação, não dá, pai? Já vejo a manchete: *Banda que fez sucesso 'de repente' compõe segunda música para mostrar que veio para ficar.* Que tal?

— Claro, Pedro! Manchete meio grande, meio impossível, mas manchete, cara! — implicou Paulão.

— Tu é o homem da minha vida, Gualter Potter. Casa comigo? — implicou Pá, fazendo boca de beijo pra mim.

— Mas não sou eu o homem da sua vida?

— Você é casado, Paulão. E a Marisa é mó gente boa...

Risos gerais.

— Cara, tem que mexer muito pouco nessa música. Tá irada essa letra!

— Irada também não, Theo... A gente pode dar uma boa melhorada. Tem uns versos vergonhosos...

Parecia que eu tinha corrido uma maratona, de tão suado. E confesso que fiquei um pouco vermelho também. *Sou um letrista, preciso me acostumar com isso, definitivamente!,* decretei para mim mesmo.

— E na melodia, você pensou em alguma coisa? — perguntou Pedro.

— Uma pegada rap, o que vocês acham?

— Show! — vibrou Theo.

— Maravilha, queridos. Vou sair pra cuidar da página de vocês e avisar que tem música nova vindo aí! E showzinho na praia!

— Separa um lugar nessa areia! Nós vamos chacoalhar sua aldeia! — cantarolou Pá, que, ao ver nosso espanto, explicou a menção ao Ultraje a Rigor: — Que foi? Essa música é do tempo do meu pai, ele se amarra nela, a gente toca direto.

— Isso aí, Pá! Rock Brasil na veiaaa! — vibrou Paulão. — Trabalhem na letra e na melodia! A Pólvora está estourando! U-tererê!

Nessa animação, ele nos deixou pilhados, apesar do desnecessário 'u-tererê', seja lá o que isso signifique. Pedro e Pá pegaram o violão para dedilhar uma melodia enquanto eu e o restante elaborávamos a letra.

Em poucas horas, "De repente" estava quase redonda. Faltavam pequenos ajustes para o arranjo ficar mais bacana. Nossos quatro dias no estúdio com o Guilherme tinham mesmo nos tornado músicos melhores, sabíamos bem o que queríamos agora.

Aquela música, sim, podia ser chamada de criação coletiva! A melodia foi criada praticamente só pelo Pedro, e o Pá sugeriu uma palavra na letra, que nem entrou, mas decidimos que todos nós assinaríamos nosso próximo sucesso. Sim, eu havia sido contagiado pelo otimismo de Paulão. Não era uma música, era um sucesso. Sei que a ideia tinha sido minha, mas eu estava achando bacana dividir a autoria com todo mundo. Era uma forma de unir a banda, de todo mundo se sentir importante.

Os dias seguintes foram de muito ensaio, queríamos estar afiados para o nosso primeiro show de verdade. Nos sites e nas redes sociais, muitas pessoas escreveram que gostariam de nos ver ao vivo, mas moravam longe, o que só me deixava mais angustiado. Contagiado pela tensão pessimista do Pedro, eu tive que brigar feio com o meu medo de ninguém aparecer.

Droga! O domingo estava demorando a chegar! Enquanto não chegava, lidávamos como podíamos com o assédio na escola, a curiosidade de pessoas que até outro dia mal falavam com a gente e até com alguns jornalistas que agora nos ligavam. Como esse povo descobre nosso telefone? Até hoje isso é um mistério pra mim.

Nesses dias tensos antes do primeiro show, cada um reagiu de uma forma diferente. Pedro resolveu praticar ainda mais. Quando acabávamos o nosso ensaio, ele trancava-se na garagem e continuava a praticar exaustivamente sua guitarra. Tenso e disciplinado, deixou Babi meio de lado no que ele chamou de "momento pós-estouro". Não entendi esse "pós", não tínhamos acabado de estourar, ainda estávamos estourando, caramba! Mesmo triste, a menina foi compreensiva e deu o "espaço" que Pedro pedira a ela numa conversa de poucas palavras.

Por mais que achasse loucura um ser humano querer se afastar de uma menina como a Babi, entendi o Pedro. Assim como eu, ele andava esquisito, tentando assimilar tantas novidades.

Era muito louco chegar em casa depois dos ensaios e ver a euforia aumentando na internet, o nosso clipe cada vez com mais visualizações e as mensagens apaixonadas de muitas meninas que eu nunca tinha visto.

Por um lado era muito engraçado em tão pouco tempo ter várias pirralhas apaixonadas por mim. As de 10, 11 e 12 principalmente. Não eram meu público-alvo quando pensava no sexo oposto, claro, mas minha vida não estava ruim, não. E olha que eu era o baterista, que, em geral, é quem menos aparece numa banda.

Já o Theo aliviava a tensão de outra forma. Resolveu aproveitar a onda de sucesso na internet para sair diariamente, às vezes duas, três sociais por noite. E passava o rodo, pegava mais mulheres do que eu jamais pegaria em toda a minha existência. Ok, exagero. Mas foi quase isso. Até as mais velhas estavam dando mole para o cara!

Mari estava cansada. Apesar de ter se tornado uma espécie de celebridade em seus três empregos, nenhum dos chefes dava moleza, marcavam em cima mesmo. O sucesso não mudou literalmente nada em sua vida. Só deu mais trabalho para ela, já que nossos ensaios se intensificaram e a grana ainda não tinha entrado.

Pá, por sua vez, acompanhou Theo em algumas baladas, sentiu o gostinho de, por conta do sucesso do clipe, pegar facilmente garotas nas festinhas, mas ele estava tentando diminuir a bebida, e festas têm sempre bebida. Não bastasse isso, suas notas não estavam boas. E ele sabia que, para continuar na banda, teria que melhorar no colégio, então se dividiu entre a prática do baixo e a cara enfiada nos livros escolares.

O baixista bem que tentou diminuir a bebida depois da conversa com Mari, mas o álcool o relaxava. Para contar mais piadas, para se aproximar das garotas, para se

sentir confiante apresentando um trabalho na frente da turma e, principalmente, para dormir. Cada vez mais ele tinha um pretexto para beber. Mas seu grande problema era o sono. Toda noite, antes de dormir, dava uns goles na garrafa de uísque que comprara e escondera no fundo do armário. Achou por bem não beber mais da de seu pai. Além disso, prometeu a si mesmo que, caso Marilene sofresse outra sabatina de sua mãe, assumiria que o conteúdo da garrafa tinha sido consumido por ele. Doeu no menino de mão grande assistir, com o coração pequeno, covardemente calado, à discussão de sua mãe com a empregada mais bacana que já passara por sua casa.

E, assim, cada um do seu jeito, esperamos o domingo chegar.

O domingo finalmente aterrissou e chegamos à conclusão de que havíamos vivido, desde o primeiro dia do clipe no ar, mil dias em dezessete. O frio na barriga e a ansiedade se multiplicavam com o transcorrer das horas — que naquele dia resolveram passar bem devagar, só para implicar com a gente.

Lembro da minha euforia. Literalmente pulei da cama para tomar café e voar para a casa do Pedro. Ao chegar lá, a surpresa: nosso cantinho musical tinha agora um pôster emoldurado, encostado na parede. Era uma foto da nossa apresentação no churrasco. Coisas de Paulão. No dia em que a Pólvora faria seu primeiro show aberto ao público, ele queria que nós nos lembrássemos de como tudo nasceu.

Foi emocionante.

— Espero que vocês nunca se esqueçam do churrascão do Paulão... — disse o próprio, com os olhos vermelhos, abrindo os braços para um abraço de polvo.

Passamos as músicas duas, três, vinte vezes até chegar o momento de ir para a praia numa van, que nos pegou exatamente uma hora e vinte minutos antes do show.

Ao chegarmos fomos direto para o camarim, que ficava atrás do palco. Lá fomos recebidos com abraços efusivos e sorrisos fáceis, nunca vi tanta gente simpática por metro quadrado. Fiquei impressionado, mas pouco depois entendi o porquê da excelente receptividade.

O festival, um fracasso desde o começo, mesmo com divulgação maciça em rádios e jornais, emplacou justamente no último dia. O nosso dia.

— Vem ver, cambada! — chamou Paulão, empolgadíssimo.

Olhei por trás das caixas de som e pisquei várias vezes.

Uma pequena multidão de jovens se aglomerava para ver nosso show. A maioria esmagadora parecia formada por garotas pré-adolescentes e seus conformados pais.

— Isso é pra gente? — perguntei, assustado.

Olhei para o Pá, que olhou para o Theo, que olhou para o Pedro, que olhou para a Mari. Sorrimos embasbacados, incrédulos e silenciosos.

— Ninguém vai soltar um 'caraca'? Vocês estão muito velhos, sabiam? —

provocou Paulão.

O momento valia mais que mil caracas; valia a invenção de um novo caraca. Estávamos pasmos com toda aquela gente que saíra de casa pra ver a Pólvora! Havia até algumas faixas com o nome da nossa banda!

Estava esperando meia dúzia de pessoas, que parariam pra nos ver só por estarem de passagem por ali. O festival era um mico, todo mundo sabia. Mas era muito pessimismo de minha parte. No sábado à tarde, nosso clipe no YouTube tinha chegado a um milhão de visualizações. Um milhão!

Hoje, para mim, é evidente que com uma repercussão desse tamanho na internet um bom número de pessoas se interessaria em aparecer para nos ver ao vivo e em cores, ainda por cima de graça. Mas insegurança e adolescência sempre andaram de mãos dadas.

◉

Não vou enrolar nem ficar de falsa modéstia: se para os entendidos é ao vivo que uma banda mostra a que veio, a Pólvora provou que tinha nascido para o palco. O show foi mágico, deu tudo absolutamente certo. A gente arrebentou! Que desenvoltura, que carisma, que presença! Éramos incríveis! Ah! Avisei que não ia ficar de falsa modéstia, vá!

Decidimos tocar várias músicas conhecidas além das nossas. Quatro internacionais ("Happy", do Pharrell, com uma pegada mais acústica e novos arranjos, ideia do Pedro, "Castle of Glass", do Linkin Park, "Ain't it Fun", do Paramore, e "Be Gentle With Me", de um duo inglês chamado The Boy Least Likely to, "amor à primeira ouvida", definiu Mari, que sugeriu a canção) e duas nacionais ("Hoje o céu abriu", do NX Zero, e "Mandou bem", do Jota Quest).

Nunca vou esquecer o momento em que me dei conta de que aquela gente toda estava cantando "Amor na hora certa". Arrepiei e arrepiado fiquei durante toda a execução da música, com um sorriso embasbacadamente feliz que não saía do meu rosto. Bonito demais, emocionante demais para um garoto de 15 anos.

"De repente" parecia ter nascido hit também, rolou uma química entre ela e a plateia, que em pouco tempo já sabia cantarolar os versos.

Não posso deixar de mencionar que a versão de Pá para "She Loves You", dos Beatles, foi ovacionada. Ah, sim, esqueci de contar. Um dia antes do show, o

baixista chegou na garagem com a novidade:

— Até agora não fiz porcaria nenhuma nas músicas da Pólvora, sei que sou uma negação compondo, mas criei uma versão que acho que vocês vão gostar. Se não gostar não precisa mentir, hein, gente?! Jogo fora amarradão!

— Imagina! Vamos mostrar duas músicas inéditas no show, então! — vibrou Theo.

— Não sei se chamaria o que eu fiz de música, mas...

— Dá aqui! — pedi, enquanto arrancava da mão dele o papel amassado com a letra. — É esse o título mesmo?

Foi difícil conter o riso com a letra inspirada do piadista do grupo. Na versão de Pá, "She Loves You" virou "Ela tem chulé".

Ela tem chulé

Marcelo Pá, John Lennon e Paul McCartney

Ela tem chulé, ié, ié!
Ela tem chulé, ié, ié
Muito chulé, ié, ié, iééé

Quando a conheci
Eu nem desconfiava
Que aquela deusa ali
Banho não tomava

Era porquinha
Mas era tão bonitinha
Ela era porquinha
Mas tão tão bonitinha!

O cheiro simplesmente
Era tipo insuportável
Como falar isso
De uma forma amável?

Era porquinha
Mas era tão bonitinha
Ela era porquinha
Mas tão tão bonitinha, uuuh!

Ela tem chulé, ié, ié
Ela tem chulé, ié, ié
Muito chulé, ié, ié, iééé

Se fosse só o chulé
Até que eu pegava
Mas meu amigo Zé
Contou que ela cuspia quando arrotava
Era porquinha

E ainda cuspia
Ela era porquinha
E ainda cuspia - uuuh!

Ela tem chulé, ié, ié
Ela tem chulé, ié, ié
Muito chulé, ié, ié, iééé

E ao tocar a mais tosca versão de música dos Beatles já feita em solo tupiniquim, encerramos o show, com a plateia entregue, rindo e cantando a plenos pulmões o refrão da porquinha. Hit imediato.

O sol caiu bonito no mar, mas ninguém viu. Todos os olhos estavam voltados para a Pólvora. Aqueles 41 minutos (eu sei por que a Susi gravou tudo) passaram como num sonho.

— Uma banda jovem que fala a língua do jovem — definiu uma morena para a câmera da nossa descabelada preferida.

A aprendiz de *videomaker* tinha resolvido fazer um documentário sobre nosso primeiro show de verdade.

— Uma banda brasileira que a gente não tem vergonha de dizer que gosta —

confessou outra garota.

— Quero o vocalista pra mim — surtou uma terceira.

— O guitarrista é o homem da minha vidaaaa! — enlouqueceu de vez uma ruiva muito da bonitinha.

— Alguém tem o telefone da cantora gostosa? — quis saber um loiro de *dreadlocks*.

— O baixista tem namorada? — perguntou uma pirralha, com os olhinhos brilhando. Até o Pá tinha se dado bem com esse negócio de palco. — Gosto dos feios e esquisitos, são os menos disputados — completou.

Ah, a sinceridade e a lógica das jovens tietes...

— O baterista é o rascunho do Harry Potter — comentou um garoto.

Rá. Rá. Muito engraçado.

Depois do show teve um "momento Caras". Fotos, mil flashes, poses com amigos, familiares e... fãs. É! Muitas poses com fãs. Sim, nós tínhamos fãs, agora eu precisava admitir! E algumas levaram presentes!!! (Aqui eu gostaria de pelo menos cinco linhas só para pontos de exclamação.) Era tudo muito louco, muito rápido. A gente mal tinha nascido e já tinha fã! Fã! Fã que escreve cartas quilométricas! Fã que diz "eu te amo" com lágrimas nos olhos e te dá o abraço mais apertado do mundo. Adolescente ama amar quem quer que seja, né?

Uma menina levou cupcakes com as iniciais de cada um de nós e disse, visivelmente emocionada, que iria atrás da Pólvora para ver todas as nossas apresentações. Aliás, a pergunta que mais ouvi foi: "Quando vai ser o próximo show?"

Estávamos em êxtase. Demos autógrafos, ganhamos beijos e abraços e tivemos a oportunidade de olhar nos olhos gente que só nos conhecia pela tela do computador. Não eram parentes, nem amigos, nem amigos de amigos, nem vizinhos ou alunos das nossas escolas. Alguns curiosos foram, claro. Mas não muitos. Foi nossa primeira vez com fãs de verdade. Momento único e absurdamente feliz.

Aliás, as nossas famílias também estavam eufóricas. Minha mãe não parava de sorrir e chorar, Paulão dava abraços demorados em todo mundo que aparecia na sua frente (leia-se Marisa, Babi, eu, o pipoqueiro e o cara do quiosque), Ricardo pulava feito pulga... Nós estávamos em êxtase! Pá fazia dancinha tipo *Rebolation*, Mari chorava e agradecia com as mãos para cima, Pedro dava soquinhos no ar, eu

chorava escondido, Theo dava saltos mortais na areia, parecia que o Brasil tinha sido campeão do mundo vencendo a Argentina de virada na final da Copa.

— Sempre acreditei nesse menino! Vai longe! — declarou uma felicíssima Alina para a câmera de Susi.

Ai, ai...

Só quem não parecia 100% feliz era Babi, cujo rosto sempre brilhante e alegre deu lugar a um sorriso estático e sem luz. A crise no namoro era evidente. Rodeado de meninas e gostando muito de tanta atenção, Pedro mal falou com a garota que esteve ao seu lado todo o tempo, desde o começo. E ela só queria abraçá-lo e dar os parabéns...

O que me sobra de lembrança do restante desse dia especial? Que ele terminou com muita alegria e gritaria numa mesa enorme na nossa pizzaria preferida. Impressionado com a “quantidade industrial de pizzas” que devoramos, Paulão pagou a conta resmungando. E falou dela pelo resto da vida.

O sucesso

O dia seguinte veio e com ele muitas curtidas na nossa página do Face, além de comentários bacanas sobre o show na praia. Na escola a vida estava uma loucura, eu me sentia vigiado o tempo inteiro por dezenas de olhos (no recreio, na sala de aula, quando ia ao banheiro. Parecia que estava no Big Brother). Era bacana por um lado, admito, mas também incrivelmente desconfortável. Pensava que Mari e eu éramos os únicos que víamos essa curiosidade como uma coisa incômoda, mas hoje acho que todos se sentiam assim, só não verbalizavam.

Nossa história continuava sendo escrita de forma rápida e avassaladora, melhor do que jamais imagináramos.

Para você ter uma ideia da velocidade, dois dias depois do show tocamos pela primeira vez numa rádio. Às duas e meia da madrugada, tudo bem, mas tocamos. Quase ninguém ouviu, mas o porteiro do prédio da Mari ouviu e avisou pra ela.

— Estamos no rádio! Estamos no rádio! — gritou a loira na mensagem que gravou e enviou para o nosso grupo no WhatsApp. — E sem jabá! Estamos tocando porque nossa música é boa, cambada! — encerrou o recado, imitando o Paulão.

"Amor na hora certa" bombava na madruga! Depois de dois dias indo ao ar nesse horário, tocou à meia-noite no terceiro dia, no outro às 23h40... Estava melhorando! Depois descobrimos: era tudo obra das fãs, que se empenharam em uma campanha para ouvir nossa música no rádio. Vibramos ao saber disso e demos corda, estimulando as "polvoretes", como elas se intitulavam, a ligar, mandar e-mails, tuitar e postar nas páginas de suas emissoras preferidas pedindo nossa música.

— Achei que a internet tinha substituído o rádio. Ainda é importante tocar no rádio hoje em dia? — questionou dona Perla.

— Claro, mãe! Geral escuta. No celular, no computador, no carro, indo pra escola, antes de dormir...

— Isso aí! Banda que é banda tem que tocar no rádio! — complementou Élcio.

Com ou sem música no rádio, estávamos todos ansiosos pela nossa próxima apresentação. Foi tão espetacular o show na praia que queríamos repetir a dose

fazendo um atrás do outro, todos os dias! Mas para fazer show precisávamos de um repertório com mais que duas músicas autorais e menos covers.

Todos nós sabíamos que, para montar um show só da Pólvora, tínhamos que tentar compor mais, mas quem tinha cabeça para isso naqueles dias loucos? De qualquer forma, nunca deixamos de ensaiar depois da escola (e também nos fins de semana). Queríamos estar afiados para o que aparecesse pela frente.

O nosso exército de fãs era pesado e só crescia. Não havia hipótese de responder a todas as mensagens que chegavam para mim pelo Face, pelo Twitter, por e-mail. Todas as noites eu lia tudo, mas se fosse responder a cada uma levaria horas. O Pá só respondia as mensagens das garotas que ele achava bonitas, Mari, as que perguntavam sobre o mercado da música e pediam dicas sobre a carreira. Pedro, as que elogiavam sua performance na guitarra, e Theo, o mais assediado de nós, criou uma resposta automática que dizia: "Agora não dá para responder, infelizmente. Mas muito obrigado pelo carinho. Um beijo do Theo."

Algumas mensagens eram repetitivas:

@polvorete Me segue?
@polvorete Me segue?
@polvorete Me segue?

Outras enfurecidas:

@theomylove Mandei 110 tuítes e vocês nem responderam, parei de seguir
@Polvora4ever A Claudia Leitte me responde e a Pólvora nada! #insuportáveis

Ou ainda:

@Beliebernatic De que adianta ficarem famosos se não dão atenção para os fãs? Vocês não existiriam sem fãs! #ficadica

Gostaríamos de dar a devida atenção a todas, mas era humanamente impossível! A cobrança era angustiante, mas, claro, tinha também o lado bom, até porque a maioria nos entendia e continuava gostando da banda.

Uma semana depois de bombar na madruga e tarde da noite, "Amor na hora

certa" entrava no ar às 18h35, horário nobre das rádios. Todos no engarrafamento ouvindo, todos nas academias ouvindo. A gente estava ouvindo e gritou tanto, tanto... Mas a euforia foi cortada por outra música:

— Tudo pode ser. Só basta acreditar. Tudo o que tiver que ser... será... Serááá... — cantarolou Mari, que, diante do nosso silêncio, resmungou: — Que é? Xuxa é rainha, Sasha é princesinha! Eu, hein! Antipáticos.

A loira foi extremamente zoada, mas por pouco tempo, porque nossa música ainda estava tocando.

— Tá todo mundo escutando! Agora a gente tá acontecendo! — gritou Theo.

— Caracaaaa! — comemorei adolescentemente.

Aí, sim, estava ficando bonito.

Dez dias depois, "Amor na hora certa" era a quinta música mais pedida da rádio que apostou na gente desde o começo, e outras estações começavam a tocá-la.

— Quem quer dinheirooo?! — perguntou Paulão ao fim de um ensaio.

— Eeeeeeu! — respondeu Mari, empolgadíssima.

— Todo mundooo! — completou Pá.

— Seguinte, a banda não tem repertório, mas tem duas músicas autorais e uma paródia. Com isso ainda não temos como fazer show num lugar bacana, mas... Podemos ganhar dinheiro em lugares não tão bacanas. Topam?

— Como assim? O que você chama de lugares não tão bacanas? — questionou Pedro.

— Lugares pouco conhecidos, sem luxo, sem um grande nome, mas lotados. Cheios de gente louca pra balançar o esqueleto.

— Balançar o esqueleto? Depois você não quer que a gente te chame de velho! — brincou Pá.

Paulão deu de ombros.

— E aí? Se interessam?

— Claro, Paulão! Desembucha! — pediu Mari.

— Estou recebendo um monte de convites para a Pólvora se apresentar com playback em bailes funk, na Zona Norte e na Baixada.

— Bailes... *funk*? — Theo se espantou. — A gente não toca funk!

— Ué, gente! Os bailes são de funk, mas querem vocês!

— E playback? Nada a ver, pai!

— Vem cá, vocês não querem saber quanto pagam antes de dizer não? —

instigou nosso guru.

Paulão contou quanto cada um ganharia por apresentação (e também que não seria uma apenas, mas de duas a oito por fim de semana, dependendo da demanda) e ficamos todos chocados. Não tanto quanto Mari, que ficou muito, muito chocada mesmo.

— O quê?! Com duas apresentações por noite eu vou ganhar praticamente o que eu ganho por mês com meus três empregos!

— Sério? — perguntou Pedro, impressionado com a alegria da loira.

— A gente tem que topar! — disse Mari.

Ficamos em silêncio... Constrangidos, sem argumentos. Não queríamos fazer... Mas um lado nosso queria... Só que não naquele esquema... Playback?

— Pô, Paulão, esse negócio de fingir que está tocando é tão caído... Ainda mais pra mim — pontuei. — Nem deve ter bateria nesses lugares. Vou fazer como? Tocar uma baqueta na outra e ficar dançando atrás do grupo?

Antes mesmo de Paulão responder, veio outra questão.

— Eu tô encafifado com Zona Norte...

— O que é que tem a Zona Norte, Theo?

— Nosso público não é de lá, Paulão!

— Como é que você sabe?

— Sei lá... Não é pequeno demais pra gente?

— Pequeno? Está louco, menino? Zona Norte e Baixada são fortíssimas juntas, carentes de cultura, consumidores exigentes! E pagam muitíssimo bem!

— Mas a gente toca tão direitinho ao vivo...

— Pedro, isso seria uma coisa temporária, para vocês ganharem mais público e mais notoriedade!

— Vamos, gente! Nem que seja só um mês nesse esquema! — Mari praticamente implorou.

Acabamos topando.

— Ótimo! Agora precisamos gravar logo “De repente” e “Ela tem chulé”. Vou ver que dia o estúdio tem livre esta semana pra vocês fazerem isso o quanto antes. A ideia é começar a turnê já na sexta.

Era segunda-feira, tá?

— Oi?

— É isso mesmo, Pá! Comigo é assim, Paulão rapidão!

Dito e feito. Na quarta entramos no estúdio com Guilherme e à noite já tínhamos nossas músicas em MP3 e nosso itinerário. Na sexta, Paracambi, Queimados e Japeri. No sábado, Bonsucesso e Duque de Caxias. Domingo só Madureira, terra da minha Portela, que eu só conhecia de nome. Começamos bem. Ficamos exaustos, mas conseguimos nos divertir.

— Pô, tem que ir embora nessa correria mesmo? Um bando de *mulé* dando mole na primeira fila, e a gente não tira nem uma casquinha? — reclamou Pá entre um show e outro.

É que funcionava assim: o DJ nos anunciava, a gente saía de uma van e entrava direto no palco, dublava nossas três músicas e voava de volta para a van que nos levaria de baile em baile.

Como ficamos extremamente cansados ao final do primeiro fim de semana, Paulão achou por bem fechar os shows seguintes apenas aos sábados e domingos (acordar cedo na sexta e ficar na estrada até a madrugada dublando e atendendo aos mil telefonemas da minha mãe perguntando se eu estava bem e "agasalhado" foi bem exaustivo).

No domingo, depois da maratona de shows, ganhamos nosso primeiro cachê, digamos, polpudo. Cachê não de banda promissora, mas de banda famosa que arrebenta na internet, toca no rádio e tem fãs na Zona Norte e na Baixada!

A grana foi dividida igualmente entre os integrantes. Paulão abriu mão da parte que lhe cabia como empresário para que ficássemos com mais dinheiro.

— Mas não é justo, cara. Você negociou tudo, veio com a gente, tá ralando pra caramba com a banda desde o começo! — argumentou Theo.

— Concordo. Você investiu tempo e dinheiro na Pólvora, você que pagou o estúdio na nossa gravação, o Guilherme montou nosso cantinho de ensaio... Nada mais justo do que embolsar uma grana — reforçou Mari.

— É trabalho, Paulão! — opinei.

— Trabalho? Meninos, acho que vocês ainda não entenderam. A Pólvora é meu playground, é minha diversão — explicou Paulão. — Nada do que tenho feito para vocês considero trabalho. O meu trabalho de verdade me dá dinheiro o bastante para poder abrir mão do meu percentual para vocês terem um montante maior para dividir.

— Pô, Paulão... Assim eu choro, cara! — disse Pá, sinceramente emocionado.

Paulão riu e prosseguiu no seu momento "sou-rico-e-faço-o-que-quiser-com-

meu-dinheiro-não-se-preocupem".

— O dia em que vocês tiverem, caso sintam necessidade, um empresário de verdade, do meio, aí, sim, vocês pagam a ele. O meu pagamento é a felicidade dos meus meninos.

— Oowwwnn... Abraço coletivo no Paulão! — Mari se empolgou. Mas nós não nos empolgamos nada. Abraço coletivo... Coisa de mulherzinha, pô! — Vem, gente!

Fomos imediatamente.

O que a Mari pedia chorando a gente sempre fazia sorrindo. Ou seria o contrário? Não importa. Éramos todos meio apatetados por ela, a bendita fruta entre os meninos bobos que éramos.

Seguimos fazendo shows na Zona Norte e na Baixada, ganhando gritos de fãs histéricas e presentinhos, cartas e cartazes que atiravam no palco (não raro uma tiete mais desinibida subia para agarrar um de nós, mas logo era retirada por seguranças. Isso me fazia sentir um Beatle. Lembro de pensar: *Caramba, Ringo se sentiu assim um dia*). As nossas apresentações bombavam, as casas lotavam. Acabamos nos divertindo muito com a experiência e ganhando fama e visibilidade com tanto sucesso, além de uma boa grana.

Cada um usou o dinheiro de um jeito. Mari pagou algumas dívidas da mãe e abriu uma poupança para elas (o que arrancou lágrimas copiosas de Isaura), Theo comprou quilos de roupas, que preferia chamar de "figurino de show", Pá, Pedro e eu fomos juntos a uma loja e saímos de lá com novos instrumentos. Só falamos nisso durante dias, de como era boa a sensação de comprar uma coisa com a nossa própria grana.

Vale dizer que dona Perla adorou minha nova batera — era eletrônica, eu tocava com fones, ninguém ouvia nada. Mesmo uma mãe tão fã como a minha adorou. E os vizinhos e Quim, meu pirralho melequento, agradeceram.

A saudade de tocar ao vivo a gente matava no ensaio. Para coroar, em pouco tempo "Amor na hora certa" emplacou o primeiro lugar entre as mais pedidas de uma rádio.

A excitação que causamos num primeiro momento em nossas escolas já tinha diminuído, mas as notas refletiram nosso cansaço com a maratona que estávamos vivendo.

Enquanto a vida corria corridíssima, chegamos a 2,5 milhões de visualizações, o que chamou a atenção de um programa de TV. Era meio tosco, mas era TV aberta, era rede nacional, e não se diz não para rede nacional, ensinou Paulão.

Fomos para São Paulo, esperamos duas horas para gravar, fizemos o nosso playback bizarro, a plateia aplaudiu mornamente, a apresentadora fez algumas perguntas banais, e saímos de lá certos de que ninguém tinha visto. Mas viram. E gente de televisão também viu.

E ali entendemos que tevê funciona assim: um convida, o concorrente vê, checa se o Ibope foi bacana e se foi convida também, aí vem o convite do concorrente do concorrente. É um dominó. E tome programa de TV! Canal aberto, canal a cabo, talk shows, programas de auditório (legais e bizarros)... Em um mês fizemos seis! Era só chamar que a gente ia. E com isso os convites para shows de playback aumentaram, se quiséssemos poderíamos fazer cinco por semana. Mas estava puxado, e a gente preferiu, depois de dois meses intensos, dar um tempo dessas apresentações para tentar compor e tocar de verdade em algum lugar.

Os dias voavam e o negócio tomou dimensões nunca imaginadas por cinco adolescentes que se juntaram para levar um som displicentemente.

Grifes bacanas (e outras nem tanto) nos mandavam roupas, profissionais da moda se ofereciam para montar nossos... *looks*. Nunca suspeitei que existiam pessoas contratadas para vestir outras pessoas para entrevistas, shows e afins, mas isso é comum no meio da música, e essas pessoas se chamam *stylists*. Eles escolhem tudo, sapatos, calça, camisa, acessórios. E isso se chama *look*. É muita cultura para um só baterista, né não?

O Paulão também recebia diariamente propostas de alguns assessores de imprensa que se ofereciam para divulgar a "nova sensação da música". Assessores de imprensa, na época eu não sabia, cavam matérias, ligam para jornais, sites e revistas sugerindo pautas com seus clientes. Evidentemente eu, com apenas 15 anos, desconhecia totalmente a existência desse tipo de profissional.

Sempre preocupado com o que fazer em seguida, Paulão conversou com gente do mercado sobre qual deveria ser nosso próximo passo e achou que, antes de pensar em produzir um CD com várias músicas, um EP ou coisa que o valha, a hora era importante mesmo para mostrar a cara.

Ele acreditava que, com nossas aparições na TV e o sucesso da turnê do playback, atrairíamos a atenção do mercado sem ter que bater em nenhuma porta. Naquele

primeiro momento, o ideal era manter nas mãos as rédeas da nossa carreira para termos bastante cacife quando chegasse a hora de negociar um contrato com uma gravadora.

Um belo dia "Amor na hora certa" não estava numa só rádio, mas entre as mais pedidas até das estações populares. E nosso primeiro vídeo alcançara a estratosfera em número de visualizações — mais de 3,5 milhões.

Preocupados com a rapidez dos acontecimentos e com o tamanho que tudo estava tomando, nossos pais repetiam incansavelmente, cada um da sua maneira, para não nos deslumbrarmos com a fama e o assédio, para mantermos o foco na escola e na música, não no sucesso. Mas eles sabiam que era difícil passar incólume por toda aquela loucura. Vivíamos um sonho, e esse sonho nos levara para o meio de um furacão. Furacão arretado de bom, que movimentou a nossa vida dando um novo sentido a ela.

Paulão tinha ainda outras preocupações:

— Vão querer rotular a banda de vocês, mas ignorem. Ouviu, seu Theo?

— Pô, eu sou muito maneiro, cara, até música brasileira eu tô cantando — defendeu-se Theo. — Tudo tem que ser conversado, mas a minha prioridade, e acredito que a de todos aqui, é a qualidade. Não podemos sair tocando qualquer porcaria para atrair público.

— Isso aí, garoto! — Paulão comemorou. — Não sabemos quanto tempo isso vai durar, por isso o importante nessa brincadeira é que vocês sejam felizes enquanto dure.

— Que seja infinito enquanto dure... — suspirou Mari.

— Não liguem para o que os outros pensam ou dizem, façam o que realiza vocês. Porque as críticas vão chegar! E não só nos comentários na internet não! Por isso, sigam seus corações. Deu vontade de tocar rock? Toquem! Bateu vontade de tecnobrega, sejam cafonas com todas as veias!

Bacana o Paulão, guiando nossa carreira e nossas cabeças, que estavam meio desaparafusadas. Mas logo a dele também ficou assim ao receber o telefonema da produção de um dos programas de auditório de maior audiência da tevê brasileira.

No sábado, quase três meses depois do nosso show ao vivo na praia, entramos no ar em rede nacional no programa de um apresentador do qual todos éramos fãs. Loucura! Loucura! Loucura! Ninguém mais, ninguém menos que Luciano Huck. Isso mesmo! E fomos anunciados assim:

— O negócio é o seguinte: só se fala deles! Eu fiquei tão curioso que fui na internet ver do que se tratava, e eles são mesmo um fenômeno! Tem clipe que já foi visto por milhões de pessoas, música que em pouquíssimo tempo passou a ser a mais pedida nas rádios, os caras lotam os lugares por onde passam, têm um monte de fã-clubes, e agora chegou a hora de mostrar a cara no Caldeirão. A cara e "Amor na hora certa". Galera, faz barulho aí pra Pólvoraaa!

E tome gritos, e perguntas, e aplausos, e música. A nossa música. A minha música. E tome frio na barriga, queimação no estômago. Era difícil acreditar que estávamos na Globo, sendo vistos por milhões de pessoas!

Auditório cheio de gente empolgada, o Caldeirão ferveu de felicidade. Ferveu mesmo. Foi essa a sensação que tive. Depois que saímos do estúdio, nos abraçamos no camarim do Projac.

— Ac, ac, ac, olha a gente no Projac! — surtou Mari. — Não? Droga! Nessas horas é que faz falta outra menina na banda!

— Ão, ão, ão, Pólvora no Caldeirão! — entrei na brincadeira, para não deixar nossa loira no vácuo.

— Ículo, ículo, ículo, isso é meio ridículo! — zoou Pá. — Mas anto, osto, ês, canto porque gosto de vocês!

Rimos com vontade da falta de talento para musiquinhas do nosso baixista (se é que posso chamar isso de música, mesmo que no diminutivo) num abraço apertado que durou uma eternidade. Bonita cena, dia sensacional. Mas os que vieram a seguir foram mais sensacionais ainda.

Depois do Caldeirão, "Amor na hora certa" ocupou a primeira posição no ranking das músicas mais vendidas do iTunes Brasil! Durante seis dias! Dá para acreditar?

— Sinistro! — foi a única palavra que consegui verbalizar quando soube da

notícia.

Não bastasse o êxito das vendas digitais, o telefone de Paulão não parava! Todo mundo queria ver a banda passar, digo, tocar, e bem de perto! Não era qualquer banda. Era aquela banda do Caldeirão, a banda da internet. A Pólvora.

Depois Paulão contou que naquela época vários empresários e gravadoras foram atrás dele, queriam porque queriam fechar um contrato conosco. Sensato e de comum acordo com os outros pais, ele declinou de todas as propostas. Achava cedo demais nos entregar de bandeja para o mundo louco do show business. Não era o momento de nos expor às cobras do mercado.

Os pedidos de shows não paravam. Antes, sabendo de sua inexperiência e com medo de aceitar qualquer coisa e nos colocar em uma furada traumatizante, recusou vários. Agora, após o estouro no Caldeirão, os convites se multiplicaram e vinham de casas de shows bacanas, com site, página no Face, perfil no Twitter... Era hora de botar o pé na estrada. Sabendo que não daria conta de tudo sozinho, Paulão procurou a ajuda de um antigo amigo de faculdade. O cara trabalhava numa empresa que trazia shows internacionais para o Brasil e foi fundamental naquele período, ensinando Paulão a entender a burocracia e a mecânica de apresentações e viagens de uma banda formada por menores de idade.

Assim, não demorou muito para fecharmos nosso tão aguardado segundo show. Ao vivo, sem playback! Aconteceria em São Paulo, numa boate enorme e badalada, que de vez em quando recebia bandas em seu palco (só as muito bacanas. Até músicos estrangeiros se apresentaram por lá). Fechamos no sábado, às seis da tarde. A Pólvora ia viajar pra tocar pela primeira vez!

Desculpa se atropelei você com a rapidez da narrativa neste capítulo, caro leitor, mas foi assim mesmo que tudo aconteceu e é assim que está gravado na minha memória.

Uma bola de neve rolou morro abaixo, e não tinha quem a fizesse parar. Ninguém queria pará-la.

O produtor local que fechou nossa apresentação com Paulão mandou uma van nos buscar às seis da manhã para irmos para o aeroporto. Dormiríamos em São Paulo depois do show e voltaríamos para o Rio no dia seguinte, após o café da manhã. Susi foi com a gente para continuar filmando tudo.

Achei tudo muito importante. Nossa banda na estrada, primeiro show em outro estado, avião, dormir em hotel sem mãe, sem Élcio e sem pirralho. E não era colônia de férias! Era trabalho! Uau! Para um garoto de 16 anos isso era o máximo! Ah, sim, eu agora não era mais um pirralho de 15. Era um pirralho de 16.

Chegamos cedo na terra da garoa, e, assim que nos instalamos no hotel ao lado da boate em que tocaríamos, eu me joguei na cama macia. Tentei dormir, não consegui. Mil pensamentos não deixavam minha cabeça sossegada. Logo chegou a hora do almoço, e, depois, fomos ensaiar no palco em que tocaríamos dali a algumas horas.

Cartazes anunciando a apresentação da Pólvora estavam espalhados por todos os muros dos bairros próximos. O lugar do show seria aberto excepcionalmente às quatro da tarde, afinal nosso público era na imensa maioria formado por adolescentes e pré-adolescentes.

Às duas fizemos uma passagem de som no palco e ficamos impressionados com o tamanho do lugar. Mais ainda quando o Paulão contou que os ingressos tinham acabado de esgotar.

Pontualmente às seis horas, com uma plateia lotada de meninas histéricas que berravam munidas de cartazes e bichos de pelúcia, entramos no palco com o pé direito e levantamos a galera com "Amor na hora certa" logo na abertura, todo mundo cantando junto. "De repente" veio em seguida e também agradou.

Seguimos com covers nacionais e internacionais. A plateia veio abaixo com "Proibida pra mim", do Charlie Brown Jr., e, para nossa surpresa, "Make it Wit Chu", do Queens of the Stone Age, arrebatou a galera, mesmo sendo desconhecida do público mais novinho. Ponto para o Theo, que escolheu a música.

Mari brilhou cantando "I Love Rock´n´Roll", da Joan Jett, e "Gatas

extraordinárias", pérola que o Caetano fez para Cássia Eller, e também recebeu gritinhos histéricos da empolgada plateia.

Encerramos com "Melô da porquinha", como Pá preferia chamar "Ela tem chulé", que o nosso público adorava, e ainda fizemos o bis de "Amor na hora certa". Muito legal ouvir as meninas gritando "mais um, mais um".

Extasiados, emocionados e suados, agradecemos várias vezes. Que delícia tocar ao vivo outra vez! Depois viramos de costas para a plateia, e Pá, com seu braço imenso, fez o primeiro de muitos *selfies* da Pólvora com nossos fãs ao fundo, de braços para cima. Imprimi todos e guardo até hoje com o maior carinho.

Fomos para o camarim e comemoramos muito com Paulão. Depois de descansarmos um pouco...

— Vamos voltar para o palco, galerinha, hora de recolher os instrumentos, os cabos, guardar tudo.

— Pô, Paulão, maior mico a gente fazer isso! Todo mundo que viu nosso show vai ver que a gente não tem uma pessoa pra fazer esse tipo de coisa. Não tá na hora de a gente ter um roadie, não?

— Não — respondeu nosso empresário, de bate-pronto. — Para contratar um roadie vocês precisam ter muitos show agendados e ganhar mais dinheiro, seu Theo.

— Ia ser perfeito ter um cara que viajasse com a gente só pra carregar nossos instrumentos, cuidar deles e montar tudo direitinho no palco. A gente é músico, músico quer fazer música, não chatice.

— Theo, o mundo não é perfeito, você sabe, né? — bronqueou Paulão.

— Além do mais, jura que você tá reclamando na primeira viagem da Pólvora? Se enxerga, garoto! A gente ainda tem que comer muito feijão com arroz pra ter roadie! — pontuou Mari.

— Caraca, eu sou um incompreendido mesmo! — fez drama nosso galã resmunguento.

— Paulão, a gente quer ir conversar com as fãs. Manter uma relação próxima com elas não é importante? — tentou Pá, louco para falar com as mais gatas. E com as menos gatas também.

— Tá bom, tá bom — cedeu Paulão. — Desta vez eu desmonto tudo sozinho. Podem ir lá se divertir e falar com as fãs! Mas não se acostuma, não, cambada! Vai ser só desta vez!

Agradecemos e fomos correndo, antes que ele mudasse de ideia, para um espaço que a boate reservara para conhecermos de perto nosso público.

Foi muito bacana conversar com as fãs paulistas, carinhosas e muito empolgadas. Ficamos com elas por um bom tempo, pois a boate permaneceu aberta até as nove da noite. Eu me senti realmente querido e especial com tantos beijos, fotos, cartazes, bichos de pelúcia, declarações de amor (algumas de meninas bem gatas), cartas quilométricas e uma idolatria que ainda achava meio descabida, mas estava bom demais!

O problema foi Pedro, que se encarregou de estragar meu dia. O guitarrista arrumou tempo para fazer no nosso primeiro show fora do Rio o que achei abominável: trair Babi. A linda, companheira, fã, amiga, parceiraça Babi. Pegou uma menina sem a menor cerimônia na frente de quase todo mundo. Mari já tinha ido para o hotel, claro, pois Pedro não daria mole de ficar com alguém na frente dela, sabia que ela contaria para sua namorada.

Mais tarde, quando Paulão já havia ido deitar, resolvi tirar satisfação com ele no lobby do hotel, onde ficamos para comemorar o sucesso da apresentação. E me assustei com sua reação.

— Ah, cara! Não enche meu saco! Viu o bando de mulher se jogando em cima de mim? Sabe quando eu tive isso na vida?

— E daí? E a Babi? Ela te ama!

— Mas ela não vai saber! — rebateu.

— E o que os olhos não veem o coração não sente! — disse um alterado Pá.

— Que voz arrastada é essa?

— Ah, Gualter Potter, tomei uns gorós para aguentar o *pranco* do *trimeiro* show em Sampa. Caraca, que frase difícil! Falei certo? Pranco do trimeiro show? Ih, maluco! Tô maluco! Pranco. Pran-co. Tran-co! Tranco do primeiro show em Sampaaa. Aêêê!

Deprimente. Patético...

— Onde você arranjou bebida? — inquiri.

— Eu trouxe minha garrafa, beber me dá uma relaxada.

— O Paulão sabe disso? — chequei, afinal ele era o responsável por todos os garotos, éramos menores de idade.

— Claro que não! Vem cá, você é minha mãe agora?

— Ô, Gualter, por que você não vai encher o saco do Theo, que pegou quatro

fãs?

— Porque ele não tem namorada, Pedro.

A namorada perfeita, quis acrescentar, cheio de raiva. Mas desisti da discussão e fui deitar. Na cama, nem consegui vibrar pelo êxito do show. Só rodava sob o lençol, tentando entender por que o Pedro não terminava logo com a Babi. Algo me dizia que aquela não era a primeira pulada de cerca do nosso ás da guitarra. O cara tinha mudado desde o show na festa da Carla Branco.

Demorei muito até conseguir dormir. A dúvida sobre contar ou não para Babi o que Pedro tinha feito me angustiava.

No dia seguinte, me abri com Pá.

— Não me conformo!

— Gualter, fica quieto, não se mete. O Pedro adora a Babi.

— Então por que ficou com outra?

— Porque deu vontade, cara!

— Vontade de quê? — quis saber Mari, ao chegar na mesa do café.

Silêncio.

— Nada não... — menti mal.

— Pode falar. Você é péssimo mentindo, Potter.

— A Susi não está escondida filmando a gente não, tá? — indaguei.

— Não... Ficou no quarto, foi dormir supertarde. Tentou não fazer barulho quando entrou, mas me acordou, a palhaça.

— Pegou alguém?

— Pegou, Pá! Finalmente. Não aguentava mais ouvir a Susi reclamar de teia de aranha na boca!

— Quem é o sortudo? — perguntei.

— A sortuda, você quer dizer.

— Ã?!

— Ah, Gualter, sério que você não sabia que a Susi é gay?

— Sério! — Pá e eu respondemos ridiculamente juntos. — A Susi é gay? — perguntamos ridiculamente juntos.

Como meu queixo ainda estava caído, o baixista falou primeiro:

— Até desconfiava, mas achava ela mais esquisita do que gay.

— Ela não é esquisita. É só descabelada. E calada. E amarrotada.

— Tadinha, Gualter! — Mari me deu um daqueles tapinhas inofensivos que só

as meninas sabem dar.

— Se bem que... logo que você apresentou a Susi pra gente, eu achei que ela era meio apaixonadinha por você — confessou Pá.

— Muita gente acha isso, mas, se ela algum dia foi apaixonada, já se desapaixonou. Nós somos melhores amigas!

— E pensar que um dia eu quis ficar com ela.

— Com quem você não quis ficar, Pá? — brincou a loiruda.

— Comigo! — fiz graça.

— Quem disse, bebezão? — zoou o baixista, fazendo a pior imitação de gay que eu já vira.

Estava pasmo. A Pólvora era mesmo uma banda de rock. Mulher que pegava mulher, vocalista que pegava geral e guitarrista que trai a namorada como se fosse a coisa mais natural do mundo. Muitas informações para um só dia.

— Foi irado ontem, né?

— Não muda de assunto, Gualter! Sobre o que vocês estavam falando quando eu cheguei? Conta!

— Peraí! Antes de responder, já que a gente tá nessa sinceridade toda... Tira uma dúvida, rainha. — disse Pá, cheio de dedos. — Você... v-você... você também é... g-g...

— Gay? Não, Pá! Sou zero gay!

— Ufa! — fez o baixista, genuinamente aliviado.

— E continua sem... sem... n-namorado?

— Continuo! Mas não sou pro seu bico! — assegurou, enquanto apertava o nariz dele. — E rainha é péssimo.

— Princesinha?

— Mil vezes pior, garoto! Mas deixa de me enrolar, gente! Fala agora! Quem pegou quem? — insistiu Mari, ávida por fofoca.

— Como você sabe que tem a ver com pegação? — perguntei, genuinamente estupefato. Ainda não tinha ideia de que mulheres são seres extremamente superiores dotados de um sexto sentido único e que sabem blefar como ninguém.

— Não sabia, estava jogando verde, idiota! — informou ela, dando no idiota aqui outro tapinha. — Agora é que eu preciso saber *messsmo*. Conta! Quem pegou quem?

Pá arregalou os olhos como se suplicasse para eu não contar nada.

— O Pedro pegou uma menina...

Pelo que se vê, não atendi à súplica ocular do meu amigo.

— Mentira! — reagiu Mari.

— Verdade — confirmei.

— Moleque fofoqueiro! — reclamou Pá, dando em mim um tapa nada inofensivo, como só os meninos sabem dar.

— Como ele teve coragem de fazer isso com a Babi?

— É o que estou tentando entender, Mari!

— Caraca, que sinistro...

— Bota sinistro nisso! — botei lenha na fogueira.

— Tô chocada.

— Eu também!

— Gualter, uma garota reagir indignada, tudo bem. Ela é mulher, e é assim que mulheres reagem a uma traição. Agora homem ficar chocado é forçar demais a barra, hein!

— Que discurso machista! — chiou a loira.

Ignorei Pá e dividi com Mari a dúvida que me angustiava.

— A questão é: conto ou não conto pra ela?

— Não conta! — exclamou Pá, beirando a indignação.

— Quero saber da Mari!

— Não conta! — aconselhou ela, de bate-pronto.

Levei um susto.

A figura feminina da Pólvora suspirou antes de seguir em frente:

— Eu não gostaria de saber se meu namorado me traísse.

— Como é que é?! — questionei, impressionado com a sinceridade da cantora que tocava piano como ninguém.

Quando eu achei que ouviria isso da Mari? Mulher é mesmo um troço esquisito.

— Mentira. Frase feita, gostaria de saber sim, claro que gostaria — continuou ela, para meu alívio. — Ou não... — acrescentou, confundindo-me. — Ai, que difícil! Por que você me contou, Gualter?

— Porque você insistiu! — estourei.

— Insistiu pra quê? — indagou Pedro, ao chegar ao refeitório com Paulão.

Olhei para baixo. Pá olhou para o lado. Mari olhou para a gente e, vendo que dali não sairia nada...

— Pra... pra ele provar pão com manteiga polvilhado com Nescau. Mas ficou enjoado. Vai, Gualter, vai no banheiro vomitar logo! — improvisou.

E me salvou.

Enquanto me levantava para "vomitar", Pá ajudou a desviar o assunto:

— A Susi é gay! — contou ele, em tom de maior fofoca dos últimos anos.

— Nossa, que novidade... — desdenhou Pedro.

— Você sabia? — indagou o baixista.

— Você *não* sabia? — reagiu Pedro.

— Gente, isso é da conta de vocês? — disse Paulão.

Com o estômago realmente embrulhado, corri pro banheiro e quase vomitei de verdade.

Na ida para o aeroporto, logo depois do café, todos conversavam animadamente à espera do nosso voo, mas eu fiquei calado. E calado continuei no avião, e depois na van que nos levou para casa, despedindo-me de todos apenas com um lacônico "Bom domingo pra vocês".

Sim, sou intenso e dramático desde pirralho.

Na segunda, com sua empolgação de animador de auditório, Paulão nos reuniu para contar "a grande notícia". Fechara uma temporada de um mês numa badalada casa noturna da Barra que aos domingos abria às quatro da tarde para os menores de 18 se divertirem.

— Com cachê! Muito bom cachê!

A Pólvora continuava explodindo.

Mas a explosão não seria eterna.

Hoje em dia consigo entender perfeitamente o direcionamento que o Paulão deu para a Pólvora. A ideia de um show fixo todos os fins de semana numa boate da Barra permitia que continuássemos a aproveitar o estouro de "Amor da hora certa" sem sair muito da nossa rotina de adolescentes, frequentando escola e cursos, indo a festas e sociais, dormindo em casa. Uma vida quase normal.

Minha mãe me contou, alguns meses depois do fim da banda, que os pais se falavam constantemente e que as decisões eram coletivas, embora o Paulão sempre dissesse para nós que era ideia dele, o empresário querido que tanto respeitávamos. Assim, em vez de achar que estávamos obedecendo aos pais, como crianças, acreditávamos que éramos profissionais da música seguindo as diretrizes do cara em que mais confiávamos para guiar nossa carreira.

Pais, esses sábios. Eles estavam cobertos de razão, certamente haveria uma revolta se descobríssemos que nossa agenda de shows era resultado de uma determinação familiar. Era preciso ir com cautela, todos na banda estavam assustados e eufóricos, aproveitando a fama e ganhando dinheiro muito jovens. Uma receita explosiva.

Os domingos lotados nas matinês da Barra renderam mais holofotes em cima da Pólvora. E também um novo elemento para a banda, já na segunda apresentação: Muralha, o segurança albino de 1,95 metro de altura contratado para meter medo nas garotas que queriam um pedaço da gente na entrada e principalmente na saída do show. Uma menina chegou a morder a minha orelha depois da estreia. E doeu. Fã é um troço muito doido, viu?

— Desnecessário esse cara, Paulão. A gente lá precisa de segurança pra afastar mulher? Tu tá doido? — reclamou Pá, sempre animado com o assédio feminino.

— Deixa de bobeira, garoto. Estou zelando pela integridade física de vocês. Multidão e histeria podem acabar num problema grave. Quero vocês inteiros. O outro quase perdeu uma orelha! — justificou Paulão, referindo-se ao episódio da tiete canibalesca.

— E pra que o Gualter precisa de duas orelhas? Uma só já dá conta do recado!

Cara de mau com coração de manteiga, Muralha virou nosso fiel escudeiro, acompanhando tudo o que aconteceu desde a nossa segunda apresentação vespertina: a multiplicação das fãs, das entrevistas, das matérias, das fotos, a fama crescente que levava muita gente a se aproximar de nós por interesse, meninas que davam mole só para ganhar convite pra shows, outras que queriam namorar qualquer um de nós só porque achavam bacana postar no Face e no Insta fotos estilo quero-ficar-famosa-motivo-:-namoro-integrante-de-banda-famosa.

Nas matinês, quando uma garota bonita começava a flertar comigo e com o Pá, eu já sabia que o Pedro ou o Theo (ou ambos) tinham dispensado a coitada. Confesso que isso me deixava um pouco chateado, não nasci pra pegar rebarba de ninguém.

— Tá maluco? Ficar com a sobra dos dois é ótimo! A gente não precisa fazer esforço, as garotas vêm até a gente! — rebatia Pá, que não concordava comigo, evidentemente.

O baixista estava vivendo seu maior sonho, passava o rodo depois dos shows. Mari e eu éramos os mais quietos. Tudo bem, admito, eu também pegava algumas meninas depois dos shows, mas o Pá era um exagerado.

Discreta, a loira começou a ficar com um menino um pouco mais velho que ela, também cantor, que trabalhava como garçom no restaurante onde ela batia o ponto antes do sucesso da banda. Sim, a grana certa das matinês tirou a Mari das bandejas e da academia de balé. Ela agora era só nossa.

Babi respeitou o pedido de Pedro de não ir aos shows na Barra. Ele disse a ela que ficaria envergonhado e tenso ao vê-la na plateia e pediu que depois da estreia não fosse mais, tudo em prol da performance, aquele era um momento muito importante para a banda.

Por incrível que pareça, ela acreditou, mas deve ter ouvido alguma fofoca, já que depois mudou de ideia. Disfarçada com uma peruca, a fã número 1 da Pólvora não aguentou, burlou as regras e foi com duas amigas na quarta apresentação. E, claro, viu o que não queria ter visto: o cara que amava aos beijos com uma fã qualquer. Acompanhei a cena inteira, mas não disse nada a ninguém, pois Babi me pediu com o olhar para não entregá-la.

Aos prantos, a menina mais bonita do mundo saiu amparada pelas amigas sem saber que antes de tocar naquela tarde havíamos renovado o contrato por mais dois meses. O dono da boate estava satisfeitíssimo. Filas intermináveis na porta,

gente que não conseguia entrar, choradeira, todo mundo cantando junto... Porém, eu mal consegui comemorar a ótima notícia depois do show. Só conseguia pensar na Babi. Ela não merecia sofrer.

Antes de saber da renovação, mas desconfiado de que isso pudesse acontecer graças ao imenso sucesso que estávamos fazendo, Paulão fechara alguns shows próximos ao Rio às sextas e sábados para que, caso ficássemos mais uns meses tocando aos domingos na Barra, não nos cansássemos tanto com aeroporto, bagagem, noites mal dormidas e tal. Eram muitos os convites para tocar em outros estados, mas éramos um grupo de adolescentes que tocava e estudava. Se não fosse a escola, certamente teríamos feito muito mais shows.

A primeira apresentação depois do megassucesso das matinês aconteceu em Resende, na sexta-feira seguinte ao que teria sido nosso último domingo na Barra, antes da renovação.

Como combinado, depois da aula partimos de van numa viagem que durou cerca de quatro horas rumo a uma apresentação arrebatadora, num teatro imenso e lotado de meninas apaixonadas pela Pólvora.

Pedro nada comentou durante os ensaios daquela semana sobre como andava seu namoro, e eu também não puxei assunto. Babi, pelo visto, não tinha falado nada com ele. *Estranho*, pensei. Mas entendi o que ela queria no domingo seguinte, quando, novamente de peruca, foi ao nosso show e viu seu namorado aos beijos com outra fã.

Dessa vez, munida de celular e sangue-frio, fotografou o beijo de vários ângulos. Entretido demais para notar, Pedro mais tarde se transformaria num monstro ao ver suas fotos postadas no Face, na página de Babi.

> Isso mesmo, gente! Mudei meu status para solteira. Antes só do que mal acompanhada. A fama realmente muda as pessoas. Mesmo essa faminha de bandinha de Barra da Tijuca. Daqui a uns meses ninguém mais vai saber que você existe e você resolveu aproveitar, né? Pedro, você é a pior pessoa do mundo. A pior coisa que aconteceu na minha vida. E tem péssimo gosto! Se ainda tivesse me traído com uma gata, mas era uma baranga muito da brega! Feia e cafona? Sério? Afff! Você é de última! Mas desejo que você seja muito feliz!

Era um certo exagero, a garota não era nada feia, pelo contrário. E não dava pra chamar nossa fama de "faminha". Mas dá para entender. Babi estava se sentindo enganada, magoada, humilhada. Precisava ferir Pedro de alguma forma. É como diz a letra do pagode: Muito mais perigosa que bala perdida... é mulher traída.

Em recados consecutivos, o guitarrista passou a noite aos berros:

— Sei que você tá chateada, mas você não podia fazer isso comigo! Por que me ferrar desse jeito? Eu tenho uma imagem a zelar, sabia, Babi? Agora sou uma pessoa pública! Você quer acabar com a minha carreira? Enlouqueceu? Me liga quando ouvir essa mensagem! A gente precisa conversar.

Foi mais ou menos esse o discurso do guitarrista da Pólvora nos mais de trinta recados deixados na caixa postal de Babi. Sem nem um "eu te amo". Pedido de desculpas e frases como "não queria te magoar" e "você é muito importante para mim" foram ditas sem um pingo de sentimento. Quem me contou? Ninguém. Babi mostrou tudo para mim e para Mari.

— O que você queria que eu fizesse? — Pedro teve coragem de perguntar quando a namorada enfim atendeu, pondo logo no viva-voz para que eu e a loira ouvíssemos tudo.

Mari e eu tínhamos ido para a casa da menina mais bonita do planeta prestar solidariedade.

— Não pegasse a garota! — reagiu Babi, raivosa, mas com uma pitada de ironia na voz.

Silêncio do outro lado. Nessas horas fala qualquer coisa, mas não fica calado, não fica calado!

— Eu sei, mas é que... é que...

Mas é que... é que...? Melhor se tivesse ficado calado.

— É que o quê? Ah, desculpa, deve ser mesmo muito difícil dizer pra uma fã apaixonada que você tem namorada!

— É complicado, Babi!

Complicado? Complicado o quê? Não ficar com meninas que se jogam em cima de você? Tive vontade de me meter, mas me mantive mudo, claro.

— Me perdoa!

— Não consigo, Pedro.

— Não sei nem o nome da garota.

— De qual delas? — vociferou Babi. Diante de novo silêncio do outro lado da

linha, ela prosseguiu: — Eu fui dois domingos seguidos e vi você me trair duas vezes, Pedro. Duas vezes! É tão boa a sensação de descobrir que sou corna na frente das minhas amigas! Você não faz ideia!

— V-Você me viu ficando com uma garota no outro domingo?

— Vi!

— Qual garota?

— Como 'qual garota'? Teve mais de uma em algum domingo? — Babi era a ira em forma de gente. — Responde, Pedro!

Nega! Nega! Nega! Ela não merece mais ser machucada assim!, pedi em pensamento.

— Arrã...

Moleque burro!

Nesse momento tomou conta do quarto um choro descontrolado acompanhado de melecas moles que saíam em profusão pelo nariz perfeito de Babi. Mari começou a dar para a amiga lenços de papel que ela usava e zunia longe.

— Por favor, Babi, me perdoa!

— Nunca! Nunca!

— Não diz nunca, Babi...

— Nunca, nunca, nunca, nunca, nunca, nunca!

Aê! Boa! Quase aplaudi.

— Vamos conversar!

— A gente TÁ conversando, seu estúpido!

Ééé!!!, vibrei com cada célula do meu corpo.

— Babi... Entendo você não querer perdoar agora, mas... Fico tão triste com tudo isso.

— Eu também, Pedro. Eu também.

— Gosto tanto de você.

— Eu *amo* você.

— Você faz parte da minha história.

— E você da minha.

— Você é muito importante pra mim, Babi.

— Você também é, Pedro.

— Sou mesmo?

— Claro que é!

Babi começava a abrir a guarda, amolecida. Parecia que o final seria feliz. *Que bom*, forcei-me a comemorar internamente, *é um casal tão bonito, merece uma segunda chance*.

— Então você pode tirar da sua página as fotos da garota me beijando? Geral tá me xingando! Meninas são o público-alvo da Pólvora e tem um monte me odiando por sua causa! Isso não pode acontecer, é péssimo para a minha imagem! Eu preciso que as fãs gostem de mim, entende?

É... Babi aprendeu naquele momento que as piores decepções vêm de onde a gente menos espera.

Ele prosseguiu:

— Eu não posso ser odiado, cara! Eu e o Theo somos as estrelas da banda!

Mari e eu nos entreolhamos boquiabertos, chocados com a arrogância. E com o pedido infame.

— Como é que é? Sério que eu tô ouvindo isso?

— Sério! Pô, Babi, é minha reputação!

— Caguei pra sua reputação! Você devia se preocupar mais com o seu caráter do que com o que os outros pensam de você! — bronqueou Babi.

— Não é isso... É que...

— Você não podia ter feito isso comigo! Pegar mulher na frente de todo mundo! Isso é falta de respeito! E uma relação se faz à base de respeito e confiança!

— O que você queria que eu tivesse feito? Ido para o camarim com a garota, pra ninguém ver? Além do mais, como é que eu ia saber que você estava lá fotografando?

Era inacreditável. Quanto mais ele falava, pior ficava para ele.

Tudo girava em torno do umbigo de Pedro, parecia que o cara não se importava nada com os sentimentos da namorada. Ex-namorada.

— Onde estava esse Pedro que eu não conheço? Onde ele se escondeu durante um ano e cinco meses de namoro?

— As pessoas mudam, Babi.

— Para pior, no seu caso. Prefiro guardar na memória o Pedro antes da fama. Tchau.

Minutos de silêncio. Estávamos os três muito impressionados com a postura do guitarrista. Todos ali precisávamos botar pra fora a indignação.

— Ele é um idiota, meu Deus! — desabafou Babi logo que desligou. — Como eu pude me apaixonar por um monstro? Ele é um… um…

— Um imbecil! Estúpido! Canalha! — acrescentou Mari. — Um animal que não te merece. Um rato. Mais! O esgoto por onde andam os ratos! Mais! Uma hiena que se alimenta dos restos mortais dos ratos que vivem no esgoto!

Opa! A Mari era boa na hora de achincalhar.

As duas olharam para mim. Queriam minha força e minha sabedoria masculinas em meio ao turbilhão. Queriam balbúrdia, palavrões. Queriam palavras incisivas e cortantes. Queriam a minha opinião. E eu dei:

— O cara não sabe dar valor ao que tem!

Vi que decepcionei as meninas, elas desejavam ódio e rancor, mas não consegui. Um: Pedro era meu amigo, tocávamos na mesma banda. Dois: eu era um garoto, e garotos não estão acostumados a se meter nesse tipo de conversa — até porque não existe esse tipo de conversa entre garotos, pô.

Babi chorava como eu nunca vira ninguém chorar. Mari teve que ir embora porque tinha marcado cinema com o namorado, e a menina mais bonita de todas as galáxias pediu que eu ficasse para jantar. Depois vimos *Jogos Vorazes* na tevê (Babi era tão viciada que sabia alguns diálogos de cor) e já passava de onze da noite quando liguei para minha mãe pedindo que ela me buscasse.

— Obrigada, Gualter, muito bom me sentir querida neste momento. Precisava de colo.

Achei as três frases ótimas, excelentes mesmo, mas não consegui retribuir nenhuma. Eu ainda era um menino bobo que ficava mudo de vez em quando.

— Posso te pedir um abraço?

Pode me pedir qualquer coisa nesta vida e nas próximas, Babi, intencionei dizer, sentindo o coração bater no meu pescoço. Mas não consegui dizer nem perto disso, só a abracei. O abraço foi longo, e quanto mais confortável ficávamos, mais carinho fazíamos um no outro.

Cafuné na nuca, mãos deslizantes pelas costas, um cheiro no ombro, um beijinho no rosto. Quando dei por mim, estava beijando a menina mais bonita do mundo na boca. Na verdade, ela me beijou! E eu retribuí, claro. Com língua! É! Com língua! Era bobo, mas não era burro!

Durou pouco, Babi logo pareceu se arrepender, mas foram os melhores quatro segundos de toda a minha vida.

O interfone tocou, era minha mãe.

A gente se despediu com outro abraço. No elevador, com o coração na garganta e o perfume da Babi ainda impregnado em mim, olhava abobado meu reflexo no espelho, pensando em como jamais suspeitei que aquele sábado choroso acabaria bem daquele jeito.

— Não que eu sinta algo além de amizade por Babi. Apesar de tudo, o (idiota do) Pedro é meu amigo, e a atração que senti por ela no começo da banda é coisa do passado — desabafei com a minha imagem refletida na minha frente. — Sou apenas um garoto feliz com o beijo de uma garota linda e triste — concluí pouco antes de chegar ao térreo.

No dia seguinte, estávamos a postos para ensaiar uma música nova que Theo escolhera para o show, "Best Day of My Life", de uma banda chamada American Authors. Animada e saltitante, tinha grande potencial de levantar o público. Depois do refrão-chiclete "This is gonna be the best day of my life! My la-a-a-a-a-aife!", vinha um "Uh-uh-uh-uuuuh" que Pedro, Pá, Mari e Theo cantavam aos pulos, no ritmo, parecendo estar numa cama elástica, vivendo mesmo o melhor dia de suas vidas. Até eu, sentadinho lá atrás, pulei com o tronco, sem tirar muito a bunda do banco, pra não correr o risco de levar um tombo. No dia do show, a plateia entendeu o banho de alegria e pulou junto com a gente, foi mágico.

Lindo só não foi o que aconteceu antes da segunda passada da música, quando Pedro olhou o celular e se transformou.

— 'A fila anda'? Por que a Babi postou isso? A vadia já está com outro? É isso?

É... Pedro nem de longe lembrava o garoto quieto e gente boa que eu conhecia havia poucos meses.

— Vadia? Como é que você fala assim da sua namorada? — Mari, indignada, falou por mim.

— Porque ontem ela estava choramingando no telefone e hoje posta que a fila andou!

— O que é que tem? Pode ser só pra te fazer ciúme, cara! Pra chamar a sua atenção! — opinou Theo.

— Não sinto o menor ciúme dela, nossa relação já estava desgastada.

— Nossa, que frase adulta — implicou Pá.

— Faltou respeito, Pedro! Respeito é a palavra e não se fala mais nisso. Bora ensaiar? — Mari encerrou o assunto.

Por dentro eu ria satisfeito e mudo. E cheio de esperança. E conflitos internos.

A fila da Babi andou! Comigo! O beijo foi só o começo, vamos ser o novo casal da Barra!, vibrava meu lado inconsequente. *Não que tamanha animação tenha algo a ver com paixão de minha parte, mas qual o problema ser solidário com uma garota bonita e carente?*, questionava meu lado racional.

E ainda tinha a reação de Pedro, que me assustava genuinamente e me plantava mais dúvidas na cabeça.

Como ele vai reagir quando souber do nosso beijo e, mais, quando entender que eu sou agora o novo namorado da sua ex-namorada?

Mas a culpa fora toda dele, o cara não tinha como reclamar.

Na mesma noite, quando liguei para Babi me achando "O" potencial namorado, sensível, charmoso e especial, que entende a alma feminina e beija bem (é verdade, meu beijo é ótimo!), soube que de namorado eu não tinha nada.

A bela desculpou-se pelo beijo (facada número 1) e disse que gostava de mim como amigo (facada número 2). Que ódio eu tenho desse descabido argumento feminino. Qual o problema beijar amigos? E ainda completou dizendo que o post foi mesmo só para irritar o Pedro, aquele idiota que ela ainda amava muito (facada número 3, seguida de morte).

Contei que o objetivo fora alcançado, o guitarrista se irritara ferozmente, mas muito mais pelo ego ferido do que por outra coisa. Chorando baixinho do outro lado da linha, a menina do sorriso branco pediu desculpas mais uma vez e desligou.

E eu, no recalque, só consegui racionalizar. *Melhor assim, namorar a Babi ia gerar uma crise entre mim e Pedro, e a banda está em fase de crescimento, sem espaço para atritos entre os integrantes. Profissionalismo acima de tudo.*

Mas é claro que eu queria namorar a menina mais linda de todas as galáxias. Ou você acreditou nas mentiras que eu dizia para mim mesmo? Eu era um menino de 16 anos! Escrevi aí em cima apenas o que se passava na minha cabeça lotada de interrogações, que naquele momento mais parecia uma montanha-russa, com freadas bruscas, descidas vertiginosas e subidas lentas que aceleravam consideravelmente meu coração.

Os Atritos

Quando começamos a viajar todas as semanas para tocar fora do Rio aos sábados, Paulão contratou um roadie, para alegria do Theo. Agora tínhamos o Arlindo Orlando, um cara de 21 anos que ganhou esse nome por conta de uma música da Blitz. Ele cheirava a incenso, acreditava na alma dos insetos, no poder energético da água da chuva e na cura pelas folhas outonais caídas no chão. O garoto nascera em Minas, mas vivia com o pai em Visconde de Mauá antes de se mudar para o Rio, vestia-se como um hippie dos anos 60 e ouvia Bob Marley dia e noite.

Era ele que carregava nossos instrumentos, afinava-os, regulava-os, trocava cordas e também as peles da minha bateria e deixava tudo montadinho no palco antes de entrarmos em cena. Ainda fazia as vezes de substituto nos ensaios quando um de nós precisava estudar. O cara era fera, tocava tudo e mais um pouco.

A vida estava bonita. Puxada, mas bonita. Ficou mais ainda quando o filho de um importante produtor musical foi ver a gente na Barra e pirou com a execução ao vivo e em cores de "Amor na hora certa". Já na segunda-feira seguinte ao show, veio o telefonema com a proposta irrecusável, inimaginável para uma banda que tinha começado pouco mais de oito meses antes!

Em dois meses nossa música embalaria uma das tramas principais da nova novela das seis! Paulão tentou emplacar "De repente", cujo coro da plateia sempre arrepiava nos shows — e olha que ela nem estava tocando nas rádios ainda. Mas o tal produtor tinha encasquetado mesmo com nosso hit número 1.

— Tudo bem, o sucesso de "Amor na hora certa" em rede nacional vai puxar "De repente"! — assegurou Paulão.

— Claro que vai! — comemorou um cada vez mais confiante Pedro. — A gente não para de bombar!

E tome sucesso!

Sucesso que nos levou para uma matéria de cinco páginas numa das principais revistas de celebridades do país. Fomos para uma ilha em Angra dos Reis e fotografamos em jet skis, na piscina, correndo na praia e fazendo um show para os convidados famosos que só víamos na televisão ou nas páginas dessas publicações.

O som estava ruim, mas, como o que importava eram as fotos, caprichamos na pose de pop star e tocamos como se tivéssemos a melhor acústica do mundo a nosso favor.

Tietamos os famosos e (acredite!) eles também nos tietaram! Muitos pediram fotos e autógrafos, até mensagem eu gravei no celular de um ator cuja filha de 10 anos era nossa megafã. Inflei o peito, orgulhoso. Sentir que era conhecido por gente conhecida me deu um troço estranho, um convencimento — ridículo, eu sei — sem precedentes na minha existência. Nem no meu melhor sonho pensei em ver gente que admiro me admirando. E eu, que sempre me achei (quase) nada, me achei tudo naquele dia. Bobeira? É, pode ser. Mas... Ah! Sou humano, pô! E tinha só 16 anos!

Tudo divino, maravilhoso, a banda estava cada vez mais famosa, mas também mais unida. Até Pá, depois de uma conversa séria, longa e delicada com Mari, parecia ter esquecido a birita. Ponto pra loira! Estávamos todos preocupados desde que ele caíra do palco ao fim de uma apresentação na Barra, na hora do agradecimento. Foi deprimente. A plateia riu — riso que até hoje não sei se foi de constrangimento ou satisfação. Como achar engraçado ver alguém se machucar? Esse sadismo adolescente nunca vou entender. Nem quando eu era um entendia.

Aos prantos, cheio de vergonha, Pá foi para o camarim pedindo desculpas, muitas desculpas a todos nós. Arrasados e sem encontrar as palavras certas, nos limitamos a dar tapas em suas costas e dizer que "isso acontece". Só Mari, o único ser maduro da banda, teve coragem de se trancar com Pá para dizer tudo o que ele devia ouvir.

O conteúdo dessa conversa nunca ninguém soube. Mas depois dela Pá mudou. Não apenas por uma semana, duas, como nossa loira temia. Mudou mesmo. Segundo o baixista me contou mais tarde, Mari tocou em feridas abertas que nem ele sabia conscientemente que existiam. E, ao contrário do que ela suspeitava, Pá não se odiava. Acreditava estar acelerando o sono e/ou camuflando a ansiedade de tocar em público com mais uma dose e/ou perdendo a timidez com as garotas. Para ele, a bebida estava se tornando uma boa amiga, por isso uma dose vinha seguida de outra, e de outra. Mari o convenceu a fazer terapia. Analisado e com vontade de mudar, aos poucos ele abandonou o que poderia se tornar o vício que matou o pai da loira de voz doce.

Mas voltando à ilha da fantasia... Descobrimos que só os super-super-VIPs vão

de helicóptero para lá. Os mortais, simplesmente VIPs, vão de van mesmo. Na estrada de Angra para o Rio, o clima era de alegria plena, era hora de aproveitar o momento depois do choque inicial com o sucesso estrondoso. Tudo continuava dando certo!

— Como é bom ser famoso e ter granaaaa! — gritou Theo o tipo de coisa que pode até ser pensada, mas jamais dita em voz alta. Ainda mais dentro da van de uma revista, com uma jornalista dentro.

Àquela altura, nosso vocalista tinha adotado um gorro de lã como indumentária. E usava mesmo nos dias de calor senegalês. Era estilo rock, dizia.

— De rock isso não tem nada, tem mais a ver com reggae — comentou Pedro.

— E deixa seu cabelo fedendo, tá ligado, né? — disse Mari, como sempre, o que todos nós queríamos dizer.

— Sua sorte é que você é boa-pinta, porque parece que tem um gambá morto dentro desse gorro, cara! — acrescentou Pá. — Não te beijava nem por 20 milhões de dólares.

— Nem por 20 milhões de dólares? Tem certeza? — provoquei.

— Quem eu quero enganar? Por 20 milhões de dólares eu beijava, apresentava pra família e pedia em casamento esse loiro do cabelo nojento!

Theo riu, mas ficou irritado. Não gostava de ser contrariado. Pela primeira vez na vida estava se sentindo importante, pela primeira vez achava que tinha acertado numa escolha. E pela primeira vez ganhava dinheiro sem ser a mesada. Ah, sim! Estávamos ganhando bem direitinho para fazer o que mais nos divertia. Se aquilo fosse sonho, que não acordássemos nunca.

— A burguesia fede, o que é que tem o meu cabelo feder? — soltou o galã que se portava cada vez mais como galã. — Bando de invejosos!

— Aaaaaiii! Para! Cazuza? Sério? Você misturou o seu cabelo ao genial Cazuza? Moço, para a van que eu quero descer! — brincou Mari, baixando o gorro do loiro para sufocá-lo por alguns segundos.

Theo riu. Nós rimos. Paulão riu. Mari riu. O motorista riu. A jornalista que nos acompanhava riu. Aquele era o retrato de uma banda feliz.

— Só podem estar de sacanagem! — reclamou um muito enfurecido Theo. —

Como é que eles tiveram CORAGEM de usar essa foto pra abrir a matéria?

Na tão odiada fotografia que ocupava duas páginas, Mari aparecia em grande destaque. Com o corpão que Deus lhe deu, a vocalista/tecladista da Pólvora reinava em primeiro plano, de biquíni, mas com os olhos pintados de preto, sua marca registrada, e pulseiras de couro. Atrás dela, nós quatro em poses um tanto quanto esdrúxulas. Ela, a rainha soberana. Nós, os soldados eunucos e submissos.

Na legenda: "Mari, a diva que as adolescentes querem ser, e os meninos da Pólvora: sintonia, respeito e amizade."

— Calma, Theo. O importante é vocês estarem aí! Essa revista tem uma repercussão enorme, rapaz! — comentou Paulão, assustado com a reação do menino.

— Calma? Como ter calma numa hora dessa? Tá na cara que eles manipularam a imagem! — concluiu o vocalista, cada vez mais irritado. — Pegaram as fotos que fizeram de cada um sozinho e juntaram dessa forma! A revista *quis* dar destaque pra Mari! Eles elegem a Mari, e tudo bem pra vocês?

— Tudo bem pra mim. O que é que tem? Deram destaque pra ela, e aí? A gente nunca vai ter controle sobre o que um jornalista escreve, Theo! O importante é vocês estarem na revista, cara! — tentou Paulão.

Estava difícil aplacar os ânimos do loiro com cara de anjo. Logo na primeira página, as aspas em destaque num box eram da nossa menina: "Não me considero musa. Sou música. Uma funcionária da música".

— Quem diz 'Sou música'?

— A Mari — rebateu Pá, em tom de gozação.

Theo passou batido pela intervenção debochada do baixista.

— Que frase ridícula é essa? Falamos coisas muito mais interessantes do que isso! Mas parece que só o que ela diz é importante — chiou nosso vocalista.

— A Mari não tem culpa de nada... — argumentou Pedro. — Ela estava lá com a gente, conversou com a repórter tanto quanto a gente. Se deram um destaque maior pra ela foi porque acharam que valia a pena, que venderia mais revistas.

— Tá errado! Tá tudo errado! Ninguém pode ter tanto destaque nessa banda! É todo mundo igual!

Genuinamente indignado, o galã estava tendo o que minha mãe chamaria, caso assistisse à cena, de ataque de pelanca.

— Relaxa, cara! A Mari é a única mulher da banda, normal causar um interesse

maior — amenizou Pá.

— Interesse maior por ser mulher? Fala sério! — retrucou Theo, mais enraivecido ainda. — Se fosse só a foto, mas a matéria praticamente só fala dela, parece que todo o resto é coadjuvante.

Cheguei nessa hora à casa do Pedro.

— Estão falando da revista? Irada a matéria, né?

— Tá zoando, né? Irada pra quem, moleque? Só se for para a 'musa loira da Pólvora', a 'diva das adolescentes', a 'sereia de voz doce'.

— Sereia a repórter roubou de mim. Quando vi a Mari de biquíni, eu falei que ela parecia uma sereia. Ô, bundão!

— Pá, não é hora de brincadeira! — bronqueou Theo. — A gente não pode deixar isso acontecer!

— Sério que por causa de uma bobagem você não está conseguindo comemorar o fato de a banda ter cinco páginas numa revista com tiragem de 500 mil exemplares?

— Bobagem, Paulão? Bobagem? Ela não é a líder dessa banda!

— Não tem líder essa banda! — gritou Pá na mesma hora.

Pedro e Theo baixaram os olhos.

E naquele minuto ficou claro que os dois acreditavam ser os líderes da banda.

— Achei que tínhamos um trato. Pensei que éramos uma coisa só, sem líder, sem essa coisa careta de rótulos — falou Pá sério mais uma vez.

Fui além:

— E se fosse você na frente, Theo? Você e seu abdômen? Será que ficaria tão chateado? Ou só está mal porque o destaque numa grande revista foi pra Mari, e não para o verdadeiro líder?

— Não, Potter... O Theo tá nervoso. Ele sabe que essa banda não tem líd... — tentou Pedro.

— Não precisa me defender, cara! — reagiu o loiro. — Quer saber, Gualter? Eu acho que eu e o Pedro somos, sim, os líderes dessa banda.

Pronto. Theo verbalizara o que sempre sentiu. Não disfarcei minha cara de choque. Pá tampouco. Diante do nosso espanto, continuou noutro tom:

— Talvez não líderes, porque essa palavra é ridícula, mas nós somos os fundadores da Pólvora, pô! A banda só existe por nossa causa!

Pedro baixou a cabeça, visivelmente chateado e, acredito, envergonhado com o

discurso do vizinho, que estava prestes a ser encerrado de maneira bombástica:

— E vou ser sincero. Se alguém merecia destaque numa matéria importante, esse alguém era eu. Eu ou o Pedro. Ou nós dois.

— Pronto, falou, não aguentou — rimou Mari, adentrando o estúdio.

Climão. Tensão. Estava bom não.

— Que pena, gente. Muito triste presenciar tudo isso — lamentou, cabisbaixo, nosso empresário. — Vou sair para fazer minhas coisas. Espero que vocês se acertem e consigam comemorar a reportagem. Ficou excelente — pausou. — Mesmo com a bobagem do Theo encerrando o texto. Espero que você tenha aprendido que não se pode falar tudo na frente de um jornalista.

— A gente estava voltando pra casa, a repórter estava sem iPhone gravando, sem bloquinho! Como é que eu ia saber que ela ia botar na matéria?

— Sua sorte é que essa revista não fala mal de ninguém. Mas o dia em que pegar uma publicação que gosta de detonar as pessoas, pode ter certeza de que, fazendo o que fez na van, você vai se dar mal. Muito mal!

Sério como eu nunca o tinha visto, Paulão bateu a porta do nosso canto da música, e o silêncio pesou no recinto. Ninguém conseguia se olhar. Por dentro, confesso, comemorei a bronca em Theo.

A matéria, que tinha o originalíssimo título "O novo fenômeno da música teen" e o subtítulo "Banda Pólvora arrebata milhares de adolescentes com sua música pop e despretensiosa", terminava assim:

> Vivendo um dia de cada vez e aproveitando intensamente o sucesso avassalador, os integrantes da Pólvora sabem que sua história está só no começo e tentam manter os pés no chão. Até mesmo o vocalista Theo, que num claro arroubo de espontaneidade adolescente deixou escapar, aos gritos, como gosta de ser famoso e de ganhar dinheiro com a banda. Que os ventos continuem soprando a favor do novo fenômeno da música pop. ■

— É com isso que você devia estar preocupado. Não com a foto! — sublinhou Mari. — Esse texto é péssimo pra você. Passa deslumbramento. Isso destoa do resto da banda. Parece que você está se levando muito a sério.

— Se eu não me levar a sério, quem vai levar? — Theo se defendeu. — Só acho que, na Pólvora, tenho tanto destaque quanto você. Sou tão vocalista quanto você! Por isso acho injusto aparecer na matéria praticamente como um backing vocal da 'nova estrela da música'.

— Backing vocal? Em nenhum momento a repórter escreveu que você é backing vocal! — protestei.

— Theo, não fui eu que fiz a matéria, você sabe, né?! Jornalista escreve o que quer! O que importa é que a Pólvora está em cinco páginas numa revista que vende como água!

— Importa pra você, que aparece como estrela da banda — argumentou Theo. — Pra mim já deu! — estourou, pisando pesado ao sair do nosso lugar preferido até então.

É. Ele saiu. Mais silêncio. Mais climão. Tudo ão. No dia que devia ser felizão, o nosso vocalista pareceu entrar na contramão.

Difícil...

— O que ele quis dizer com 'já deu'? — indagou Mari, angustiada pelas mesmas interrogações de todos nós.

Naquela noite, durante o jantar, Theo desabafou com a família.

— Tô a fim de seguir carreira solo. Você me banca nessa, pai?

— Como é que é?

— Ah, hoje foi estressante, não achei nada boa a matéria da revist...

— A matéria está ótima! Todas as minhas amigas comentaram! Já está nos salões, até as manicures vieram falar comigo! — Alina se intrometeu na conversa.

— Filho, agora é hora de colher os frutos, vocês estão no auge do sucesso! E ele vai aumentar já, já, quando a novela estrear. Quer abandonar o barco agora por quê?

— Não quero abandonar o barco. Quero fazer uma parada só minha, só o Pedro e eu.

— Amor meu, você não tem talento pra cantar. Sozinho ou com o Pedro — decretou Alina, com a sinceridade que lhe era peculiar. — Você é lindo e tem carisma, ok. Mas cantar você não canta, meu filhote... Quem segura essa banda é a Mari.

— Você também vai endeusar aquela garota agora?

— Theo, se não fosse a Mari fazendo a diferença, vocês poderiam ser só mais uma banda de meninos, que aparecem aos montes todos os dias — argumentou Ricardo.

— Mari, Mari, Mari... Todo mundo só fala dessa garota!

— Espera aí... É impressão minha ou você está com inveja do destaque que a Mari vem recebendo?

— Ai, pai, não viaja!

— É isso! Claro que é! — afirmou Ricardo.

— Seu pai matou a charada. Sentir inveja é tão ruim, filho... Tão pequeno! Não combina com você — condenou Alina, num raro momento de lucidez.

— Desculpa, não ia me meter, mas eles estão certos. Cotonete, você está com inveja e com raiva da Mari — constatou Mônica, entre triste e perplexa.

— A menina é um talento gigante! E teve uma vida sofrida, difícil, bem

diferente da sua! — ponderou Ricardo. — Você precisa pensar em tudo o que está sentindo. Não pode querer sair da banda por um motivo torpe desses.

Theo certamente não tinha ideia do que era torpe.

— Isso é imaturidade, sabia? — opinou Mônica. — Você estava tão feliz, realizando um sonho, tocando. Jura que quer botar tudo a perder por causa de uma inveja ridícula?

— Por que vocês estão falando assim? Não tô com inveja!

— Claro que está! Morrendo de inveja! E deve estar péssimo aí dentro, cheio de conflitos. Você é um cara bom, não combina com esse tipo de sentimento — concluiu a irmã de Theo.

— Que saco! Vocês não estão entendendo nada! Ninguém entende nada! Nada!

Nesse dia, Pedro foi conversar com o amigo de infância. Não conseguiu dormir sem falar com ele olhos nos olhos. Conversaram bastante, e o loiro chegou à conclusão de que estava, sim, sendo imaturo. E invejoso.

Mil sentimentos e pensamentos (e conflitos, como acertara Mônica) povoavam seu cérebro. Theo precisava lutar contra tudo de ruim que invadisse sua mente. Ele não queria o mal de Mari, adorava a garota dos cabelos platinados. Mas também se adorava. E muito.

Parecia injustiça dos deuses do universo: quando Theo, finalmente, conseguiu fazer algo que chamasse a atenção de sua família, a cena foi roubada pela sereia de voz doce à qual a fatídica matéria se referia. A loira ficou incomodada com a reação do colega, mas sabia que seu parceiro de banda era um menino bacana — e que não devia ser nada bom ser ele naquele momento.

Por conta da matéria, Mari chamou a atenção de vários sites, jornais e outras revistas. Todos queriam falar dela, o que era ótimo, pois, a cada vez que ela aparecia, falava da Pólvora, mas Theo, mesmo depois de pedir desculpas para Mari, não concordava conosco.

— Vê se o bando de meninas que vai ao show mil vezes aparece lá por causa dela! Nada! Vai todo mundo pra me ver de perto, pra tentar falar comigo! E com o Pedro.

— Para com isso, cara! Deixa de ser pavão! — encrencou Pá. — Geral vai pra

ouvir a música, pra ver o conjunto, o todo! Ou eu e o Potter não existimos?

Isso ele não teve coragem de responder.

Uma noite, ao fim de um ensaio, depois que Mari foi embora, Paulão encarnou o psicólogo para ter conosco o que chamou de "papo-cabeça". Sabíamos que seu interlocutor deveria ser apenas Theo, mas, sábio, o pai de Pedro arrumou um jeito de fazer com que seu discurso não parecesse professoral ou de bronca apenas para o vocalista. Observou, muito bem observado, que uma banda de meninos que tinha uma menina bonita cantando e tocando teclado multiplicava o público. Era uma combinação rara. E bem-sucedida até o momento.

— A Mari atrai a ala masculina, que normalmente desdenha e debocha de bandas formadas por garotos — resumiu Paulão. — O sucesso dela pode até ser doloroso para alguns (Theo! Theo! Theo!), mas é excelente para a Pólvora.

Com esse discurso, Paulão deu o assunto por encerrado. E nos deixou com a sensação de que agora estava tudo bem de novo.

Conciliar a escola e os estudos com os ensaios e shows estava cada vez mais difícil para todo mundo. A proximidade da estreia da novela fazia subir nossa pressão, queríamos saber como nossa música entraria, que trama embalaria, quanto dela iria ao ar, com que frequência...

Logo no primeiro capítulo, "Amor na hora certa" foi o pano de fundo para o triângulo amoroso formado pelos jovens protagonistas. A música, que já era sucesso, ganhou mais fama ainda, e em menos de um mês rendeu à banda a capa da revista adolescente de maior circulação. Lembro dos gritos de Paulão ao telefone, dizendo que aquilo sim merecia uma festa.

A revista publicou uma matéria de seis páginas e teve direito até a pôster nosso autografado! A gente se sentiu muito famoso, mas muito famoso mesmo, tipo Elvis. Não! Tipo Michael Jackson! Pera! Morreu também. Tipo Nirvana! Gente, alguém que não morreu, por favor!

— Tipo Lady Gaga! Tipo Beyoncé! Tipo Timberlake! — sugeriu Mari. — Tipo Katy Perry! Tipo Jay-Z! Tipo Daft Punk!

Tudo bem. A mulher da banda falou, tava falado.

Na capa, estávamos envoltos por um coração sob o título: "PÓLVORA — A nova

paixão nacional." É! A nova paixão nacional! Éramos isso! E não era a gente que estava dizendo, mas a maior revista adolescente do país!

Theo ficou tão estufado que nem deu ataque com o ensaio de moda que Mari fez para a mesma edição, mostrando em fotos superbem produzidas seu estilo roqueira. A letra de "De repente" veio do outro lado do pôster e, na semana seguinte à publicação, sem jabá, que fique claro, a música começou a tocar timidamente nas rádios. Mas não chegou a fazer o sucesso estrondoso de "Amor na hora certa" e eu nunca vou entender o porquê.

Aliás, taí um monte de coisas difíceis de entender nesse meio: por que uma música faz sucesso e outra, melhor, não? Por que uma banda medíocre ganha as multidões e outra com mais personalidade não chega nem perto disso? Por que tantos artistas passam a vida tentando e não conseguem êxito? Por que uns que cantam mal chegam lá e outros que cantam bem nem chegam perto? Por que para uns tudo é tão fácil? Por que o talento não é a única moeda de peso? Por que uns lidam melhor com o sucesso e outros piram?

A tal da fama chegou tão rápido que eu só tive tempo de me assustar, não cheguei a me deslumbrar, como o Theo. É assustador não poder ir ao shopping no sábado, por exemplo. Quando na vida pensei que poderia ser o motivo de um grito de desespero e que esse grito geraria outros gritos de meninas que não só gritavam, mas corriam na minha direção? Tive que sair escoltado de um centro comercial uma vez. Morto de vergonha. Queria rir para as fotos e ser simpático com as muitas fãs, mas... era tudo tão estranho... E eu era só o baterista, hein?

Mantive meus pés no chão, até porque minha mãe estava sempre lá, repetindo que meu pum fedia como o de todo mundo e que meu arroto de esgoto (sim, dona Perla sempre disse essa atrocidade, uma mentira deslavada, que fique claro) continuava igual ao que eu dava antes do sucesso. É, minha mãe às vezes exagerava nos argumentos, mas foi fundamental ter uma boa estrutura familiar me puxando para a realidade durante toda a loucura.

Não existe curso para se aprender a lidar com o sucesso. Ele chega sem avisar, e você se vê, de repente, no olho do furacão. Continuei fazendo o que sabia fazer do mesmo jeito, só que agora era conhecido, ganhava para isso, dava autógrafos, entrevistas, tirava fotos com fãs, recebia cartinhas apaixonadas... Achava tudo muito bacana, mas, assim como Pá e Mari, não passei a me sentir o rei do universo.

Ter sua própria grana é bem bacana. Olha, até rimou. Mas é mesmo. Poder

comprar um buquê de rosas para minha mãe sem pedir dinheiro para o Élcio não teve preço. Pá, um baixista cada vez mais empenhado, tinha agora quatro instrumentos e ainda investiu num contrabaixo acústico, que seu pai tocava como ninguém e que ele resolveu aprender. Aliás, Osvaldo e Flora ganharam com a grana dos cachês do filho um jantar num restaurante estrelado do Rio, com direito a noite romântica num hotel chique na praia de Ipanema. Mari quase não gastava, preferia guardar, deixar na poupança para realizar o sonho de dar para a mãe uma casa própria e estudar música nos Estados Unidos. Theo gastava feito louco em gorros e tênis e cogitou fazer depilação a laser para limar de uma vez por todas os pelos do peito, da barriga e das axilas.

— Tá maluco? Homens precisam de pelos! Já acho ridículo você raspar o peito, não sei como as meninas não reclamam, quando eles começam a crescer pinicam a gente! Já terminei namoro por causa disso! Daqui a pouco você vai querer fazer a sobrancelha, e eu vou zoar muito a sua cara se isso acontecer, moleque! — implicou Mari.

Já Pedro resolveu montar um estúdio completo de gravação, e o quarto de hóspedes foi o local escolhido. Marisa, antes avessa a destruir o lugar decorado com tanto esmero, nem chiou. Estava orgulhosa do filho que queria pagar tudo do seu bolso, comprando microfones, computadores e todos os equipamentos necessários. O objetivo de Pedro? Que nossas próximas gravações fossem na sua casa. Paulão elogiou, disse que o filho não estava gastando, mas investindo.

Nesse momento de prosperidade e alegria, ninguém podia prever que três dias depois a Pólvora viveria mais uma explosão. Dessa vez... interna.

Quando justamente o guitarrista da Pólvora, que sempre admirei pelo talento e pela relação incrível com a família, entrou numa de acreditar que era o sócio majoritário da banda, notei que algo muito ruim estava prestes a acontecer. Theo e ele cismaram que o repertório do CD que enfim começaríamos a fazer não seria escolhido por todos, mas...

— Quem vai bater o martelo é o Pedro! — decretou o vocalista.

— Por quê? — perguntou Mari, indignada, tapando com a mão o visor da câmera de Susi, que, como sempre, registrava tudo.

— Porque o cara sabe tudo de música e o pai dele é nosso empresário. Se ele não souber o que é melhor pra gente, o Paulão vai saber.

— Discordo! — disse Mari, com veemência.

— Também! — frisou Pá.

— Também! — repeti, impressionado com a ditadura recém-instaurada. Do nada instaurada, melhor dizendo.

— Por que isso agora? O repertório tem que ser escolhido por votação! Músicas do CD são mais importantes ainda do que as do show! — argumentou Pá.

— Exatamente por isso! A gente não pode dar mole e fazer um CD meia-bomba! — falou Pedro pela primeira vez.

— E seu aval é a garantia de que nosso CD vai ser um sucesso fenomenal? A sua palavra final no repertório garante que o disco vai vender feito água no deserto? — instigou Mari.

O guitarrista baixou os olhos e, envergonhado, tentou responder:

— Mari, não é isso... Mas...

— É isso sim, Pedro! Não vai voltar atrás, pô! A gente sabia que a conversa ia ser difícil! — atropelou Theo. — Mari, foi o que eu expliquei, o Pedro sabe tudo de música, por que dispensar o conhecimento dele?

— Porque eu também entendo de música! — respondeu Mari, exaltada. — Trabalho com isso muito antes de vocês! O Pá entende de música, tem um pai

músico! E o Gualter entende mais que todo mundo, não se esqueça de que *ele* fez nossas duas músicas! Uma delas sucesso nacional! Se alguém deveria dar a palavra final no repertório do CD, esse alguém devia ser ele! — gritou.

Foi a minha vez de baixar os olhos.

— Que despotismo é esse agora? — continuou nossa loira, irritada.

— Nessa hora tão importante, que é a escolha do repertório do nosso CD, vocês simplesmente nos comunicam que vai ser do jeito que *vocês* querem e ponto final? Um absurdo! Um absurdo! — interveio Pá.

— Vocês não estão pedindo nossa opinião, estão só comunicando que daqui para a frente vai ser assim? É isso mesmo, Pedro?

— Mari...

— Não quero ouvir sua voz, Theo! A minha pergunta foi para o Pedro! — gritou nossa loira, a veia saltando do pescoço. — Fala, cara! Perdeu a língua?

Não posso continuar a narrar essa discussão sem voltar no tempo para deixar registrado aqui os momentos memoráveis e intensos que vivemos pouco antes dela.

Com o sucesso monstruoso, decidimos, enfim, fazer nosso CD. Escolhemos uma gravadora só para distribuir o disco e divulgá-lo. Muitas delas queriam uma boa fatia dos shows, mas Paulão, com a ajuda valiosa de seu amigo de faculdade que fez as vezes de consultor desde o show de SP, negociou e fechou com a que aceitou um percentual menor das nossas apresentações. Éramos um sucesso consolidado, afinal de contas. Se uma gravadora quisesse a Pólvora, que fosse do nosso jeito! Muitas vinham flertando conosco — grandes, médias e pequenas —, com todo tipo de proposta. Não tínhamos fechado até o momento com nenhuma. Várias dúvidas nos rondavam, muitas perguntas sem respostas... Preferimos esperar o fluxo da vida acontecer para decidir com calma quando e se precisaríamos de uma gravadora.

Até então só tínhamos as minhas duas músicas autorais, além da "Melô da porquinha". Parece ironia, mas com sucesso, entrevistas, shows, provas, cursos variados e viagens para tocar, a inspiração ficou de mal com a gente. Resolveu dar um tempo, foi comprar cigarro e não voltou.

Nada se criava na Pólvora nem se copiava. As versões que Pá fez não tinham nem de perto o humor bobo e gaiato da Porquinha, Theo e Pedro nunca apresentaram nada decente, e eu bloqueei geral. Mari sequer tentou compor. Dizia que era loira, pra gente dar um desconto. "Tico e teco já sabem cantar e tocar piano, vocês não podem exigir muito mais deles", costumava brincar.

Com o crescimento da banda, não dava mais para cantar só covers nos shows. E, já que a criatividade estava em baixa, partimos à procura de parceiros. Um compositor amigo de Osvaldo criou duas músicas para a gente: "Recomeço", sobre a vida depois do fim de um relacionamento longo e apaixonado, e "Luau", sobre uma ficada displicente num evento praiano que resulta em casamento poucos meses depois.

Na minha escola, uma menina de 13 anos me ofereceu uma letra muito da bonitinha, sobre se sentir excluída. Fiz algumas mudanças e assinei com ela "Não é fácil ser só", uma balada que caiu como uma luva na voz da Mari. Também recebemos inúmeras composições pela internet. Foi o que salvou nosso repertório, que começou a ficar bom e encorpado e, melhor, estava sendo testado nas nossas apresentações.

Ao longo de dez meses, a contar da data de lançamento do clipe, em que lotamos todas as casas onde tocamos, ficou comprovado que nossa vocalista era, de longe, o grande chamariz da banda quando o assunto era mídia, que a incensava com adjetivos como "segura", "carismática", "linda" e ainda "revelação da música". Como nossas fãs eram muito novinhas, Mari era realmente a menina que elas gostariam de ser: bonita, mais velha, talentosa, estilosa, famosa... e ainda tocava com a banda do momento!

Mas, nos shows, quem brilhava mesmo era Theo, o galã desafinado. A cada apresentação, mais meninas se esgoelavam por ele.

Com a música na novela e as matinês da Barra lotadas com semanas de antecedência, chamamos a atenção de uma das maiores casas de shows do Rio, com capacidade para mais de oito mil pessoas. Medo, gelo dentro da barriga... Será que tínhamos cacife para encher aquele lugar?

Em pleno sábado, às quatro da tarde, pisamos no palco com a alma cheirando a talco e causando uma gritaria ensurdecedora que pareceu durar horas. Sim, o lugar estava cheio. Mais que cheio. Lotado. Lotadíssimo. De meninas novíssimas. E suas mães, e seus pais, e dindas e avós, e suas irmãs mais velhas! Todos empolgadíssimos. Impressionante! Impossível fechar a boca diante de tudo o que havia se tornado nossa vida. Era o primeiro grande show da Pólvora! Enorme show. O sucesso foi tanto que repetimos a dose domingo, numa apresentação extra. Estávamos em êxtase.

Depois do sucesso no Rio, casas do mesmo porte Brasil afora passaram a nos receber aos fins de semana, sempre abarrotadas de pré-adolescentes e adolescentes capazes de gritar o grito mais agudo que nenhum garoto jamais conseguirá alcançar. Cantando junto, dançando, pedindo mais um!, mais um!, mais um!, chorando rios intermináveis de lágrimas, berrando em uníssono antes de pisarmos no palco: "Ô, Pólvora! Cadê você? Eu vim aqui só pra te ver!". Que loucura!

Em pouco tempo, o que já parecia grande ficou enorme (tínhamos produtor de

estrada, que cuidava de tudo o que precisávamos na viagem e na cidade onde nos hospedávamos, e dois roadies, um só para a batera, que dava mais trabalho, técnicos de som e de luz e até um contrarregra pra cuidar dos camarins — Mari tinha um só para ela). E não parava de crescer! "De repente" pode não ter tido o sucesso radiofônico de "Amor na hora certa", mas nos shows era gritaria certa e duradoura aos primeiros acordes. Além dela, as músicas que fizeram para a gente davam muito certo, se tornavam hits em pouco tempo. "Recomeço", por exemplo, arrancava lágrimas de meninas mais emotivas.

Outra que dava sempre certo era uma chamada "Lento", da mexicana Julieta Venegas, idolatrada por nossa vocalista. Mari insistiu, queria cantá-la, gostava de cantá-la. Theo encrencou (que novidade?), e os demais ficaram com medo. Medo, sim. Não é todo dia que vemos adolescentes ouvirem música em língua espanhola (não estou me referindo aos fãs de Rebelde, que sabem cantar tudo de Anahí, Dulce María e companhia).

— Vão vaiar! — acreditava o loiro vocalista.

— Não vão! A música é ótima! Amor à primeira ouvida! — defendia Mari.

Nesse dia, Theo ameaçou, mais uma vez, sair da banda. Estava até virando piada. "Ih, lá vai o Theo sair de novo. Arrã".

Em tempo: a música da mexicana — que, como Mari, também arrasa no piano — tem um carisma abissal, e a loira a interpretava como ninguém. Era bonito ver os pirralhos cantarem a plenos pulmões em outra língua que não o inglês. Ponto para a nossa vocalista! Mari também bateu o pé para incluirmos Rita Lee no show. Ela arrancava gritos dos pirralhos e mais ainda dos mais velhos, que cantavam "Esse tal de roque enrow" com olhos fechados e mãos para cima.

Àquela altura, Theo tinha resolvido se arriscar na guitarra em um momento do show. Descobriu que seu magnetismo com as mulheres se multiplicava por dez com a adição de um instrumento. Mesmo sem tocar muito, ele fazia uma cena, franzia a cara, fechava os olhos, mordia os lábios. O vocalista da Pólvora nascera para os palcos. E a galera ia ao delírio com o guitarrista-que-não-era-guitarrista.

Ah! No começo do livro ele tinha vergonha de tocar perto do Pedro, lembra? Perdeu rapidinho quando seu lado narcisista descobriu que ele podia pegar mais gente e partir mais corações "tocando" guitarra.

Muralha já não dava mais conta de cuidar sozinho de nós cinco. Entrávamos e saíamos dos hotéis e das megacasas de shows que viraram rotina escoltados por

pelo menos seis trogloditas, contratados em cada cidade, selecionados cuidadosamente por nosso anjo albino.

Tanto sucesso rendeu uma matéria de duas páginas na principal revista do país. Foi a primeira vez que uma publicação grande, séria, respeitada, nacional — e adulta — dava destaque pra gente.

"Você pode não gostar deles, mas sua filha gosta" era o título. O texto dizia que nossa música era pueril, que só fazíamos sucesso porque adolescentes não são um público exigente, que nossos arranjos eram pobres, as rimas, fáceis, uma banda que não diz a que veio, um desses sucessos inexplicáveis, e por aí foi.

Acho, só acho!, que o repórter não foi muito com a nossa cara.

Mas a matéria dizia também que o carisma do vocalista era inegável (assim como seu "indisfarçável gosto pelo estrelato") e que quem segurava a banda eram "o talento e a beleza irresistível" de Mari e "a guitarra promissora" de Pedro. Sobre o Pá e eu nem uma palavra.

No fim, deixava no ar uma pergunta:

> Para desespero dos ouvidos mais apurados, a banda parece ter vindo para ficar. Mas tudo é possível no mundo incerto do show business. Até quando a Pólvora vai explodir? Quem viver verá. ■

Um box com grupos que acabaram no auge do sucesso (de Beatles a Jonas Brothers, passando por RPM e Los Hermanos) complementava o nosso perfil na maior revista do país.

Tivemos certeza de que a matéria seria motivo de cancelamentos de shows e que aquele era o começo do fim. Uma bomba havia caído sobre a Pólvora.

Acredite se quiser, mas foi como se ninguém tivesse lido. O sucesso da banda continuou inabalável, a agenda, lotada, convites chovendo do Oiapoque ao Chuí. Como disse uma amiga da minha mãe, "ninguém lê texto, todo mundo só quer saber de ver as fotos". Não posso discordar. A matéria esculachou a banda e seu vocalista, o cara bacana do começo do livro.

Pronto, agora podemos voltar à discussão que eu nunca vou esquecer, sobre a ditadura no repertório.

Mari tinha sido incisiva:

— Não quero ouvir sua voz, Theo! A minha pergunta foi para o Pedro! Fala, cara! Perdeu a língua?

Theo estava mesmo pirado com a fama, sentindo-se o rei, o dono do mundo, o que dá as cartas, a palavra final. Não restava dúvida: a ideia de que Pedro seria o responsável pelo repertório do CD partira dele. Isso não era coisa de Paulão, muito menos de filho de Paulão.

Induzindo Pedro a pensar que teria a palavra final sobre o repertório, Theo sabia que ele, sim, decidiria o que entraria no disco, ou seja, o que ele gostaria de cantar e o que não cantaria de jeito nenhum.

— Não tô nem um pouco a fim de ser só mais um nessa banda! — tomei coragem para falar o que estava entalado na garganta durante a discussão. — Não sou funcionário de vocês, faço parte da Pólvora, penso pela Pólvora e não gosto da ideia de ser obrigado a acatar a decisão do Pedro como se ele fosse um ser superior. Temos muito material bom para analisar com calma e escolher democraticamente o que vai se encaixar melhor no CD. Nosso primeiro CD! Não quero deixar isso na mão do Pedro.

— Boa, Gualter! — aplaudiu Mari.

Pá soltou o verbo:

— Vocês não podem simplesmente decidir quem vai escolher o repertório! Enlouqueceram? Temos que pensar juntos, decidir juntos, opinar, discordar, discutir e chegar a músicas que todos gostem, como temos feito até agora com os shows! Nosso CD vai ser a nossa identidade, não pode ficar na mão de uma pessoa só!

— Eu também acho, mas... — começou Pedro.

— Sem 'mas', Pedro! — esbravejou Theo.

— Deixa o Pedro falar! Para de monopolizar o cara! — bronqueou Mari.

Todos os olhos miravam Pedro.

— Mas... Mas eu acho que... que o Theo tem... t-tem r-r-razão... E-Ele é o

vocalista, tem que se s-s-sentir c-con-confortável cantand...

— Sério? Sério que você se deixou manipular por esse papinho egocêntrico do seu amigo de infância? Sério que você não tem personalidade para bater o pé e dizer que é um absurdo ele botar pra cima de você o peso de decidir o que é bom ou não para a Pólvora? Sério que você não sabe que nenhuma banda dura muito desse jeito e que isso pode ferrar com a nossa carreira? — disparou Mari, muitos tons acima do que ela usava normalmente. Pausou para respirar fundo e logo concluiu o pensamento: — Que decepção, Pedro. Esperava bem mais de você. A Babi não perdeu nada, é muita mulher para um homenzinho como você.

Mari estava enfurecida no dia em que a chaleira ferveu. E ainda meteu a Babi no meio! Mandou bem! O Pedro precisava ouvir aquilo!

Mais uma vez, o guitarrista da Pólvora baixou os olhos. E também a cabeça, os ombros. A impressão que tive foi a de que ele queria sumir. Encolher até virar uma formiga. Pedro era um fraco. Um supertalento, um gênio, um virtuose. Mas um fraco.

Deu pena.

Mentira. Não deu, não.

Na hora tive mesmo raiva. Da submissão dele ao Theo, da sua falta de atitude, da sua postura, do seu gaguejar. Como disse a loira dos cabelos platinados, era tudo uma grande decepção.

Paulão entrou no estúdio nesse momento lindo, de alegria e união. Para melhorar o clima, solene e sucinto, anunciou:

— Acho melhor vocês procurarem um empresário profissional. Estou fora da Pólvora. Não tenho muito mais a acrescentar, não concordo com o rumo que as coisas estão tomando... Fico até o fim do mês.

Ficamos todos chocados. Pedro inclusive.

— Pai!

Paulão nada disse. Apenas colocou o indicador sobre os lábios, pedindo silêncio. Deu um abraço em cada um de nós (menos no filho). Para Mari, sussurrou:

— Perdoa o Pedro. E o Theo também. Eles não sabem o que estão fazendo.

— Paulão! Fica! — pediu nossa musa, chorando.

— Essa banda nasceu por sua causa! — verbalizou Pá, também com lágrimas nos olhos.

— Pai...

— Paulão... — disse um atônito Theo.

— Pensa melhor... — insisti.

Paulão tentou conter o choro.

— Estava no começo da banda, não quero estar no fim.

— No fim? Pai, vira essa boca pra lá, a gente só estava conversando sobre o repert....

— Continuo o pai do Pedro, o amigão da *rapeize*, mas, pelo que ouvi... Desculpem, vocês estavam berrando, a porta estava aberta... impossível não ouvir! — disse Paulão, com a voz embargada, ignorando o apelo do filho. Doeu vê-lo daquele jeito. — A vida é feita de escolhas. E das consequências dessas escolhas. Isso é uma lição para a Pólvora e para a vida. Gosto demais de vocês para presenciar brigas idiotas. Mesmo que do lado de fora.

E saiu com a postura de um velho derrotado, deixando-nos sem ação. Sem chão.

Confesso que, mesmo sendo bom aluno, sempre confundi despotismo com nepotismo e, assim que sentei no banco do carona do carro da minha mãe, chequei num dicionário on-line a diferença entre um e outro. Mari era linda, talentosa, falava difícil e estava certa: Theo estava agindo como um déspota: prepotente, arbitrário, ditador. Déspota: taí uma proparoxítona feia e sem graça, bem diferente de Pólvora.

Não bastasse a insanidade do vocalista e a subserviência de Pedro, Paulão pedira demissão. Ninguém acreditou que o sexto elemento da Pólvora teria coragem de deixar a banda. Banda que ele ajudou a parir e da qual cuidava com tanto carinho. Um dia triste. Mas o show tem que continuar, diria nosso sempre animado empresário dez meses antes, nos primórdios da banda.

Mesmo sem Paulão, concluímos o óbvio: um CD só deveria ser feito com músicas ótimas (não apenas boas), de refrãos consistentes. Precisávamos de mais hits. E para isso deveríamos olhar com lente de aumento cada letra que vínhamos recebendo (e não eram poucas) e também as que já faziam parte dos shows.

Por mais sucesso que fizesse nas nossas apresentações Brasil afora e na internet, "De repente" e as demais inéditas que tocávamos ao vivo não emplacaram — uma verdade que teimávamos fingir que não víamos. Fato: todo o Brasil (sem exagero) conhecia "Amor na hora certa", mesmo sem conhecer a Pólvora. Mas quem não amava a Pólvora não conhecia as nossas outras canções.

Será que nós conhecíamos a Pólvora? Em meio ao turbilhão que nos atropelou, nunca conseguimos parar de verdade para traçar um objetivo, criar uma unidade, estabelecer uma personalidade para a banda. No começo era rock. Logo depois pop rock, mais tarde abrimos para coisas alternativas que agradaram, e ainda inéditas e uma versão engraçadinha de "She Loves You"... Mas quem era a Pólvora além da sorte e da fama? O que queria? Para onde iria?

Fomos exaustivamente avisados pelo Paulão de que faríamos muito sucesso. Não levamos a sério... quem levaria? Era mais um pai empolgado estimulando o talento do filho! Quantas bandas nadam, nadam e morrem na praia? Nós mal

começamos a nadar e já estávamos surfando a onda gigante, perfeita. E a vida é assim mesmo, numa hora está na mais completa calmaria, noutra atropela tudo e todos, sem dar tempo de ninguém respirar.

A sensação era essa. O ar estava suspenso. Estávamos vivendo e tocando no automático.

Como adolescentes imaturos que éramos, em vez de debatermos o assunto CD, optamos por protelar mais um pouco seu lançamento. A ideia era tentar compor músicas não menos que incríveis, incumbência dada a mim, autor da letra que fez a banda.

Mônica, irmã de Theo, foi parceira. Uma semana depois da conversa mais tensa de nossas vidas, ela voltava para casa num táxi quando eu, Mari e Pá saíamos de um ensaio na casa de Pedro. Decidida, foi falar com a gente:

— Ajudem o meu irmão, não deixem que ele enlouqueça. Ele é um menino! Um menino bom! A fama está mexendo muito com ele — desabafou, entristecida. — Esse negócio de querer ganhar mais dinheiro porque atrai mais público para os shows é uma loucura, eu falei para o Theo. Nem ele nem o Pedro merecem nem um tostão a mais que vocês!

E quando achamos que não podia piorar, piorou. Theo ainda não tivera coragem de dizer que gostaria de ganhar mais que a gente. Com que argumentos ele exigiria isso?

— Ele acha que os dois são os donos da banda, que merecem um percentual maior, que levam tudo mais a sério do que vocês...

Mônica parecia ter sido picada pelo bicho da sinceridade. Mudos e estarrecidos, ouvimos tudo sem dar um pio, mas Pá não se conteve:

— Mais a sério que a gente? Eu tô me ferrando na escola, quase repetindo de ano de novo por causa dessa band...

O baixista foi cortado por Mari.

— Fica tranquila, Mônica. Tá tudo certo — a loira tomou fôlego para tranquilizar a irmã do nosso vocalista, que estava visivelmente abatida e preocupada.

Nessa hora, Theo saiu da casa de Pedro e nos viu conversando com sua irmã.

— Que foi, Mônica? Que cara é essa? Você bebeu?

— Não, Theo. Tô só conversando com seus amigos, não posso?

— Não. Nesse estado não... Você deu pra beber só porque aquele imbecil do

Heitor te deu um pé na bunda? Mulher bêbada é a coisa mais caída do mundo, tá ligada, né? Segunda vez que te vejo assim desde que terminou o namoro!

— Para, idiota! Nada a ver!

— Vem comigo, Mônica. Vamos pra casa, tá tarde. *Té* mais, gente.

A irmã de Theo estava, sim, alterada. Pouco, mas estava.

— Vamos dar um desconto, ela bebeu — sugeri, conciliador.

— A bebida entra, a verdade sai — filosofou Pá. — Sério. Vocês estão cansados de saber que eu parei de beber, evito mesmo, sei lá se a química do meu corpo gosta da química do álcool? Não tenho vocação para ser alcoólatra, não quero ser alcoólatra. Infelizmente, de bebida eu entendo. Mônica estava de pilequinho e só disse verdade aqui.

— Tem certeza, Pá? — indaguei.

— Tenho. Quando a gente bebe, é como se a gente perdesse a nossa censura interna. Fazemos o que não faríamos, falamos o que não devíamos falar, temos coragem para coisas que jamais teríamos... Esse é o encanto e também o grande perigo da bebida — explicou. — Se ela estava *bebinha* e falou, podem ter certeza de que é verdade.

Que pena. Preferia não ter ouvido que Theo e Pedro estavam pensando em pedir "aumento". A banda, para eles, tinha virado um negócio. Para mim, ainda era pura diversão. Diversão que dava grana, tudo bem!, mas primordialmente era uma coisa que me fazia feliz. Droga que tudo estava acontecendo assim! Que tristeza! A gente tinha pouco mais de um ano de vida, nem um ano de sucesso!

Mas a sorte estava do nosso lado. Duas semanas depois da discussão sobre repertório, recebemos um convite que poderia espantar para sempre o baixo-astral e levar a Pólvora para um patamar nunca antes imaginado.

— Vai ser meu último trabalho como empresário de vocês — anunciou Paulão, antes de dar a notícia que tinha tudo para mudar nossas vidas.

Até o momento, não havíamos feito nada em relação a Paulão. Simplesmente não nos mexemos para buscar um novo empresário. O cara era nosso rei, pai do Pedro e de todo mundo ali, algo dentro de nós dizia que ele mudaria de ideia. Mas o passar dos dias não diminuiu sua vontade de pular fora. Paulão se mantinha decidido — e decepcionado, era evidente. Dava para ver que seus olhos não brilhavam mais com a Pólvora como antes.

— Fiquei orgulhoso com o convite, vai ser um passo importantíssimo na carreira

de vocês. Divisor de águas mesmo.

Paulão adorava um mistério!

— Fala logo, pai! — pediu Pedro.

— É! Tô me coçando de curiosidade! — insistiu Mari!

Paulão fez que não queria falar, carinha de suspense, virou as costas para a gente, voltou.

— Anda, seu pândego! Desembucha! — gritou Pá.

— O que vocês estão achando de tocar pra cinco, sete, oito mil pessoas por apresentação?

— Irado! — berrei.

— Maravilhoso! Um sonho! Melhor coisa da vida! — disse Theo.

— Um sonho! — resumiu Pedro.

— Por quê, Paulão!? — quis saber Mari.

O empresário mais bacana do mundo respirou fundo antes de questionar:

— O que vocês acham de tocar pra... sei lá... umas trinta, trinta e cinco mil pessoas?

— O quê? — Pá se assustou.

— Caraca! — exclamou Pedro.

— Estamos bem na fita, hein? Neguinho acha que a gente enche um lugar pra 30 mil pessoas? — perguntou Theo.

Boquiaberto, não consegui pronunciar uma só palavra. Apenas senti meu coração acelerar dentro da camiseta.

— Vocês podem até não encher, mas a banda que quer a Pólvora abrindo o show enche...

— Para de suspenseeee! Fala logo! — implorou Mari, desesperada.

Olhos vidrados em Paulão, ninguém piscava, ninguém respirava no estúdio. Estávamos a um passo de esquecer as rusgas e voltar a ser ingenuamente felizes de novo, como no começo.

— Vocês foram convidados para... abrir... o show do... One Direction!!! No Rio e em São Pauloooo! — gritou Paulão, mais empolgado que o mais empolgado dos adolescentes.

Mari gargalhou. Pá, olhos arregalados, botou as duas mãos sobre a cabeça. Eu não conseguia parar de sorrir e aplaudir. Pedro mumificou. Theo falou:

— Tá louco, Paulão? Tô fora!

— Quê? — questionou Mari, indo da risada para a cara amarrada em dois tempos. — Louco tá você!

— Theo, esse show vai ser uma vitrine incrível pra vocês! — argumentou Paulão.

— Tô fora! — teimou o loiro. — Não tem nada a ver com a gente!

— Como não? A gente toca One Direction nos shows, maluco! — Pá irritou-se.

— Quase nada! Só uma música, e pra agradar as fãs chatinhas.

— Não fala assim das nossas fãs, cara! — reagiu Pedro.

— É a oportunidade que precisamos pra ir ainda mais longe! — comentou Mari.

— Depois disso, o céu vai ser o limite! Até carreira internacional vocês podem tentar! — opinou Paulão.

— Não preciso de carreira internacional. Tô bem aqui! — resmungou nosso vocalista.

— Você não quer ser visto por 30 mil pessoas? Acha ruim a ideia de 30 mil pessoas cantarem nossas músicas? — questionei.

— No show desses caras? Acho sim. Vocês estão cansados de saber o que eu penso desses bostinhas! Um bando de garotos sem talento.

— E você é o quê, joia rara? — instigou Pá. — Você acredita mesmo que é um talento fenomenal? Você desafina na maioria das músicas!

— Quê!?

— É isso mesmo! Quem te segura é a Mari, se não fosse ela todo mundo ia saber que você é uma farsa! — gritei, as bochechas pegando fogo.

— Gente, pega leve... — pediu Paulão, sem ser ouvido.

— Posso até desafinar, mas me mato por essa banda, pratico todos os dias! E eu que levo público para os shows, tá?

— E por essas e outras acha que deveria ganhar mais, certo? — entregou Mari. — Como o mundo é injusto com você, né, Theo? — debochou.

— O que foi que você disse, Mari? — indagou Paulão, estático.

— É isso mesmo que você ouviu, infelizmente — respondeu a loira. — A Mônica disse semana passada que o Pedro e o Theo estão querendo ganhar mais por 'se entregarem mais à banda'. Como se a gente estivesse aqui de brincadeira!

Paulão baixou a cabeça.

— Pai...

— Não fala nada, filho. Não fala...

— A Mônica não tinha o direito, Theo! — estrilou Pedro.

— Eu sei! Até porque a gente não tinha decidido nada, a gente só estava pensando! Mas já chegamos à conclusão de que ninguém merece ganhar mais do que ninguém, tanto que nem falamos com vocês! — revelou Theo, já com metade do rabo entre as pernas.

— Pois é, mas pensaram e debateram o assunto — ralhou Pá.

— Essa banda tem um ano de existência e já está tendo esse tipo de conflito? — vociferou Paulão, descontrolado como jamais víramos. — Vocês estão jogando fora o que construíram e colheram em tão pouco tempo! Vocês estão loucos!

Silêncio geral. Nunca vi tanta gente tão séria no mesmo lugar. Estávamos consternados. Abismados. Revoltados.

— Eu tô fora desse show.

— Fora do show ou fora da banda, Theo? — ironizou Pá.

— É! Não vai ameaçar sair da banda de novo? Toda semana a mesma cena! Tô muito de saco cheio disso! — protestou Pedro.

— Até que enfim você abriu a boca pra falar alguma coisa decente — elogiou Mari. — Desculpa, Paulão.

— Não se desculpe, querida. Eu peço desculpas pelo Pedro.

— Para com isso, pai! Não se mete!

— Me meto, sim, moleque! Eu que montei esse lugar pra vocês ensaiarem, eu que botei grana em você e nessa porcaria dessa banda! Se tem uma coisa que eu me sinto muito no direito é de me meter! — protestou nosso empresário. — Acho um absurdo você cogitar não fazer esse show, Theo. Vocês precisam aprender que uma oportunidade dessa não bate duas vezes na mesma porta.

— Mas a gente não precisa disso! É totalmente contra a nossa ideologia! A gente é rock, pop rock, mas só tocamos coisas boas! — argumentou Theo. — Não podemos abrir pra qualquer bandinha!

— Bandinha? Não! Não tô ouvindo isso... — reclamou Mari, revoltada.

— Do que você entende, garoto? Você começou ontem, tem muita estrada pela frente pra cantar de galo desse jeito! — brigou Paulão.

— Bandinha que é famosa no mundo inteiro há alguns anos já. Merece todo o nosso respeito! — opinei.

— E, vem cá, que ideologia é essa? Qual é a ideologia da Pólvora, cara? — provocou Pá.

— É... É... Isso q-que eu falei... É ser fiel à música de qualidade.

— Fala sério! Que coisa estúpida! — esbravejou Mari.

— A gente não pode deixar de fazer esse show! — argumentei. — Quantas bandas devem estar se estapeando para tocar no nosso lugar?

— E foram eles que escolheram vocês! Eles! — bradou Paulão. — Deram um monte de vídeos para os caras assistirem, eles gostaram de vocês, do som da Pólvora, pediram a Pólvora, caramba!

Novo silêncio.

Nunca imaginei que uma banda pudesse ter esse tipo de discussão.

— Na boa, eu tô fora.

— Eu tô dentro — afirmou Mari.

— Eu também — disse em seguida Pá.

— E eu! — gritei.

Todos olhamos para o Pedro. Theo inclusive, um olhar incisivo, inquisidor.

— Eu também! — assegurou Pedro. — Foi mal, cara, mas a Pólvora não pode perder essa chance.

Theo franziu cada centímetro cúbico de seu rosto ao mesmo tempo que os ombros praticamente encostavam nas orelhas.

— Vocês vão tocar sem mim? É isso mesmo?

— É isso mesmo, Theo. Uma pena, mas é isso mesmo — com uma pitada de acidez na voz, Paulão respondeu por todos o que já estava mais do que respondido. — São só cinco músicas. Amanhã começam os ensaios. Agora com licença, preciso sair para arejar a cabeça.

Sem olhar para trás ou se despedir, Paulão saiu pisando firme, deixando um recado muito claro para a banda que um dia tanto incentivou: estava irritado, decepcionado, desgastado. E não gostava nada de se sentir assim.

Ainda com a respiração curta, levei um susto. Theo esmurrou a parede do estúdio. Isso mesmo, esmurrar vem de murro. O cara deu um socão na parede, cheio de ódio.

— Tá de *saca*, né? Esmurrar parede fofinha com isolamento acústico é mole. Quer esmurrar direito vai bater num muro de concreto, pô! Aprende a ser moleque raivoso de verdade! — Pá não deixou escapar.

Não sabia se ria ou se chorava. Na verdade, queria fazer as duas coisas.

O loiro fez um gesto não muito elegante para nosso baixista e saiu batendo a porta.

— A porta também tem isolamento acústico. Pra fazer saída dramática com barulho vai bater uma porta normal, animal!

Pá, sempre ele, desanuviando o ambiente. Rimos um riso tenso, um riso quase triste. Pedro parecia devastado.

— Bora levar um som? Pra ninguém sair daqui com clima pesado? — sugeriu nosso guitarrista, com os olhos vermelhos.

Tocamos duas vezes "Amor na hora certa". Durante a música, fechei os olhos. Só a lembrança de plateias cheias Brasil afora cantando nossa música foi capaz de tirar a ruga que fez moradia entre as minhas sobrancelhas desde o começo daquela tarde tensa. Mais uma.

Os dias se passaram e nada de Theo. Aborrecido com o melhor amigo, sentindo-se traído por ele, o loiro ia de casa para a praia, da praia para casa. No mar ele se acalmava e, entre uma onda e outra, revia em *looping* a cena toda, culminando com o soco na parede acolchoada. Em nenhum momento se questionou se estava sendo intransigente. Para Theo, ele estava certo, certíssimo. Não havia dúvida. Ficou esperando um telefonema de Pedro, uma visita dele com um sincero pedido de desculpas.

Em vão.

Pedro esperava o mesmo do amigo. Um *mea culpa* do tipo "Viajei. Somos um grupo, e o que a maioria decidir está decidido". Foi só ali que o guitarrista da Pólvora percebeu que o amigo não achava que era o dono da banda. Tinha certeza.

Não desmarcamos nenhum show. Sem Theo mesmo, fomos para Floripa, Curitiba e Porto Alegre. E Manaus e Belém. E Salvador, Fortaleza e Maceió. E São Paulo de novo. No começo, por sermos uma banda tipicamente carioca, achamos que não emplacaríamos em Sampa. Mas geral lá gostava da Pólvora, éramos sempre muito bem recebidos. A cidade em que me sentia mais querido era a da garoa.

Ao contrário do que acreditava nosso galã, a plateia não esvaziou com sua ausência. Pelo contrário, nossas apresentações continuavam lotadas, com Mari segurando no vozeirão, apoiada pela voz correta de Pedro. É aquela história dura e cruel, mas... ninguém é insubstituível. Os presentes que levavam para o Theo eram entregues na casa do loiro, que se mantinha mudo e irredutível em sua posição.

Os caras do One Direction desembarcaram no Rio causando imensa histeria, como da última vez em que estiveram na cidade. Fãs no aeroporto, fãs acampando na frente do hotel, dormindo nas ruas em volta da Apoteose...

Marcaram um encontro entre os ingleses e a gente onde eles estavam hospedados. Chegamos e fomos recebidos com gritos e choro pela horda de tietes deles (que agora pareciam ser nossas também). Foi muito bacana. Na piscina que ficava na cobertura, posamos para a imprensa, que estava lá em peso, e para nossos celulares, para guardar de recordação, e postar no Insta, claro.

Simpáticos e humildes, os garotos nos receberam de braços abertos. Gastei meu inglês com eles, levamos um som no violão (coisa pouca, nem duas estrofes, era só pra atender o pedido dos fotógrafos), e na primeira oportunidade Harry Styles (para mim só Harry, foi mal aê, meninas) comentou a minha semelhança com Harry Potter. Engraçado foi ouvir o Niall Horan dizer que podia ser irmão gêmeo da Mari, dada a semelhança entre as cores e os cortes de seus cabelos. Nossa loira riu e encantou a todos como de costume.

Naquela tarde mesmo fomos para a Apoteose passar o som. No dia seguinte, o grande dia, partimos cedo para lá a fim de ensaiar e fazer daquele show o melhor de nossas vidas. Estávamos terminando quando olhei para a coxia e vi uma figura familiar. Parei de tocar na hora.

Ninguém tinha visto. Pá, Mari e Pedro olharam para trás surpresos com a minha parada brusca e logo entenderam o que estava acontecendo. O ex-galã da Pólvora estava lá. Ficamos todos sem ação.

— Posso tocar hoje com vocês?

Que situação!

Momento mais constrangedor da minha vida. Das nossas vidas, posso afirmar. Não sabíamos o que dizer, muito menos o que pensar.

— Errei. Fiz burrada. Vocês podem até me expulsar da banda...

— Achei que você tinha saído por livre e espontânea vontade — espetou Mari.

Theo baixou os olhos e coçou a nuca. Seu cabelo tinha crescido, e uma barbinha por fazer mostrava que nosso loiro metrossexual não andava se cuidando como antes.

— Eu sei... Mas esse show eu queria fazer com vocês. Acho que eu mereço. A Pólvora merece. Os fãs da Pólvora merecem mais ainda.

Os fãs tudo bem, pensei com meus botões. Mas a gente? Ele que deu ataque e saiu

socando parede fofa, pedindo demissão de maneira tosca.

— É muita cara de pau, não acha não, Theo? — perguntou Paulão, assim que pisou o gigantesco palco onde nós e o One Direction nos apresentaríamos à noite. — Você acha mesmo que merece tocar hoje? Então me dê três motivos para a banda te aceitar de volta depois do papelão que você fez.

Respirei fundo. Paulão era genial até em momentos de crise. Era penoso lembrar que ele deixaria de ser nosso empresário em poucos dias.

Dado o silêncio de Theo, que de cabeça baixa ouvira tudo, ele repetiu:

— Você não acha que é muita folga chegar aqui e pedir para cantar?

— Não! — Theo levantou a cabeça e só então vimos que ele estava aos prantos. — Você pode até achar, mas eu não acho. Eu erro, eu sou humano! Eu tô sentindo saudade, tô me achando um burro, o cara mais estúpido da face da Terra, se vocês querem saber. Preconceituoso, ignorante. Mari sempre disse que preconceito e música não podem andar juntos.

Pausa para um choro silencioso e envergonhado. Fiquei com pena. Todos ficamos.

— Eu sei que vocês têm arrebentado nas viagens e que ninguém tem sentido a minha falta, acompanho tudo pelo Face. Conversei muito com meu pai nesses dias e vi que estava errado, que fui um idiota. Deixei subir à cabeça o mínimo poder que a fama dá. Se vocês não quiserem me aceitar, vou entender. Mas não podia deixar de vir aqui e pedir desculpas olhando no olho de cada um. Especialmente no seu, Paulão.

Dito isso, Theo caminhou lentamente na direção do pai de seu melhor amigo e, com os olhos inchados de lágrimas e vergonha, praticamente suplicou por um abraço.

Talvez nunca, em tempo algum, alguém consiga descrever em minúcias a sensação de ter uma plateia lotada cantando uma letra que saiu da sua cabeça. Eram trinta e cinco mil pessoas se esgoelando para entoar os versos de "Amor na hora certa", criada na solidão do meu quarto.

Nem sabia que emoção assim existia, tão grande que nem sei como coube dentro de mim. Mesmo ciente de que era apenas um ser franzino atrás da bateria, eu me senti o Super-Homem por alguns instantes. Tudo era super naquele momento: superplateia, superemoção, superbatimentos cardíacos, superexposição, superlua cheia, superamor...

Pode me chamar de piegas, meloso, exagerado. Mas senti um amor gigante, do tamanho do palco, vindo da multidão. Não era sonho, muito menos ilusão: aquela meninada era fã do One Direction, mas da Pólvora também.

Depois do nosso hit, Mari soltou o vozeirão em "Toxic", famosa na voz da Britney, numa pegada abrasileirada que misturava pop com samba-funk (o que Theo jamais teria aceitado se tivesse ensaiado com a gente), e todo mundo cantou em uníssono. Emocionante. Então veio "De repente" e, posso dizer sem medo de mentir, que pelo menos 80% das pessoas sabiam cantar a nossa quase famosa música. Antes do encerramento com ela, a infalível "Melô da porquinha", fizemos um medley de Michael Jackson e outro dos Beatles.

— É um sonho tocar pra uma plateia tão grande! — disse Theo ao microfone.

Sim, não tinha como impedir o loiro de cantar após o choro sentido e o pedido sincero de desculpas. Depois que ele apareceu de surpresa no palco, demos nele um abraço e ficamos de conversar no dia seguinte para decidir o futuro da banda, com ou sem ele, mas definitivamente sem Paulão...

Contudo, aquele momento era o presente e ele podia ser traduzido em uma palavra: êxtase. O futuro ninguém sabia, ninguém sabe. Desejei mentalmente que a vida tivesse um botão de *pause* — certamente eu o apertaria durante os aplausos finais com que fomos acarinhados após o agradecimento de Theo.

— Vocês são demais! — elogiou o loiro, arrancando gritos histéricos da

multidão. — Lindas são vocês! — agradeceu sorrindo, gerando muito mais gritos. — Na guitarra, Pedro Costa! No teclado e nos vocais, ela, Mari Lima! No baixo, Pááá! E na batera, Gualter Potter! Eu sou o Theo, e essa é a Pólvora! Valeu, gente! Brigado por tudo!

E assim foi o começo do fim da noite mais surreal da minha vida, a última vez em que me senti um pop star. Mais que isso. Eu era um superstar.

Agradecemos de mãos dadas, os cinco, a chuva de aplausos e gritos. Fizemos bonito, bonito demais, nossa missão fora cumprida, deixamos a plateia aquecida, em ebulição, querendo mais, pronta para enlouquecer na hora do show principal. Dentro de pouco tempo o One Direction entraria em ação e deixaria extremamente felizes milhares de pessoas.

Taí uma das coisas que eu mais gostei nesse quase um ano em que brinquei de artista famoso: levar felicidade para gente que eu nem conhecia. Com nossa música e nossa presença, despertávamos risos sinceros, recebíamos abraços apertados, emocionávamos. Mesmo que eu viva mil anos, nunca vou esquecer.

Depois da reverência ao público, fizemos um círculo e nos abraçamos ali, no palco mesmo, ainda sob a ovação da plateia, chorando copiosamente com toda aquela energia louca e linda.

— Pólvoraaaaa! — gritamos juntos, num desabafo coletivo.

A plateia gritou junto:

— Pól-vo-ra! Pól-vo-ra! Pól-vo-ra!

Chorei de soluçar!

Era uma apoteose, sem tirar nem pôr.

Tinha tudo dado certo, apesar da discussão, apesar do Theo, apesar do nervosismo.

Paulão nos esperava de braços abertos na coxia, com um sorriso de criança que acabara de ganhar o brinquedo dos sonhos. Bingo! Aquele show tinha sido isso mesmo: um sonho. Nem vimos os garotos do 1D depois do nosso show (antes sim, brevemente, e eles desejaram boa sorte e tudo). Não tenho ideia se nos viram em ação, se gostaram...

Nós gostamos, Paulão gostou, o público gostou. A Pólvora estava acesa de novo, melhor do que nunca, pronta para brilhar mais e mais, para alegrar.

— Vocês vão longe! Vocês vão longe! — repetia Paulão, com os olhos rasos d'água, enquanto esmagava cada um de nós para dar os parabéns.

A profecia do pai de Pedro, como avisa o título deste livro, não se concretizou. Ninguém ali suspeitava, mas a Pólvora fazia, naquele dia, com aquela formação, um de seus derradeiros shows.

Pouco depois da nossa apresentação, fomos para a área VIP, e Mari sumiu com um cara mais velho que parecia ser da produção. Já o tinha visto em alguns shows, e sempre fiquei na dúvida se era um velho babão querendo conquistá-la ou um novo namorado — o cantor/garçom deu defeito e não segurou a onda de ter uma namorada famosa. Botou a culpa do término no ciúme, mas sei que se mordia quando, sem dinheiro para pagar a conta, Mari tirava a carteira da bolsa para acertar tudo. O mundo é machista.

Quanto ao coroa... Não demorou muito para que eu e os outros integrantes descobríssemos quem era. Argentino, 47 anos, radicado no Brasil há mais de quinze e empresário de alguns dos maiores nomes do mercado da música, Juan Alvilez vinha "paquerando" a Mari artista havia muito tempo. Leal à banda, ela disse não a todas as apetitosas propostas feitas por ele, propostas que encheriam os olhos de qualquer um de nós e certamente teriam tirado Theo da Pólvora logo numa primeira investida.

Ao fim do nosso apoteótico show na Apoteose, notei que Mari parecia tensa. Feliz, mas tensa. Eu já convivia com a loira havia tempo suficiente para decifrar seu semblante. A vocalista mal olhou para o palco no show dos ingleses que ela tanto gostava. Ficou a maior parte do tempo conversando com esse tal Juan e um loiro alto com pinta de gringo, que depois soubemos ser presidente de uma grande gravadora. Era uma quinta-feira. Na segunda, depois de shows memoráveis (na sexta em Sampa, também abrindo para o 1D, e no fim de semana em Vitória e Belo Horizonte), com a paz novamente entre nós, quando a Pólvora voltava a ser a potência do início e reafirmava seu carisma junto a multidões, Mari pediu uma reunião.

Foi a primeira vez que vi a loira do teclado sem ao menos um lápis preto de leve circundando os olhos. Abatida, ela foi para a casa de Pedro acompanhada de sua fiel escudeira, Susi, que, para surpresa de todos, não foi munida de câmera nem levava o celular em punho. Estava lá para fazer companhia à amiga. Assim que Mari nos viu reunidos, começou a chorar.

Ver uma mulher chorando está longe de ser uma sensação boa. Quando a mulher em questão é a loira mais doce de que se tem notícia, um garoto com a alma boa é capaz de morrer um pouco por dentro. Até porque não era qualquer choro, era um pranto sentido, dolorido, com tanta água que parecia inesgotável.

Atônitos e sem saber o que dizer ou como reagir ao choro ininterrupto, ficamos mudos, cenho franzido. Pá não aguentou e foi abraçá-la. Fui também. Pedro e Theo logo se juntaram a nós. Ela desabou.

— O que foi, Mari? — perguntei, angustiado.

— Aconteceu alguma coisa com a sua mãe? — Pedro quis saber.

— Não... Ela tá bem...

E então nossa cantora respirou fundo, secou as lágrimas, respirou fundo de novo e dividiu conosco o peso que estava sobre seus ombros.

Logo que começamos a lotar as matinês da Barra, o tal empresário Juan se aproximara de Mari. Dizia que ela era areia demais para o nosso caminhãozinho, que podia transformá-la numa estrela de primeira grandeza, que contrataria os melhores compositores para criar as músicas que ela cantaria, os mais renomados produtores, que seu potencial era enorme, ele vislumbrava até uma bem-sucedida carreira internacional.

A loira dizia não e argumentava: ou ele empresariava a Pólvora, ou nada feito. Mas Juan Alvilez se mantinha irredutível, não tinha o menor interesse em "mais uma banda insossa de meninos bonitos".

— Pô, Mari... Você tá sofrendo isso sozinha há um tempão e não abriu pra gente, maluca? — confortou Pá, afagando o curto cabelo da nossa vocalista.

— Não dava... Não queria que vocês me achassem um monstro, uma traidora...

— Imagina... — disse Theo. — Se você quer saber, eu tô muito chocado por você não ter ido ao primeiro chamado dele.

— Você teria ido rapidinho, né? — provoquei.

— Não sei... Não, claro que não! Mas ia balançar ... — foi sincero o loiro.

— Pois é... A cada semana ele vinha com mais uma coisa, mais uma promessa... Isso já tá rolando há um tempo... Eu estava certa de que não ia aceitar, mas... Quando rolou o estresse com a foto da ilha na revista, eu comecei a repensar minha posição.

Theo baixou a cabeça, envergonhado. Nada disse, mas era possível ouvir sua respiração de onde eu estava.

— Depois da última discussão, você dizendo mais uma vez que ia sair da banda, esmurrando a parede... Foi só ali que me senti um... um peixe fora d'água. Pensei longe e me vi daqui a uns anos tendo sempre as mesmas brigas, as mesmas questões. E eu sou tão da paz...

— Eu também, Mari... — disse Theo, mal prendendo o choro.

— Eu sei... Mas... A verdade é que eu não estava me sentindo mais tão confortável na Pólvora. Ficou claro que nós pensamos diferente, Theo. E acho que banda é uma unidade, sabe? Uma coisa só.

Foi a vez de Theo desabar, para meu espanto. O loiro pode ter vacilado ao longo da curta carreira da Pólvora, mas era um cara bacana, como já disse algumas vezes neste livro.

— Resumindo... Vou fechar com ele. Amanhã assino com o escritório do Juan e com a gravadora. Se tudo o que eles planejam vai acontecer, ninguém sabe, é um ponto de interrogação. Tô morrendo de medo, mas saber que tem gente grande apostando em mim me dá uma sensação boa, de que pode dar certo.

— Vai dar certo, loiruda — apoiou Pá, puxando Mari para um abraço apertado enquanto dava seguidos beijos em sua cabeça. — Você é incrível...

— Isso quer dizer que você... v-você... você tá saindo? — Pedro indagou o óbvio.

— Tô... — respondeu Mari, abrindo a torneira novamente. — Desculpa, gente!

Deu pena. Ela chorava feito criança agora. Estava doendo muito, tadinha.

— A Pólvora foi a coisa mais incrível que aconteceu na minha vida! — continuou ela. — Ai, que estranho falar no passado! — Pausa para mais choro incontrolável. — Ter vocês pra sempre na minha história me enche de orgulho! A gente arrasou! E vocês vão continuar arrasando.

— Não faz sentido a Pólvora sem você... — comentou Pá.

— Isso a gente pensa depois... — interveio (quem? Quem?) Theo.

— Você vai fazer muita falta... — lamentou Pedro.

Naquele momento, o único som que se ouvia no lugar onde fomos tão felizes e sonhadores era o de narizes fungando.

— Mari... eu te amo, cara — verbalizei o que todo mundo ali queria dizer.

— Eu também amo você, Gualter... Amo vocês. Muito! Brigada por tudo, brigada por me fazerem viver a experiência mais intensa e mais incrível da minha vida!

Mais um abraço coletivo. Forte. Agora todos chorávamos. Pela perda da Mari,

pela incerteza do futuro, por saber que a história que vivemos até então tinha um ponto final. Começaríamos outra? Ou não?

— Vai com Deus, loiruda. E não esquece os amigos quando ficar mais famosa — pediu Pá.

— Brigada... Brigada por tudo, gente. E desculpa qualquer coisa...

Cabisbaixa, Mari deixou nosso cantinho de ensaios de mão dada com Susi, que, calada entrou, calada saiu, mas era o ombro ideal para nossa loira afogar a tristeza. Pedro estancou Mari pouco antes de ela sair.

— Ei! E meu pai? Você não vai falar com ele?

Já no portão da imensa casa do nosso guitarrista, a loira respondeu, surpreendendo a todos:

— O Paulão tá sabendo de tudo. Contei há um mês, mais ou menos. E ele me deu a maior força. O teu pai é incrível, Pedro — revelou, aos prantos novamente. — Ele disse que não aguentaria ver minha despedida, por isso saiu com a sua mãe. Manda um beijo para os dois. Mais tarde eu ligo pra conversar com ele.

Mari partiu e nunca mais voltou. Corajosa, saiu da Pólvora rumo ao incerto. Firme e ciente do que queria e aonde queria chegar, bateu o pé quando seu empresário disse que ela poderia ser a nova Shakira.

— Tá louco? Eu nem tenho cabelo pra isso! Vou ser a nova Mari. Bater cabelo é coisa do passado! O negócio agora vai ser bater careca! — brincou falando sério.

Mari nem contou que Juan sugeriu que ela nos levasse para tocar com ela. Não como banda, como músicos que acompanham a nova estrela. Ciente dos egos de Theo e de Pedro, na hora a loira avisou que não daria certo.

Os quatro remanescentes da Pólvora decidiram continuar. Fizemos os shows que tínhamos agendado, mas algo estranho começou a acontecer. O público começou a rarear, a novela das seis com nossa música foi um retumbante fracasso, e "De repente" nunca emplacou de verdade. E, acredite, o CD por cujo repertório tanto brigamos... nem saiu.

Com Paulão fora da banda, faltou um motor para nos empurrar, para nos fazer seguir em frente, acreditar. Ficamos perdidos. Pedro resolveu assumir as funções do pai (que algumas vezes deu consultoria gratuita para o filho) enquanto não encontrávamos ninguém à altura de nosso guru.

O que era diversão se tornou quase um fardo. Por incrível que pareça, os fãs começaram a notar que algo mudara. Mari fez falta. Tanta falta que só na sua

ausência descobrimos o que a mídia havia descoberto desde o começo: ela realmente era o grande destaque da banda. O charme, o brilho, o talento, o carisma. A cantora da voz doce era uma pérola rara, que merecia trilhar um caminho bonito como ela.

— O que tá acontecendo? Onde está aquela cabeçada? — questionava Theo antes dos shows, quando olhávamos a plateia escondidos, do palco.

— Eu não quero que acabe... — desabafou Pedro uma noite num hotel que já não me lembro mais qual era.

Acabou. A Pólvora tinha pouco mais de um ano e apenas 360 dias de sucesso quando fizemos nosso último show. Seria o penúltimo, verdade seja dita. O último mesmo teve que ser cancelado.

Por falta de público.

Inexplicável. Triste. Estranho.

Os convites para festas, shows e pré-estreias de filmes e peças escassearam. Nenhum jornal, nenhum site nos procurava, nem o mais sensacionalista dos programas de TV queria nossa presença, nem TVs universitárias que davam traço de audiência pediam uma entrevista com o "fenômeno teen".

Era como se tivéssemos morrido, mas estávamos muito vivos, vivinhos da silva. Terrível constatar que depois da morte ninguém sentiu nossa falta. Nem o público da Barra, sempre tão fiel e animado, lotou as matinês na mesma boate de sempre. Ficamos por lá dois domingos apenas, tocando para as poucas fãs mais fiéis e leais, as que restaram.

Desanimado com o rumo da Pólvora, Pá pediu uma pausa para "repensar a vida". Cogitamos substituí-lo, mas a coisa estava tão preta que nem levamos adiante a ideia.

Ter banda é difícil... Um casamento sem sexo, como bem definiu minha mãe. Decidimos, então, dar um tempo. Tempo que, sem nada combinarmos, durou pra sempre.

A Pólvora simplesmente acabou. Sem aviso prévio, sem planejamento. Sem um motivo específico. Na verdade, foram vários motivos, e acredito que, se a fama imensa não tivesse sido tão repentina, poderíamos estar na ativa até hoje.

Caso nossa história tivesse acontecido gradualmente, com o público conhecendo aos poucos nosso trabalho, talvez estivéssemos mais aptos a lidar com o sucesso quando ele acontecesse, podíamos estar aí até agora. Mas se algo aprendi

naquele ano louco é que nada tem fórmula. Nem para a fama, nem para o fracasso.

Pouco depois do fim da banda, Pedro embarcou com os pais para uma temporada de três meses na Califórnia — onde se divertiu em parques, fez cursos de música e descobriu uma nova paixão: a fotografia. Sempre apoiado por Paulão, voltou e fez uma exposição com seus registros, batizada de "Califa", na galeria de um amigo da família.

Por melhor instrumentista que fosse, Pedro nunca emplacou como deveria. Todos esperavam muito dele, o virtuose, o melhor desde sempre. Mas seu carisma era negativo — e, para se destacar nesse meio, carisma (que não se compra, não se toma e não se pede, se nasce ou não com ele) é fundamental. A música segue na sua veia como hobby. No estúdio que montou com a grana da Pólvora, reúne amigos e toca de vez em quando. Quis reatar com Babi quando voltou dos Estados Unidos. Com o rabo entre as pernas e sinceramente arrependido, ajoelhou-se para a ex, chorou, mandou flores. Adiantou não. Ficou no zero a zero.

Oposto de Pedro Theo — carisma 10, talento 3 (com muita boa vontade) —, tentou emplacar carreira solo, contratou produtor e tudo, mas nada aconteceu. Depois de fracassadas tentativas de seguir cantando para se manter sob os holofotes, bateu na porta de uma agência de modelos cujo dono já o havia procurado durante a época da Pólvora. Logo começou a fazer bicos em editoriais de moda e desfiles, enquanto se dedicava mal e porcamente à faculdade de Administração. Mas sabia fazer carão como ninguém e passou a ser cada vez mais requisitado por produtores de moda, abandonando o curso assim que começou a ganhar dinheiro fazendo pose. O sucesso nunca o abandonou em um departamento: mulheres. O loiro segue passando o rodo, agora pegando modelos, aquelas semideusas magras demais para o meu gosto, mas que matam as mulheres de inveja.

Mari... Bom, Mari em pouco tempo estava nas bocas. (Nossa! Essa frase poderia ser dita por um Gualter de 80 anos, não por um de 23, mas tudo bem.) Do fim da Pólvora até seu estouro deve ter demorado uns oito, nove meses, no máximo. Com o marketing milionário de uma grande gravadora a seu favor, a junção de sua voz peculiar com o encantamento que causava nas plateias em seu voo solo logo lhe rendeu o original título de "maior fenômeno pop dos últimos tempos".

Importante dizer que a gravadora tinha duas grandes apostas naquele momento: ela e um promissor astro da música sertaneja. Mas tanto investimento não deu em

nada para o jovem de 19 anos. E olha que ele tinha todos os ingredientes para dar certo: carisma, talento, beleza, vozeirão e calças (muito, muito) justas (mesmo) para seduzir a ala feminina. Vai entender.

Com a agenda lotada de shows e fãs de todas as idades, a bela ex-vocalista da Pólvora fez tanto sucesso que lotou as escolas de música. Nunca se tocou tanto piano no Brasil, li numa matéria. Todas as meninas queriam ser Mari, tocar como ela, encantar como ela.

Ah, sim, a loira, que até hoje não conseguiu — por falta de tempo — realizar seu sonho de estudar nos EUA, não saía das revistas e dos jornais, virou musa da coluna do Ancelmo Gois, ganhou elogios rasgados do Caetano, gravou com Lenine, fez ponta na novela das nove como Mari mesmo, cantou com Roberto no especial de fim de ano da Globo, fechou como garota-propaganda de uma marca conhecida de sapatos, fez um sem-número de comerciais, participou de show de sua musa, Julieta Venegas, no Rio, e comprou uma casa para a mãe assim que teve dinheiro para tal. Susi e ela continuavam grudadas, mas agora a melhor amiga ganhava para ser sua "assistente pessoal".

Susi nunca terminou o filme sobre a Pólvora. O fracasso da banda a desanimou e engavetou seu projeto. Mas ela continua firme atrás das câmeras. Vai lançar no fim do ano um documentário sobre bullying virtual. Ainda descabelada, há dois anos namora a guitarrista que toca com a Mari.

Babi! Não posso me esquecer da Babi! Dois meses depois do seu término com Pedro, a menina mais bonita do mundo começou a namorar um galã de novela. O guitarrista se rasgou de ódio! Foi divertido ver seu recalque ao saber da notícia. Bonito, famoso e bem-sucedido, o tal namorado era a personificação do pior pesadelo de Pedro. Babi, que nunca mais voltou a ter cabelos loiros e compridos, e Mari continuam boas amigas até hoje.

Falando na loira, dois anos depois do fim da Pólvora, a cantora e tecladista tomou coragem e convidou para tocar com ela o cara mais bacana que conhecia — e que no baixo estava cada vez melhor. Agora de cabelos curtos e estudante de Psicologia, Pá nunca perdeu contato com Mari e topou na hora. Os dois se tornaram grandes amigos antes de virar o meu casal preferido. É! Não demorou muito para engatarem um namoro que já dura três anos.

Faz oito que a Pólvora acabou. O título deste livro não é exagero. Vivi realmente 360 dias de sucesso. Não chegou a um ano. Um ano! Contando os dias em que

éramos apenas uma banda se preparando para o churrasco do Paulão e que logo depois tocou no sarau da minha escola e numa festa de 15 anos, pode botar mais uns noventa dias nessa conta. Cronologicamente é isso aí. Mas, emocionalmente, foi muito, muito mais que isso.

Formado em Jornalismo, continuo na batera. E, a quem interessar possa, até o fechamento deste livro, solteiro. Mari me chamou mais tarde para tocar com ela, mas cansei da vida de viagens. Estrada cansa, suga, não tem nem um décimo do glamour que as pessoas imaginam. Gosto da minha cama, não durmo direito em ônibus e aviões e não relaxo totalmente em hotéis. Para tocar é preciso energia, e as turnês acabavam com a minha.

Nunca exerci o Jornalismo. Atualmente dou aulas de bateria e toco na banda de um programa dominical que não me enche de orgulho, mas garante minha grana certa no fim do mês. Também faço shows com o pai de Pá, que sempre me chama pra ganhar uns trocados enquanto me divirto.

Depois de um desses shows, num shopping na Barra, a editora deste livro fez o convite inusitado: contar a história da Pólvora, "a banda que rasgou o céu da fama como um cometa e sumiu sem deixar vestígios", segundo ela.

Pensei: *Por que não?* Até hoje as pessoas olham para mim na rua. Muitas vezes penso que é para me avisar que estou com o nariz sujo ou algo que o valha, mas os menos tímidos acabam se aproximando para perguntar "você não era da Pólvora?".

Theo achou desnecessário remexer o passado e preferiu me dar carta branca para que minhas lembranças contassem a história. Mônica fez questão de conversar comigo e ainda alertou o irmão de que era melhor dar entrevista do que se omitir, para que o livro ficasse o mais próximo da realidade. Ao que o loiro retrucou: "confio no cabeçudo".

Embora achasse o livro uma bobagem que não me renderia dinheiro algum, Pedro, recém-formado em Cinema, falou comigo. Pouco, monossilábico, mas falou. Com Paulão, gente boa como sempre, passei horas numa tarde regada a vinho bom e lembranças saborosas.

O trio inseparável formado por Babi, Mari e Susi também contribuiu muito para este livro — assim como as muitas imagens captadas pela câmera da nossa adorável descabelada. As cenas registradas por ela foram fundamentais para ajudar a minha memória a juntar as peças do quebra-cabeça.

Mas quem mais me ajudou foi Pá, o grande amigo que ganhei com a Pólvora.

Acabo de ir com ele a uma joalheria. Quando este livro for lançado, a linda aliança que escolheu já vai estar na mão da sua cara-metade, a maior estrela jovem da atualidade, como a mídia vem classificando Mari.

Casal improvável, livro improvável. O sucesso da Pólvora era improvável, o nosso fim tão rápido também. A vida é improvável. E vem em ondas como o mar, já cantou Lulu.

É... continuo com a mania de me referir aos artistas que admiro omitindo o sobrenome.

Pá, Mari, Pedro, Theo e Paulão, este livro é para vocês.

Sempre digo que tive três vidas: uma antes da Pólvora, uma junto com vocês naqueles tempos loucos e outra depois do fim da banda.

E, ainda bem, fui feliz em todas elas. ◉

AGRADECIMENTOS

360 dias de sucesso foi o primeiro livro para o qual senti necessidade de uma pesquisa mais aprofundada, diferente das enquetes informais que fazia antes nas redes sociais.

Não conseguiria escrever esta história sem o auxílio luxuoso (e precioso) de amigos que toparam, mesmo na correria em que vivem, me ajudar a mergulhar no delicioso universo da música (e seus bastidores).

Leo Jaime, Marcelo Castello Branco, Pablo Uranga, Pedro Sol (Seu Cuca), Tico Santa Cruz e Tony Bellotto, muito, muito obrigada! Vocês são demais!

Agradeço também ao Cao, maridão que arrasa no violão e ainda tem paciência para ler meus livros antes de todo mundo (e tentou me ensinar a tocar baixo durante a feitura de *360 dias de sucesso*).

À Maria Antonia, sobrinha que canta lindamente, por topar ler e opinar, mesmo em período de provas.

Ao Raphael Rossatto, por ter criado uma melodia deliciosa.

E aos leitores que me acompanham pelo Facebook e me ajudaram com nomes de bandas e músicas ouvidas por adolescentes.

Valeu, gente!

Thalita

PLAYLIST

"A MINHA CASINHA" XUTOS E PONTAPÉS
"AIN'T IT FUN" PARAMORE
"ALL THAT MATTERS" JUSTIN BIEBER
"BE GENTLE WITH ME" THE BOY LEAST LIKELY TO
"BILLY JEAN" MICHAEL JACKSON
"BYE BYE BRASIL" CHICO BUARQUE
"CASTLE OF GLASS" LINKIN PARK
"ESSE TAL DE ROQUE ENROW" RITA LEE
"FORÇA ESTRANHA" CAETANO VELOSO
"GATAS EXTRAORDINÁRIAS" CASSIA ELLER
"GIVE YOUR HEART A BREAK" DEMI LOVATO
"HALO" BEYONCÉ
"HAPPY" PHARRELL
"HOJE O CÉU ABRIU" NX ZERO
"HELP" THE BEATLES
"HERE COMES YOUR MAN" PIXIES
"I LOVE ROCK N ROLL" JOAN JETT
"ROCK AND ROLL ALL NITE" KISS
"JUST THE WAY YOU ARE" BRUNO MARS
"KISS ME QUICK" ELVIS PRESLEY
"LENTO" JULIETA VENEGAS
"MAKE IT WIT CHU" QUEENS OF THE STONE AGE
"MANDOU BEM" JOTA QUEST
"MONEY FOR NOTHING" DIRE STRAITS
"NA FRENTE DO RETO" O RAPPA
"ÓCULOS" OS PARALAMAS DO SUCESSO

“PANIC” SUBLIME

“PARADISE” COLDPLAY

“PRO DIA NASCER FELIZ” BARÃO VERMELHO

“PROIBIDA PRA MIM” CHARLIE BROWN JR.

“QUASE SEM QUERER” LEGIÃO URBANA

“QUE C EST TRISTE VENISE” CHARLES AZNAVOUR

“REVOLUTION” THE BEATLES

“ROCK AND ROLL” LED ZEPPELIN

“SHE LOVES YOU” THE BEATLES

“SMELLS LIKE TEEN SPIRIT” NIRVANA

“THE BEST DAY OF MY LIFE” AMERICAN AUTHORS

“TINY DANCER” ELTON JOHN

“TOXIC” BRITNEY SPEARS

“UNDER THE BRIDGE” RED HOT CHILI PEPPERS

“VAI ROLAR A FESTA” IVETE SANGALO

“VIVA LA VIDA” COLDPLAY

“WHAT MAKES YOU BEAUTIFUL” ONE DIRECTION

“WISH YOU WERE HERE” PINK FLOYD

“YOU’VE GOT THE LOVE” FLORENCE AND THE MACHINE

“YYZ” RUSH

AMOR NA HORA CERTA

```
INTRO: G

G
Era amor,

Mas pra ela eu era invisível
G
Era paixão,

Mas pra ela era inconcebível

G
Era amor,

Mas pra ela eu era invisível
G     Am
Era paixão,
           C           D
Mas pra ela era inconcebível

G   Am   C   D

        G                  Em7
A menina linda do cabelo preto
C                    D
Já era comprometida
Em7                               Bm7
Ah, se eu tivesse um tipo de amuleto
   C                           D
Faria ela ser minha pro resto da vida

       G
O amor o or
Am                 D     G      Am   C   D
Sempre vem na hora certa
        G                                        (REFRÃO 2X)
Ainda mais a ais
      Am           D          G      Am   C   D
Se a garota for bonita e esperta
```

Em7
Mas não era bem por aí
C9 **D9** **Bm7**
Sei que até gostava de mim, mas namorava um palhaço
Em7
É por isso que eu tô aqui
C9 **D9**
Cantando pra você me ouvir, só quero sentir seu abraço

G **Bm**
Mentira, eu quero muito mais
G **Bm**
Quero te dar beijos sensacionais
C9 **G/B** **Am7**
Porque a paixão é cega, surda, burra e jaz
D
Dentro do meu peito e eu não tenho paz

REFRÃO 2X

G **Em7**
A verdade é que eu sou mais eu
C **D**
Melhor que o idiota que ela escolheu
Em7 **Bm7**
Um dia ela vai descobrir
C **D**
Que errou bem feio e vai correr pra mim

G **Em7**
E aí eu vou te consolar
G **Em7**
Pra sempre vou te amar
C9 **G/B**
Errado ou proibido
Am7 **D**
Mas pra mim tudo faz sentido

G **Em7**

Escute a música aqui

A AUTORA

Thalita Rebouças é carioca de 1974 e apaixonada por letras e música desde cedo. Cantora de chuveiro afinada, a autora (fã de Beatles para sempre e de Menudo por um curto período da vida) tocou piano de ouvido quando criança, fez aula de agogô, mas nunca teve coragem de tocar em público, e sua meta agora é aprender baixo. Com mais de um milhão de livros vendidos, Thalita pode até flertar de vez em quando com notas musicais, mas o que gosta mesmo é de escrever. *360 dias de sucesso* é seu 18º livro.